ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 90
1970

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — 1971

ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 90
1970

SUMÁRIO

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — 1971

APRESENTAÇÃO

A Correspondência Passiva de José Carlos Rodrigues (1844-1923), que neste volume se incorpora aos Anais da Biblioteca Nacional, sem nenhum favor pode ser considerada um dos mais valiosos documentários sôbre a vida política do Brasil nos primeiros anos da República e últimos do Império, inclusive no que se refere à repercussão, no exterior, das agitações, vicissitudes e dificuldades financeiras do nôvo regime inaugurado em novembro de 1889, sem excluir os problemas diplomáticos relacionados com a fixação das nossas fronteiras, de que dão testemunho as cartas do Barão do Rio Branco.

Jornalista antes de tudo, mas não apenas por ter sido diretor e proprietário do Jornal do Comércio, *José Carlos Rodrigues foi também bibliófilo, bibliógrafo e historiador, elementos não heterogêneos que responderam pela formação de sua personalidade intelectual, depois de lançado na vida prática como bacharel em Direito pela Faculdade de São Paulo. Emigrando para os Estados Unidos em 1867, aos 23 anos, ao fixar-se em New York José Carlos Rodrigues pràticamente começaria a vida como o jornalista que nunca deixaria de ser, pois logo no ano seguinte passa a correspondente do* Jornal do Comércio, *a convite do seu então redator-chefe, culminando a atividade, a 24 de outubro de 1870, com a fundação do periódico* O Nôvo Mundo, *que duraria até 1.º de dezembro de 1879, com um total de 108 números editados. Depois de 15 anos de permanência e grande atividade nos Estados Unidos, onde foi principalmente homem de imprensa, José Carlos Rodrigues transfere-se para Londres a partir de 1882, a cujo ambiente adaptou-se com facilidade e proveito do ponto de vista material, tornando-se inclusive agente financeiro e intermediário de empréstimos a emprêsas particulares brasileiras, prestando ainda nesse mesmo terreno valiosos serviços ao nosso próprio govêrno.*

Retornando ao Brasil em agôsto de 1890, já com a intenção firmada de tornar-se proprietário do Jornal do Comércio, *sob inspiração de Eduardo Prado, José Carlos Rodrigues em outubro do mesmo ano assumia a direção do grande órgão, iniciando assim a última e mais importante etapa da sua vida de profissional da imprensa. Como seria de esperar, ao lado do prestígio acrescido com essa nova posição, numa época em que a imprensa brasileira, apesar dos percalços, era fator ponderável na opinião pública e junto aos governos, também não lhe faltariam riscos e inimizades, ambas as faces da medalha refletindo-se nas Cartas que se vão ler.*

A Correspondência a seguir transcrita, apesar do interêsse da Direção da Biblioteca Nacional em relação ao assunto, não se pôde beneficiar do estudo introdutório e notas que seriam desejáveis através de alguns dos nossos melhores historiadores, dada a premência dos prazos e inflexibilidade das praxes administrativas. Não obstante, para os verdadeiros conhecedores de história, acreditamos

que estudo e notas, embora úteis, não seriam elementos imprescindíveis, de vez que as cartas em geral falam por si, pelo seu conteúdo, pelos missivistas. Será o caso das cartas de Rio Branco, onde até o não especialista reconhecerá de imediato alguns assuntos nelas tratados, como, por exemplo, questões de limites com a Argentina e a França, convite para ocupar a pasta do Itamarati etc. O mesmo em geral se poderia dizer de outros documentos assinados por Prudente de Morais, Campos Sales, Afonso Pena, Rodrigues Alves, Varnhagen, Joaquim Nabuco, Cândido Mendes de Almeida, Oliveira Lima, Salvador de Mendonça, Manuel Vitorino, Bernardino de Campos, Cesário Alvim, Barão de Capanema e outros, compondo no seu todo um painel que, analisado e interpretado em suas minúcias, poderá concorrer para a melhor elucidação de certos acontecimentos do passado, ou para a complementação biográfica de muitos nomes que as luzes da história não deixaram claramente iluminados.

A Correspondência foi organizada partindo-se do critério da quantidade de cartas ou outros documentos de cada missivista, adotando-se para cada um dêles, em seguida, a ordem cronológica. Na transcrição dos documentos o critério seguido foi o de rigorosa fidelidade aos textos originais manuscritos, sem prejuízo da adaptação à ortografia moderna, respeitadas as formas vocabulares. Mantiveram-se ainda a crase e a pontuação da época do documento, cabendo a tarefa à Seção de Ecdótica, também responsável pela revisão e organização do texto ora editado. Os números ao final de cada documento transcrito indicam sua localização na Seção de Manuscritos, cabendo ainda observar que as lacunas apresentadas nas cartas em inglês devem-se em geral à oxidação da tinta, tornando pràticamente ilegíveis certas palavras ou mesmo frases.

Agradecemos aos Professôres Paulo Alves Fraga e Beatriz Saboia Palhano de Jesus, o auxílio prestado na leitura das cartas em inglês, ainda mais valioso pelas razões acima alinhadas.

Dezembro — 1971.

Wilson Lousada

CORRESPONDÊNCIA PASSIVA DE JOSÉ CARLOS RODRIGUES

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS, *BARÃO DO RIO BRANCO*

1.

Washington, 18 de fevereiro 95

Meu caro José Carlos Rodrigues

Aqui lhe envio a tradução das notas trocadas sôbre o laudo, e a tradução dêsse documento. Publicando imediatamente êsses documentos no *Jornal do Comércio,* V. os publicará em primeira mão, pois não foram remetidos a nenhum outro jornal.

Espero ainda poder escrever-lhe hoje.

Remeto-lhe dois retalhos do *N. Y. Herald* de 17 e 18 sôbre a questão de um projetado presente ao árbitro.

Peço-lhe que faça traduzir êsses dois artigos.

Espero mandar-lhe hoje outros retalhos de jornais.

Seu de C.
Rio Branco

I — 3, 4, 45

2.*

Paris, [20.8.1895]

3.ª feira

Rodrigues.

Amanhã, 4.ª feira, temos ao almôço feijoada e camarões com quincongobôs, isto é, almôço nacional.

---

* Telegrama.

Se V. não está impedido, venha acompanhar-nos e palestrar. Estou só com o Raul.

Seu de C.
Paranhos

I — 3, 14, 16

3.

Paris, 11 de novembro de 98

15 Vila Militar.

Meu caro José Carlos Rodrigues.

Remeto-lhe com esta cartinha um artigo que, espero, V. poderá fazer passar na sua *Gazetilha,* depois de pôr no comêço (onde fiz um traço vermelho) a data, que deixei em branco e suponho será 21 ou 22 de novembro, em que na *Gazetilha* V. tiver publicado o artigo da *Politique Coloniale* e o desmentido que fiz aparecer no *Brésil.*

Foi o Domingos Olímpio, o trêfego e desajeitado Domingos Olímpio, quem andou dizendo ao Patrocínio, ao Fernando Mendes, e a outros que no artigo de Levasseur eu me pronunciei por uma divisão de território e declarei que o Calçoene é o limite entre o Brasil e a Güiana Francesa. V. verá pelo artigo que lhe mando e pela tradução do parágrafo de Levasseur que êsse trabalho poderia até ser assinado pelo Joaquim Caetano da Silva.

Como a intriga pode ser renovada quando a minha próxima nomeação fôr submetida a Senado, é bom que V. a desmanche de todo com essa publicação. Posso mandar-lhe depois, se V. quiser, alguns apontamentos para que V. fique habilitado a responder de pronto sôbre cousas da passada missão em Washington que o mesmo Domingos Olímpio tem exposto com muita inexatidão e com perversidade!

O Guilhobel poderá rever as provas dêsse artigo.

Sem tempo para mais, abraça-o afetuosamente o

Seu Amigo Velho e Obr.º
Rio Branco

I — 3, 4, 46

4.

Berna, 20 de janeiro de 1900

51 Bühlstrasse

Meu caro José Carlos Rodrigues.

Desculpe a demora com que lhe agradeço a sua boa cartinha de 5 do corrente. V. sabe que estou aqui no meio do fogo, atento às operações do nosso poderoso adversário.

Não penso ir a Paris antes de outubro, e mesmo assim, só por uns três dias, com o único fim de ter uma idéia do aspecto geral da Exposição. É por êsse tempo que V. deve voltar, segundo me diz. Se não quiser ou puder dar um passeio pela Suíça, aproximando-se desta cidade ou passando por aqui, peço-lhe que me dê aviso da sua visita a Paris porque farei tudo para ir vê-lo, passando ali algumas horas.

Desejo muito e muito que possamos conversar um pouco.

Não é provável que a decisão do meu negócio seja dada antes de fins de novembro, mas não é impossível que a tenhamos em setembro ou outubro. Até aqui tudo vai correndo bem, apesar dos mañejos dos franceses, mas como a questão tem de ser resolvida pelo voto de sete homens políticos que constituem a entidade permanente chamada *Govêrno Suíço,* não é impossível que considerações políticas e o receio de desagradar a um poderoso vizinho com que tem constantemente negócios a tratar pesem mais do que a rigorosa justiça no ânimo da maioria do Tribunal. Entretanto, espero ainda que isso não suceda e que se nos dê a fronteira do Oiapoque; e espero isso, não só porque a nossa causa é excelente, apesar de certas descaídas dos portuguêses e de alguns documentos maus depois de 1750, — mas também porque a documentação que apresentamos ao Tribunal é riquíssima pelo número e qualidade e está esmagadora. Estou intimamente convencido de que o Relator da causa, isto é, o Conselheiro Federal que especialmente a estuda e redige o parecer, não poderá deixar de reconhecer o nosso bom direito. Se o árbitro fôsse um só, a questão seria mais fàcilmente ganha.

Possuo a Memória de Costa e Sá de que V. me fala, publicada no Tomo X, 1.ª Parte, da *História Memorável da Academia Real de Ciências de Lisboa,* 1827.

Felicito-o pela compra da 1.ª edição da *Marília de Dirceu.* V. lhe dá, creio que por um *lapsus calami,* a data de 1796. Suponho que a sua compra foi feita no leilão de 22 de abril último, do meu velho fornecedor, o livreiro João Pereira da Silva, de Lisboa. Se foi êsse o exemplar comprado, a 1.ª edição é de *1792, tipografia Nunesiana.* Deve ter havido outra edição entre essa e a de 1800, porque, como V. sabe, Varnhagen conheceu e citou uma, — sem dizer a data porque talvez a não tivesse, — saída da "Oficina de Bulhões", "em cadernos que contêm ùnicamente as parte 1.ª e 2.ª" (Inocêncio da Silva, T. VII, pág. 322).

Eu recebi o Catálogo do leilão e tinha, por hábito antigo, marcado alguns números mas não levei a efeito a encomenda, porque *vivo no ar,* sem saber qual possa ser a sorte que me espera depois de terminada esta missão, e se terei de separar-me dos meus companheiros de tantos anos, fazendo também, mas em vida, o meu leilão de livros. A última missão, aos Estados Unidos, produziu-me alguns inimigos gratuitos, dois dos quais declarados. Êles trabalham há muito contra mim, e eu vivo muito longe do teatro das suas operações.

— Nas minhas relações com o livreiro Pereira da Silva, tive, há anos, um episódio curioso. Êle não tinha podido achar de pronto um livro que eu pedira, e, referindo o caso ao Eça de Queirós, aconselhou-me êste que me dirigisse ao *Frade,* em Lisboa, porque êle acharia o livro que eu quisesse. Não me soube dizer o nome e o enderêço. "Escreva a qualquer pessoa em Lisboa que se entenda com *O Frade:* todo o mundo em Lisboa sabe quem êle é e onde mora."

Escrevi logo ao J. Pereira da Silva, pedindo-lhe que procurasse o *original Frade.* A resposta não tardou e foi esta em substância:

"O livro que V. Ex.ª deseja não se encontra no mercado, como já lhe disse. O *grande original* que o Sr. Eça de Queirós lhe declarou ser aqui geralmente conhecido pela alcunha de *Frade,* é êste velho criado e livreiro de V. Ex.ª".

Fiquei muito desconcertado ao ler essa carta.

E adeus, meu caro Rodrigues. Informe-me dos seus movimentos nesta direção para que nos possamos encontrar mais fàcilmente.

Abraça-o afetuosamente êste seu

Velho Amigo e m.to obr.º

Rio Branco

I — 3, 4, 47

5.

Berna, 24 de abril de 1900

51 Bühlstrasse

Meu caro José Carlos Rodrigues.

Demorei esta carta por muito ocupado e porque desejava no ofício que lhe dirijo declarar a importância em francos da letra que a Comissão me remeteu pelo seu intermédio. Ainda não recebi a conta da Agência do Crédit Lyonnais, mas êste ponto é secundário. A letra dará, creio eu, uns 28.000 frs. Com isso arranjaremos o monumento e o transporte. Vou entender-me com o artista, que, como V. já sabe, é Félix Charpentier, o mesmo que o Belmiro indicara a um dos Prefeitos últimos.

Há ainda os juros das 40 apólices desde o 2.º semestre de 1890, isto é, durante 9 anos e meio. Êsse dinheiro bastará amplamente para as despesas do assentamento da estátua e da sua inauguração. Qual será o local escolhido? Eu preferiria o Largo da Lapa. Não sendo possível êsse, o da Carioca. É bom que êste ponto fique resolvido e que a Comissão me mande uma planta da praça, com as suas dimensões e a altura dos edifícios que a cercam.

— Desejo muito e muito vê-lo, para que possamos conversar um pouco. Quando V. voltar a Paris, dê-me aviso para que eu possa ir ao seu encontro. E espero que quando chegue o verão V. se resolva a fazer alguma pequena excursão por esta boa terra.

Já em fins de março, com a inexata notícia de que V. chegara a Londres, eu tinha telegrafado a um amigo comum para que o abraçasse por mim.

E o nosso bom Correia? No dia 23 de março, acabava eu de ler uma carta que me escrevera no dia 21, quando, minutos depois, me chegava a inesperada notícia da sua morte, em telegrama do Oliveira Lima.

Perdi nêle um amigo de quase 40 anos.

Adeus, meu caro Rodrigues. Espero poder vê-lo brevemente.

Seu do C.

Rio Branco

I — 3, 4, 48

6.

Berna, 24 de abril de 1900

51 Bühlstrasse

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Tive a honra de receber a carta de V. Ex.ª, de 11 do corrente, assim como a 1.ª e 2.ª via da letra de câmbio, a que ela se refere, do London & River Plate Bank, a meu favor, pela quantia de mil e cinqüenta e seis libras, dez *shillings* e nove *pence* pagável em Londres a noventa dias de vista, importância líquida da renda de quarenta apólices de 5%. Essa quantia, como V. Ex.ª explica, é posta à minha disposição pela "Comissão do monumento à memória do Visconde do Rio Branco", a fim de que eu possa realizar, como mais conveniente entender, a preparação dêsse monumento, de modo que o seu custo e transporte não excedam a soma agora remetida.

Remeti a letra à Agência V do Crédit Lyonnais, em Paris, 66 Rue de Rennes, para ser descontada, e informei o Diretor que êsse dinheiro é destinado

às despesas com o monumento e deve ficar à minha disposição em conta especial, distinta da minha. O artista encarregado do trabalho, Sr. Félix Charpentier, reside à Rua Campagne Première, n.º 87, não muito longe dessa sucursal do Crédit Lyonnais.

Aproveito a ocasião para reiterar os protestos da muita estima e consideração com que tenho a honra de ser

De V. Ex.ª

Colega, Amigo e muito obrigado criado

Rio Branco

I — 3, 4, 49

7.*

Berne, [28.8.1900]

Não pude partir ontem mas partirei esta noite para ir vê-lo amanhã.

Rio Branco

I — 3, 14, 15 — n.º 1

8.*

Berne, [25.10.1900]

Rodrigues — 98 Piccadilly London

No dia só você terá o resumo prometido decisão só será dada pelo dia trinta novembro talvez só primeiros dias dezembro não lhe pude mandar antes porque tenho tido bastante trabalho apondo contra Minas as Minas dos contrários.

[*Rio Branco*]

I — 3, 14, 15 — n.º 2

---

* Série de telegramas (16), de 29 de agôsto a 19 de dezembro de 1900.

9.*

Berne, [5.11.1900]

Rodrigues 98 Piccadilly London

Decisão só será entre trinta dêste mês e seis dezembro resumo prometido estará pronto dia dez chegará muito antes recebi prova sua carta você deve reservar colorido para ser feito Rio de acôrdo com sentença ainda desconhecida.

[*Rio Branco*]

I — 3, 14, 15 — n.º 3

10.*

Berne, [10.11.1900]

Rodrigues 98 Piccadilly London

Expedi ontem Leitão primeira parte segunda seguirá pelo francês para chegar três dezembro também remeti ontem Leitão pelo correio série completa memórias.

[*Rio Branco*]

I — 3, 14, 15 — n.º 4

11.*

Berne, [16.11.1900]

Rodrigues 98 Piccadilly London

Acabo de expedir 184 páginas manuscrito letra miúda papel grande ainda terei dôbro para expedir Royal Mail.

[*Rio Branco*]

I — 3, 14, 15 — n.º 5

---

* Telegrama.

12.*

Southampton, [22.11.1900]

Rodrigues — Walsingham House 153 Piccadilly London

Mande-me telegrama ou carta para mandar ao João com artigo *part radleys* — Hotel Southampton Nabuco.

[*Rio Branco*]

I — 3, 14, 15 — n.º 6

13.*

Berne, [1.12.1900]

Rodrigues Walsingham House Ldn.

All right.

Riobranco

I — 3, 14, 15 — n.º 7

14.*

Berne, [1.12.1900]

Rodrigues Walsingham House Piccadilly Londres

Décison remise onze demie chez Rio Branco par secrétaire étranger Graffina même temps chez ambassadeur france par premier vice chancelier Schatzmann chaque émissaire portait redingote suivi huissier palais fédéral revêtu manteau cérémonies Graffina reçu par secrétaire mission spéciale introduit salon Rio Branco qui portait redingote.

[*Rio Branco*]

I — 3, 14, 15 — n.º 8

---

* Telegrama.

15.*

Berne, [1.12.1900]

Rodrigues Walsingham House Piccadilly Ldn.

Présentes personnes indiquées baron Hypolito Araujo Graffina emu felicita Rio Branco après remettre documents note renfermant sentence dont dispositif tenur suivante conformement sens précis article 8 traité Utrecht rivière Japoc ou Vincent Pinçon est Oyapoc qui se jette océan ouest cap orange et qui par son thalweg forme ligne frontière a partir source principale rivière oyapoc jusque frontière hollandaise ligne partage eaux bassin amazones qui dans cette region est constituée dans presque totalité par ligne de faite des monts tumuchumac forme limite interieur volume exposition 836 pages signé nom conseil fédéral par president confédération Walther Hauser et chancelier Gottlieb Ringier travail Juge rapporteur Muller autre volume contient mappes tableaux avec nomenclateur géographique de divers mappes texte original jugement. Rédigé allemand traduction française officielle sera remise aussitôt terminée en attendant arbitre remit extrait sentence langue française contenant dispositif jugement and considerants Rio Branco très emu remercia Graffina en assurant avoir toujours confié justice impartiale suisse ministres toutes nations se rendirent chez Rio Branco le féliciter assurant sympathie cause brésilienne ainsi que nombreux personnages suisses aussitôt connue sentence phonographe place salon executa hymne National Brésilien.

[*Rio Branco*]

I – 3, 14, 15 – n.º 9

16.*

Berne, [1.12.1900]

Rodrigues Walsingham House Piccadilly Ldn.

Rio Branco offrit déjeuner Carlos Carvalho chargé affaires Cardoso Oliveira Dario Galvão Gonçalves Tocantins conseiller national avocat rossel Hypolite Araujo chargé affaires perou olano Domício Gama Raul Rio Branco Luiz Cavalcante *Jornal Comércio* nombreux toasts Carlos Carvalho a Rio Branco Rio Branco au gouvernement suisse representant journal a Rio Branco et ses auxiliaires Cardoso Oliveira a Rio Branco Gonçalves Tocantins a Rio

---

* Telegrama.

Branco et Carlos Carvalho et dernier de Oliveira a Campos Salles et gouvernement Brésil a cette occasion phonographe exécute Hymne Brésilien travail présente gouvernement suisse très apprécie diplomates chez Rio Branco fille ainée Rio Branco dont beauté esprit appréciés société Berne reçu belles gerbes fleurs dont une ambassade Portugal avec lettre disant Portugal toujours sensible joies Brésiliennes.

[*Rio Branco*]

I — 3, 14, 15 — n.º 10

17.*

Rio, [2.12.1900]

Govêrno resolveu nomear Rio Branco Berlim.

[*Sem assinatura*] [1]

I — 3, 14, 15 — n.º 11

18.*

Rio, [3.12.1900]

Alegria serviço jornal esplêndido.

[*Sem assinatura*] [1]

I — 3, 14, 15 — n.º 12

19.*

Berne, [4.12.1900]

Rodrigues Walsingham House Piccadilly London

Tom geral imprensa francesa é despeito surprêsa contavam ficar metade Hipólito Araújo partir levando grosso volume sentença para entregar Paris Porciúncula que será portador pelo paquête seis.

[*Rio Branco*]

I — 3, 14, 15 — n.º 13

---

* Telegrama.

1 Embora incluídos entre os telegramas de Rio Branco, vê-se, pelo contexto, que não pertencem a êle.

20.*

Berne, [8.12.1900]

Rodrigues Walsingham House Piccadilly Londres.

Sentença Cleveland cinco fevereiro noventa cinco território litígio argentino 30.622 quilômetros quadrados jornais suíços têm respondido críticas repetido insinuações certos jornais franceses rogo dizer no jornal agradecerei pelo correio telegramas recebidos não podendo fazer todos pelo cabo.

[*Rio Branco*]

I — 3, 14, 15 — n.º 14

21.*

Berne, [9.12.1900]

Rodrigues Walsingham House Piccadilly

Datas Paris artigo Depeche coloniale Lamenta perda Contestado qui malheuresement vous échappe hélas diz importação nos placers do Calçoene milhão francos ano exportação ouro mil quilogramas valor três milhões tramway 108 quilômetros quase terminado decisão será ruína Güiana Francesa no français pariz Cx Governador Chesse Publica Longo Protesto Argumentos Frívolos.

[*Rio Branco*]

I — 3, 14, 15 — n.º 15

22.*

Berne, [19.12.1900]

Rodrigues — H. Cal.

Sinto muito que o trabalho me não deixe ir abraçá-lo Paris[.] Você devia esperar êste lado entrada século vinte[.] Escreverei amanhã[.] Agradeço muito seu presente deixe com Domício ou com Hipólito Araújo.

Riobranco

I — 3, 14, 15 — n.º 16

---

* Telegrama.

23.

Paris, 1 setembro 1900

Meu caro José Carlos Rodrigues.

Remeto-lhe agora as minhas duas Memórias:

1.ª Memória, com os documentos: 5 Vols. in 8.º e 2 Atlas folio grande (7 Vols.)

2.ª Memória e documentos: 4 Vols. de réplica e documentos anotados, in-8.º; 1 Vol. (5.º) de fac-símile de documentos; 1 Atlas (T. VI).

Ao todo 13 Vols.

Passarei pelo seu hotel para ver se o acho. Poderemos assim, se V. não está impedido, almoçar juntos. O Nabuco chegou ontem a noite para conversar comigo sôbre a sua questão com os Inglêses. Até já.

Seu do C.

Rio Branco

I — 3, 4, 51

24.

2.ª feira, 3 de setembro de 1900

Meu caro Rodrigues.

Passei mal esta noite com o meu resfrio. Vou sair um pouco, para ir ao barbeiro e fazer umas compras, e estarei de volta ao meu hotel para almoçar pelo meio-dia. Se V. não estiver impedido, peço-lhe que apareça para almoçar comigo e para ver o *Relatório e mapinhas* do *meu amigo,* assim como as minhas explicações sôbre o assunto. Em alguns minutos, percorrendo essas páginas, V. poderá formar juízo. Mandei buscar êsse volume para que V. o possa ver, e chegou-me esta manhã de Berna.

Seu de C.

Rio Branco

I — 3, 4, 52

25.

Berna, 19 de setembro de 1900

51 Bühlstrasse

Meu caro José Carlos.

Remeto-lhe em dois exemplares um mapa que V. pode ir fazendo reproduzir aí, mas que, para maior clareza, em um clichê em zinco, *deve ser aumentado de um têrço,* mais ou menos.

Em um dos exemplares fiz as traduções portuguêsas. Êsse mapa só compreende a *parte oriental* do território contestado. O meu desenhista aqui está fazendo um outro, em escala menor, compreendendo todo o território contestado até ao Rio Branco, isto é, cêrca de *400.000 quilômetros quadrados* ou perto de *13.000* léguas quadradas, mais de 10 vêzes o território da Suíça.

Êsse mapa (o desenho) ficará pronto dentro de dez dias, e logo que eu o tiver examinado e corrigido o remeterei ao seu enderêço.

Ainda estou doente, com restos da terrível laringite (?) que apanhei em Paris.

Abraça-o afetuosamente o seu velho amigo obr.º

Rio Branco

I — 3, 4, 53

26.

Baden-Baden, 24 de setembro de 1900

Hotel de Hollande.

Meu caro José Carlos Rodrigues.

Ao partir para o estabelecimento hidroterápico recebo a sua cartinha de 21.

O mapa que preparei, e que está sendo desenhado, é cópia simplificada do segundo que está no Tomo I da minha 1.ª Memória; com o acréscimo das duas linhas interiores da pretensão francesa, desde o Araguari até o Rio Branco, pretensão só revelada na Réplica francesa. No mapa que V. conhece, na minha 1.ª Memória, tracei essas linhas segundo a inteligência que dei ao Tratado de Arbitramento, mas os Franceses na Réplica protestaram contra isso, e traçaram outras linhas. Segundo a inteligência que dei, estariam em litígio uns 100.000 quilômetros quadrados do nosso território; segundo a reclamação francesa, apresentada ao Árbitro, o litígio seria sôbre um território cuja superfície é de cêrca de 400.000 quilômetros quadrados, ou 13.000 léguas quadradas, — mais de 10 vêzes o território da Suíça. A linha interior da pretensão francesa corre para

o interior paralelamente ao Amazonas a umas 20 léguas da margem esquerda e vai terminar na foz do Rio Branco.

É, portanto, conveniente que V. veja o desenho que lhe vou mandar, bastante simplificado, e que V. pode fazer modificar pelo Stanford simplificando-o ainda mais, porém conservando as linhas que mostram tôda a importância e extensão do litígio atual. O nosso público não tem idéia disso.

Sem tempo para mais agora. Espero poder escrever-lhe esta tarde ou amanhã. Estou melhorando com as inalações, os banhos e a massagem, seguindo um tratamento rigoroso. Estarei de volta em Berna no dia 1.º.

Amigo Velho obr.º

Rio Branco

O mapinha que lhe mandei apenas representa a sexta parte do território contestado.

I — 3, 4, 54

27.

9 de outubro

Meu caro José Carlos.

Às pressas:

Devolvo o desenho que me mandou, e remeto-lhe dois exemplares de um outro que fiz e que V. poderá utilizar, reduzindo-o, e utilizando os dizeres que quiser.

Em um dos exemplares colori de vermelho o território em litígio todo.

O desenho que V. me mandou não abrange todo êsse território — quase 400.000 quilômetros quadrados, — porque a linha interior da reclamação francesa ali está figurada *segundo a inteligência que eu der ao tratado de arbitramento com o fim de restringir a área em litígio,* e não segundo o traçado feito pelos Franceses na 2.ª Memória que submeteram ao Árbitro.

Sem tempo para mais hoje.

Seu de C.

Rio Branco

P.S. A decisão será dada nos últimos dias de novembro. Os Franceses estão trabalhando com fôrça para apanhar alguma cousa.

[1900]

I — 3, 4, 55

28.

Berna, 21 de novembro de 1900

51 Bühlstrasse

Meu caro Rodrigues

Muito às pressas:

Mando agora umas notícias ao Nabuco que não sei se terei tempo de fazer recopiar para V., e que talvez lhe convenha telegrafar, dizendo: Berna, 22 (retardado).

Se telegrafar, convém acentuar que há o maior segrêdo sôbre as decisões a que possam ter chegado os juízes, e que a decisão definitiva provàvelmente só será tomada no dia 30 ou no dia 1.º.

A sentença será notificada às partes antes do dia 6, último do prazo, e embora o Compromisso não exija que seja motivada, o Conselho Federal entregará às partes um ou dois meses depois uma extensa exposição de motivos. Assim se tem praticado em outros arbitramentos, e ainda ùltimamente no da questão do caminho de ferro de Lourenço Marques, na Baía da Lagoa. A Exposição de Motivos foi comunicada às Partes 2 meses depois da sentença e forma um grosso volume.

Um professor de direito, que é um dos primeiros jurisconsultos dêste país e que trabalhou com o relator da causa, disse há dias referindo-se ao relatório do ex-Presidente Müller: "A exposição de motivos será tal que ninguém poderá duvidar da justiça da decisão. A questão está perfeitamente esclarecida".

— Recebi a sua boa cartinha.

Não haverá inconveniente em que o Leitão comece a publicar uns 5 ou 6 dias depois de conhecida a sentença o trabalho que já mandei e de que irá o resto agora. É um resumo substancial do que há nas alegações das duas partes, e os leitores compreenderão que a redação do *Jornal* precisa de tempo para estudar tantos volumes. Da vez passada V. começou a publicar o seu resumo 4 ou 5 dias depois. No dia 26 o Leitão recebe 56 págs.; no dia 3 as seguintes até à pág. 184; no dia 10 a continuação.

— Estou com grande confiança no resultado, mas não o podemos antecipar porque falta o essencial que é a votação dos 7 juízes em sessão.

Sem tempo para mais.

Seu de C.

Rio Branco

I — 3, 4, 56

29.

Berne, 24 novembro 1900

Meu caro Rodrigues.

Pode telegrafar ao seu jornal que a leitura do Relatório ou Exposição do Ex-Presidente Eduardo Müller em sessões do Conselho Federal está terminada. A votação terá lugar na semana próxima (i.e., nesta semana, dirá V. porque vai receber estas linhas segunda-feira). Já está adiantada a impressão dêsse Relatório que formará um volume de 800 páginas, em alemão. O laudo do Conselho Federal será entregue sábado, 1.º de dezembro, às 11 ½ da manhã na residência dos representantes das duas partes. O Embaixador francês o receberá das mãos do 2.º Vice-Chanceler da Confederação Hans Schatzmann, e eu das mãos do Dr. Gustavo Graffina, diretor da secretaria política ou dos negócios estrangeiros. Receberão os representantes das duas partes a essa hora os considerandos e a sentença em alemão e francês, e talvez o volume de exposição em alemão. A tradução oficial francesa dêsse volume provàvelmente só poderá ser entregue em fevereiro.

Seu de C.

R. B.

Pode telegrafar isto porque não mando pelo telégrafo estas notícias ao Govêrno e o seu jornal será o único a tê-las.

I — 3, 4, 57

30.

27 novembro

Rodrigues.

Para evitar perda de tempo, é melhor que Você componha já com as notícias que lhe mandei o seu telegrama acrescentando no dia 1.º as que eu lhe possa mandar.

Creio haver-lhe dito que o laudo seria entregue na Embaixada de França ao Encarregado de Negócios Internos. Modifique isso. Pode dizer no seu telegrama de 1.º que o *laudo foi entregue ao Embaixador Bihourd, que, estando com licença, chegou ontem expressamente para recebê-lo e voltará esta noite para Paris.*

Pode também, se quiser dar êsses pormenores (nessas ocasiões todos os pormenores são apreciados pelos leitores) dizer que a entrega ao Embaixador foi feita no salão da Embaixada, na vila Favorite, estando Bihourd acompa-

nhado do Marquês de Monclar e do ex-governador da Güiana Francesa Albert Grodet, primeiro e segundo delegados da França, do Conselheiro da Embaixada, Paul Lefaivre, do adido militar e de todos os secretários.

Quanto ao nosso lado, procederemos assim: receberei na minha sala de visitas Graffina, e estarão comigo nessa ocasião além do atual secretário da missão especial Raul do Rio Branco e do auxiliar Luís Cavalcanti, os meus convidados Cardoso de Oliveira, Encarregado de Negócios do Brasil, Dario Galvão, secretário da Legação, e Domício da Gama, secretário da missão especial em Londres, chegado na véspera.

Arranjei a sala de modo que em um dos cantos, no fundo, estará o busto em bronze de meu pai, para que assista também ao ato.

Fica Você tendo já *os accessórios,* mas falta-lhe o principal que é o laudo. Se eu lhe telegrafar no dia 1.º *all right,* entenda por essas duas palavras o seguinte:

"Os árbitros decidiram:

"1.º. Que o rio Yapoc ou Vicente Pinçon do artigo 8.º do Tratado de Utrecht, como ficou demonstrado pelos documentos e Memórias que o Brasil submeteu ao Tribunal, é o rio Oiapoque que desemboca no mar entre o Cabo d'Orange e a Montagne d'Argent, pròximamente em quatro graus e dez minutos de latitude setentrional, e que pelo *thalweg* dêsse rio, desde a foz até à nascente, ficará definitivamente estabelecida a primeira linha de fronteiras, chamada limite marítimo;

"2.º. Que o limite chamado interior, desde a nascente do Oiapoque até ao ponto de encontro com o território holandês, será [1] constituído pela linha natural que nos montes de Tumucumaque separa as águas que vão para o Amazonas das que correm para o litoral da Güiana Francesa".

É melhor não citar, porque o público pensará que perdemos alguma cousa. Nós pedimos ao Norte da serra de Tumucumaque a linha do paralelo de 2º 24', que nos daria uns 8 000 quilômetros quadrados mais; porém não acho possível que tenhamos isso, porque o próprio tratado declarou que era linha provisória, e não tínhamos outro tratado ou convenção além do de 1817, — declarado provisória, — para defender essa linha, que Caetano da Silva declarou que seria exorbitante pedir isso, e que não há um só mapa brasileiro que dê o limite por aí; em todos o limite é a serra de Tumucumaque.

Se não fôr essa a decisão e se, — o que não acho possível, — nos cortarem alguma cousa do lado do mar, negando-nos o Oiapoque, em vez do *all right* eu lhe mandarei pelo telégrafo a cousa por miúdo. Espero, porém, que poderei mandar-lhe o *all right,* e fazer executar aqui o hino nacional brasileiro pela Guarda Republicana de Paris, graças ao fonógrafo que V. viu. Ontem fiz um ensaio para ver se o som chegava a Paris, caso em que transmitiria dêsse modo

[1] No texto, há duas linhas riscadas pelo A. e uma chamada, à margem esquerda, com os dizeres que vão no parágrafo seguinte ao da nota.

a notícia ao Piza, mas meu filho Paulo que foi à estação central às 5 da tarde nada pôde ouvir do que dizíamos. A essa hora e durante o dia há muito barulho nas linhas. Uma vez, pude às 9 da noite, falar do Hotel Windsor ao Raul que aqui estava em casa.

Seu de C.

Rio Branco

Diga-me pelo telégrafo se recebeu esta carta para que eu fique certo de que estamos entendidos quanto ao *all right.* Basta dizer: *Riobranco Bern — recebi.*

[1900]

I — 3, 4, 58

31.

Berne, 27 novembro 1900

Meu caro Rodrigues.

Do outro lado V. encontrará umas informações, que poderá passar no seu telegrama.

Peço-lhe que fale ao Nabuco para que arranje uma pequena notícia para o *South American Journal,* indicando os têrmos da sentença e dando os nomes das pessoas presentes no ato da entrega da mesma.

Seu de C.

R. B.

Para o *South American Journal* e para o seu *Jornal*

A sentença foi entregue no dia 1.º dezembro às 11½ da manhã na residência dos representantes das duas partes. Foi entregue ao Embaixador de França, M. Bihourd, pelo 1.º Vice-Chanceler da Confederação, M.r Hans Schatzmann, e ao Ministro do Brasil em missão especial, Barão do Rio Branco, pelo Secretário do Departamento Político Federal (em inglês deve dizer-se creio eu *Secretary of the Foreign Office)* Dr. Gustavo Graffina.

Com o Barão do Rio Branco estavam nessa ocasião, além do Secretário da missão especial, M.r Raul do Rio Branco; o Conselheiro Carlos de Carvalho, ex-Ministro dos Negócios Estrangeiros no Brasil, chegado expressamente de Bruxelas nessa manhã; o Encarregado de Negócios do Brasil, M.r Cardoso de Oliveira; M.r Domício da Gama, secretário da missão especial do Brasil em Londres, também chegado a Berne nesse dia; o engenheiro Gonçalves Tocantins, do Pará; M.r Dario Galvão, 2.º Secretário da Legação do Brasil em Berna; M.r Roberto Mesquita, correspondente do *Jornal do Comércio* do Rio; e M.r Luís Cavalcânti, auxiliar da missão especial em Berna.

I — 3, 4, 59

32.

Berne, 29 novembro às 11 ½ da noite

Meu caro Rodrigues.

Esta carta, posta no correio agora à noite, partirá pelo trem da manhã e chegará a Londres no sábado pela manhã. Posso, portanto, mandar-lhe algumas informações complementares, pormenores apenas, que V. utilizará, querendo, no seu telegrama.

No dia 1.º receberemos, como lhe disse:

Os considerandos e a sentença, em alemão, com a tradução oficial para o francês, formando um pequeno volume impresso, e receberemos mais um grosso volume de umas 800 páginas, em alemão, com a exposição de motivos, escrita pelo juiz-relator o Conselheiro Federal Müller. A tradução francesa dêste volume só poderá ser entregue em janeiro ou fevereiro.

A votação, ou decisão da causa em tribunal só terá lugar no sábado mesmo, e a sentença terá a data dêsse mesmo dia 1.º de dezembro. Será assinada a sentença, como tôdas as decisões do Conselho Federal, sòmente pelo *Presidente da Confederação (Walter Hauser) e pelo Chanceler da Confederação (Gothl Ringier).* Era isto o que lhe queria dizer porque V. poderia supor, como eu supunha, que neste caso especial, todos os juízes assinariam. O adjunto do Secretário Político que encontrei em um jantar, disse-me que não, que só o Presidente e o Chanceler, como sucede sempre, assinariam por todo o Conselho Federal. É possível porém, que à última hora, tratando-se de um caso especial, assinem todos. Por isso deixemos em suspenso êste pormenor, porque sábado saberemos tudo.

Seu de C.

Rio Branco

Os Franceses acreditam firmemente que o negócio será cortado pelo meio.

[1900].

I — 3, 4, 60

33.

Berna, Domingo, 9

Meu caro Rodrigues.

Em Londres, 22-23, Laurence Pountney Lane, E. C., está o escritório da "The Carsevene and Developments Anglo-French, Gold Mining Company Lim.[d]".

Em Paris, 49 Rue Laffitte, há uma agência (Comte & Pelletier), que me mandou prospectos e um convite para subscrever ações, convite a que não responderei.

Um dos impressos contém o *Compte Hendertraduit* de la "Financial News" du 26 Octobre 1900. Trata-se de uma Companhia registrada em 28 junho último com o capital de £ 120 000. A assembléia geral foi presidida por M. C. C. Hoyer Millar. Ela comprou por 600 000 francos os títulos, pretensões, planos, etc. do Sindicato francês que começou os trabalhos. Millar disse que o título é o do primeiro ocupante e da posse efetiva; que quando a questão política ficar resolvida pelo árbitro, a Companhia se entenderá com o país a que fôr atribuído êsse território, e que *"parecia quase certo que a região em que estão os distritos do Calçoene (Carsevène) e Cassiporé (Cachipour) ficaria francesa;* a única questão consistia em saber até que ponto para o sul o território francês se estenderá".

Depois do registro da Companhia mandaram dois engenheiros, acompanhando o engenheiro francês Bernard, e o pessoal necessário de mineiros. As máquinas iam partir naquela data dos Estados Unidos. Começaram a exploração em quatro filões. "Comme pionniers de l'extraction du quarts dans la region de Carsewène, nous vous proprosons dans de former des Compagnies subsidiaires pour pousser le développement et accroître les bénéfices qui se sont réalisés par l'exploitation de votre propriété".

V. poderá informar-se de tudo mandando pedir ao escritório da Companhia em Londres os impressos que ela dá aos que desejam subscrever.

Que pensa V. do caso? Creio que devemos ser muito largos, respeitando direitos adquiridos no período da neutralização; mas pelo último trecho que transcrevi, parece-me que os homens estão querendo alargar-se depois, tomando todos os filões, e formando Companhias subsidiárias.

Previna disso o Oliveira Lima porque pode ter-lhe escapado a notícia, quero dizer o resumo do que se passou na Assembléia Geral, publicado no *Financial News* a 26 de outubro.

Mande-me os prospectos que V. puder obter.

A tomada de posse dêste território contestado vai exigir muito tacto da parte das nossas autoridades para que possamos evitar complicações com os Governos de outros países. Há uns 2 000 estrangeiros ocupados de mineração nas cabeceiras do Calçoene e do Cassiporé. Há necessidade de alfândegas, de agentes fiscais e de um homem prudente e bem preparado com instruções para pôr tudo em ordem. Em setembro lembrei ao govêrno que preparasse as instruções precisas e que seria talvez melhor que durante algum tempo ficasse êsse território sob a administração do Govêrno Federal.

Seu de C.

Rio Branco

P.S. A notícia que lhe deram do Rio da minha nomeação para Berlim não era exata. Ainda recebi telegrama do Olinto pedindo-me que conversasse com o Gama e lhe dissesse que legação prefiro. Êle já tinha carta do Gama a quem escrevera para que me consultasse sôbre Lisboa ou Berlim. A carta do Gama chegou ao Rio no dia 26 de novembro. Respondi que prefiro Berlim e que demais o outro lugar está ocupado. Veremos quando se decide êste negócio e fico sabendo para onde posso fazer a minha mudança que devo começar quanto antes para entregar a casa já alugada ao Ministro da Rússia.

[1900]

I — 3, 4, 61

34.

Paris, 4.ª feira 1900

Meu caro Rodrigues

Se V. não tem compromisso hoje, venha jantar comigo, às 7 ½. Se está comprometido, veja se pode aparecer pelas 9¼ ou 9½ para conhecer o Henry Harrisse, que a essa hora virá conversar.

Peço-lhe também que venha almoçar comigo amanhã 5.ª, ao meio-dia, para que conversemos antes da sua partida. Resolvi ficar ainda por aqui amanhã para vê-lo.

Seu do C.

Rio Branco

I — 3, 4, 50

35.

Confidencialíssima

Berlim, 22 de agôsto de 1902

Kurfürstendamur N.º 10 W. 50.

Meu caro Rodrigues.

Mil agradecimentos pelas belas fotografias que V. me mandou, da inauguração do monumento de meu pai. Penso que Marc Ferrez terá feito alguma outra, *só do monumento,* tomado de mais perto. Se houver assim, peço-lhe que me mande um exemplar.

Pela sua cartinha de 25 de julho, vejo que V. está informado do convite que recebi. Eu fiz o *Brésil* de 27 dêsse mês afirmar, a tal respeito, que eu não tinha recebido carta ou telegrama do Presidente eleito ou do Senador esta dual Abranches, mencionado na *Gazeta de Notícias.*

Eu estimaria muito poder ir ocupar por algum tempo a posição em que o Dr. Rodrigues Alves deseja colocar-me, e que meu pai por vêzes ocupou.

Aprecio devidamente a grande honra que assim me faz o Presidente eleito. Nada me seria mais agradável do que poder corresponder à sua confiança e ser de perto um colaborador seu; mas fui obrigado a escrever-lhe pedindo-lhe instantemente dispensa, e com o maior pesar. A demora da minha resposta definitiva mostra bem o grande desejo que eu tinha de poder aceitar o convite. Procurei até fazer-me ilusões, mas, estudando por todos os lados a questão, cheguei à convicção de que seria para mim, com os grandes encargos de família que tenho, na Europa e no Brasil, um sacrifício que me levaria em pouco tempo a completa ruína. Além da questão pecuniária, há três outras muito importantes para mim: a da minha saúde, que está exigindo cuidados e vida calma, ao menos por algum tempo, e as da minha regularização no corpo diplomático e entrada do Raul para o quadro. A êsse respeito hei de escrever-lhe pela próxima mala, explicando bem o caso, para que V. converse com o Campos Sales. V. compreende que, como Ministro, eu não poderei tratar de mim, nem de meu filho que já tem 29 anos, mais de 5 dos quais em serviço diplomático, e cujo futuro eu sacrificaria completamente.

Em confiança, dir-lhe-ei que o Olinto em telegrama de 5, perguntou-me se eu aceitaria o lugar de Ministro junto ao Quirinal. O lugar está vago, pela remoção do Regis. Peço-lhe que não contrarie, antes ajude essa idéia. Em Roma poderei viver sossegado, cuidar de trabalhos que interrompi desde 1893, e ser de algum préstimo para o Nabuco na sua missão. Penso que posso ser mais útil no serviço exterior do que no Ministério, e que depois de tantos anos de *surmenage* ou estafas, tenho direito a algum repouso relativo. Em maio, na boa estação, eu iria, com Luísa, passarmos seis meses no Brasil.

Se, entretanto, o Dr. Rodrigues Alves não entender assim, e insistir em que eu vá para o seu Ministério, obedecerei, embora certo de que o meu sacrifício será estéril.

Sem tempo para mais hoje.

Seu de C.

Rio Branco

I — 3, 4, 62

36.

N.º 3

Reservado

Berlim, 29 de agôsto de 1902.

Meu caro J. Carlos Rodrigues.

A minha carta n.º 2, de 22 do corrente, não alcançou a mala suplementar.

Não sei ainda o que resolverá a meu respeito o nôvo Presidente. Êle sabe hoje que, por muitas razões, seria para mim, presentemente, um grande sacri-

fício aceitar a posição de Ministro das Relações Exteriores. Entretanto, não recuso fazer êsse sacrifício se êle entender que é indispensável ou sòmente necessário atentas as circunstâncias atuais do país, ou antes, o presente estado das nossas relações exteriores. Em telegrama que no dia 26 dirigi a um amigo comum, em S. Paulo, a quem roguei que advogasse o meu pedido de dispensa, insisti nesse pedido, mas acrescentando que se o Presidente eleito não achar suficientes as minhas razões ou se entender que devo fazer o sacrifício que me pede, *eu o farei, por êle e pela nossa terra.* Se, pois, êle não encontrar fàcilmente para o cargo alguma outra pessoa disponível e que seja do seu inteiro agrado, ou se entender que as circunstâncias do país exigem que eu faça êsse sacrifício, estarei pronto para o fazer com o maior gôsto, pois compreendo bem que não devo recusar sacrifícios pela nossa terra quando êles sejam necessários.

Se o Dr. Rodrigues Alves entender que me não deve dispensar, peço a Você que se informe e me diga, empregando as palavras convencionais *torchuelo* ou *torporific* se os meus móveis (parte dêles) e livros, — todos usados, — poderão entrar sem pagamento de direitos. *Torchuelo* significará que podem; *torporific,* que devem pagar direitos. Creio que sempre entraram sem pagamento de direitos a bagagem e os móveis dos Ministros brasileiros quando se recolhiam de missões no estrangeiro. Se o pagamento de direitos fôsse hoje inevitável, seria preciso, com a tarifa atual, que eu pagasse *segunda* vez quase integralmente o valor dêsses objetos.

A propósito, dir-lhe-ei que a alfândega do Rio reclamou do Dr. Theodoro Peckholdt, em fins de julho, Rs 418$500, isto é, *420 marcos,* por um Álbum artístico, que lhe mandaram de presente vários professôres e naturalistas da Suíça, Alemanha, Áustria, Itália, França e Inglaterra, e que custara *470 marcos.* Trata-se nesse caso de um *presente de honra,* de um objeto *não negociável,* porque tem na capa, que é onde está o trabalho artístico (no interior só há fotografias, retratos), a *dedicatória ao Dr. Peckholdt.* Eu escrevi pedindo a isenção em nome do presidente da comissão que agenciou as assinaturas, um professor da Universidade de Berna. O Dr. Peckholdt lhe poderá dar mais ampla informação. Se êle foi obrigado a pagar 420 marcos de direitos por um presente que custou 470, e que, reduzido a moeda, nada dará, imagine o que exigiria a nossa alfândega pela entrada do seu *mimo nacional,* que está em Londres, se eu o levar para lá.

Sem tempo para mais hoje. Está na terra o Rei da Itália, e nestes dias tenho várias ocupações da *Carrière.* Ontem três cerimônias me tomaram todo o dia. O Privethe, informado pela Legação no Rio, de que sou um possível Ministro das Relações Exteriores, quis falar comigo e com êle conversei depois da recepção do Rei e a noite no teatro. Pôs-me em dia com o estado presente das negociações entre a Itália e o Brasil. Isso, entre nós.

Seu de C.

Rio Branco

I — 3, 4, 63

37.

Reservadíssima

Berlim, 12 de setembro de 1902

Meu caro J. C. Rodrigues.

Creio que é melhor não sugerir a idéia de missão especial à Haia para o tratado de limites. Já agora estou resignado a ir ao completo sacrifício, e à ruína total, com os deficits no Brasil e o enorme rombo que esta viagem vai produzir no meu pequeno capital (indenização ao proprietário, encaixotamentos, transportes, depósito do que fica etc.). O Olinto bem podia ter pensado que algum outro brasileiro estabelecido no estrangeiro poderia ser chamado ao Ministério e feito passar alguma disposição legislativa determinando que nesse caso se pudesse dar a mesma ajuda de custo, para viagem e estabelecimento, que têm os Ministros em missão especial, isto é, três trimestres sôbre o ordenado de 30 contos em ouro. É absurdo que um diplomata removido de uma capital para outra próxima, na Europa, tenha direito a 2 ou 3 trimestres, e chamado ao Brasil, para ali se instalar como Ministro e ter relações com o Corpo Diplomático estrangeiro, não tenha direito a cousa alguma e fique com ordenado reduzido e insuficiente. O Olinto não pensou nos outros. Como é rapaz e vivia em hotel, com um quarto, uma salinha e duas ou três malas, não precisava de muita cousa quando partiu. Pediu licença para ir ao Brasil, mas, segundo me consta, o Govêrno de então o considerou em comissão, chamou-o ao Brasil a serviço e deu-lhe um trimestre de vencimentos para voltar, como recebem ou devem receber todos os diplomatas chamados ao país ou quando terminam as suas missões.

Veja se ao menos isso me dá o Olinto. É capaz de não dar, porque, — apesar de amigo, como diz ser, — tanto eu como o Gama e meu filho Raul temos sofrido tôdas as judiarias possíveis desde que êle é Ministro. O Raul não teve a ajuda de custo que todos têm no fim das missões, e ainda agora, em maio, foi para Londres, para a missão Nabuco, com a ajuda de custo que eu lhe dei do meu bôlso. O Gama, quando removido de Berna para Londres em 1899, não teve ajuda de custo. Penso, portanto, que o meu jovem amigo Olinto será capaz agora de não fazer comigo o que fizeram com êle.

— Sôbre o caso do Raul, que ainda não está no quadro, hei de escrever-lhe, como lhe prometi, para que V. converse com o Campos Sales, que, creio, não está informado da situação. Eu direi o que penso que pode ser feito. V. compreende que, indo eu para o Ministério, não poderei por ato próprio ou subscrito por mim regularizar a situação do meu filho. O único recurso que me poderá restar será o de promover, indiretamente, um ato legislativo especial, porque de outro modo ficaria de todo cortada a carreira do rapaz com a minha entrada para o Govêrno, e continuaria êle, que já está calvo, a perder tempo como até

aqui, apesar do Decreto legislativo de 31 de dezembro de 1900, sancionado pelo Campos Sales e que não teria passado nas Câmaras sem a sua aprovação.

Desejo também que V. converse com o Campos Sales e me diga se nos círculos políticos não produzirá mau efeito a minha entrada para o Govêrno. Indo para lá, eu só me ocuparei da nossa *política externa,* porque continuo no meu propósito de 1875 de não mais me envolver em cousas de política interna. Receio, porém, que no mundo político me atribuam *arrière pensée* e planos de ambição que não tenho. O Campos Sales e Você poderiam nesse caso aconselhar o Dr. Rodrigues Alves a dispensar-me de ir para o Ministério, como tanto pedi. O segundo telegrama que recebi me não deixou saída, porquanto, reconhecendo que o sacrifício para mim era enorme, — como demonstrei, — declarou que *eu não posso negar ao país o sacrifício pedido,* e manteve o seu convite.

Eu não poderei chegar ao Rio senão em fins de novembro ou princípios de dezembro. Você conhece o meu interêsse e sabe que não posso, para tão longe, com tantos livros e papéis, fazer 3.ª mudança com a precipitação com que fiz as de Paris para Berna e de Berna para aqui.

Diga-me pelo telégrafo se é melhor levar móveis ou alugar em Petrópolis casa mobiliada. Espero que no fim de ano e meio ou dois anos o Rodrigues Alves consinta que eu volte para a Europa a fim de cuidar da minha saúde e de me ocupar de trabalhos interrompidos desde 1892. Não é só na política ou como Ministro de Estado que se pode servir o país.

Seu de C.

Rio Branco

I — 3, 4, 64

38.

Muito Confidencial

Berlim, 26 de setembro de 1902.

Meu caro José Carlos Rodrigues.

No dia 19 eu lhe disse pelo telégrafo o seguinte:

"Converse Campos Sales. Diga creio escolha desagrada certos círculos preferindo (êstes) homem político. Estou prêso (por) promessa. Impossível fazer mais do que fiz para evitar sacrifício, mas êle pode ainda intervir aconselhando sucessor ver outro".

Ontem você deve ter recebido mais êste telegrama meu:

"Demora sua resposta telegrama 19 (me) faz acreditar fundado (o) receio (de que a) escolha desagrade e que você e Sales trabalhem (pela) dispensa. Se

além (de) tudo não há isenção direitos como (há em) outros países seria preciso ir desarmado sem biblioteca mobília".

Em carta de 29 de agôsto eu lhe pedi que se informasse e me dissesse pelo telégrafo (mandei-lhe duas palavras convencionais) se os móveis e livros que eu levar serão admitidos sem pagamento de direitos. Desejaria levar alguns dos meus móveis e livros e deixar em depósito a maior parte aqui. Em outros países, sôbre que estou informado, esta e outras questões estão previstas e reguladas, e os funcionários que servem no estrangeiro, quando regressam ao país, gozam da isenção de direitos. Entre nós parece, pela demora da sua resposta, que há dúvida a êsse respeito. Antigamente penso que não havia.

O caso de um Brasileiro estabelecido no estrangeiro e chamado a serviço no país também não está previsto. Como sou do corpo diplomático (penso que sou do quadro efetivo em virtude da Lei especial de 31 de dezembro de 1900), poderia o meu caso ser assimilado ao de *remoção* ou ao de *disponibilidade.* Nos casos de *remoção,* os membros do corpo diplomático recebem para despesas de viagem e instalação, *três quartéis ou trimestres de vencimentos anuais* nos de disponibilidade, *um quartel* (Decreto n.º 644, de 16 de novembro de 1899, que restabeleceu, no § único do Art. 3.º, as disposições dos artigos 9 e 11 dos Decretos 997-A e 997-B de 11 de novembro de 1890).

O Olinto mandou-me abonar *um quartel.* Era o mínimo do que me podia dar, e o mesmo que terá dado agora ao Alvim, Costa e Vasconcelos (de Lisboa, Santa Sé e Berna) postos em disponibilidade. Entretanto, parece que isso foi considerado *favor* digno de nota, porque foi logo publicado no Rio. A decisão foi de 15 de setembro e no dia 20 já os jornais portuguêses publicavam telegrama do Rio dizendo que o Govêrno me concedera "5 contos em ouro" para a viagem.

Já em dezembro de 1900, tendo o Olinto resolvido dar-me 20 contos como suplemento à incompleta ajuda de custo que me dera para a Suíça, — suplemento ainda incompleto, — fêz isso em *reservado,* como se fôsse favor, mas, logo no dia seguinte, o *Comércio* do compadre *Domingos Olímpio* publicou a notícia reservada. O que era reparação parcial da injustiça de 1899, ficou parecendo favor ou presente, e foi telegrafado para os Estados.

É possível que tenham dito agora em jornais que o Olinto, chamado em 1898, só teve 1:600$, e eu tenho agora 5:000$. Se disserem isso, V. poderá fazer notar que em 1898 não havia ainda o Decreto legislativo de 16 de novembro de 99. O que estava em vigor era a Lei n.º 322 de 1895, que suprimira as ajudas de custo nos casos de remoção e disponibilidade e apenas concedia nesses casos o pagamento das despesas de transporte.

Adeus. Se eu fôr para lá, creio que será melhor alugar em Petrópolis alguma casa mobiliada e reduzir o mais possível a minha bagagem.

Seu de C.

Rio Branco

I — 3, 4, 65

39.

Confidencial

Berlim, 3 de outubro de 1902.

Meu caro J. C. Rodrigues.

Recebi os seus telegramas, dois: o 1.º de 30 de setembro, na volta de S. Paulo, pelo qual fiquei certo de que não há possibilidade de dispensa do sacrifício que eu e os meus devemos fazer; o segundo, de ontem em que V. se pronuncia por Petrópolis, onde poderei pôr a minha querida filhinha e a Baronesa de Berg-Simbsahen a abrigo das febres, de que não estariam livres na Tijuca. O inconveniente da residência em Petrópolis dos Srs. de "La Carrière" é remediável, pois se tentarem tratar de negócios ali, hei de dizer-lhes que só no Rio, nos dias [de] recepção, poderei tratar disto.

— O meu amigo Olinto, em telegrama de 16 ou 17 de setembro, disse-me, que ia providenciar para que a Delegacia do Tesouro me pagasse 5:500$ para despesas de viagem (soma equivalente a um quartel). Era o mínimo que me poderia dar, depois do Decreto de 16 de novembro de 99, que restabeleceu as ajudas de custo de regresso, de disponibilidade, e de remoção, que não existiam em 1898, quando êle foi chamado. É a ajuda de custo que compete aos Ministros quando vão para a disponibilidade. Nos casos de *remoção,* — que é o meu ou a que pode ser assimilado o meu, — a ajuda de custo é de 2 ou 3 quartéis. Mas êle faz o que entende ou o que julga dever fazer. Ao Regis, removido de Roma para Viena, deu 2 quartéis; ao Bruno Chaves, de Viena para Roma, 3 quartéis: E cumpre notar que o Régis tinha em Roma grande instalação, ao passo que o Bruno apenas tinha em Viena uma instalação menos complicada.

Anunciou-me 5:500$000, um quartel, mas só expediu ordem para 5:000$. Acabo de receber aviso da Delegacia do Tesouro, e por êle vi que o Olinto fêz comigo mais esta importante economia de 500$000.

— Espero achar *casa mobiliada* em Petrópolis. Diga-me se é possível, porque estou com vontade de deixar tudo em depósito aqui.

Seu de C.

R. B.

I — 3, 4, 66

40.

Confidencial

Berlim, 9 de outubro 1902.

Meu caro Rodrigues.

O Castro mandou-me um ofício em que corrige o engano da Delegacia. Não houve o tal corte de 500$000 na ajuda de custo anunciada: foi engano da Delegacia. Êle mostra-se muito admirado de que na mesma ocasião em que se dá ajudas de custo de 12 e 10 contos aos dois Ministros que passam de Viena a Roma e de Roma a Viena, se dê a de 5:500$ a um que passa em serviço de Berlim para o Rio.

O Secretário da Legação Floeckher, que foi daqui para Petrópolis em 1900, levou uns cem caixões com móveis, e tôda essa despesa foi paga pelo seu Govêrno. Assim é em outros países. No nosso não é quanto a ajudas de custo o que regula desde algum tempo é a vontade dos Ministros. Fazem o que querem, dando o máximo ou o mínimo.

— Remeto-lhe a inclusa carta do Régis e o artigo que o *Parlagreco* publicou em Roma. Seria bom fazer traduzir aí êsse artigo e passar um pequeno sabonete nesse sujeito.

Da Embaixada de Itália aqui veio um secretário trazer-me êsse artigo, dizendo que eu visse como Parlagreco fala de modo desagradável do Prinetti. O Secretário supõe que Parlagreco é brasileiro naturalizado.

Que êle recebia as confidências do Olinto não há dúvida. E V. sabe que a *Gazeta* dava e dá regularmente notícia dos assuntos sôbre que os Ministros estrangeiros falavam nas recepções do Olinto.

Guarde a carta do Régis para ma restituir quando eu chegue.

Sem tempo para mais.

Que trabalho para desarranjar esta casa que montei pensando poder ficar sossegado. A papelada, os mapas e os livros dão-me um trabalho imenso.

Seu de C.

Rio Branco

I — 3, 4, 67

41.

Berlim, 30 de outubro de 1902.

Meu caro J. C. Rodrigues.

O Nabuco anunciou-me pelo telégrafo no dia 28 que o seu monumento está esplêndido e que, segundo o *Times*, dêsse dia, o Rei Eduardo o examinou em Buckingham Palace.

O caso, que lhe expus, do presente de honra mandado ao Dr. Peckholdt, foi resolvido ùltimamente declarando o Ministro da Fazenda ao do Exterior que na tarifa não há artigo que permita a isenção de direitos. Portanto, o Mimo Nacional estará no mesmo caso, e se o do Peckholdt, que custou 470 marcos, deve pagar 420, por êste seu a alfândega cobrará uns 40 contos. Isso importa a proibição da entrada. Penso, pois, que o Mimo deve ficar em depósito, na Legação de Londres, ou na de Paris.

— V. já deve saber que tomei passagens no paquête francês *Atlantique*, que parte de Bordéus no dia 14 de novembro e deve chegar ao Rio no dia 30, ou, mais provàvelmente no 1.º de dezembro.

Vou partir por êstes próximos dias. Tenho um mundo de cousas a fazer, aqui e em Paris. Que desordem para mim esta nova mudança!...

— É tempo de cuidar eu dos meus aprontos provisórios no Rio e em Petrópolis, para a ocasião da chegada. Escrevo agora ao meu sobrinho Dr. Paranhos da Silva e peço a V. que o aconselhe e ajude no que puder. Depois de 26 anos de vida no estrangeiro, não terei as facilidades que encontrava aí em outros tempos.

Provàvelmente chegaremos pela manhã, e quero que no mesmo dia a minha filha e a Baronesa Teresa de Berg-Simbsahen, que dirige a sua educação, sigam para Petrópolis, onde iremos residir. Mas a partida para Petrópolis será creio eu pelas 4 da tarde, e é preciso que no Rio achemos cômodos em um hotel, para mudança de roupa, lavagem, etc. O mais conveniente será, penso eu, o Hotel dos Estrangeiros. Bastará que aí me reservem três quartos e uma salinha. Levo um criado e uma criada, que subirão também no mesmo dia para Petrópolis, com a Baronesa e minha filha. Eu conto também subir no mesmo dia, depois de estar com o Presidente e com o Dr. Campos Sales e ir à Secretaria.

Em Petrópolis disse-me o Régis que há uma boa Pensão em frente da estação do caminho de ferro. Desejo que Vocês me reservem aí a partir do 1.º de dezembro, nessa ou em outra Pensão, um *chalet* ou cômodos independentes, em que passemos sem contacto constante com os outros moradores, podendo comer nos nossos aposentos.

Logo que haja tempo, procurarei casa em Petrópolis, talvez casa mobiliada. Se fôr preferível tomar casa sem móveis, pedirei pelo telégrafo que me remetam os que vou separar para êste fim. Como sou obrigado a pagar a minha casa

aqui até 31 de março, deixo quase tudo onde está, e só depois de telegrama meu serão feitas as expedições para o Rio e para o depósito em Berlim. Para evitar grandes despesas de encaixotamento e transporte e os estragos que isso ocasiona, é talvez preferível tomar casa mobiliada. Estudarei a questão aí.

À chegada, preciso de ter dois carros à minha espera, no Arsenal de Marinha ou no Cais Pharoux, onde fôr o desembarque, e também uma pessoa entendida, que lhes peço escolham, para se ocupar do pronto despacho das nossas bagagens e expedição de parte para o Hotel dos Estrangeiros e de quase tudo para Petrópolis.

Peço-lhe que mostre ou passe esta carta a meu sobrinho (Dr. José Bernardino Paranhos da Silva) porque não tenho tempo agora para mandar-lhe algumas linhas.

Abraça-o afetuosamente o seu

Velho amigo, colega e m.to obr.o

Rio Branco

I — 3, 4, 68

42.

Berlim, 7 novembro

Meu caro Rodrigues.

Aqui lhe mando em separado cousas que V. poderá utilizar no seu jornal. Li que me querem conduzir em procissão à Escola Politécnica, onde devo assistir a uma sessão magna. Veja se me livra de manifestações excessivas e de me andar dando em espetáculo. Quem tem vivido no retraimento, como eu, não se dá bem com essas cousas. Não me obriguem a fazer má figura. Devo ir logo ao Presidente e depois à Secretaria. À tarde quero subir para Petrópolis a fim de ali acomodar a minha filha menor e a Baronesa de Berg.

Estou aqui na maior desordem e bem precisava de 15 dias mais. O Dr. Rodrigues Alves me pede que não adie a partida.

Pelo que li na *Gazeta de Notícias* de 16 outubro vejo que não posso ter a confiança de certos círculos, e que estão atribuindo ao Dr. Rodrigues Alves, pela minha escolha, sentimentos de reacionário.

Até breve.

Seu de C.

Rio Branco

[1902]

I — 3, 4, 69

43.*

2.ª feira — 2 ¼ da tarde

Meu caro Rodrigues

A minha carta não o encontrou esta manhã.

Peço-lhe agora, que, se puder, me faça o favor de jantar comigo no Windsor, 7½, onde tenho cousas a mostrar-lhe que o interessarão como jornalista e meu amigo.

Seu de C.

Rio Branco

I — 3, 14, 18

44.*

Meu caro Rodrigues

Estou no cabeleireiro do seu hotel. Diga-me se pode almoçar comigo. Sairemos juntos. Tenho um papel para mostrar-lhe.

Seu de C.

Rio Branco

Disseram-me que V. não está. Vou almoçar no Durant, defronte do Madaleine. É meio-dia. Se V. puder, peço que venha também.

I — 3, 14, 17

MANUEL FERRAZ DE CAMPOS SALES, *PRESIDENTE DO BRASIL*

45.

Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1898.

José Carlos.

Tenho necessidade de ter com V. uma conversa sôbre assunto importante. Se quiser vir amanhã, pela manhã, será favor; mas se preferir outra hora, designe-a avisando-me.

Do am.º

Campos Salles

I — 3, 4, 77

---

* Cartão.

46.

Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1899.

José Carlos.

Se a gente quer receber queijo bom, é cousa que não se pergunta.

Não só recebo, como fico muito obrigado, aguardando nova oportunidade para novos e sinceros agradecimentos.

Se V. pudesse vir cá logo, seria muito conveniente, porque tenho diversas cousas a falar-lhe.

Sempre
O Am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 4, 78

47.

Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1899.

José Carlos.

Li a sua carta com muito interêsse e muito aproveitaram-me as abundantes informações que ela traz.

Agora estou com desejo de ouvir o Sr. Cláudio da Silva. Se lhe é possível, faça com que êle me procure antes de sábado.

Sempre
Am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 4, 79

48.

Petrópolis, 15 de fevereiro de 1899.

José Carlos.

A *vária* acêrca da questão das apólices estêve magistral e deve ter exercido benéfica influência, não só no espírito público, como no dos próprios possui-

dores dêsses títulos. Com êsse poderoso concurso não desespero de conseguir quebrar as resistências, assim como tenho esperança de ir desfazendo a nuvem de antipatias, que o clamor dos *famintos* tem procurado formar sôbre o govêrno.

Tive uma carta muito interessante do Luís Viana e dela fiz um extrato para as *Várias*, se V. julgar que está em bons têrmos e sem inconvenientes. Está entendido que V. poderá fazer as alterações que quiser e até inutilizá-lo. Acho que neste momento de intrigas o pensamento do Luís Viana pode ser-me favorável.

Receba os agradecimentos de quem é

Velho Am.º

Campos Salles

I — 3, 4, 80

49.

Confidencial

Petrópolis, 22 de fevereiro de 1899.

José Carlos

Devolvo o seu telegrama, agradecendo a importante informação.

Não tenho bastante conhecimento do nosso ministro para saber que destino devo dar-lhe; mas, se V. tem motivos para acreditar que êle não nos representa com a devida lealdade, peço que me auxilie com as informações que a respeito tiver. É um pôsto aquêle em que podemos ser muito prejudicados. Basta a inércia ante notícias disparatadas como as que lá têm circulado nestes dias.

Do Am.º af.º obr.mo

Campos Salles

I — 3, 4, 81

50.

Petrópolis, 9 de março de 1899.

José Carlos.

Sôbre o assunto de sua carta de ontem, conversaremos quando nos encontrarmos.

Por agora direi sòmente que o que se fêz foi tudo quanto se pôde obter. Foi-nos recusada tôda outra qualquer combinação em sentido mais vantajoso. O caso urgia e era preciso dar-lhe solução.

Acho entretanto que fizemos bem, não existindo os inconvenientes que V. atribui à solução. Enfim, conversaremos.

Disponha sempre
Do Am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 4, 82

51.

Petrópolis, 15 de março de 1899.

José Carlos.

Deve ter visto que na tarde de 19 partirei em visita ao Estado de Minas. Ponho à sua disposição um lugar no trem especial, que me conduzirá, e muito prazer terei em gozar da sua companhia nessa viagem, que bem pode ser-lhe útil e agradável.

Consta-me que há intenso boato indigitando o Tobias para secretário da missão Nabuco, e como êste é quem tem de indicar o pessoal dos seus auxiliares, recorro à sua reportagem para saber o que há. Acho muito boa a lembrança; mas, se vai o Tobias e se V. dispara a viagem que anda há muito engatilhada, eu é que fico aqui numa orfandade jornalística muito triste.

Disponha
Do am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 4, 83

52.

Petrópolis, 7 de abril de 1899.

José Carlos.

Como V. costuma vir passar os domingos em Petrópolis, penso que será pequeno o sacrifício de vir, no próximo domingo, dar-me o prazer de almoçar conosco, às 11 horas, (em casa de caipira o almôço é cedo).

Pedirei ao Tobias a fineza de vir *abrilhantar o ato com a sua presença.*

Disponha do
Am.º af.º
Campos Salles

P.S. Tudo em família e sem cerimônia.

I — 3, 4, 84

53.*

1.º maio — 99

José Carlos

Se puder, venha até cá amanhã, um pouco antes de uma hora, para ver e receber a mensagem, em reserva.

Am.º af.º
Campos Salles

I — 3, 14, 22

54.

Capital Federal, 23 de maio de 1899.

José Carlos.

Agradeço a sua carta e os jornais franceses que me mandou. O meu govêrno está melhor ao estrangeiro do que aqui.

Lá observa-se de cima, do ponto de vista dos interêsses nacionais. Aqui olha-se para baixo, ao nível das pequenas ambições do indivíduo, ou do campanário — em todo caso sem patriotismo.

Diz bem: a lua-de-mel passou. Entro no período da luta e hei de sustentá-la sem desfalecimento no terreno em que tenho colocado a minha ação admi-

* Cartão.

nistrativa. Conto para isso com os que são patriotas e de V. espero o maior concurso pela enorme fôrça que tem em suas mãos — o *Jornal.*

Sabe que gosto muito de ouvi-lo, mesmo incomparàvelmente mais do que aos politiqueiros. Êstes só acham bom o que é para êles, para a *sua* política, para o *seu* partido. Neste país ainda não se viu bem que é preciso que o poder público se ocupe dos negócios do Estado.

A qualquer hora e sempre será bem-vindo.

Am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 4, 85

55.

Rio de Janeiro, 1 de junho de 1899.

José Carlos.

Precisamos conversar. Há de ter notado que se trata de formar um movimento na opinião, em sentido contrário à *sovinaria,* que é a política de economias posta em execução pelo govêrno. É chefe da nova escola o redator da *Imprensa,* que vai fazendo carreira, estimulando a um tempo o sentimento nacional e o amor próprio das classes armadas. A necessidade *urgentíssima* da *defesa nacional,* a iminência de um perigo ameaçando a nossa soberania, eis os mais *preciosos* estimulantes do espírito oposicionista.

V. compreende quanto isto pode prejudicar os intuitos do govêrno, criando embaraços de ordem moral, que, sem detê-lo, pode contudo dificultar a sua ação.

Mantenho firme o propósito de não ceder uma linha, aconteça o que acontecer; mas o certo é que a idéia de *cuidar de nossa defesa* já vai criando algumas dificuldades sérias ao meu govêrno. Há quem pense que o Tesouro já pode despender *milhões* em navios, fortificações, armamentos, etc. Ninguém lembra mais que *há apenas um ano* vendíamos navios para tapar bicos.

Peço que pense nestes assuntos e dê-me os seus conselhos e os seus auxílios. O *Jornal* tem uma importante missão aí.

Disponha
Do Am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 4, 86

56.

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1899.

José Carlos.

Agradeço o bom serviço que acaba de prestar obtendo do Bryan desistência de visitar, agora, a nossa pobre esquadra. Fiquei satisfeitíssimo com isso, pois que poupa-se nova claque aos *patriotas,* que andam sofrendo da monomania da perseguição nacional.

Hoje, na minha visita aos navios que saíram o Baltasar comunicou-me o desejo que tinha manifestado Branner de estudar os recifes de canal, eu disse-lhe desde logo que franqueasse o estudo, dando ordens para que não se criasse embaraço algum. Pode dar conhecimento disso ao Bryan, assegurando-lhe que o govêrno não participa das desconfianças fingidas dos falsos patriotas.

Devolvo os telegramas, agradecendo mais êsse valioso serviço.

Disponha

Do am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 4, 87

57.

José Carlos.

Hoje veio o Fernando Mendes dizer-me, da parte da sociedade do Cassino, que era necessário um auxílio de 30 contos para o baile, que ela projeta. Respondi que eu tinha em vista contribuir apenas com 5 contos, e como êle insistisse na soma de 15 contos, a que reduziu o primeiro pedido, elevei a minha oferta a 10 contos, que êle disse ser ainda insuficiente, continuando a pedir 15.

Que acha que devo fazer? Dou o que êles exigem?

Como eu pedisse para dar a resposta depois, desejo que V. me aconselhe.

Do am.º af.º

Campos Salles

11 julho — 99

I — 3, 4, 88

58.*

Rio de Janeiro, 25 de agôsto de 1899.

José Carlos.

Mais um incômodo além dos muitos que já lhe tenho causado.

A impertinente carta do Valentim, que aqui junto, indica talvez a conveniência de alterar o dia do leilão, se isso é possível, salvo se fôr preferível submetermo-nos a mais essa extorsão de 3 contos, além de outras de que nos ameaça a carta. Ainda não vi coisa tão ruim.

Disponha
Do am.º obr.mo
Campos Salles

I — 3, 4, 89

---

* Em anexo:

Rio de Janeiro, 25 de agôsto de 1899.

Il.mo Ex.mo Sr. Dr. Campos Sales

Amigo e Sr.

Tendo visto hoje anunciado para o dia 8 de setembro próximo o leilão dos móveis e tapeçarias atualmente existentes no palacete desta Companhia (A Educadora), à Rua das Laranjeiras, corre-me o dever de recordar, em tempo, a V. Ex.ª que o prazo do aluguel do referido palacete termina a 31 do corrente mês de agôsto, conforme a combinação que fiz com V. Ex.ª, confirmada na carta por V. Ex.ª dirigida ao presidente desta Companhia a 9 de julho último, que é o abaixo-assinado.

Se a ocupação do palacete se prolongar pelo mês de setembro, será a conta com o Govêrno aumentada de Rs 3:000$000, preço igual ao incluído em nossa proposta pela vacância do mês de junho, como V. Ex.ª poderá verificar no respectivo documento.

O trecho da carta de V. Ex.ª a que acima aludimos, referente ao prazo, é o seguinte: "Obrigo-me a restituí-la (a casa) em fins de agôsto próximo, rigorosamente, no estado em que a tiver recebido".

É de nosso dever, ainda, prevenir V. Ex.ª de que o *plafond* do salão de honra, constituído por uma tela de H. Bernardelli, não se acha presentemente no estado em que foi recebido pelo Govêrno. O estrago dessa tela é, por enquanto, o único de que esta Companhia está informada e pelo qual terá, oportunamente, de reclamar indenização, conforme o compromisso por V. Ex.ª assumido no excerto transcrito.

Valentim Magalhães

59.

Rio de Janeiro, 25 de agôsto de 1899.

José Carlos.

Recebi as contas e com muita satisfação, porque ficaram dentro dos meus cálculos, dando-me a certeza de que as despesas não irão além do que desejo.

Veja agora quando quer fazer os pagamentos.

O Dario foi muito correto também nas contas aqui do Palácio. Estamos satisfeitos com êle.

Disponha sempre
Do am.º af.º
Campos Salles

I — 3, 4, 90

60.

Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1899.

José Carlos.

Se V. não mandar o contrário o nosso jantar, para o qual já o intimei, terá lugar na próxima segunda-feira, às 7 horas. Como disse, nesta modesta manifestação à sua pessoa, minha família deseja ter a companhia de sua irmã e cunhado, de seu sobrinho e espôsa. V. os convidará de nossa parte.

Disponha
Do am.º af.º
Campos Salles

I — 3, 5, 1

61.

Capital Federal, 4 de janeiro de 1900.

José Carlos.

Parece de oportuna transcrição o artigo do *Times,* que me enviou o Correia. Lendo-o V. verá se êle merece ser divulgado pelas colunas do *Jornal,* como eu penso que merece. É a sanção de um fato capital de nossa política financeira.

Disponha como sempre
Do am.º af.º
Campos Salles

I — 3, 5, 2

62.

Rio de Janeiro, 3 de junho de 1900.

José Carlos.

Recebi com imenso prazer a sua interessante carta de 2 de abril, que bem devia ter sido respondida, há mais tempo, se não o impedissem os trabalhos do govêrno, agora extraordinàriamente aumentados pela presença dos congressistas, que V. sabe o que são para tomar o tempo.

A opinião favorável ao meu govêrno, no estrangeiro, é uma consoladora compensação à incredulidade doentia, com que muitos espíritos aqui acolhem os meus esforços e as minhas esperanças. Hão de ver que o sentimento com que recebi a responsabilidade do govêrno não era o de infundado otimismo, mas sim o de uma fé bem apoiada nos efeitos de uma administração regular. O país é sempre forte, o govêrno é que nem sempre tem sido bom, perdoem-me os nomes de Pedro 2.º e de alguns outros meus antecessores. O que me agrada é ver que a confiança nasce da lealdade e da firmeza que aí me atribuem no desempenho dos compromissos contraídos. É essa a reputação que mais ambiciono, precisamente por ser a que mais honra um govêrno. Sinto-me estimulado por êsse conceito e ainda agora trabalho resolutamente para apresentar ao Congresso uma proposta de orçamento, em que não haverá um pequeno aumento de despesas. Muita gente já começa a supor que somos muito ricos, que temos dinheiro guardado e que portanto é tempo de *movimentar* a administração; mas o orçamento do futuro exercício ficará rigorosamente nos limites do atual.

Por êstes dias as tabelas serão enviadas ao Congresso, onde breve entrará em discussão. Quero muito ver se consigo, pelo menos, diminuir êste ano as escandalosas proporções das prorrogações.

— Temos imenso desejo de aproveitar o Nabuco para a vaga do Correia. V. sabe quanto o considero e quais as minhas simpatias por êle. Acho que ninguém ocupará com tanta vantagem êsse lugar de tão múltiplos interêsses para nós. Há só uma cousa, que me embaraça um pouco e V. poderá concorrer para que isso desapareça. Terá êle dificuldade em se manifestar de um modo positivo *pela República,* em vez de ser pela *Pátria,* como tem declarado até hoje? Não é esta uma questão sem valor. O plenipotenciário deve estar identificado com a *política do govêrno da República,* deve ser solidário com ela *no fundo e na forma,* até porque a insistência na outra fórmula poderia parecer que, no conceito dêle, a República não representa bem, ou não é a genuína representação dos interêsses da Pátria.

Nestas cousas a questão de forma sobe à categoria de questão de fundo. Demais, é preciso não deixar nuvens no espírito republicano, ordinàriamente muito susceptível.

Com a sua intimidade com êle, V. não terá dificuldade em conhecer bem os seus sentimentos, neste particular, sobretudo, dada a lealdade do seu superior caráter. Portanto, V. me prestaria assinalado serviço ouvindo-o e comunicando o que tiver ouvido.

— Mostrei ao Murtinho o tópico de sua carta relativa ao resgate das estradas, inclusivamente o ponto em que V. pede que eu *não lhe toque nisto*. Mostrei-o, porque contém um *pito* oportuno à conhecida desídia, contrastando com a atividade de que V. dá provas.

Estamos seguros de que V. fará o que puder nesse importante assunto, que tanto interêsse desperta ao govêrno. Uma boa operação concorrerá enormemente para aliviar o Tesouro e facilitar o regime do pagamento em espécie, que é hoje o nosso empenho de honra e que há de ser uma realidade, espero-o firmemente, do dia 1.º de julho de 901 em diante. Isto não é fanfarronada de paulista.

— Já recomendei ao Maia o fiscal da Alagoas Railway, Inácio Lima. Vão ser dadas as providências no sentido de ser êle o mais breve possível retirado daquele pôsto.

— A situação política é boa, embora um resto de reconhecimento dos deputados tenha dado lugar às intrigas do costume. O estado é de completa calma e terminado aquêle trabalho, o Congresso encetará a discussão das leis anuais e de outras questões estranhas à *politiquice*. O Comércio parece estar bem, mostrando-se animado com a alta do câmbio. Só o que nos está agora perturbando é a peste, contra a qual movem-se todos os recursos. O Nuno mostra-se esperançado de a dominar em pouco tempo, por isso mesmo que, salteando em diversos pontos da cidade, todavia não conseguiu ela até agora formar um foco, conservando-se estacionária.

— Aproveito a oportunidade para comunicar-lhe, por mim e da parte de minha família, que a minha filha Sofia contratou casamento com o Dr. José Bonifácio de Oliveira Coutinho, filho do finado desembargador Aureliano Coutinho.

Muitos cumprimentos nossos e disponha como sempre

Do Velho Am.º

Campos Salles

I — 3, 5, 3

63.

Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1900.

José Carlos.

Recebi a sua carta, acompanhando o delicado mimo à minha filha Sofia. Ela está verdadeiramente encantada com o belíssimo presente, que reputa do mais apurado gôsto. Não só ela, como todos nós estamos muito agradecidos à sua lembrança.

– Ainda não li as informações que V. mandou acêrca das estradas de ferro. Só amanhã é que estarei com o Murtinho, que então me entregará, provàvelmente, a cópia que V. me destinou. Estou ansioso por conhecer êsse trabalho, porque, como sabe, ligo especial interêsse a êsse assunto. O meu desejo é que possamos chegar a uma solução por seu intermédio, pois que duvido muito que alguma cousa se faça sem que V. nos auxilie. Nesse empenho farei o Murtinho andar, contrariando quanto puder os seus hábitos retardatários.

– Tivemos uns momentos sombrios, em que a nossa praça pareceu ameaçada. O Banco da República via-se já reduzido a recursos muito escassos. quase à impotência. Mas, as providências adota[da]s e comunicadas por uma habilíssima *vária* do *Jornal* conjuraram a crise antes que ela pudesse se manifestar. Felizmente o público não chegou a aperceber-se da situação. Hoje a confiança manifestou-se por completo na elevação da taxa cambial e do preço das ações do Banco. Nota-se grande firmeza e a perspectiva é para uma situação lisonjeira, como V. verá pelas informações da imprensa.

– Tenho estado com o João Lopes, por intermédio de quem recebo notícias suas, que muito me interessam. Vejo que emprega bem o seu tempo *para nós*, trabalhando como sempre pelas nossas causas.

– Eu e minha família enviamos-lhe os mais saudosos cumprimentos.

Am.º m.to af.º

Campos Salles

I – 3, 5, 4

64.*

Reservada

Rio de Janeiro, 29 maio 1902.

José Carlos.

Parece conveniente V. acrescentar, no telegrama ao Tobias, que – V. lhe abonará os recursos necessários, – enfim, algumas palavras que signifiquem

---

* Ocorre, no mesmo papel da carta, a lápis, o seguinte:

C. S. e Olinto tinham-me oferecido ser, com Graça Aranha, secretário de Nabuco na Embaixada Especial da Coroação. Por ser N. o chefe e G. A. o companheiro aceitei. Dando

que os vencimentos prometidos pelo govêrno, serão supridos pelo *Jornal*. Sem esta declaração êle vai ficar em dificuldades, principalmente tendo daqui partido com a convicção de não lhe faltarem tais recursos.

Em verdade, teria sido preferível evitar esta situação; mas, já agora convém não agravá-la.

O que também parece conveniente é não dar já a notícia da organização da Missão. Aguardemos melhor oportunidade. O telegrama, sim, deve ir amanhã, como V. pensa fazer.

— Verei como o ministro resolve a questão das nomeações para a Secretaria da Justiça.

Am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 5, 5

65.*

Rio de Janeiro, 26 junho 1902.

Se passar por aqui antes das 9 horas, queira entrar.

Campos Salles

I — 3, 14, 23

66.

Confidencial

Rio de Janeiro, 26 junho 1902.

José Carlos.

O *Jornal* de hoje traz duas *várias* sôbre a questão do Acre, em que o assunto é tratado com mais azedume do que justiça. Se fôsse possível dar publici-

---

eu as costas O. começou a tramar para não se fazer a missão, e não se fez. Eu parti, certo de ter de fazer despesas de farda etc. Talvez as tivesse feito, e por isso R. interveio. Não recebi então nem nunca um vintém do Govêrno.

T.[obias] M.[onteiro]

* Cartão.

dade a tudo, seria fácil provar que o que dizem jornais estrangeiros é quase exclusivamente inspirado pelo interêsse de restabelecer a confiança dos mercados em um sindicato completamente desacreditado. Do Rio Branco temos informações inteiramente diversas do que refere a *vária* a respeito dos banqueiros da Alemanha. Do Assis Brasil, *idem,* quanto aos americanos. De Londres o Nabuco não tranqüiliza.

Contenha um pouco a má vontade do *Jornal* a respeito da nossa Chancelaria, tendo em vista que o que está em causa não é ela, mas uma questão nacional.

Disponha

Do Am.º

Campos Salles

I — 3, 5, 6

67.

Rio de Janeiro, 19 julho 1902.

José Carlos.

Recebi com imenso prazer a sua carta de ontem.

Confesso que não fiz bem em abrir-me com o Baldomero acêrca da *Vária,* que deu lugar ao incidente; mas, asseguro-lhe que o fiz em um momento de profunda contrariedade e sòmente no intuito de dar expansão ao que eu sentia. Não me ocorreu então que fôsse mal escolhida a pessoa do confidente. Peço que me desculpe.

Esta questão do Acre parece destinada a causar-me os maiores desgostos; é ela o objeto contínuo das minhas preocupações e das minhas apreensões; daí a minha justificável susceptibilidade e a crença de que os meus amigos devem procurar suavizar a desagradabilíssima situação em que me colocam as dificuldades dessa questão.

Enfim, acabemos com isto e volvamos ao que antes éramos: sempre

Am.º af.^mo^

Campos Salles

I — 3, 5, 7

68.*

Campos Salles e sua Sra. enviam ao prezado amigo Dr. José Carlos Rodrigues afetuosos cumprimentos pelo seu aniversário.

19 – julho – 1902

I – 3, 14 24

69.*

Rio de Janeiro, 16 agôsto 1902

José Carlos.

Acho muito interessante e muito sensato o artigo do Dr. Pereira Barreto, publicado em editorial do *Correio Paulistano* e que vai aqui em retalho. Não valerá a pena dar-lhe transcrição em lugar de honra no *Jornal?*

Do am.º

Campos Salles

I – 3, 14, 25

70.

Rio de Janeiro, 29 agôsto 1902.

J. Carlos.

Hoje pela manhã combinei com o C. Maia exatamente o encaminhamento da solução, que V. lembra agora. A esta hora já haverá trabalho neste sentido.

Mas, preferindo êste alvitre, todavia não julgo prudente responder a providência judicial, que aliás deixaremos em ponto de pedir ser inutilizada, quando se tornar inútil. Contra aquêle adversário é preciso combater com espada de duas pontas.

Como sempre

Am.º af.º

Campos Salles

I – 3, 5, 8

---

* Cartão.

71.*

Rio de Janeiro, 19 setembro 1902

José Carlos

Recebi hoje o seu recado, quando estavam presentes o Mallet e o Sabino. Ambos ficaram certos de visitarem, comigo, a Misericórdia, na próxima segunda-feira, às 8 horas da manhã.

Do am.º

Campos Salles

I — 3, 14, 26

72.*

Campos Salles, com êste livro, associa-se à festa do *Jornal do Comércio* em honra a José Carlos Rodrigues.

17-Outubro-1902

I — 3, 14, 27

73.

Rio de Janeiro, 29 outubro 1902.

José Carlos.

O ministro disse-me ontem que está tudo combinado para ser expedido o decreto; mas deixou de mo apresentar ontem à assinatura, porque *faltava a apresentação dos estatutos,* que aliás já tinham sido pedidos ao interessado.

Depende, pois, disso a conclusão do negócio, e será conveniente que V. o faça constar a quem de direito.

Vi o artigo. Obrigadíssimo.

Do Am.º

Campos Salles

I — 3, 5, 9

---

* Cartão.

74.

José Carlos.

Muito agradecido pelo incômodo que tem tomado. A idéia das casas próximas ao Hotel dos Estrangeiros sorri-me como a mais grata esperança. Acho que tudo mais deve ficar para o último caso. A Pensão Beethoven não precisa ser examinada, porque o Olinto lá estêve e acha-a imprestável.

A sua lembrança a respeito do baile — na Secretaria de Estrangeiros — desoprimiu tôda gente desta casa, aflita em presença do terrível problema. O Olinto prestou-lhe franca adesão, mesmo dentro do *protocolo*.

Até amanhã.

Do Am.º

Campos Salles

P.S. Não se esqueça de redigir a *vária*.

I — 3, 5, 10

75.

José Carlos.

— Está resolvido que o tope para os chapéus dos cocheiros terá as côres brasileiras. É bom não facilitar o nativismo do público.

— Já recebi os charutos, que calculo serem excelentes, pois que têm o sabor de Rs 300$000 — o cento.

— Amanhã iremos, à hora convencionada, admirar as maravilhas da *Educadora* e muito grande será o nosso prazer de encontrarmos sua gentil sobrinha e digno espôso. E a *netinha,* também vai?

Como sempre

Am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 5, 11

76.*

Campos Salles agradece cordialmente a referência que a *Vária* fêz ao seu govêrno noticiando o empréstimo para as obras do pôrto, e envia os mais afetuosos cumprimentos.

I — 3, 14, 28

77.*

Campos Salles. De pleno acôrdo, agradecendo desde já os bons serviços.

I — 3, 14, 29*

78.*

Campos Salles apresenta o Sr. Jesuíno de Melo ao seu amigo Dr. José Carlos Rodrigues.

I — 3, 14, 30

79.*

Campos Salles retribui, agradecido, as boas-festas.

I — 3, 14, 31

80.*

Campos Salles e sua Família são muito gratos ao amigo Dr. José Carlos Rodrigues pelos cumprimentos, que retribuem, e pelo mimo, que agradecem.

I — 3, 14, 32

81.*

José Carlos.

Devolvo os retratos e agradeço o obséquio.

Na impossibilidade de marcar desde já o dia do baile, acha que seria permitido distribuir os convites — prevenindo que o dia será indicado oportuna-

---

* Cartão.

mente pelos jornais? Penso nisto porque é preciso dar tempo às famílias convidadas para se aprontarem.

[1899]

Am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 14, 33

82.*

José Carlos.

Acabo de verificar que não podemos dispor de mais guardanapos. V. os arranjará onde puder.

Tenho inveja do seu serviço, que vai muito mais adiantado que o meu.

O Tobias tem tra[ta]do do espetáculo de gala? É preciso que não se descuide, visto ser pouco o tempo para ensaios, etc.

[1899]

Am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 14, 34

83.*

José Carlos.

A Educadora propõe o aluguel, puro e simples, por 18 contos. Devo aceitá-lo? Acho que sim. Se, pois, está de acôrdo, pode iniciar o arranjo da casa, que desde já fica entregue, discricionàriamente, ao seu bom gôsto. Quando quiser, hoje ou amanhã, venha para conversarmos. Aguardo resposta.

[1899]

Am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 14, 35

---

* Cartão.

84.*

José Carlos

Acho conveniente que V. se entenda desde já com o empresário do Lírico para que êle vá cuidando de preparar uma exibição brilhante do Gua[ra]ni para o espetáculo de gala.

[1899]

Do am.º
Campos Salles

I — 3, 14, 36

85.*

José Carlos.

Verifiquei que ainda temos muitos pratos — travessas, sopeiras etc. Se precisa, mande buscar.

[1899]

Do am.º
C. Salles

I — 3, 14, 37

86.*

José Carlos.

Até êste momento nada sei quanto à comitiva do Roca. Não recebemos informação alguma de Buenos Aires, mas é possível que a tenha de hoje para amanhã.

Traga-me, quando vier, a nota da importância que precisar.

Agradecidíssimo pela sua amável lembrança.

[1899]

Am.º af.º
Campos Salles

I — 3, 14, 38

---

* Cartão.

87.*

José Carlos.

Já eu tinha tido notícia dos dois boatos.

O de Cuiabá julgo ser inexato, porque o govêrno não tem a respeito notícia alguma até agora. Ora, não é acreditável que haja telégrafo para os particulares e não para o govêrno.

Do Am.º af.º

Campos Salles

I — 3, 14, 39

PRUDENTE JOSÉ DE MORAIS BARROS, *PRESIDENTE DO BRASIL*

88.*

Icaraí, 7 outubro 1895.

Ao Colega e Amigo Dr. José Carlos Rodrigues, *Prudente de Moraes* cumprimenta e felicita pelo seu feliz regresso à Pátria.

I — 3, 14, 5

89.

2 setembro de 1896.

Am.º Dr. José Carlos Rodrigues.

Agradeço-lhe muito a justa e procedente defesa do Rodrigues Alves, posta no *Jornal* de 30 do mês p. findo.

Como o *Jornal* tem-se ocupado em esclarecer as ocorrências italianas de S. Paulo, entendi informá-lo do resultado dos inquéritos feitos sôbre tais ocorrências e que já li com atenção — para isso envio-lhe as informações constantes das tiras juntas.

Sou com muita consideração e estima

Seu col.ª e am.º obrgm.º

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 52

---

* Cartão.

90.

Capital Federal, 11 de setembro de 1896

Am.º Dr. José Carlos Rodrigues.

A tira junta contém a suma do que eu disse — ou pretendia dizer no banquete de hoje. Pode fazer as alterações que entender convenientes.

Aproveito o ensejo para agradecer-lhe de nôvo os inestimáveis serviços que teve a bondade de prestar-me na organização e direção do passeio à Tijuca, rogando-lhe o obséquio de dizer-me a importância das despesas.

Com muita consideração e estima

Seu col.ª e am.º obrgm.º

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 53

91.*

Quartel [4.10.96]

Dr. José Carlos Rodrigues

Agradeço cordialmente as felicitações do colega e bom amigo.

Prudente de Moraes

I — 3, 14, 7

92.**

Ao colega e amigo Dr. José Carlos Rodrigues — cumprimenta *Prudente de Moraes* e pede a publicação do constante da tira junta, podendo modificar a forma, como julgar conveniente.

29.11.96.

I — 3, 14, 6

---

* Telegrama.

** Cartão.

93.

Capital Federal, 8 de dezembro de 1896.

Am.º Dr. José Carlos Rodrigues

Peço-lhe o obséquio de publicar no *Jornal do Comércio* o agradecimento junto e de mandar provas aos outros jornais.

Pretendo seguir amanhã cedo para Teresópolis, onde espero completar a minha convalescença. Deixei hoje o morro do Inglês — e desta vez sem saudades — pelo muito que ali sofri.

Agradeço-lhe muito — e ao *Jornal* — o grande interêsse com que acompanharam a minha enfermidade e os votos sinceros que fizeram pelo meu restabelecimento.

Aceite um abraço do

Colega e am.º m.to grato.

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 54

94.

Teresópolis, 1 de janeiro de 1897.

Am.º Dr. José Carlos Rodrigues.

Agradeço-lhe muito as expressões amistosas da sua carta de 30 do mês passado. Desejo-lhe muito boas-festas e que seja muito feliz durante o ano que começou hoje; que goze bastante saúde para continuar, à frente do grande órgão da nossa imprensa, a prestar ao nosso país os seus valiosíssimos serviços, de que êle tanto precisa. Tais são os meus sinceros votos.

Continuo a passar bem, já estou bem mais forte e sinto-me bem disposto: a vida que aqui levo é excelente para restaurar as fôrças. Precisava muito desta vida de repouso para refazer o meu organismo depauperado por seis anos de enfermidade, agravada pelas atribulações contínuas de dous anos de govêrno — em situação dificílima. Graças a Deus, estou curado da enfermidade produzida pelo cálculo — e que me havia inutilizado para qualquer trabalho.

Terminada a convalescença, voltarei a tomar a minha pesadíssima *cruz* — e empregarei tôdas as fôrças de que puder dispor para ver se consigo conduzi-la até o *Calvário,* contando que o meu amigo continuará a ser um dos meus Cireneus nessa missão patriótica. Livre da enfermidade, espero poder melhor cumprir o meu espinhoso dever; se o não conseguir, não será por falta de dedicação e de esforços.

A intervenção na eleição de Campos foi um desastre — que veio desfazer, com a brutal eloqüência dos fatos, a declaração pouco antes estampada no *Diário Oficial!* O *Jornal,* nas *várias* de ontem, apreciou com justiça e com uma lógica esmagadora, aquela desastrada intervenção.

Não será fácil emprêsa desmoralizar o Porciúncula, principalmente no Estado do Rio, tanto mais quando êle está com a boa causa.

Receio muito que o *descarrilhamento* do Campos produza sérias conseqüências. E o banquete do *comércio*? ...... — Não posso dar crédito a notícia da venda do cruzador *Barroso* — por ser inteiramente inverossímivel (*sic*). O govêrno não pode, não deve vender navios — quando precisa comprar. Tenho visto, com verdadeira mágoa, que o ministro da Marinha mostra-se empenhado em desfazer a obra patriótica iniciada pelo seu antecessor — a restauração da nossa marinha de guerra! É triste! E agora vejo que escrevendo-lhe, insensìvelmente, violei o meu propósito de não ocupar-me de negócios públicos.

Saúde e muitas felicidades deseja-lhe o

Col.ª e am.º m.to grato

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 55

95.

Teresópolis, 21 de janeiro de 1897.

Am.º Dr. José Carlos.

Como verá da cópia junta, o Rei da Itália, em sinal de amizade, ofereceu-me — por intermédio da sua Legação — um exemplar de uma obra sôbre o descobrimento da América. O Dr. Dionísio Cerqueira comunicou-me que os livros estavam na Secretaria à minha disposição.

Hoje escrevi ao Dr. Dionísio incumbindo-o de agredecer ao Rei — em meu nome. Se entender que o caso merece, faça uma notícia a respeito no seu *Jornal.* Continuo a passar bem — e vou progressivamente reconstituindo-me, graças a êste bom clima e ao descanso que aqui tenho.

Saúde e felicidades — deseja-lhe o

am.º e col.ª obrgm.º

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 56

96.

Teresópolis, 28 de janeiro de 1897.

Am.º Dr. José Carlos Rodrigues.

Recebi a sua carta de 23 do corrente, cujas interessantes informações agradeço. Continuo a passar bem neste retiro isolado, gozando de uma temperatura de 15.º a 23.º, que acho preferível à do Itatiaia — que é fria demais.

Cá do meu retiro vou acompanhando o govêrno — que tem agradado a muita gente, especialmente à *Gazeta de Notícias* e à *Cidade do Rio,* mas não sei bem por quê; estimaria também ter motivos para dar os meus aplausos.

Tenho visto muitos atos de reação injustificável, especialmente no Ministério da Marinha, onde mudou-se tudo, até os nomes dos navios!

A bombástica *pastoral* de 1.º de janeiro não produziu o efeito esperado pelo seu autor — passou despercebida.

O Vice-Presidente não tem razão para queixar-se de mim e de meus amigos; de mim — porque desde que deixei o govêrno abstive-me completamente — até de conversar sôbre negócios públicos; estava doente no morro do Inglês — onde conservei-me até poder transportar-me para aqui; de meus amigos também não me consta que tenha o govêrno recebido maus tratos, sendo certo até que alguns tornaram-se mais amigos do Vice-Presidente — do que do Presidente — desde que aquêle assumiu o govêrno.

Quando daí saí, ainda doente, o Vice-Presidente não se lembrou nem de mandar um dos seus ajudantes de ordens despedir-se de mim, quanto mais de oferecer-me condução para atravessar a baía; encontrei no Arsenal de Marinha muitos amigos — que ali foram fazer-me as suas despedidas —, brilhando o elemento oficial pela completa ausência; fui transportado para o pôrto da Piedade — em uma lancha — oferecida pelo Dr. Manuel Maria de Carvalho. Em vista disso, dispenso a recepção oficial espalhafatosa — anunciada pelo Vice-Presidente; prefiro ter recepção igual à da minha partida. Não sou e nunca fui amigo de manifestações e de exibições teatrais; minha índole não se coaduna com essas *cousas* — que tanto agradam a outros.

Entretanto, o Sr. Vice-Presidente nunca partiu ou voltou da Bahia, sem ser acompanhado por um oficial da Presidência — e conduzido em lancha oficial e em carro do Palácio. Estava muito doente quando êle chegou da Bahia — em novembro — apesar disso teve o oficial, a lancha e o carro para recebê-lo.

Compare o procedimento de ambos e julgue qual o que tem motivos de queixa.

O Vice-Presidente — logo que assumiu o govêrno — recebeu o pedido *insistente* de demissão do C.el Mendes de Morais; então recusou e recorreu à minha intervenção para que aquêle pedido fôsse retirado — como foi. Era *lógico,* demitindo-o agora acintosamente!

Nada do que se tem feito perturba-me a calma habitual — porque penso como o velho Cotegipe que *Deus nada fêz melhor do que um dia depois do outro.*

Adeus até breve.

Saúde e felicidades deseja-lhe o

Col.ª e am.º grato

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 57

97.

Capital Federal, 8 de janeiro de 1898

Ex.ᵐᵒ Am.º Dr. José Carlos Rodrigues

Agradeço as observações de sua carta de ontem sôbre a divisão naval. É cousa assentada que a divisão permanecerá aqui, saindo alguns navios para fazer exercício fora da barra — em direção à Ilha Grande; mas, mesmo nesses dias de exercícios, ficará no pôsto maior número de navios, de modo a estarmos sempre acautelados.

Temos o *Tiradentes* no Rio Grande; irá o *República* estacionar por algum tempo em Paranaguá: a 1.º de março, irá em viagem de instrução pelas costas do Brasil. Os outros navios ficarão aqui, limitando-se a saírem — aos 2 ou 3 — para fazer exercício nas proximidades da nossa barra.

Saúde e felicidades — deseja-lhe o

Col.ª e am.º grato

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 58

98.

Confidencial

Capital Federal, 17 de janeiro de 1898.

Am.º Dr. José Carlos

A *vária* do *Jornal* sôbre o barracão da Lapa — afirmando que o Ministro da Fazenda ia vender êsse barracão por 4:000 — quando o recebera do Banco

da República por 50:000 — magoou profundamente o Dr. Bernardino a ponto de, reunindo êsse a outros dissabores que tem tido na dificílima situação que atravessamos, vir falar-me com insistência em retirar-se do Govêrno. Parece-me que êle tem razão para estar magoado — porque a *vária* o expõe ao odioso perante o público — por cousa que não foi feita por êle.

A história dêsse barracão é bem conhecida: foi construído às pressas — e por isso muito caro — para a exposição industrial de 1895.

A Comissão que *constituiu-se* para promover essa exposição — presidida por Manuel Vitorino — tendo como membros Oiticica, Gil Goulart, Vicente Werneck, José Carlos de Carvalho e outros, ficou afinal alcançada por um *deficit* de algumas dezenas de contos de réis. O Presidente dessa Comissão — ainda antes de ser *govêrno* — e alguns de seus membros conseguiram vender êsse barracão ao Banco da República, que — quando tratara com Manuel Vitorino — já no Govêrno — conseguiu que êste aceitasse êsse barracão por conta da dívida do Banco ao Tesouro — no valor de 50 contos. Êsse negócio com o Banco e alguns outros — da mesma natureza — foram tratados diretamente pelo Vice-Presidente com o Banco, como poderá verificar ouvindo a Diretoria dêste.

Por ocasião dêsses negócios, o Dr. Bernardino quis retirar-se do Govêrno — onde sentia-se mal; e se não o fêz, foi a instâncias minhas e de outros amigos — como Rodrigues Alves.

O Bernardino não vai vender o barracão por 4:000; abriu para isso concorrência e como só tem uma oferta de 2:000, anulou a concorrência para abrir nova. Quando voltei para o Govêrno — em março de 97 — já o negócio do barracão e alguns outros com o Banco estavam concluídos, de modo que não me era lícito desfazer. Apenas pude impedir alguns negócios entabulados com o Banco, mas que ainda não estavam fechados, como poderá informar a Diretoria do Banco.

Na situação tristíssima que suportamos com enormes sacrifícios, quando devíamos contar com o apoio e concurso de todos os brasileiros amantes dêste infeliz país, dói muito deparar-se com imputações como as dessa *vária*, especialmente pela influência do *Jornal*, que sabe que só mantemo-nos no govêrno fazendo enorme sacrifício. O *Jornal* foi injusto — e estou certo que procurará reparar essa injustiça.

Sempre
col.ª e am.º grato

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 59

99.

Capital Federal, 19 de janeiro de 1898.

Am.º Dr. José Carlos

Restituo o telegrama que teve a bondade de mandar-me, o que agradeço. Acredito que o correspondente do *Jornal* recebesse de Rivera o aviso que transmitiu, porque como êsse, têm vindo outros boatos de revolução no sul, mas não vejo fundamento sério e nem oportunidade para que Castilhos pretenda cometer semelhante loucura. Em todo o caso estamos prevenidos para qualquer eventualidade. O General Teles deve chegar hoje do Rio Grande com dois batalhões.

Como sempre

Col.ª e am.º obr.º

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 60

100.

Capital Federal, 20 de janeiro de 1898.

Am.º Dr. José Carlos Rodrigues.

Os exportadores combinaram e conseguiram simular uma existência de café superior à real — com o fim de manter a baixa do gênero, aqui e em Santos, até esgotar o mercado e poderem completar então o seu *negócio.*

Os corretores estão de acôrdo com êsse conluio e recusam-se a retificar a existência, que está bastante reduzida, da que havia há meses. As entradas têm diminuído progressivamente — aqui e em Santos — por estar quase extinta a colheita do ano passado. Não poderá o *Jornal* dizer alguma cousa contra essa especulação que está nos prejudicando?

Recado e pedido do

Col.ª e am.º grato

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 61

101.

Capital Federal, 5 de fevereiro de 1898.

Ex.^{mo} Am.º Dr. José Carlos Rodrigues.

Os telegramas do correspondente de Londres para o *Jornal,* publicados hoje, dizem que tratando a Companhia Mogiana de levantar ali um empréstimo para prolongar a sua linha até Santos, a Companhia *S. Paulo Railway* publicou no *Times* uma comunicação procurando mostrar que — *nos têrmos da concessão do govêrno brasileiro está aquêle pôrto de Santos incluído na zona do seu privilégio.*

É certo que a *S. Paulo Railway* pretendeu sempre que o pôrto de Santos estava compreendido no seu privilégio, fundando-se na cláusula 2.ª do contrato de 26 de abril de 1856, mas também é certo que o govêrno brasileiro nunca reconheceu semelhante pretensão e, ao contrário, contestou-a sempre — e por isso concedeu prolongamento até Santos à Sorocabana, Paulista e Mogiana, sendo que a *S. Paulo Railway* limitou-se a protestar contra essas concessões.

Tendo de novar o contrato da *S. Paulo Railway,* em virtude da autorização da Lei n.º 126 de 28 de novembro de 1892, um dos pontos de que fiz questão foi acabar com essa velha questão — e o consegui, como verá da cláusula 6.ª do contrato de 17 de julho de 1895, do qual envio-lhe um exemplar.

. . . . . *ficando bem entendido,* diz essa cláusula, *que a zona privilegiada não compreende a cidade e o pôrto de Santos e que dêsses pontos podem partir outras estradas de ferro, desde que não percorram a zona da S. Paulo Railway na mesma direção de sua linha atual,* — vê-se, pois, que a Companhia [,] fazendo a declaração a que refere-se o telegrama de Londres, procedeu de má-fé, afirmando — para prejudicar a Mogiana — o contrário do que está expresso em seu contrato.

Em vista disso, venho sugerir-lhe a conveniência de contestar a afirmação da Companhia *S. Paulo Railway,* para restabelecer a verdade e evitar que aquela falsa afirmação prejudique a Mogiana.

Com estima e consideração

Col.ª e am.º obr.º

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 62

102.

Capital Federal, 20 de fevereiro de 1898.

Exm.º Am.º Dr. José Carlos Rodrigues.

Tendo verificado por informações seguras que é bastante abundante a produção de cereais — em S. Paulo e Minas, especialmente —, para facilitar a exportação dêsses gêneros para os mercados consumidores, como é esta capital, autorizamos a Diretoria da E. F. Central a reduzir de 30% os fretes, aliás já moderados, para o milho, feijão, açúcar bruto e farinha de mandioca e de milho. Essa redução começará a vigorar no dia 24 do corrente.

A redução do frete só na Central será ineficaz para o fim visado — por isso escrevi aos Presidentes de S. Paulo e Minas pedindo que intervenham para que as estradas de ferro — paulistas e mineiras — também reduzam seus fretes para os cereais e bem assim para que a imprensa local se ocupe com o assunto para despertar a atenção e animar os municípios produtores.

Parecem-me intuitivas e importantes as vantagens — que advirão dessa redução de frete —, nas circunstâncias atuais.

A redução na Central é de 30%; será maior desde que me convença ser isso necessário.

Será conveniente que a imprensa desta capital, especialmente o *Jornal,* se ocupe com êsse assunto importante.

Desculpe a importunação do

Col.ª e am.º grato

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 63

103.

Capital Federal, 20 de fevereiro de 1898.

Ex.mo Am.º Dr. José Carlos Rodrigues.

Restituo-lhe o *interview* — Nicosia-Vitorino —, que dá uma idéia exata do que é o Vice-Presidente desta infeliz República — ! —

A ameaça de publicar as poucas cartas que de mim recebeu êsse desgraçado — não incomoda-me absolutamente — desde que exponha as próprias cartas para serem examinadas.

Saúde e felicidades deseja-lhe o

Col.ª e am.º obrgm.º

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 64

104.

Rio de Janeiro, 9 de março de 1898.

Ex.mo Am.º Dr. José Carlos Rodrigues.

Agradeço-lhe muito cordialmente o magistral artigo em o *Jornal do Comércio;* com sua competência e incontestável e grande autoridade, fêz a crítica do manifesto do Dr. Manuel Vitorino, reduzindo-o a suas mesquinhas proporções.

Bem sei que, assim procedendo, o *Jornal do Comércio,* nesse como em outros assuntos, inspira-se no seu patriotismo e desempenha-se de sua elevada missão, sendo exatamente êsse modo de proceder que deu-lhe a grande autoridade que exerce na opinião.

Mas, por isso mesmo tanto maior é o meu reconhecimento e mais profunda a minha gratidão para com o grande órgão da nossa imprensa e seu digno redator-chefe, pela justiça que fazem-me auxiliando-me eficazmente no desempenho de minha tão difícil quanto patriótica tarefa.

Aceite, pois, os sinceros protestos de reconhecimento e gratidão do

Am.º obrgm.º e admirador

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 65

105.

10-3.º-98.

Ex.mo Am.º Dr. José Carlos Rodrigues.

O govêrno resolveu hoje cumprir a decisão do Tribunal Federal, apesar de anarquizadora — como é. Amanhã o Comandante do Andrada receberá

ordem para trazer os desterrados e o Presidente do Tribunal a comunicação de que estão dadas as providências para satisfazer a sua requisição.

Recado do

Col.ª e am.º e obrgm.º

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 66

106.

Rio de Janeiro, 6 de agôsto de 1898.

Am.º Dr. José Carlos Rodrigues.

Há muito tempo que desejo ver as obras do pôrto de Santos e as da 2.ª linha da Inglêsa — na Serra —, mas êsse desejo tem estado subordinado à oportunidade que até agora não tive para realizá-lo.

Acêrca dessa viagem, ainda atualmente, nada existe além dêsse desejo, não resolvi fazê-la e não a farei desde que essa inspeção de obras tão importantes, apesar de ser cousa tão natural e inocente, possa pôr em perigo a segurança pública!

Agradece-lhe o aviso o

Col.ª e am.º m.to grato

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 67

107.

Piracicaba, 23 de dezembro de 1898

Ex.mo Am.º Dr. José Carlos Rodrigues

No dia 16 de novembro próximo passado, pela manhã, fui ao escritório da redação e à residência do Redator-chefe do *Jornal do Comércio* e aí manifestei o meu profundo reconhecimento e sincera gratidão para com o grande órgão da imprensa brasileira pelo valiosíssimo apoio com que, muito eficazmente,

auxiliou o meu atribulado govêrno, especialmente nas situações mais melindrosas e difíceis que teve de atravessar.

Agora, depois de concluída a leitura, feita com atenção religiosa, do Retrospecto da Presidência de Prudente de Morais, que ocupou dez páginas da edição especial do *Jornal,* de 19 de novembro, venho de nôvo agradecer, e o faço do íntimo da alma e penhoradíssimo, ao meu tão distinto quanto generoso e dedicado amigo o grande benefício que fêz-me com a publicação dêsse trabalho, de extraordinário valor histórico, com que fechou a sua obra de amparo ao meu govêrno durante quatro longos anos.

Obrigado, muito obrigado, meu bom amigo.

Abraça-o afetuosamente o

admirador e am.º m.to grato

Prudente de Moraes

I — 3, 1, 68

JOSÉ DA SILVA COSTA

108.

Rio, em 25 de janeiro de 1870.

Meu José Carlos.

É à tua obsequiosa carta de 20 de dezembro que respondo.

Estimo que te comeces a sentir melhor e felicito-te pelas merecidas homenagens com que te têm distinguido os verdadeiros apreciadores do mérito: estás longe da pátria e dos que te são caros, mas por uma justa compensação estás próximo do renome legìtimamente conquistado: prossegue e que o luar da verdade aclare o teu caminho.

A 29 do mesmo passado realizou-se o meu casamento, aqui acharás uma comunicação, semelhante às que vou distribuir por bem poucas pessoas; mando-te os nossos cartões não por etiquêta, senão para que saibas como fiz as participações.

Recebi os jornais que me enviaste, o trecho que se refere ao Otôni será entregue ao filho.

Envio-te jornais e não te mando os retratos e o Correio da tarde porque hoje não pude ir a cidade por ter adoecido. Passei horrìvelmente a noite; por

isso não escrevo ao Dr. Ayer, como tencionava; ainda neste momento é com algum esfôrço que te estou escrevendo.

Adeus, lembranças minhas da Elisa e da família Guimarães.

Teu do coração

Silva Costa

P.S. Sôbre a *ilustração* ainda não se publicou número algum, em tempo ir-te-á.

A Finoca, minha irmã mais môça [,] casou-se no dia 22 dêste ano com o Sr. Francisco José Rodrigues Maços.

I — 3, 2, 35

109.

Côrte, 25 de maio de 1870.

Meu José Carlos.

Escrevo-te muito às pressas em resposta à tua cartinha de 22 do passado. Aí vão 6 cartas recomendando Mr. Chs. Fred. Hartt.

Também remeto dous números do *Jornal do Comércio* em que vêm as tuas correspondências dos dous últimos correios: quanto a *Ilustração Americana* só há publicados os 4 números que te enviei; acabam de informar no escritório da redação que em conseqüência de desarranjo na máquina não tem podido trabalhar o prelo — histórias, a cousa tem aqui sérios embaraços e eu duvido que semelhante fôlha progrida; cuida da tua idéia, que julgo muito feliz.

Não cessas de trabalhar: acautela-te porém, vê que o excesso de fadiga pode extenuar-te e então não farás muito, nem pouco.

O Sabino aqui estêve, vamos ver o resultado da reclamação sôbre o *Diário Oficial* que por ora não tenho como certo o resultado.

A nossa política continua cada vez mais estragada: agora acaba de se representar uma das mais ridículas farsas: o govêrno mandou fazer uma barraca de papelão e ripas por 200:000$000 para oficialmente festejar a terminação da guerra, isto quando já o povo festejou já e sobejamente o fim da guerra! Isto vai cada vez a pior.

Os negócios do Dr. Ayer continuam no mesmo pé, só um negociante pode entrar em arranjo com êle [;] eu não sei nem posso aturar o Lane, que até se diz credor do Ayer, vê se me livras dêste encargo.

Todos nós vamos bem e nos recomendamos muito a tua pessoa e abraça ao teu

do coração

Silva Costa

P.S. Vê se me podes servir no que te vou pedir:

O meu nôvo cunhado Maços, sócio da firma social Cerdeira & Maços pede, a ser possível[,] que obtenhas de alguém informação da banha que é exportada para êste Pôrto — de Baltimore e New York (especialmente de Baltimore) sendo a informação sôbre a quantidade exportada de paquête a paquête; qualquer despesa será satisfeita.

Teu

S.C.

I — 3, 2, 36

110.

Rio, em 23 de junho de 1870.

Meu José Carlos

É a tua cartinha de 21 do mês passado que respondo.

Sinto que teus sofrimentos não tenham cessado: sê moderado no trabalho, talvez o excesso de fadigas tenha concorrido para que não te hajas restabelecido.

Envio-te o *Jornal do Comércio* em que vem a tua correspondência e 2 números (5 e 6) da *Ilustração;* depois de uma demora, continuaram a publicar a fôlha. A tua idéia não deve deixar de ser mantida; será muito melhor recebida e vulgarizada do que a que ora aqui se publica.

Dizes-me que o Imperador é ainda muito simpatizado; assim será mas digo-te que não tem êle êsse liberalismo, que muitos lhe emprestam; o que êle tem é muita fatuidade.

Tenho muita cousa que me preocupe hoje — negócios forenses — por isso não me estendo.

Saudades de nós todos e recebe um abraço do

Teu

Silva Costa

I — 3, 2, 37

111.

Rio de Janeiro, 24 de dezembo de 1870.

Meu José Carlos.

A esta hora já deves ter recebido a carta e jornais que em tua carta de 23 do passado me dizes não ter ainda recebido. Fica certo que nunca deixo de escrever-te; quando não o possa fazer por meu punho, em razão de fôrça maior, eu, por interposta pessoa, te hei de dirigir algumas linhas sempre.

Não entreguei a carta que endereçaste ao Cassel; porque, de acôrdo com o Sabino, incumbi ao Dr. Joaquim Mariano do Amaral Gurgel, com casa de comissões na Rua da Saúde n.º 12, da agência aqui do *Nôvo Mundo;* essa pessoa foi indicada pelo Sabino e a ela podes dirigir as futuras remessas da tua excelente fôlha, se não insistires na mudança para o Cassel, o que resolveres far-se-á.

Recebi os teus belos opúsculos, sôbre os quais ùnicamente a Reforma (fôlha liberal) disse alguma cousa, cuja notícia inclusa te remeto.

Os artigos do *Nôvo Mundo* têm sido, quase todos transcritos nas fôlhas desta capital, e muito têm merecido, o que cumpre é haver muita regularidade na publicação; porque êsse gênero de publicações tem deixado muito a desejar a respeito.

Envio-te o *Jornal do Comércio* em que vem a tua correspondência e bem assim o 1.º número da *República*: a tua correspondência continua a ter muito bom acolhimento.

Há tempos perguntei-te o que havia de verdade em um boato que por aqui correu, de que existia formado ou a formar-se um partido — monarquista nos Estados Unidos e até hoje não me respondeste.

A minha filhinha (cuja existência te comuniquei pelo Correio de outubro) será batizada no dia 29 do corrente aniversário do meu casamento e chamar-se-á Hermínia — que achas do nome?

Também minha mana a que casou ùltimamente teve um menino já está batizado e chama-se Guilherme.

Tudo o mais vai bem.

Adeus: aceita recomendações de todos nós e crê no

Teu

Silva Costa

I — 3, 2, 38

112.

Côrte, 23 de fevereiro de 1871.

Meu José Carlos.

A tua carta de 23 trouxe-me notícia que me afligiu bem: isto é, afirmas que não recebeste cartas minhas, quando não há correio americano que não seja portador de cartas minhas: — naturalmente foram para Lowell; em 2.º lugar lutas com dificuldades relativamente ao *Nôvo Mundo*, idéia que te é e deve ser cara.

Por êste Correio envio-te mais um cheque de 150 dólares (300$000 rs da nossa moeda); pelo correio passado enviei-te um cheque de 500$ rs.

Há tempos o Agente atual do Ayer pediu-me conta de meus honorários dos serviços que lhe prestei como seu advogado.

Tive grande maçada com os negócios do Ayer, em constantes conferências com o Lane; depois veio o Cassel e com êste tive demoradíssimas conferências aqui e no Botafogo, estando eu até bem doente de uma teimosa bronquite (de abril a setembro do ano passado); dei nota duma minuciosa escritura de transação e garantia entre o Ayer por seu procurador e o Lane. enfim por tudo isso pus na conta 500$000 rs; peço-te agora, se assim julgares conveniente, que recebas essa soma do Ayer para que te dou os precisos podêres e a empregues como cousa (que te fica pertencendo como tua) — a bem da tua querida idéia — *Nôvo Mundo.*

Sôbre o teu agente, cujo nome já te enviei, aguardo a tua solução; em todo o caso lembro-te que se insistires na mudança dêle — escreve também ao Sabino que foi quem mo apresentou.

Aqui envio-te também um balancete do teu Agente.

O *Nôvo Mundo* tem sido bem aceito e creio que está só sem rival; pois a publicação semelhante (anglo-brasileira) parece ter recuado.

Também vai o *Jornal* em que vem a tua bela e interessante correspondência.

A tua *Crestomatia* foi adotada no Instituto Comercial; por ora, a Instrução Pública não o adotará.

Adeus: muitas lembranças nossas e um abraço do teu

Silva Costa

P.S. As cartas que enviaste já foram remetidas a seu destino.

S.C.

I — 3, 2, 39

113.

Rio de Janeiro, 25 de maio de 1871.

Meu José Carlos.

Pensava poder já neste correio poder anunciar-te que estavas com outro agente aqui (o Cassel); mas, teu cunhado não me apareceu apesar de instar por êle há 3 dias passados: farei o possível para satisfazer-te fica certo.

A tua fôlha e a tua correspondência continuam a ser devidamente apreciadas: prossegue, vais muito bem.

Há dias vim da Gávea, onde fui passar algum tempo; não fui porém muito feliz, porque a Elisa adoeceu lá e tendo ido fazer companhia a Elisa na doença — a D. Isabel, esta também adoeceu de uma febre da quadra; mas estão ambas completamente restabelecidas. A Hermínia vai muito bem, em breve hei de enviar-te o retrato dela. Todos os mais dos nossos vão bem. Tua tia estêve doente, mas já está boa, conforme há dias me disse o Sabino.

Casou-se ontem o Meireles (corretor) com a filha do Visconde de Tamandaré: estive presente ao ato, celebrado na capelinha das Irmãs da Caridade (Botafogo) às 2 horas da tarde. Que sejam felizes.

O Imperador lá vai hoje barra fora em demanda da Europa: Deus o * inspire melhor.

Os conservadores estão quase aniquilados e é de esperar que os liberais assumam a direção do País.

O nosso amigo José Bonifácio acaba de perder a senhora. Que tremendo golpe! O Antônio Carlos também está com um filho (o mais velho) atacado dos pulmões; constou-me que está perdido o menino: avalia como estará êle e a mulher!

Adeus: recebe lembranças nossas e um abraço do

Teu amigo

Silva Costa

I — 3, 2, 40

114.

Rio de Janeiro, 23 de junho de 1871.

Meu José Carlos.

Recebi e respondo a tua estimada carta de 23 do passado.

---

* No original, *os*.

Pensava eu poder anunciar-te por êste correio mudança de agente do *Nôvo Mundo;* mas, não há ver o Sabino, com quem me devo entender para êsse fim: crê que muito desejo satisfazer-te nos menores desejos e por isso não perderei a ocasião em que puder aliviar-te do pesadelo.

Não me afligi com a fraqueza dos irmãos Ayer, como negociantes; nunca pensei que êles achassem que não devessem pagar as muitas maçadas, de que por êles fui vítima; o que eu só sinto é que essa soma não te pudesse utilizar embora insignificante.

Achei por demais censurável o procedimento que êles tiveram contigo: com efeito!

Vejo que o meu recomendado está muito peludo; que não te seja êle importuno, nem fastidioso é o que eu desejo. Não sei porque não escreveu êle ao pai, o qual ficou contrariado por não ter notícias do rapaz.

Farei constar ao Zaluar o que mui sensa[ta]mente ponderas.

Efetivamente, como me preveniste, os Srs. Munn & C.ª escreveram-me sôbre o privilégio que desejam obter do Govêrno Imperial.

Êles me pedem uma cópia da lei que entre nós regula os privilégios — mas vertida para o inglês: traduzi e remeto a lei, como me pedem, assim como lhes escrevo dizendo que aceito-lhes o mandato e farei o que estiver ao meu alcance logo que me chegue a procuração, que devo receber pela mala da Inglaterra, conforme êles me informam. A advocacia administrativa aqui, como talvez não ignores, é *sui generis,* tem muita impertinência; mas, espero que os Srs. Munn & Comp., hão de ser menos esquisitos que os Srs. Ayer & Comp.

A nossa política está, como verás das fôlhas, indecifrável: os conservadores tomaram a bandeira liberal — consignando na fala do trono reformas liberais, como a do elemento servil, que tem sido o pomo de discórdia entre os conservadores; não creio, porém, que os conservadores votem a abolição da escravidão: esperemos. O Sr. D. Pedro lá se foi deixando o país em crítica situação; mas, enfim é bom que o rei divirta-se.

Fala-se na subida dos liberais, o que para o partido será um presente de gregos, o que fôr soará.

Nós vamos bem. Eu a Elisa e a Hermínia vamos gozando saúde.

O Véga escreveu-me do sul e mandou-te muitas lembranças — aceita-as.

Recebe lembranças nossas e abraça ao

Teu

Silva Costa

I — 3, 2, 41

115.

Rio de Janeiro, 24 de novembo de 1871.

Meu José Carlos.

É a tua carta de 22 do passado que respondo.

Nunca te afadigues com o interêsse que eu tome com o que te diga respeito; pois, tenho nisso prazer.

Jamais pude crer que o teu ex-agente fôsse capaz de tão repreensível procedimento.

Não gostas dos *boatos* da Reforma, nem da discussão pessoal-imperial da República: concordo contigo; mas, o que queres, se não temos *imprensa* política, que discuta idéias, que saiba *evangelizar?*

Continuo a aplaudir a tua perseverante e inteligente tarefa — na redação do *Nôvo Mundo,* e a apreciar a tua interessante correspondência do *Jornal do Comércio.*

Desta vez não te posso ainda informar quem é o João de Almeida de que me falas; nao o suponho *escritor,* brevemente pelo próximo correio te direi alguma cousa.

Como tens dado retratos de alguns dos nossos homens importantes no *Nôvo Mundo,* aí te envio o de um que deves conhecer bem. É o do Dr. Policarpo Lopes de Leão, caráter íntegro e magistrado distintíssimo.

Formou-se em 1834 doutorou-se no ano seguinte em Pernambuco; logo depois foi para Europa onde estêve cinco anos, voltou e foi nomeado magistrado: serviu importantes cargos de juiz de Direito e Chefe de Polícia. Foi juiz do Comércio e dos feitos da Fazenda na Côrte e hoje é Desembargador da Relação da Côrte.

Foi presidente das províncias de S. Paulo e Rio de Janeiro.

Adeus, muito as pressas assino-me

Teu do coração

Silva Costa

N.B. — O retrato ficou um pouco carrancudo.

I — 3, 2, 42

116.

Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1871.

Meu José Carlos.

É da Gávea, onde estou passando o verão, que te escrevo, ao som de ruidosa chuva e desfrutando o fresco clima destas boas paragens.

Estimo os teus progressos: tenho apreciado muito a atividade, que tens sabido desenvolver — sobretudo na bela emprêsa do *Nôvo Mundo*.

Li o teu artigo que escreveste sôbre o = jesuitismo = como chamas, do Zacarias. Achei bem feito o paralelo que fizeste entre a doutrina liberal e a ultramontana daquele Conselheiro.

Há entretanto a êste respeito uma verdadeira singularidade.

Tenho visto republicanos professarem com máximo calor o mais desenfreado ultramontanismo. Serão êsses republicanos?

Para mim tenho por incompatíveis as idéias da democracia legítima com a intriga chamada — ultramontanismo.

Tenho observado que a idéia republicana vai ganhando muito terreno entre nós: seja ela bem-vinda.

Parece-me que não terei remédio senão intentar algum meio judicial para compelir o teu ex-agente a cumprir com o seu dever.

Por êste correio vai um documento meu, por onde mostro que o Lane não andou bem avisado, quando, para se livrar do Ayer, teve a infeliz idéia de dizer que podia apresentar um recibo ou quitação de meu punho em seu favor, como advogado do mesmo Ayer. Tenho tido pena do Lane; mas, se é verídico que êle asseverou semelhante falsidade, passo a detestá-lo.

Adeus.

Teu

Silva Costa

I — 3, 2, 43

117.

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1873.

José Carlos.

Hoje às 2 horas menos um quarto da madrugada a Elisa fêz-me pai de um 3.º filho.

Foi muitíssimo feliz e o menino é forte.

É quanto te digo hoje.

Adeus: aceita a retribuição dos cumprimentos que para aqui mandaste e abraça o

Teu

Silva Costa

I — 3, 2, 44

118.

Petrópolis, 10 de abril de 1889

Meu Caro José Carlos.

Obrigado por teu telegrama aqui recebido no dia 6 do corrente: deu-nos que fazer a decifração da palavra *inflexible* que fechava a felicitação.

Deves ter sabido que o Govêrno, êste govêrno tão *célebre* já, mandou desapropriar as águas de S. Pedro — desapropriando parte dos terrenos — oferecendo por tudo 17:500$.

Os interessados foram citados por Edital de 16 de março publicado no *Diário Oficial* de 20 do mesmo mês com prazo de 60 dias para dizerem se *aceitam o preço;* e entre os interessados o Edital contempla Alberto Côrtes[,] que se acha em Londres. Por parte dos atuais donos daquela propriedade Duvivier & C.º e outros estou-me opondo a êste atentado.

O Govêrno não obstante não ter prestado a prévia indenização da Constituição apoderou-se a mão armada dos terrenos e lá se acham soldados operários &. Que gente! Que desenvolta gatunice!

Veremos no que dá isto.

O verão estêve cruel: felizmente os tempos melhoram e espero deixar Petrópolis em comêço de maio próximo futuro.

Muitas lembranças de todos e recebe V. um abraço do

Am.º cr.º

Silva Costa

I — 3, 2, 45

119.

Petrópolis, 29 de novembro de 1893

José Carlos.

Aqui estou com a família desde 14 do corrente.

O tempo tem corrido chuvoso e portanto muito úmido o que tem-nos valido alguns defluxos; felizmente, agora o tempo parece consertado.

O Sabino tem-me sempre dado notícias suas. Disse-me êle que V. pretendia retirar-se para Europa, passo que não acho nada acertado atualmnte.

As cousas estão péssimas, é certo; todos sofremos com isso e não há remédio senão aturar por mais algum tempo a presente calamidade, na esperança de dias verdadeiramente felizes, onde a garantia dos direitos, pelo menos, seja uma realidade.

Muitas lembranças de todos nós e um abraço do

Am.º Cr.º

Silva Costa

I — 3, 2, 46

120.

José Carlos

Domingo 22 do corrente tenho aqui, a jantar, a família Leitão da Cunha: é como a primeira significação, *inter epula,* da aliança de duas famílias que o meu Heitor aproxima.

Ora, V. sabe que à nossa mesa há sempre um talher nas festas íntimas do lar Silva Costa; e, se V. não o quiser deixar vazio, venha ocupá-lo naquele dia.

Do am.º ex-corde obr.º

Silva Costa

Janeiro, 20 de 1899.

I — 3, 2, 47

121.

Rio de Janeiro, 10 de março de 1893.

Il.^{mo} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Visito a V. S.ª, desejando-lhe boa saúde, assim como a seu respeitável pai.

Pelos jornais, já deve V. S.ª ter conhecimento de que, por um ato violento e ilegal do Govêrno, fui demitido do cargo que ocupava na Diretoria dos Correios, onde, durante 17 anos, prestei serviços, que ouso considerar relevantes e que me granjearam fama muito lisonjeira. As intrigas afinal venceram, dando-se, entretanto, como motivo aparente da minha demissão, o se me atribuir, o que é falso, a autoria de artigos, publicados na *A Capital*, verberando duramente a administração do Dr. Demóstenes, não obstante o redator daquela fôlha ter mais de uma vez declarado não ter eu a mínima parte nêles.

Tenho alguma esperança de ser reintegrado, como me parece de justiça, e para isso vou lavrar o meu solene e oficial protesto.

Antes, porém, que chegue essa reparação, estou quase sem pão para sustentar minha numerosa família, composta de espôsa doente, filha, mãe velha e uma irmã quase inválida.

Estou sem trabalho durante as horas do dia, e de pronto não se me oferece colocação razoável.

Nestas condições, tomo a liberdade de pedir-lhe o grande favor de me aproveitar em sua casa, até que possa ter outro destino.

Sei bem que V. S.ª já muito me tem protegido, dando-me serviço em sua casa, não desconheço que meu préstimo não é grande, e não lhe possa talvez aproveitar em muito, e reconheço finalmente que V. S.ª não é culpado dêste desastre, nem tem obrigação de agüentar-lhe as conseqüências.

Mas não é ao proprietário e redator-chefe do *Jornal do Comércio,* a quem me dirijo; é ao amigo generoso, ao cavalheiro de alma grande, é ao Dr. José Carlos Rodrigues, a quem vai endereçado êste apêlo, lavrado em um momento de suprema angústia, em que me vejo, de um lado esbulhado de sagrados direitos, penosamente adquiridos, e de outro com a enorme responsabilidade de não deixar morrer a fome uma família inteira, confiada aos meus cuidados.

Se V. S.ª não entender o contrário, fico desde já ao seu inteiro dispor, durante todo meu dia, até que outra solução possa ter o meu negócio.

Creio que mais nada precisarei aditar, para que V. S.ª imagine em que horrível situação me encontro.

Qualquer que seja a sua resolução, pode V. S.ª ficar certo de que tem em mim um amigo dedicado e servidor constante.

Peço-lhe, outrossim, me responda, a fim de agir, como tanto tenho mister.

Sem mais assunto, subscrevo-me

de V. S.ª am.º m.to grato e certo e criado

Feliciano José Neves Gonzaga

I — 3, 2, 77

122.

11 de novembro de 94.

Amigo e Sr. Dr. Rodrigues.

Estive com o Prudente. Disse-me que receberá com prazer sua visita, sendo melhor que o Sr. o procure, amanhã ou depois, de manhã, às 10 horas, porque assim poderão conversar sós, e em liberdade.

Outro assunto, porém *em reserva:* O sobrinho do Prudente disse-me hoje o seguinte, a propósito da nova secretaria do Presidente da República: O Sr. (dirigindo-se a mim) devia ser oficial de gabinete, porque entende de cousas administrativas e é nosso amigo.

Fingi não perceber a insinuação, e mudei de conversa.

A hipótese é nova, e dela não cogitava.

Se porventura realizar-se (o que não creio) posso aceitar o cargo?

Parece-me que cabem ao meu caso as mesmas razões expendidas pelo Sr. em relação ao Sena, e não quero de nenhum modo ir de encontro ao seu programa.

Repito o que já lhe disse: só aceitarei do govêrno (sem solicitar) cargo de alta confiança, e aquêle é um dêstes.

Peço-lhe que me aconselhe a êste respeito, tendo em vista que sempre procurarei atender de preferência aos interêsses do *Jornal.*

Conto com sua palavra e com seu conselho.

Sempre

am.º m.to grato

F. Gonzaga

I — 3, 2, 78

123.

Capital Federal, 19 de janeiro de 1895.

Dr. Rodrigues

O Dr. Prudente lhe manda dizer que, depois de regularizadas as relações do Govêrno com o Lóide, pode êste eleger livremente sua diretoria, bem como organizar seus estatutos como entender.

A questão a resolver é se o Govêrno deve ter um diretor nomeado ou um simples fiscal, para verificar se são cumpridas as cláusulas derivadas da subvenção.

Após isso, lhe será *indiferente* a eleição do Serzedelo ou de outro qualquer.

Esta resposta *sêca* tem uma explicação: êle está sentido com o *Jornal* por ter dito hoje que seu govêrno foi *fraco* elogiando o Vespasiano; não me ocultou a sua mágoa e a respeito fêz considerações para justificar o ato do govêrno.

Logo conversaremos.

Mando-lhe esta *vária,* pela qual me responsabilizo, não duvidando permitir que usem do meu nome caso isso seja necessário mais tarde.

O acusado foi um dos instrumentos do Demóstenes na apreensão de correspondências, e está fazendo uma direção desastrada, como ainda hoje ficou provado por um aviso do Ministro da Fazenda publicado no *Diário Oficial.*

E ainda mais: ontem o Presidente teve de oficialmente reclamar do Correio contra a não entrega de sua correspondência. Se isso se faz com o chefe do Estado, imagine com os outros.

Sempre

am.º m.to af.º e obr.º

F. Gonzaga

I — 3, 2, 79

124.

Capital Federal, 24 de janeiro de 1895.

Sr. Dr. Rodrigues.

O Dr. Prudente leu o telegrama, e o passou ao Ministro das Relações Exteriores que acabava de entrar. Êste nada sabe oficialmente, e a propósito informou que pedira informações ao Vitorino sôbre o seu não comparecimento ao último banquete em que estêve o Melo. O Vitorino respondeu que não com-

parecera por motivo de moléstia, e que o Melo fôra convidado por empregados do Ministério do Interior. O Ministro acha que a resposta do Vitorino é uma evasiva, e espera que êle se explique melhor por ofício, conforme prometeu.

Quanto ao telegrama junto, o Dr. Prudente acha conveniente não publicar a parte marcada a lápis, até que o Govêrno tenha informações a respeito, que poderá fornecer ao *Jornal* para noticiá-las de um modo completo.

No tocante à questão da Casa da Moeda, já o Presidente providenciou mandando que a Polícia abra rigoroso inquérito.

Recado do

al.º am.º m.to obrigado

F. Gonzaga

I — 3, 2, 80

125.

Confidencial

Capital Federal, 21 de março de 1895.

Dr. Rodrigues.

O Dr. Manuel Vitorino expôs hoje em despacho o seu plano constitucional de pacificação do Rio Grande, questão que preocupa muito agora ao Prudente.

Nada ficou assentado, mesmo porque a base daquele plano é a retirada do exército federal.

Digo-lhe isto em reserva íntima, mas acho bom que o Sr. mande o Tobias ver o Vitorino, que talvez lhe autorize a noticiar alguma cousa.

O Tobias, que é hábil, deve simular que nada sabe do assunto e deixá-lo falar; não convém que ao Vitorino se diga que o *Jornal* conhece a matéria; embora tão perfunctòriamente.

Recado do

am.º certo

F. Gonzaga

I — 3, 2, 81

126.

Rio, 19 de junho de 1895.

Amigo Dr. J. C. Rodrigues.

Envio-lhe as mais afetuosas saudações.

Em carta anterior, que dirigi para Paris, já lhe dei conta dos últimos acontecimentos políticos daqui: mensagem, incidente Érico Coelho etc. Respondo agora sua prezada carta de 20 de maio. Antes de tudo agradeço-lhe a bondade com que acolheu meu pedido em favor de meu cunhado e primo.

Mostrei sua carta ao Dr. Prudente, que apreciou muito as notícias que ali colheu. Resolveu logo mandar o Ministro do Exterior providenciar quanto ao Cônsul em Lisboa, acêrca de quem o Sr. deu *tão boas* informações.

O caso da bengala é realmente impagável, mas produziu o efeito desejado: amedrontar a fera. Infelizmente não é boa a situação física e moral do Dr. Prudente. Uma impertinente febre palustre o tem enfraquecido de uma maneira desanimadora. Moralmente êle se acha sucumbido.

O Congresso tem se portado muito mal. Move-se uma oposição surda ao Presidente, que se tem traduzido na recusa à anistia, de que êle precisava, na aprovação do Prefeito e em outros projetos, que todos visam a exautoração ao Govêrno. Finalmente agora, a morte desastrada de seu filho mais velho ainda mais o acabrunha.

Parece, entretanto, que se o Dr. Prudente restabelecer-se e readquirir o vigor de que carece, as cousas marcharão melhor e êle há de alcançar o seu *desideratum*. Para cúmulo de caiporismo até o Rodrigues Alves anda quase inválido, de sorte que os negócios estão se atrapalhando de uma maneira horrorosa.

O *Jornal* vai bem; numa pletora de matéria paga de fazer morrer de inveja a *vizinhança.*

O Quintino está arregimentando gente no Senado, e tem conseguido seus fins, porém os outros compreenderão afinal que era tempo de se unirem e a agremiação está feita e parece forte.

Brevemente ensaiaremos sua fôrça no caso dos aspirantes.

O Marechal vai mal e sua morte é cousa esperada, até mesmo pelos seus devotos.

O manifesto político do Clube Militar é uma prova disso: já se preparam para *zelar religiosamente a sua santa memória.*

Estou convencido de que o desaparecimento dêsse homem é uma necessidade de ordem pública; interessa à salvação da República e, portanto, do Brasil.

Apesar disso, os mais teimosos ou cegos dos seus sequazes o querem eleger senador, na vaga do Saldanha Marinho.

Tenho para mim que a derrota dessa candidatura é infalível.

O Glicério é que anda abusando indignamente da confiança do Presidente, que aliás ja tem prova *escrita* de tudo. Em *várias*, o *Jornal* tem descoberto o jôgo (a pedido do Presidente), esclarecendo assim a opinião dos que sinceramente apóiam o Govêrno.

Por ora é o que lhe posso referir.

Desejando a continuação de sua saúde, aqui fico ao seu dispor, porque sou

am.º af.º e obr.º

F. Gonzaga

I — 3, 2, 82

127.

Rio de Janeiro, 13 agôsto 1895.

Amigo Dr. Rodrigues.

Acabo de ler seu telegrama pedindo notícias do Rio Grande, cuja resposta redigi.

Aproveito a mala para lhe dar maiores informações.

Os federalistas propuseram depor as armas, mediante as seguintes condições: garantia de propriedades e de tôdas as regalias constitucionais; ressalva de pedido de indenização pelos prejuízos que lhe causaram as fôrças legais, e reorganização do Estado de acôrdo com a Constituição Federal.

O Presidente aceitou as duas primeiras bases, não fazendo o mesmo quanto à 3.ª por lhe falecer competência para tanto. Em carta ao General Queirós exortou-o a que instasse com os rebeldes para que deponham as armas, certos de que o Govêrno lhes garantia as vidas, propriedades e regalias, prometendo, outrossim, nomear mais juízes federais no Rio Grande, auxiliar as indústrias por meio do Banco da República, e dando a entender que, depostas as armas, o Congresso anistiará os rebeldes e promoverá a reorganização. Neste último sentido estão apalavrados os chefes dos grupos em que se divide a Câmara e o Senado. Espera-se que no dia 15 haja a conferência definitiva entre o Tavares e o Queirós. Ontem o Castilho telegrafou ao Presidente (que lhe dirigiu carta enérgica nesse sentido) prometendo inteira obediência e auxílio as providências do Govêrno, com as quais está de acôrdo. O Queirós tem prestado relevantes serviços, já conduzindo com extrema habilidade as negociações. já reduzindo as despesas pela dispensa dos patriotas; reorganizando enfim o exército de acôrdo com as leis e necessidades militares. Sacudiu fora inteiramente a tutela do Castilho e colocou-se altiva e nobremente no pôsto que lhe

foi confiado. Se os federalistas confiarem, como devem, nas garantias que lhes oferece o Dr. Prudente, a paz será um fato, e oxalá já se tenha ela realizado quando esta carta lhe chegar às mãos.

Em estado muito melindroso estão as questões do Amapá e da Trindade. Pelos documentos que o *Jornal* hoje publica verá o estado da primeira. Quanto à Trindade, os inglêses só a querem entregar depois que o nosso Govêrno lhes prometa permitir que ali se coloque o cabo telegráfico. O Govêrno Brasileiro quer que êles primeiro desocupem a ilha, para depois poder tratar a outra questão, que é a principal para êles, que só almejam ter ligações telegráficas diretas com o Prata, sem pagar ao Brasil as taxas de trânsito, que se elevam a mais de 200 contos por ano.

Internamente vai tudo sem novidade; os elementos *antigos* encolheram-se e, ou conspiram (o que não creio), ou estão resignados. O Rangel Pestana está furioso com o Rodrigues Alves porque no relatório passou de leve sôbre o Banco, provando assim que tinha em pouca conta a atual direção. Creio que nesse sentido queixou-se ao Prudente, mostrando-lhe novos desejos de retirar-se.

É o que há de mais importante, que lhe comunico neste estilo telegráfico, por não ter tempo para mais, e escrevendo em lugar escuro.

Faço votos pela continuação de sua saúde, e me subscrevo

m.º af.º e m.^to^ grato

F. Gonzaga

I — 3, 2, 83

128.

Capital Federal, 22 de outubro de 1895.

Dr. Rodrigues.

Mostrei ao Presidente o telegrama. Êle lhe manda agradecer a notícia, embora não creia muito que seja favorável a solução. Está resolvido a *romper* com a Inglaterra, caso esta mantenha a violência praticada.

Admirou-me a parte final de sua carta. Recebi hoje carta de meu cunhado, datada de 5, em que me anuncia ter recebido o seu convite e o haver aceitado.

Sempre

am.º e obr.º

F. Gonzaga

I — 3, 2, 84

129.

Capital Federal, 23 de outubro de 1895.

Amigo Dr. Rodrigues.

O Presidente agradece a sua notícia. Não há *ameaças*, como sabe, mas o Presidente entende que nesse ponto é que nós poderemos feri-los, observando contudo a *tática* e *diplomacia*, a que o Sr. alude, e com a qual êle concorda.

Que interpretação dá o Sr. ao fato de querer o Phipps retirar-se agora, com licença? Receará uma decisão contrária ao nosso direito, e quererá destarte evitar o vexame de receber os passaportes?

A notícia de hoje a êste respeito deu-me que pensar, não tendo também escapado ao Presidente.

Do am.º obr.º

F. Gonzaga

I — 3, 2, 85

130.

Amigo Dr. Rodrigues

O Ministro da Guerra estêve hoje no Morro. *Reservado*: O Presidente não dá a demissão pedida pelo Carlos Machado. Pode noticiar, entretanto, a cousa de um modo velado. Parece certo que sairá o Besouro do gabinete do Vasques. Nada mais.

Sempre
am.º af.º obr.º

F. Gonzaga

21-3-96

I — 3, 2, 86

131.

Confidencial

Capital Federal, 20 de novembro de 1896

Amigo Dr. José C. Rodrigues.

O Dr. Manuel Vitorino queixou-se-me hoje, muito na intimidade, da frieza do *Jornal* para com o seu govêrno; frieza que, disse êle, várias pessoas têm notado.

Disse-me que no momento crítico por que passa o país, e com as dificuldades que assoberbam o govêrno, não pode êle prescindir do apoio do *Jornal*, que tem sido órgão governamental, sustentando sempre e animando o Dr. Prudente. Disse-me também que a alta dos títulos brasileiros em Londres foi determinada por notícias e informações de fonte oficial, por êle expedidas para lá, e não a custa do Azevedo Castro, conforme disse o correspondente telegráfico do *Jornal* naquela cidade.

Alega igualmente ter concorrido nestes últimos dias para a melhor solução da questão italiana, da qual o Dr. Prudente não tem conhecimento desde 29 do mês passado. Transmito-lhe estas opiniões do homem, para seu govêrno.

Sempre

Am.º af.º obr.º

Feliciano Gonzaga

P.S. Quanto a ministério, a chapa mais provável é a seguinte: Fazenda, Rosa e Silva; Interior, Bernardino; Marinha, Baltazar; Indústria, Dionísio; Exterior, Alberto Tôrres. Entretanto, talvez ainda seja modificada, menos quanto ao Bernardino.

I — 3, 2, 87

132.

Rio, 16 de março de 1897.

Amigo e Sr. Dr. J. C. Rodrigues.

Só hoje posso lhe dirigir estas linhas, quando vejo mais tranqüila a nossa atmosfera política, e por outro lado mais animado me sinto depois do grave acesso de febre, que quase ia vitimando minha mulher, que ainda se acha de cama.

Foram dias terríveis para mim, de penosas impressões domésticas, e de graves apreensões públicas. Felizmente estão serenos os horizontes.

Soube do que se tramava contra sua pessoa e o *Jornal* pelo Dr. Caldas Viana, quando se dirigia ao Amaro a solicitar providências.

Para logo fui à Polícia e dei as providências ao meu alcance, as quais foram depois ampliadas pelo Dr. Borges Monteiro, que, ainda mais tarde e conjuntamente com o Coronel Morais, transmitiram à Polícia as ordens terminantes e escritas do Dr. Prudente, no sentido de proteger-se sua pessoa e o *Jornal*.

Dou testemunho do grande, do vivo interêsse do Dr. Prudente e do Dr. Amaro, que foram auxiliados com tôda a sinceridade pelos Drs. André, Carijó e

Coronel Travassos. Todos se empenharam em fazer respeitar o *Jornal* e para o Maurício e Porciúncula não foram poucos os telegramas em que se recomendava a sua pessoa.

Estivemos todos sempre alerta.

O principal motivo de má vontade atual contra o *Jornal*, além dos ódios antigos, é a atitude que teve o *Jornal* em relação ao Vice-Presidente. Os radicais não perdoam os amigos do Presidente, e, como se tomaram de amôres pelo Vice, não querem ver nas críticas aos atos dêste senão uma prova de oposição à República. O Sr. compreende bem de que processos lógicos usam êstes desvairados.

Felizmente a crise melhorou, e como o exército dentro em pouco pacificará a Bahia, a cousa acabará bem.

O Dr. Filipe, diretor dos Telégrafos, que chegou ontem da Bahia, deu-nos exatas notícias da situação, que não é tão feia como parece; a expedição de agora positivamente vencerá os rebeldes.

A outra expedição fracassou por inépcia e mêdo do Tamarindo, que não teve coragem de manter a posição conquistada pelo César, que chegou a ocupar a praça. Morto César, aquêle Coronel resolveu, contra o voto da oficialidade, abandonar a posição e na retirada houve aquêle tremendo revés.

Desta vez a cousa não se fará assim.

Desejando-lhe saúde, aqui fico ao seu dispor. Diga-me com franqueza o que deseja.

Sou, sempre,

am.º af.º obr.º

Feliciano Gonzaga

I — 3, 2, 88

EDUARDO PRADO

133.

15 março

Meu caro Rodrigues

Quanto estou obrigado a você pelo muito que tem feito por mim! Tanto mais quanto vejo o empenho que V. faz em me servir e a dificuldade que você encontra.

Pelo que V. me diz vejo:

1.º — Que V. vendendo agora as suas City Improvements perderia £ 60.

2.º — Que V. estimaria guardar as suas ações do London & River Plate Bank, porque naturalmente V. espera que elas subam.

Não poderia V. aceitar as seguintes condições: —?—
1.ª — Quanto às £ 60 que V. perde nas City Improvements acrescentar essa soma ao valor das letras.
2.ª — Se no momento em que eu saldar a minha dívida as ações do River Plate estiverem acima de £ 33, preço pelo qual V. as venderia agora, eu me comprometo a entrar com a quantia necessária para completar o preço do momento o que habilitará V. a comprar de nôvo as ditas ações —

Quanto ao pagamento nos dias dos vencimentos posso afirmar que será exato. O dinheiro é destinado a 3 ou quatro cousas e por isso prefiro que V. faça a remessa a mim mesmo. Prefiro que V. divida a soma em três partes iguais, correspondendo a três letras. 1 vencendo-se em fim de maio, outra em fim de junho, outra em fim de julho. A quantia de £ 2,175 de que V. fala-me será suficiente para o que eu quero. O juro deverá ser adicionado ao valor das letras.

Creio que nessas condições evitarei a V. o prejuízo e se V. aceita-as peço-lhe que mande-me as letras para eu assiná-las e quanto ao lugar do pagamento deverá ser em Paris. Aqui estarei para o vencimento da primeira letra, pois em vista do que me tem dito o Martinico esperarei pelo Antonico que aqui estará em princípios de maio. Para o pagamento das outras providenciarei a tempo.

Martinico que estêve morando comigo partiu ontem para a Itália donde deve voltar a 22 ou 23.

Vou telegrafar a V. dizendo-lhe que espere esta carta do seu muito afetuoso

Eduardo Prado

[3 Rue Casimir Périer,
Place Sainte Clotilde.]
[1866] I — 3, 4, 26

134.

20 março

Meu caro Rodrigues.

Recebi a sua segunda carta e vejo que realmente V. não me pode mandar daí as letras; peço-lhe porém que mande-me a fórmula que eu aqui transcreverei e mandarei pela volta do correio em três letras.

Já recebi o cheque de fs. 50.000 no banqueiro Mallet.

Não preciso mas devo repetir quanto fico obrigado a V. por tudo isto. Esquecia-me de dizer-lhe que necessito também de conhecer o algarismo exato incluído juro e a diferença que V. teve e sofreu com a venda.

Devolvo aqui o *memorandum* do seu corretor e fico à espera da sua resposta para lhe enviar as letras.

———

O Martinico aqui deve chegar amanhã ou depois partindo logo para Londres.

Correram por aqui novos boatos da saída do Rui e do Quintino. Disse-me que o substituto do Rui seria o Ferreira de Araújo.

O Eça de Queirós pede-me que insista junto a V. pelo seu artigo em favor da República.

Adeus. De nôvo muito obrigado do seu afetuoso

Eduardo Prado

[3 Rue Casimir Périer,
Place Sainte Clotilde].
[1886] I — 3, 4, 27

135.

3 rue Casimir Périer

5 abril

Meu caro amigo,

Mando-lhe a letra de £ 609 conforme me indica na sua carta de ontem. Fico-lhe muito obrigado. Não me esquecerei da data do pagamento e estarei preparado para êle.

Quando tiver descontado a letra compre aí dinheiro francês mandando-me um cheque sôbre um banco de Paris. Os francos ficam mais baratos em Londres do que em Paris quando aqui se tem de trocar dinheiro inglês. Assim £ 100 que passei de Londres para Paris no outro dia renderam-me frs. 2532, e depois disso outras £ 100 que aqui troquei renderam só frs. 2500.

O Penedo chegou ontem. Eu não fui à estação com o que talvez fique êle maçado.

Lembranças ao V. de Arinos.

Do seu m.to af.o

E. Prado

[1886] I — 3, 4, 28

136.

Paris, 24 de julho

Meu caro amigo.

Acabo de receber três cartas suas uma incluindo a carta de crédito e outra a carta do Baring que devolvo com a devida declaração.

Pelos têrmos da carta de crédito vejo que posso sacar aqui de Paris o que torna desnecessárias as £ 150 de que lhe falei. O primeiro saque que espero é de £ 80 e deve chegar à Legação no dia 1.º. Se pudesse adiantar-me o valor dêsse saque com o que eu tirar daqui da carta de crédito fico perfeitamente arranjado. Em setembro receberá um saque de £ 80. O de outubro será maior e o de novembro, que sairá do Brasil quando lá já houverem chegado as minhas cartas será de quantia maior talvez do total da carta de crédito.

Vou hoje fazer a procuração na Legação e mando-lha talvez hoje mesmo.

Entro agora numa roda viva de arranjos.

Como lhe agradecer tanta bondade [incompleta]

[*Sem assinatura*]

[1886] I — 3, 4, 29

137.

Paris, 27 julho

Meu caro amigo

Realmente eu não sei me explicar. Vou dizer-lhe como arranjei o negócio:

No dia 30 saco de Paris £ 40. De New York saco outras £ 40 e mando-lhe uma ordem para receber de Fry, Niers & C.º, Suffolk House 5 Laurence S.t Pountney Hill, London umas £ 20 da *Gazeta de Notícias.*

De São Francisco faço um saque de £ 50; é provável que então já tenha chegado a letra de setembro. Quanto aos saques do Japão e da China como chegam mais demoradamente a Londres já encontrarão aí uma letra maior e que o desafogará. Serve?

Estou realmente confuso do trabalho que lhe estou dando e da minha precipitação.

Estou ainda em dúvida se partirei pelo *Champagne*. Vou hoje à Legação da China indagar se o tempo consente um adiamento de uma semana.

Do seu af.º

E. Prado

P.S. Vou agora ao Consulado para a procuração.

[1886] I — 3. 4, 30

138.

28 julho

Meu caro amigo

Está decidido. Parto pelo *City of Rome* que sai de Liverpool no dia 4 de agôsto.

Aí mando-lhe a procuração. Reclame se faltar qualquer cousa.

Já escrevi ao William da Legação dizendo-lhe que dora em diante tudo que vier para mim deverá ser dirigido para 43 Victoria Road. Basta esta ordem e fica-lhe ainda nas mãos esta carta pela qual peço-lhe que tire na Legação tôdas as minhas cartas. Não lhe será difícil reconhecer pelo lacre e pelo carimbo as do Banco do Brasil. Abra-as para os devidos fins. As outras, assim como jornais remeta-me, peço-lhe até meados de setembro para Hong-Kong China — Posta restante e depois disso, se não receber instruções para Calcutá via Suez posta restante.

Escrevo-lhe ainda antes de partir.

Como agradecer-lhe tudo?

Do seu af.º e grato

E. Prado

[1886] I — 3, 4, 31

139.

Paris, 29 julho

Meu caro amigo.

Aceito com muito prazer as cartas do Youle. Desejaria obter cartas especialmente para a China, para a casa Jardine, de Xangai e Runell que tem es-

tabelecimento em todo[s] os *treaty ports.* Já sabe da minha partida por Liverpool. Terei o desgôsto de passar por Londres em Chemy Crown pelo expresso de Paris das 6 horas da manhã: digo desgôsto porque apenas terei tempo de ir tomar o primeiro trem para Liverpool e não terei porém ocasião de ir dar-lhe um abraço.

Previno-o de que deve receber de Portugal um cheque a meu favor que andará por umas £ 8.

Ainda espero ter notícias suas antes de ser levado *Westward,* como diria o Alcoforado, pelo *City of Rome.*

Adeus. Do seu muito afetuoso

Ed. Prado

[1886] I — 3, 4, 32

140.

1 agôsto

Meu caro amigo.

Estou com tudo pronto para partir depois d'amanhã à noite pelo trem das 7.40. Desembarco em Victoria Station e daí vou a Euston tomar o trem das 10 para Liverpool.

As cartas de recomendação, se pôde obtê-las pode dirigi-las para bordo do "City of Rome" em Liverpool.

Espero que já tenha recebido o saque de £ 80.

Farei o possível para sacar a menor quantia possível em New York.

Agradeço-lhe mais uma vez tanta cousa.

Do cheque que lhe devem os Fry-Niers deduza o meu amigo as £ 7 que lhe devo.

Do seu af.º

Ed. Prado

[1886] I — 3, 4, 33

141.

2 agôsto.

Está feito, meu caro amigo. Amanhã pelo trem das 7.40 da noite parto; chego às 6, a Victoria Station e às 10 (creio) parto de Euston para Liverpool.

Os recibos da *Gazeta,* como a carta para Fry, Niers, & C.º, 5 Lawrence Street Pountney Hill, mando de Nova York.

Sem tempo para mais. Seu afetuoso e grato.

E. Prado

[1886] I — 3, 4, 34

142.

19 setembro 86

Meu caro amigo

Aqui estou nesta cidade dos antípodas onde vim encontrar uns restos de inverno. Fiz uma boa viagem de São Francisco até cá e agora disponho-me a visitar sumàriamente a Nova Zelândia passando em seguida à Austrália.

Em Batavia espero encontrar cartas. Que prazer!

Esta carta deve seguir pelo *Rinsutaka* que [,] via Rio de Janeiro [,] parte amanhã de Lyttelton na costa oriental. São horas de fechar-se a mala e por isso sou breve.

Espero que as letras tenham chegado aí em tempo útil e que não terei transtornado a sua vida.

Pelo seguinte correio escreverei minuciosamente.

Adeus. Receba um abraço de seu af.º e grato

Ed. Prado

I — 3, 4, 35

[Auckland, N. Z.]

143.

Colombo, 6 dezembro 1886

Meu caro amigo

Esta carta que lhe há de chegar às mãos em princípios de janeiro leva os meus sinceros — *Compliments of the season.* De Cingapura escrevi, muito às pressas, um cartão postal; por êle preveni o meu amigo da remessa de um pacote (pelo correio) que terá a bondade o meu amigo de remeter ao Sr. Conselheiro Diogo Velho em Paris. Dou-lhe mais êsse incômodo porque não pude fazer a remessa direta visto não existir o serviço de pacotes postais entre as colônias inglêsas e a França.

Deverá ter recebido o meu telegrama — Calcutta — relativo à remessa das minhas cartas. Creio também que terão chegado as 2 letras de £ 500 que me

anunciaram do Brasil. De fevereiro em diante começará de nôvo o meu amigo a receber novas cartas com letras mensais que serão tôdas de ora em diante de £ 100.

Estou hesitando muito: se vá ou não à China e ao Japão desta vez. Em todo caso não partirei para êsses países antes de fevereiro e como é provável que por êsse tempo a minha *carta de crédito* esteja bastante *entamée* pergunto ao meu amigo: Ser-lhe-á possível, ao receber esta carta, obter-me uma outra carta de crédito de £ 1200, cujos saques serão pagos com as remessas das £ 100 de fevereiro em diante? Previno-o que não começarei a sacar pela nova carta antes de maio ou junho, pois até lá chegará o dinheiro que tenho e que só desfalcarei por algumas compras. Peço portanto ao meu amigo que dê os passos necessários com a diligência e bondade costumadas e que faça-me, *em todo caso,* um telegrama para Bombaim dizendo-me *Yes* ou *No* — O telegrama deverá ser dirigido ao *Hotel Watson.* Se eu estiver resolvido a pedir-lhe esta carta — telegrafo-lhe dizendo-lhe duas palavras — (1.ª) *Credit* e 2.ª — Nome do lugar para onde peço-lhe que mande a tal carta, Madras, Colombo && — pela 1.ª mala partindo de Inglaterra. — Se o meu amigo receber um telegrama só com o nome de lugar está entendido que refiro-me só às *cartas ordinárias.*

Fiz boa viagem de Cingapura até cá. Pretendo visitar um pouco Ceilão e partir depois para Calcutta.

Nesta carta vai o recibo que me deram em Cingapura pelo pacote a que me refiro em comêço.

Como, como, pergunto ainda agradecer-lhe a sua bondade?

Lembranças aos amigos.

Escrevo ao Penedo e ao Youle.

Do seu obr.º e afetuoso

Ed. Prado

A carta de crédito, se tiver de vir, deverá vir *registrada,* posta restante — para o lugar designado no telegrama.

I — 3, 4, 36

FRANCISCO INÁCIO CARVALHO MOREIRA, *BARÃO DO PENEDO*

144.

Londres, 14 de outubro de 1884

Il.mo Sr.

De ordem de sua Majestade o Imperador tenho a honra de agradecer a V. S.ª o número do *Times,* contendo um artigo sôbre a emancipação dos escravos no Brasil, que V. S.ª fêz chegar às mãos do mesmo Augusto Senhor.

Ofereço a V. S.ª os protestos da minha particular estima e distinta consideração.

Barão do Penedo

Il.mo Sr. José Carlos Rodrigues.

I — 3, 3, 88

145.

Royat

Hotel Chabassière, 16 de agôsto 85

Meu caro Dr. Roiz

Mandei-lhe o meu nôvo enderêço logo que aqui cheguei — espero tenha recebido o meu telegrama.

Como até hoje não tenho tido notícias de sua fonte — suponho que nada tem de nôvo que dizer-me, nem quanto a Vespúcio, nem quanto a Vanderbilt. Êste escreveu-me, e diz-me que já o vira — e que virá fazer-me uma visita em breves dias. Veremos o que êle me conta.

Dê-me notícias suas, e tenha saúde e divirta-se

Sou como sempre

Seu amigo af.º

Penedo

I — 3, 3, 89

146.

Royat

Hotel Chabassière, 17 de agôsto 85

Meu caro Dr. Rodrigues.

Ontem de manhã mandei-lhe duas linhas, e de noite recebi a sua carta de 15, que lhe agradeço.

O seu conteúdo não me surpreendeu sòmente assombrou-me!

Nunca pensei que a enfatuação e a loucura daquela gente fôsse tão longe!! O nosso amigo escreveu-me que viria à Royat em breves dias — muito estimarei

vê-lo — mas desde já duvido do resultado. Em todo caso aguardo a sua comunicação depois da sua entrevista com êle.

Recebi uma carta do meu amigo M.r Schlesinger, dizendo-me que ainda não havia recebido uma palavra sua. Eu creio haver-lhe dito que êle deveria pedir-lhe uma entrevista. Talvez eu esteja em êrro. Assim melhor será que V. lhe escreva dizendo-lhe que está à sua disposição *a pedido meu*. Neste sentido vou responder-lhe.

Vejo pelos jornais do Brasil que um certo Lopes e outros pediram, e obtiveram um Banco (Hipotecário) para a Província de Pernambuco, suponho que nas mesmas condições do de S. Paulo.

Muito sinto que o Sr. Castro se tenha julgado ofendido pelo modo por que lhe falei na última entrevista que com êle tive, segundo me diz S. S.ª na carta à que respondo.

Fazendo exame de consciência, não sei *como* e *por que* eu o poderia ter ofendido a êsse amigo. Falei-lhe talvez com frases breves, quando me achava *sous le coup de feu* da expedição do meu correio — mas disse-lhe, quanto à matéria, o que eu devia dizer-lhe, e que só por extrema susceptibilidade sua poderia molestá-lo. Em todo caso, tal não foi minha intenção, o que sinceramente lhe afirmo. No pé de boa amizade em que vivemos, *por que motivo*, e *para que fim*, poderia eu ofendê-lo? Quando eu o vir, isto mesmo lhe repetirei; e peço a S. S.ª que lhe leia êste tópico da presente epístola, que espero êle aceitará no mesmo espírito com que o escrevo. Diga-lhe finalmente de minha parte que desejo lhe não seja prejudicial o telegrama que êle acaba de receber e que o põe fora de combate.

Adeus — Minha mulher e filha lhe agradecem as suas lembranças.

Seu amigo af.º

Penedo

I — 3, 3, 90

147.

Segunda-feira

Meu caro Sr. Roiz

Desejo muito vê-lo. Se puder vir jantar amanhã às 7 ½ far-me-á favor.

Seu amigo

Penedo

I — 3, 4, 1

148.

Segunda-feira

Meu caro Dr. Roiz

Se não tem cousa melhor, venha jantar conosco hoje às 7 ½.

Seu amigo
Penedo

I — 3, 4, 3

149.

Quarta-feira

8 de julho

Meu caro Sr. Roiz

Acabo de receber um telegrama do meu amigo do Rio — dizendo — que "conforme minhas notas de 26 [de] fevereiro (?) aceitam milhão e setecentos mil libras em ações da Companhia Inglêsa que emitira oitocentos mil para resgate de debêntures papel assinado a responsabilidade do empréstimo ouro-existente".

Não acho aqui as tais notas de *26* de fevereiro. São talvez — seguramente — as que V. tem dadas ùltimamente por mim ou do seu copiador. Queira atender a isso — e trate de digerir o telegrama — para falar-me amanhã.

Seu amigo
Penedo

I — 3, 4, 6

150.

Sexta-feira

Meu caro Sr. Rodrigues.

Preciso muito vê-lo hoje na Legação sôbre a publicação do *Times*. Que confusão fêz o artigo do *Times!* Venha ver-me na Legação, ou em casa esta noite.

Seu amigo
Penedo

I — 3, 4, 2

151.

Sexta-feira, 7. p. m.

Meu caro Sr. Rodrigues

Acabo de receber um telegrama de meu amigo do Rio dizendo-me que eu lhe *telegrafe,* isto é, lhe diga com urgência o que há sôbre a Leopoldina.

Peço-lhe que me fale amanhã na Legação — depois das 2 ou 3.

Até lá.

Seu amigo

Penedo

I — 3, 4, 4

152.

Sexta-feira.

Meu caro Sr. Rodrigues

Acabo de receber resposta ao meu telegrama sôbre a L. — e é a seguinte — *Compreendido Debêntures.*

Assim creio que a resposta é mais à feição do que se deseja. Até amanhã.

Seu amigo

Penedo

I — 3, 4, 5

JOÃO ARTUR DE SOUSA CORREIA

153.

Roma, 6 de março de 1890.

Palazzo Mignanelli

Confidencial

Meu caro amigo,

Acabo de receber a sua amável carta de 3 do corrente.

Suponho que realizar-se-á em breve a minha ida para Londres, à vista do telegrama que ùltimamente mandou-me o Wandenkoek (?) dizendo: "Prepare-se partir primeiro aviso". — Entretanto peço-lhe de *nada dizer* à gente da Legação. Devo pensar que o Govêrno não pode querer que eu me mova antes da chegada do Arinos, de outro modo ficaria esta Legação sem ninguém — visto como o Secretário, doente, acha-se com licença. Seria um desacato ao Papa, e além disso a quem havia de deixar os arquivos? Eis assim a explicação da demora, a qual aliás convém-me, porque tendo vindo a minha mãe passar o inverno comigo, não desejaria pô-la a caminho para o Norte antes do bom tempo.

Muito estimei a sua volta para Londres encarregado de comissões importantes, e conto absolutamente com a sua preciosa coadjuvação. Com certeza havemos de viver na melhor harmonia.

Apreciei devidamente a sua carta ao Rui Barbosa, publicada no *Diário Oficial,* e no *memorandum* que estou preparando para mandar-lhe, logo que tiver notícia oficial da minha remoção, digo o seguinte a respeito da Delegacia:

"Concordo inteiramente com as considerações da luminosa carta que a V. Ex.ª dirigiu em 21 de janeiro último o Dr. J. C. Rodrigues sôbre a conveniência da supressão da Delegacia do Tesouro em Londres, devendo êsse serviço ficar também inteiramente destacado da Legação. O Govêrno, quando estabeleceu a delegacia em Londres, pensou realizar uma economia, visto como não teria de pagar aos agentes financeiros a comissão fixada no contrato pelas compras. Não se lembrou, porém, que para passar ao crédito da Delegacia as quantias necessárias para êsse fim, igualmente teria de pagar aos agentes a respectiva comissão fixada no mesmo contrato. Além disso, tratando-se de encomendas de qualquer espécie, os agentes financeiros com os numerosos e hábeis corretores que empregam, dispõem de meios que não estão ao alcance do Delegado, sem experiência do mercado para verificar o valor exato dos gêneros, e que, limitado nos seus meios de informações, fàcilmente pode ser iludido. É certo também que os corretores não podem abusar dos Rothschilds, pois seriam em breve despedidos perdendo comissões remunerativas; e que os Rothschilds, recebendo comissão fixa, teriam o maior escrúpulo em satisfazer do melhor modo as encomendas do Govêrno, devendo aliás manter a grande reputação de honradez de sua antiga e estimável firma.

Quanto à escrituração da contabilidade em português, pagamentos ao Corpo Diplomático, &, o Tesouro poderia deixar em Londres um dos empregados da antiga Delegacia, ao qual a casa Rothschild proporcionaria os meios convenientes para o trabalho de que fôsse incumbido, em lugar separado do seu vasto escritório, segundo já ofereceram.

Agradeço a sua oferta para telegrafar ao Rui Barbosa, e se fôr necessário dela me aproveitarei.

Creia-me sempre

Seu am.º e cr.º obr.º

A. Correa

I — 3, 2, 22

154.

Waterloo Hotel, 22 de julho / 90

Meu caro amigo

Senti não estar em casa quando foi lá ontem.

Sôbre o reconhecimento não respondi a sua carta de Paris porque nada podia adiantar. Espero que o Govêrno se convencerá de que fiz o que pude e obtive o que era possível. Não se pode exigir que a Inglaterra, fundando-se em precedentes, faça pelo Govêrno Provisório mais do que fêz pelos Governos Provisórios da França e da Espanha. — De conformidade com a prática da Côrte d'Inglaterra — a Rainha não recebe nem dirige cartas ao Chefe de um Govêrno que *a si próprio* se denomina de Provisório. Entretanto Lord Salisbury dirigiu-me uma Nota amável que lhe quero mostrar na primeira ocasião, bem como o meu ofício ao Govêrno. Se puder jantar comigo na 5.ª feira, as 8 h, no S.t James Club falaremos a êsse respeito.

O Secretário do *Stock Exchange* escreveu-me para saber se por algum Decreto dispensou o Govêrno os Bancos *já existentes* de realizar dous terços do seu capital no Brasil. Nada encontrei no *Diário Oficial,* a não ser uma comunicação datada de 6 de junho que antes parece confirmar a exigência do Govêrno quanto às sociedades ou companhias anônimas bancárias. Se souber alguma cousa a êsse respeito lhe ficarei agradecido de mo dizer.

Creia-me sempre

Seu af.º am.º cr.º

A. Correa

I — 3, 2, 23

155.

Londres, 18 de outubro 1895

Meu caro amigo

Junto lhe mando um telegrama que há dias veio parar na Legação e que lhe é destinado.

Soube por telegrama particular que no dia 13 o *Jornal do Comércio* publicou um artigo sôbre a Trindade e agradeço-lhe cordialmente as boas ausências que fêz da minha pessoa. O malfadado negócio não foi ainda resolvido apesar dos meus grandes esforços para apressar o primeiro Ministro da Inglaterra que ora ausente, ora doente, mostra-se pouco acessível. Quer parecer-me também que o Phipps não o tem bem informado sôbre os graves inconvenientes de maiores delongas. Todavia espero uma solução boa ou má a todo momento.

Recebi o seu telegrama de Lisboa a respeito da crise presidencial que tenho acompanhado com grande ansiedade. Os jornais de hoje dizem que o Senado aceitará provàvelmente a nova emenda da Câmara com a cláusula excluindo durante 2 anos do Exército os oficiais anistiados. Em breve saberemos.

O Girardot tem me procurado e teve em *New Court* a confirmação das notícias financeiras que por telégrafo mandou ao *Jornal*. Não as podia ter de melhor fonte. A respeito de Minas tem-se falado do empréstimo que deseja fazer êsse Estado e pelo qual já teve propostas de Paris, mas de fato não há negociações entabuladas. Creio que espera-se ocasião mais oportuna e a pacificação completa no Brasil.

O artigo junto do *Globe* sôbre diplomacia por ocasião do discurso de Sir Edward Malet, que foi aqui muito comentado pela imprensa — pode ter algum interêsse para o *Jornal*.

Creia-me sempre com mui particular estima

Amigo af.º seu e obr.º

S. Correa

I — 3, 2, 24

156.

Londres, 1.º de setembro de 1896.

Meu caro Amigo

Sinceramente agradeço a sua carta de 12 de agôsto. Sei tudo quanto lhe devo bem como à sua boa amizade e constante lealdade nas nossas velhas relações. Sabe também que pode inteiramente contar comigo.

Se achou o Presidente prevenido contra mim, a culpa era de quem, conhecendo tôdas as circunstâncias, tinha obrigação de defender-me e não o fazia.

Sem imodéstia posso dizer que se eu não tivesse procedido sob a minha responsabilidade e iniciativa, pois nenhum apoio me vinha de lá, nem chegavam as instruções anunciadas, jogando o Ministro a cabra cega comigo, o negócio da Trindade teria ficado sepultado para sempre, como o das Ilhas Malvinas. Foi preciso que eu remexesse céus e terra para dar nôvo andamento às negociações, pois, apesar da boa vontade que mostrava-me Lord Salisbury, nenhuma tinha êle para com um Ministro a quem não podia deixar de exprobrar reiteradas faltas de simples cortesia — ora não dando resposta alguma a propostas que êle, Salisbury, me havia feito confidencialmente, sem mesmo delas informar ao Phipps — ora anunciando instruções que não mandava, e finalmente, tratando com a maior sem-cerimônia o Primeiro Ministro da Inglaterra na negociação, aqui entabulada comigo em relação ao incidente de Uruan. "Parece que estamos a representar uma opereta de Offenbach", disse-me uma vez Lord Salisbury.

Diz-me V. que os Jacobinos estão furiosos com a idéia de dever-se a conclusão da questão da Trindade a Portugal. Entretanto, quem *solicitou* a mediação de Portugal foi um dêles.

Lord Salisbury tinha sugerido a Rainha de Espanha e eu, o Presidente do Chile. Sem responder a essas sugestões, segundo seu costume, o Sr. Carvalho sondou o Govêrno Português, que aceitou, fato aliás do qual só fui informado particularmente pelo Foreign Office. O Govêrno Português sondou então o Inglês, que não fêz objeção. Entretanto, não sei por que razão, durante dous meses e meio ficaram as negociações em suspenso — até que, de acôrdo com Lord Salisbury, vi-me obrigado a telegrafar de nôvo ao Sr. Carvalho para dizer-lhe terminantemente que se Portugal oferecesse *formalmente* a sua mediação, ou bons ofícios, (disso não fazia questão Lord Salisbury) e fôsse de opinião que a ilha pertencia ao Brasil, esta ser-nos-ia logo restituída incondicionalmente. Era bem evidente desde muito que Lord Salisbury "was only riding for a fall".

À vista disso, ficou tudo aqui combinado e o negócio concluído apressadamente pelo Soveral, (a quem eu havia prevenido) cuja posição estava então sèriamente ameaçada em Lisboa com os negócios do Transvaal — aproveitando-se êle dessa ocasião providencial para restabelecer-se na opinião pública.

Eis a verdade de tôda essa embrulhada que V. tão bem desenredou, pondo o dedo nas feridas, no seu magistral artigo de 6 de agôsto. Escusado é recomendar-lhe a reserva necessária com essas informações.

Mais uma vez muito e muito obrigado e sempre

Am.º velho e af.º

S. Correa

Estive com o Sr. Tito Ribeiro para quem farei todo o possível.

I — 3, 2, 25

157.

Londres, 6 de dezembro 1897.

Meu caro Amigo

Agradeço a sua carta de ontem — devolvendo as duas que a acompanharam. Foram para mim de grande interêsse — deitando muita luz sôbre a situação. Com efeito a conspiração jacobina militar é a mais provável, com a tradição da nefanda propaganda positivista oriunda na Escola Militar — que gangrenou diversas gerações. Aqui, como V. bem sabe, tenho um dêsses discípulos — que anda agora cabisbaixo. Deus dê ao Dr. Prudente a energia necessária para reprimir essas tentativas homicidas e anárquicas.

Logo que saiu no *Times* a notícia dada pelos Rothschilds da emissão das Letras do Tesouro, pela importância de £ 2.000.000 preveni logo o Girardot que mandou o respectivo telegrama ao *Jornal*. Isto foi no dia 27 de novembro. As letras já foram tomadas entre Londres e Berlim, a preço de 98 — tendo os R.[othschilds] contratado com o Govêrno a 97. Pela garantia dada sôbre o rendimento da Alfândega do Rio, o Govêrno estribou-se na lei 587, de setembro de 1850 e o empréstimo de £ 1.040.600 — realizado em virtude da mesma[,] em julho de 1852, com a garantia das Alfândegas. Tanto essa lei — como a do orçamento votado em 1896 — autorizaram o Govêrno a fazer as *operações de crédito que julgar necessárias* — sem referência alguma a garantias especiais. Os tomadores dessas letras exigiram agora que [,] das rendas da Alfândega do Rio[,] depositasse o Govêrno mensalmente em dous Bancos[,] que seriam por êles designados (foram o Banco Alemão e o Brasil & River Plate) [,] as somas equivalentes ao pagamento dos juros e amortização dêsses títulos. A exigência que ora se nos impõe é verdadeiramente o penhor mercantil, com tôdas as vantagens que o direito assegura ao credor pignoratício; é em suma o ponto fatal onde começa para o credor a desconfiança no devedor. Não teria sido melhor aceitar a proposta "Greenwood" — mudando em 5% a garantia de 6 — pedida? em vez de ficarmos reduzidos ao que já se fêz no Uruguai, e trata-se de fazer à Grécia depois da guerra com a Turquia!

O Henderson continua as negociações no Rio — mas sem êxito. Enquanto não alterarem as condições do Edital — duvido que haja outra proposta em condições de ser aceita pelo Govêrno.

Não deixarei de informar o Girardot do que ocorrer.

Desejando-lhe boa viagem e tôdas as felicidades — creia-me sempre disposto a prestar-lhe todo o auxílio que de mim depender como

Am.º af.º seu e obr.ᵐᵒ cr.º

S. Correa

I — 3, 2, 26

158.

Londres, 10 de dezembro de 1897.

55 Curzon S.t W

Meu caro Amigo

Duas regras para pedir-lhe o obséquio de incluir meu nome na subscrição aberta pelo *Jornal do Comércio* em favor da família do Marechal Bittencourt, pela quantia correspondente a £ 5, que lhe será paga no Rio pelo London & Brazilian Bank.

As últimas notícias do Brasil pouco adiantam a não ser que o Govêrno mandou fechar o Clube Militar. As câmaras devem ter sido encerradas ontem, com os orçamentos votados. Custa-me a brincadeira de 6 contos; mas não me queixo, a vista das nossas circunstâncias financeiras.

Recebeu o artigo do *Financial News* que lhe mandei sôbre o arrendamento da Central? Foi evidentemente manobra de bôlsa. Os Rothschilds não lhe deram a menor importância. Contudo recomendei ao Girardot que telegrafasse ao *Jornal* o resumo do artigo. Quis combatê-lo por meio de um telegrama Reuter, mas não me foi possível conseguir que essa agência o publicasse, *como dela,* conforme fêz tantas vêzes.

O que é certo é que presentemente há no Stock Exchange grande desconfiança contra o Brasil. Diversos corretores, amigos particulares meus, mo disseram com tôda franqueza, e se não fôsse o apoio que nos dão os Rothschilds, os nossos títulos teriam ido águas abaixo — de modo muito mais sensível.

Boa viagem e *good luck to you.*

Am.º af.º e obr.mo

S. Correa

Os Rothschilds, a quem avisei, mandam hoje £ 100 ao *Jornal* para subscrição Bittencourt.

I — 3, 2, 27

159.

Londres, 14 de janeiro — 1898

Meu caro Amigo

De posse do seu telegrama de 12 do corrente, escrevi logo ao Barão Herbert de Reuter, com quem tenho relações particulares, nos têrmos da sua recomendação.

Pela resposta dêle, que remeto em original, verá que anuiu — o que lhe mandei dizer hoje, por telegrama do Girardot.

Acho o plano excelente, embora não se preste o Reuter a publicar o que lhe parecer *defesa nossa pròpriamente dita,* sabendo por experiência que às vêzes recusou publicar telegramas que lhe mandei nesse sentido, para serem inseridos como *"Reuter"*.

Desde muito aconselhei ao Govêrno que entrasse em arranjo com essa Agência, conforme fazem quase todos os Governos. Mas fizeram ouvidos de mercador, não avaliando os benéficos resultados que daí poderiam resultar.

No dia 11 transmiti-lhe um telegrama, a pedido muito especial de Lord R. — Como deve saber, a nossa penúria vai se tornando perigosa, e sem o arrendamento não poderemos levantar o câmbio e restabelecer um pouco o nosso crédito. Sei as dificuldades que encontra o Govêrno, mas é questão de vida ou morte e de salvação, segundo pensa New Court.

Escapei, graças principalmente a Lord Salisbury, a uma remoção para Berlim, que aliás não teria aceito — e isso sem outra razão senão a de satisfazer ao Piza, que tornou-se impossível em Paris e só teve ali *fiascos.* Quiseram então mandá-lo para a nossa mais importante Legação, supondo talvez que pela influência dêle convenceria os Rothschilds de nos dar dinheiro mais barato!! Entretanto doeu-me a sem-cerimônia com que quiseram tratar-me, eu o decano do Corpo Diplomático e que tenho consciência de prestar em Londres alguns serviços — que talvez não seriam ao alcance de outrem. Sei que o Presidente não me tem boa vontade, mas não posso atinar com o motivo.

Adeus, meu caro Rodrigues, e creia-me sempre

Am.º af.º seu e obr.mo

S. Correa

Aí vai a publicação do seu telegrama, o do *Times* do mesmo dia e um artigo do *St James Gazette* de ontem.

I — 3, 2, 28

160.

Londres, 21 de janeiro/98

Meu caro Rodrigues

Aí vão os seus telegramas ao Reuter. Na City produziram bom efeito. Continua, porém, grande desconfiança a respeito da situação financeira do Brasil.

Cartas do Brasil dizem que se fala abertamente da suspensão dos pagamentos da dívida externa, pensando-se que levantaria o câmbio, e que só o Presidente e o Ministro da Fazenda estão de parecer que o país deve fazer todos os sacrifícios possíveis para evitar a falência.

Que lógica infernal! A falência havia de trazer males incalculáveis e o desmoronamento geral, sem falar do nosso crédito perdido para sempre. Seria muito pior do que foi para a República Argentina — e esta — apesar dos maiores esforços e de ter reassumido os pagamentos, não pode agora levantar empréstimo algum.

Comuniquei os seus telegramas aos nossos amigos — que lhe ficam muito gratos.

Lá foi o irmão do Henderson para tratar do arrendamento da Central. Compreendo a oposição que fazem e que o Govêrno não pode vencer. Terá então o infeliz Ministro da Fazenda de achar os recursos necessários para prover aos pagamentos aqui, (cêrca de £ 1.000.000) em fins de março e mais £ 1.000.000 + os juros no corrente ano, para o qual não há provisão na lei do orçamento. Por ora o Govêrno em Londres está *overdrawn*.

Quanto aos nossos navios não sei se o Govêrno teve alguma proposta direta, mas até hoje não sei de nada. Apesar dos meus esforços, desde que o Govêrno deu-me a incumbência há mais de 2 meses, nenhuma proposta *formal* me foi feita, nem a mim, nem ao Almirante Brasil, Chefe da Comissão Naval na Europa. Os Governos estrangeiros como o Japão [,] a China e os *Estados Unidos*, acharam os contratos para os encouraçados muito onerosos e mostraram-se mais inclinados para o Cruzador em construção na Casa Armstrong. O *drawnbach*, porém, é que nenhum dêsses navios poderá ficar pronto antes de ano, ano e meio, e se houver guerra naquela época — serão embargados nos portos neutros.

Os nossos fundos caíram um pouco ùltimamente porque correu em Paris, (e chegaram os jornais a dizer que o Contrato fôra assinado), a notícia da organização de um Sindicato belga para o arrendamento da Central.

Remeto-lhe também um interessante artigo do *Temps* sôbre o Centenário do Comte.

Adeus — sempre

Am.º af.º seu e obr.^{mo}

S. Correa

I — 3, 2, 29

161.

Londres, 7 de julho de 1898.

Meu caro Amigo

Agradeço a sua boa carta de 7 de junho.

O "funding loan scheme" foi em geral bem aceito, apesar da campanha que contra nós empreendeu o *Financial News.* O Editor dessa fôlha (Companhia) ficou exasperado por ter dito o Campos Sales a um Repórter da mesma, que o foi visitar *sub-repticiamente,* que o *Jornal* não tinha importância alguma segundo lhe tinha dito Lord Rothschild e que era venal.

Teremos, porém, dificuldades com as Estradas de ferro garantidas que têm de pagar os seus debêntures em *ouro* e que podem ser declaradas falidas, se não o fizeram, por qualquer *debenture holder.* Pediram suplemento de garantia de £ 105.000 anuais, em "funding loan" durante os 3 anos da moratória, mas não sei se o Govêrno quererá aceder a essa pretensão. O Campos Sales e os Rothschilds acharam-na justa.

Entretanto, concluindo tão satisfatório arranjo, o câmbio não parece querer subir de 7 ½.

O Tayne apareceu na Legação, mas não o vi. Escusado dizer-lhe que lhe prestarei tôdas as informações que não tiverem caráter reservado.

Dei ao Walter Rothschild as fotografias dos *Zebróides.* Êle já tinha feito a mesma experiência com o mesmo resultado, mas ainda não conseguiram, nem êle, nem o Zoological Carden, obter produto da Zêbra com o Cavalo, o que seria muito mais importante.

O Tobias Monteiro lhe deve ter escrito que facilitei-lhe aqui tudo quanto era possível, fazendo-o passar como Secretário do Dr. Campos Sales, com o consentimento dêste. Assim e nessa qualidade assistiu a entrevista com o Príncipe de Gales.

As notícias que deram-me no Foreign Office acêrca da questão entre o Chile e a Argentina — são más. Parece iminente uma ruptura séria — que poderá preceder a guerra.

Sem mais novidade e sempre ao seu dispor creia-me cordialmente

Am.º af.º seu e cr.º

S. Correa

I — 3, 2, 30

162.

Capital Federal, 12 de fevereiro de 1892.

Ao Dr. José Carlos Rodrigues retribui cumprimentos *Francisco de Paula Rodrigues Alves* e agradece o telegrama que devolve.

É uma campanha injusta a que se está fazendo na Europa contra nós, como incrível o boato de que me dá notícia sôbre o Banco da República.

I — 3, 1, 19

163.

Il.^mo^ Am.^o^ e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Ficarei muito agradecido ao obséquio de declarar em seu ilustrado *Jornal* que, na visita que fiz à Associação Comercial no dia 8 do corrente, nada disse que pudesse destoar da opinião por mim manifestada sôbre a questão de auxílio às indústrias na mensagem que dirigi ao Chefe de Estado, como na que foi endereçada ao Congresso.

Com muito aprêço sou

De V. S.^a^

Am.^o^ e Col.^a^

F. P. Rodrigues Alves

Rio, 12 de julho 1892.

I — 3, 1, 18

164.

Il.^mo^ Am.^o^ Dr. Rodrigues

Recebi a sua carta de 4, agradecendo muito as expressões de bondade em que me obsequia. Conversei com o seu sobrinho a respeito do assunto de sua carta. A incumbência que me quer confiar, exagerando merecimentos que não tenho, apresenta dificuldades que receio não poder vencer. Temo principalmente que, em vez de auxiliar ou preparador do govêrno do Dr. Prudente, a aceitação do pôsto que me quer dar no *Jornal* aguce mais as desconfianças, ou antipatias que há, como sabe, contra os jornalistas, o que seria para mim muitíssimo desagradável. Aquelas dificuldades sei bem que podem ser vencidas

pelo esfôrço e pelo trabalho, estas não. Vou ouvir dentro de poucos dias o Dr. Bernardino e mais dois amigos de S. Paulo com a reserva necessária e expor-lhes as dúvidas que tenho quanto a esta última parte. Se os amigos entenderem que, ao invés do que penso, aquela posição pode criar ou aumentar desconfianças contra nós ou contra o govêrno esperado do Dr. Prudente, compreende bem qual deve ser a minha atitude. Dir-lhe-ei logo o que houver resolvido.

Sinto retornarem os incômodos que tem sofrido e desejaria poder de pronto concorrer para fazê-los desaparecer completamente. Conversei muito com o seu sobrinho e êle transmitir-lhe-á as impressões de nossa conversa. O nosso grande país, espero cheio de confiança, há de ter brevemente o seu período de sossêgo e de paz e de garantia para todos.

Creia-me sempre com aprêço e estima

am.º e col.ª

F. P. Rodrigues Alves

Guar.ª 11 de abril 93.

I — 3, 1, 20

165.

Ao Il.mo Am.º e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues agradece o amável convite e terá a honra de cumprimentá-lo na sua casa no dia 8 à noite o

Fran.º de Paula Rod. Alves

Rio 5 de setembro 1896.

I — 3, 1, 21

166.

Am.º e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Tive hoje do nosso ministro em Paris o seguinte telegrama:

"*Times* publicou notícia terrorista 300 quebras Rio e muitas concessões moratória. Impressão péssima".

De Londres fizeram-me igual comunicação.

Telegrafei imediatamente para as duas praças.

Parece-me, porém, que uma palavra do *Jornal* a respeito será de muito bom efeito. Não acha?

Do am.º e col.ª

F. P. Rois F. Alves

10-10-96

I — 3, 1, 22

167.*

Rio de Janeiro, 5-12-1902.

Amigo Dr. José Carlos.

Recebi a sua carta e o memorial a que mandei examinar, compreendendo o justo interêsse que tem pela Santa Casa.

Seu am.º e col.ª

F. P. Rois Alves

I — 3, 14, 1

168.

Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1902.

Il.mo Am.º Dr. José Carlos

Muito boas-festas.

O Dr. Bernardino deseja muito que o *Jornal do Comércio* transcreva em sua parte editorial lei junta, chamando para ela a atenção dos interessados. Se fôr possível muito obsequiará ao

am.º e col.ª

F. P. Rois Alves

I — 3, 1, 23

169.

Rio de Janeiro, 15 de maio de 1903

Am.º Dr. José Carlos

Agradeço a sua comunicação, em carta de hoje, sôbre o projeto relatitvo à administração municipal apresentado na Câmara dos Deputados, respeitando o seu modo de pensar.

---

* Cartão.

Foi muito bem feita a notícia do *Jornal* sôbre o empréstimo, como era de esperar.

Com aprêço seu

am.º e col.ª

F. P. Rois Alves

I — 3, 1, 24

170.*

Francisco de Paula Rodrigues Alves dá pêsames.

I — 3, 14, 2

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN, *VISCONDE DE PÔRTO SEGURO*

171.

Viena, 1.º de março 1873.

Il.mo Sr. J. C. Rodrigues

Depois de haver estado ontem no correio a assegurar a minha carta, com data de anteontem, e a franquear o maço de documentos impressos e o retrato, que não pôde ser assegurado, me ocorreu que talvez não possua V. S.ª nessa grande cidade nenhum exemplar da minha *História Geral do Brasil,* em cujo 2.º volume dedico uma seção — a 53.ª — aos serviços de meu pai no Ipanema, que talvez V. S.ª deseje conhecer.

Lembrei-me pois de enviar a V. S.ª por empréstimo as fôlhas adjuntas (já preparadas para as adições da 2.ª edição) que contêm uma seção; e as quais rogo a V. S.ª me devolva apenas as possa dispensar.

Devo aqui acrescentar que em 1858 se gravou por Caquet em Paris uma medalha de bronze, com a efígie de meu pai e a inscrição — Varnhagen Restaurador do Ipanema — à roda; e no verso — *Ao dia 1.º de novembro de 1818,* etc.

Também me esqueceu adverti-lo que o folheto *"Jo Schöner e P. Apianus"* vai embrulhado em um jornal de Milão, onde V. S.ª encontrará um folhetim a respeito da nova ópera de Carlos Gomes — *Fosca* — que o Cons.º Lopes Neto me escreve haver visto logo em 3.ª representação e muito aplaudida. É notícia que poderá V. S.ª aproveitar para o seu interessante jornal.

---

* Cartão.

Creio escusado dizer a V. S.ª que do número onde publique o meu retrato e as suas linhas, desejaria eu ter uns 20 exemplares ou pouco menos.

Sabe V. S.ª que fico as suas ordens como

Obr.º Patr.º Cr.º

B. de Porto Seguro

P.S. Creio ter dito na outra correspondência que em agôsto do ano p.p. fôra eu aclamado um dos Vice-Presidentes do Conselho Estadual de S. Petersburgo. Devia dizer Vice-Presidentes *honorários*. A estampa do Ipanema não requer devolução. Desculpe-me V. S.ª se tomo a liberdade de lhe recomendar que esteja prevenido contra os juízos de Adolfo Coelho e Teófilo Braga contra Castilho e outros seus amigos. São todos apaixonados e só para fazer mal. Eu estive em Portugal no ano passado e conheci tôdas essas misérias...

I — 3, 4, 17

172.

Viena, 12 de maio 1873.

Il.mo Sr.

Em meio dos afãs e apuros em que me vejo metido, com a vice-presidência da Comissão Brasileira na Exposição, desta cidade, nomeado à última hora e com os produtos enviados também à última hora (e que por mercê de Deus deixaram de vir no naufragado vapor *Gambie,* como havia já sido resolvido) recebi as finezas de V. S.ª patenteadas ao mundo no seu belo jornal n.º 31 e resumidas lùcidamente na sua favorecida de 25 de abril. Acredite V. S.ª, Sr. Dr. Rodrigues, que por tudo lhe ficarei eternamente grato. Os ligeiros descuidos que escaparam na biografia, o principal dos quais se reduz a uma data errada talvez por falta de compositor (isto é a de se dizer que fui prosseguir depois da guerra os estudos em 1840, em vez de se dizer 1834) são de pouco momento para uma composição periódica. O que não há dúvida é que devo a V. S.ª o ter abarcado por 1.ª vez um resumo dos meus disseminados trabalhos.

Com esta receberá V. S.ª o meu relatório sôbre o Congresso Estatístico em S. Petersburgo no qual tive a honra de representar o Brasil, sendo eleito um dos Vice-Presidentes. O retrato não podia sair melhor. Fui até logo reconhecido pelo meu filho menor de 4 anos de idade. Preferia que tivesse ido sem o brasão, pois deve ser reformado em conformidade das regras heráldicas depois do título que me deram; mas assim mesmo deverei a V. S.ª nôvo favor se me

puder dar a gravura, pois a darei na 2.ª edição da minha História. A respeito desta rogo a V. S.ª que se não esqueça do Capítulo com margens, que lhe mandei, a respeito de meu pai; pois é o em que destino pôr os acrescentamentos para servir a compor a 2.ª edição.

Repito a V. S.ª os meus mais sinceros agradecimentos e peço que creia que terá em mim um grato patr.º e obr.º Ven.ºr

Porto Seguro

Creio escusado dizer que me constituo, por prazer e por gratidão, assinante do seu importante *Nôvo Mundo* enquanto êle dure. Mas não tenho agora tempo de dar providências para os pagamentos. Não poderei fazê-lo em Hamburgo?

I — 3, 4, 18

173.

Sr. Redator do *Nôvo Mundo*

A benevolência e favor com que V. nas colunas do seu jornal, hoje uma das publicações mais lidas na língua portuguêsa, tem avaliado os sérios estudos e trabalhos de diferentes gêneros a que me tenho consagrado, desde há mais de 30 anos, me animam a suplicar-lhe me conceda nêle um pequeno canto, donde possa, lacônicamente, lançar um grito de indignação contra certas misérias literárias que se passam em Portugal; pedindo-lhe desde já desculpa, e aos seus leitores, se êsse grito, com o intuito de procurar ser bem ouvido através de tantos guinchos desentoados, sair menos comedido do que é de meu costume.

Por vêzes tenho declarado que trato de evitar polêmicas; que entregue ao serviço público, e, no tempo que dêle posso feriar, a estudos a que me considero obrigado em satisfação de mui sagrados deveres, não me seria possível estar a cada momento distraindo-me dêles, para, incorrendo na censura dos mais sensatos, perder o tempo a enristar lanças contra qualquer garôto, que do meio da rua se lembre de atirar-me pedradas, e que não respeitando as leis civis, nem as religiosas, nem as do decôro e boa educação deixa passo aberto ao desafio sumário que dá a lhama ao brutal índio que a fustiga; — sempre que o petulante agressor, tão audaz quanto covarde, ao pressentir a aplicação desta pena de verdadeiro desprêzo, não trata de esconder-se ou de fugir para longe, como disse a voz pública que sucedeu a certo garraio há perto de dois anos...

Havendo ùltimamente, apesar do trabalho que tive com a Exposição Universal, e do tempo gasto em tôdas as etiquêtas oficiais, e sem descuidar de prosseguir aditando a *História Geral do Brasil,* conseguido terminar a impressão de uma nova edição, bastante acrescentada, da *História das Lutas* (dos Holandeses) e editar, anotando-os e comentando-os, dois importantes escritos acêrca do Maranhão, um de 1663, pelo ouvidor Maurício de Heriarte, e outro de 1813 pelo ouvidor Gama, ao depois Visconde da Goiana, e achando-se quase a sair dos prelos de Gerold algumas novas páginas, onde apresento mais argumentos em favor da reabilitação completa do sem razão acusado florentino, de cujo nome foi derivado o do nôvo continente, questão de justiça e de moralidade, a que com a maior abnegação tenho consagrado, — do que tudo melhor se inteirará V. à vista das mencionadas quatro publicações que vou enviar-lhe —, constou-me que em Portugal certa crítica grosseira, apaixonada e violenta, abusando dêsse meu propósito de evitar polêmicas, volta a contender comigo, abrigando sempre o rancoroso agressor principal contra mim tôda a atrabílis originada da justificação que me vi obrigado a publicar, e ora lhe envio, com o título: "Teófilo Braga e os antigos Romanceiros"; na qual mostrei, entre outras maiores, que um texto alemão citado pelo pseudocrítico (que tanto alardeia conhecer esta língua, mas que nem o meu apelido, puramente alemão, sabe escrever ortogràficamente, citando-o sempre, contra todo "senso literário" da língua, com *m* no fim) dizia o contrário do que êle alegava; de tudo o que, em vez de se justificar, se desentendeu, preferindo desafrontar-se, em outro nôvo livro, com o tratar-me de inepto (sic) e de demente; conforme V. melhor se inteirará lendo no *Diário Popular* de Lisboa n.º 2 030, de 24 de junho de 1872, um artigo em minha defensa, escrito segundo nêle se diz, "por honra das letras e por espírito de eqüidade" contra o tal agressor, "que pensou substituir à razão e à própria defensa a violência do insulto", tratando do meu opúsculo acêrca dos "Livros de Cavalarias".

Posso hoje acrescentar que, por certa carta do próprio punho de meu agressor, apelidado em Portugal teófobo, em virtude das doutrinas materialistas que alardeia, carta confirmada por asserções de algum dos da panelinha, fui informado de como as ditas primeiras provocações insólitas a que respondi, haviam tido lugar porque o ferino provocador acreditava que eu me achava inválido, em virtude de grave doença na qual o meu cérebro havia sido vítima. Por outra: assentava que também eu podia servir de pasto cômodo às fauces do hiênico chacal açórico, desconhecido dos naturalistas, que já, insana e ìmpiamente, se haviam cevado nos cadáveres de Garrett, de Rebêlo da Silva e de Costa e Silva, com a valentia e arrogância dada pela certeza de que êstes vultos literários não podiam vir de ultratumba a esbofetear o seu covarde injuriador. Quanto a mim, acho-me hoje, mercê de Deus, com mais vigor do que nos meus 25 anos. E se êle me conceder a necessária vida e saúde, e outros se não tiverem antes ocupado disso, terei de me dedicar algum dia a êstes ajustes de contas, e

aos mais que vierem de quaisquer pandilhas; podendo ser nessa tarefa ajudado pelos amigos, e quem sabe se até por meus próprios filhos, se medrarem, e então *"rira mieux qui rira le dernier"*. Dá na verdade lástima o presenciar os sócios da firma Braga & C.ia a incensarem-se entre si, achando péssimo quanto não é obra dêles, e chegando a alucinar escritores estrangeiros, como sucedeu a êsse G. P., que sem me haver lido, e só na fé das asserções *ex-cathedra* do meu agressor, copiou até dêste, não só o meu apelido errado com a terminação em *m*, mas até os "honrosos" epítetos que o acompanhavam; isto em certa pequena nota de um artigo de justa censura, não do meu livro, mas sim de um dos mal alinhavados volumes de fancaria do mesmo Braga na qual lhe adverte, em têrmos mais urbanos do que quando o copia, faltas de crítica, ignorância das fontes estrangeiras, improvisação arbitrária de doutrinas falsas ou mal-aventuradas, e até o haver tomado ao sério a palavra *Vallemachias*, procedente de um êrro tipográfico ou de cópia... *Vallemachias!*... É para rir.

Ora pois: fartar rapazes! Que dia virá em que ficarão reduzidos ao seu justo valor negativo os vossos descobrimentos e se aquilatará * quanto, ainda assim, aproveitados dos trabalhos e da comedida e honrada *ignorância* dêsses contra quem tanto declamais!

Então o incomparável ilhéu, sabichão, chegará a reconhecer com tôda a evidência os muitos *dislates* (é palavra com que me mimoseou e por isso lha devolvo rechaçada por tabela) de que se acham recheados os seus tomos, que se não são tão *magros* como um meu opúsculo, só isso procede de serem de letras *gordas* ou engordados a poder de muitas transcrições nêles encaixadas de livros alheios, e dos insultos e injúrias, que das suas páginas dirige aos vivos e mortos. Então verá claro:

O *dislate* de fazer proceder os *yaravies* do Peru e Equador, músicas dos antigos Quíchuas, dessas aravias da Espanha saídas da sua cabeça.

O *dislate* de atribuir a época mui posterior a Lobeira os dois sonetos no gôsto de vários do Dante, e até dos seus predecessores do século 13 Guido Cavalcanti; Frescobaldi, Graziolo, Onesto e Buenaguida.

O *dislate* de fazer de D. Joana de Vilhena a Aônia de Bernardim Ribeiro.

O *dislate* de confundir êste poeta português com o *sevilhano* Bernardino de Rivera, mestre da capela da catedral de Toledo.

O dislate... Porém, não devendo Sr. Redator, continuar a abusar por mais tempo do seu favor concluo, com os protestos &. Viena, 17 de fevereiro de 1874.

Varnhagen, B. de P. S.

I — 3, 4, 19

---

* *Aquilantará*, no texto.

174.

Privada

Viena, 9 de abril de 1874

Il.mo Sr. Rodrigues

Meu caro Sr. Redator.

Espero que me desculpará a resolução que tomei de preferir confiar a V. S.a a publicação da minha desafronta contra os tais pseudocríticos portuguêses, a qual com esta lhe remeti. Por pouco que V. S.a se entregue ao estudo da questão, reconhecerá que tenho carradas de razão, que necessito desde já de um protesto justificativo, e que êsse protesto, a não ser um livro, que agora não posso escrever, não pode ser senão no estilo em que vai. Inteire-se V. S.a das gratuitas e ingratas acusações que recebi, da minha 1.a resposta (*Provarás*), para o caso bastante cortês e moderado, da insana violência com que depois disso fui agredido e me dará tôda a razão.

Não chego porém a pedir que ma dê nas suas linhas de cabeçalho, se preferir manter-se fora da questão; mas a publicar a minha carta, por quanto há [,] não a acompanho de censura contra mim. Então antes não a publique. Creio que poderia manter um têrmo médio, informando os seus leitores da verdade e lamentando os precedentes que me obrigam a essa carta. Nos apontamentos juntos reúno algumas frases que penso poderão satisfazer a essas condições; mas tudo quanto vier de mais a meu favor aceitarei com o maior reconhecimento.

Em todo caso, de nôvo peço a V. S.a que se ponha em guarda contra os artigos dos tais dois sujeitos, conforme creio que já em outra ocasião lhe escrevi. Na literatura portuguêsa um e outro quase não têm por si mais que a si mesmos, elogiando o Sr. Coelho as obras do Sr. Braga e o Sr. Braga as do Sr. Coelho. E se não veja a tal Bibliografia Crítica, que parece já morreu. *Requiescat in pace.*

A minha carta não lhe ocupará quando muito mais que uma coluna do *Nôvo Mundo.* A minha letra, para sair um pouco mais clara, como pede a imprensa, alarga muito.

Da 2.a edição da *História das lutas com os Holandeses,* (1630-1654) que acaba de fazer-se em Lisboa em bom tipo e papel, volume grosso de 8 grande, ainda não recebi nenhum exemplar e lhe mandarei um quando cheguem: o mesmo quando se aprontem as novas páginas acêrca de *Américo Vespucci.* O mais prometido irá tudo acompanhando esta, em pacote separado de *impressos.*

Tenho continuado a ler com interêsse o *Nôvo Mundo,* e em prova de interêsse, vou expor-me ao desagrado dando-lhe um conselho amigável. Evite V. S.a no seu aliás, claro e belo estilo, tanto quanto puder, o demasiado

emprêgo dos pronomes pessoais e possessivos, riscando na minuta todos os que se puderem dispensar; e ainda mais a repetição freqüentíssima (à francesa) do pronome *Um* por exemplo: Fulano de tal, *um* homem de raro talento etc. Por que não simplesmente — homem de raro etc.?

Perdoe o atrevimento de um velho, que se confessa de V. S.ª muito reconhecido e obr.º cr.º

P. Seguro

I — 3, 4, 20

175.

Brühl (perto de Viena), 21 de junho 1874

Il.mo Sr. J. C. Rodrigues

Apresso a agradecer muito cordialmente a V. S.ª a inserção da minha carta e a remessa de tantos números do jornal que a contém, quatro dos quais foram logo distribuídos; um para o Castilho, outro para o Inocêncio Silva, e mais outro para Ferdinand Denis.

Com esta vai também (confidencialmente por ora) uma prova da resposta ao Doutor e Senador Cândido Mendes que acompanhará a 2.ª edição da *História das Lutas,* que se imprimiu em Lisboa, e de que lhe mandarei um exemplar. Da mesma resposta verá o Sr. C. Mendes que V. S.ª tinha razão quando lhe dizia que era melhor não se ter metido em tantas *funduras* na sua *advertência* ao leitor, querendo por fôrça que todos sejam jesuítas como êle.

Tratei nessa resposta de cingir-me ao próprio *diapason* empregado pelo meu ilustre amigo. É provável que a discussão siga, mas não serei eu disso o culpado.

Mande V. S.ª francamente ao seu obr.mo am.º e cativo

Visconde de Porto Seguro

I— 3, 5, 59

176.

Viena, 13 de janeiro 1875.

P.S. Na minha nota que acompanha a carta, creio que houve um salto, ao copiar o período que começa: "Pelo que respeita a esta Obra" &, o qual deve ser lido assim:

"Pelo que respeita a esta obra, esperamos que não pouca novidade apresentará ela assim pelas notícias de tôdas as publicações, jornais e folhetos que foram sucessivamente dirigindo a obra da independência como também pelas muitas explicações até hoje omitidas acêrca dos importantes sucessos de 26 de fevereiro, 21 de março (& o mais que se segue).

P. Seguro

[Nota]

Nova História da Independência do Brasil.

Consta-nos que o nosso conhecido escritor, o Sr. Varnhagen, Visconde de Pôrto Seguro, está concluindo uma nova e extensa história especial da independência até o reconhecimento da metrópole em 1825. A uma feliz circunstância devemos o ter tido conhecimento das seguintes linhas de parte do prólogo da nova obra, que constituem um verdadeiro programa de plano dela, já pôsto em execução:

"Nunca nos passou pela mente, diz o autor, a idéia da audaz emprêsa de escrever uma história especial da independência, e muito menos ainda a de publicá-la em vida, depois de havermos, por vários motivos, abandonado o projeto, que chegávamos a conceber, de esboçar, em grandes traços, certa crônica que devia abranger essa época.

Como pois, nos perguntarão, se ninguém a isso nos obriga, nos lançamos a tal emprêsa, expondo-nos a desassossegos, desgostos e trabalhos? Responderemos francamente. Porque ela nos caiu em cima. Obrigados pelo dever, para nós já sagrado, de legar ao Brasil, onde nascemos tão completo quanto caiba em nossas fôrças em sua maior virilidade, a *História Geral* da sua civilização até a nova era que começou com a proclamação do império, ao lançarmo-nos a redigir mais pausadamente as últimas seções, tantos fatos novos e novas apreciações se nos apresentaram em vista dos muitos documentos e informações fidedignas por nós recolhidas e apontadas, — às vêzes em oposição às que se encontram emitidas pelos escritores que nos têm precedido, começando pelo último o amigo Sr. Conselheiro Pereira da Silva, que julgamos não seria possível emitir em resumo na mesma *História Geral* certos juízos que nela devem caber, sem primeiro as haver mais por extenso justificado ante o público, competentemente explicados e documentados, provocando até, por êste meio, a que se nos corrija onde estejamos em êrro, ou se nos ouça onde se duvide de nossas asserções, ou se nos ministre mais algum esclarecimento onde se creia que tenha havido omissão da nossa parte. O historiógrafo não pode adivinhar a existência de documentos que não são do domínio do público, e cumpre com o seu dever quando, com critério e boa fé e imparcialidade, dá, como em um jurado, mui conscienciosamente o seu veredicto, cotejando os documentos e as informações orais, apuradas com o maior escrúpulo, que à custa do seu ardor em investigar a verdade conseguiu ajuntar.

Não desconhecemos que o simples título desta obra revela tão grande responsabilidade não só para com o Brasil, como para com Portugal; e que, escrita com o amor à verdade que nela nos guiou, acima de tôdas as considerações humanas, como deve ser escrita tôda história que aspira a passar à posteridade, não será provàvelmente agora tão bem recebida, como o seria uma espécie de nôvo *memorandum*, justificando os direitos de uma das partes contendoras. O autor, porém, propôs-se a escrever uma história, e não a adular ou lisonjear os sentimentos ou prevenções de uns, nem de outros, nem por considerações com os descontentes vivos, embora poderosas de uma e outra parte, tratou de calar censuras, quando as julgou cabidas e justas.

Tais memorandos, destinados a justificar a oportunidade e os direitos da independência já viriam hoje seródios. Nem mais se poderia acrescentar aos de La Beaumelle e Beauchamp, publicados em 1823 e 1824, sob as vistas do ativo agente brasileiro Gameiro (visconde de Itabaiana) no intuito de dispor a opinião geral da Europa e especialmente da França legitimista e do seu ministro Vilèle em favor da causa do Brasil.

Seguiu-se a publicação, de 1827 a 1830, dos três volumes do Visconde de Cairu, acompanhados de um quarto, compreendendo as cartas de Pedro I a el-rei seu pai, e outros documentos, — tudo quase exclusivamente só até fins de 1822. Preciosos como são êsses volumes, pecam pela sua insuficiência e falta quase total de critério; e, mais que uma história, eram importantes apontamentos de decretos e discursos conhecidos, e até impressos, próprios para serem depois, como foram, aproveitados e postos em estilo por mais corrente pena; e, com muitas adições inteiramente inéditas, o serão de nôvo por nós nesta história, em que nos comprazemos de citar muitas vêzes o consciencioso trabalho do honrado e fecundo setuagenário baiano.

Apareceu depois o inglês John Armitage, publicando em 1835 a sua interessante história desde a chegada da família real em 1808 até a abdicação de Pedro I em 1831, a qual, traduzida por Evaristo Ferreira da Veiga, foi publicada no Rio de Janeiro em 1837 e goza ainda entre nós de bastante nomeada autoridade; a qual a nova, chamada da fundação do império brasileiro, que começa também, como aquela, com a chegada d'el-rei, veio em muitos pontos contribuir a aumentar.

Pelo que respeita a esta obra esperamos que não pouca novidade apresentarão especialmente muitas explicitações, até hoje omitidas, acêrca dos importantes sucessos de 26 de fevereiro, 21 de março e 5 de junho de 1821, dos de 9 e 11 de janeiro, 29 e 30 de outubro de 1822, 17 de julho e 12 de novembro de 1823 e finalmente de tôda a negociação para o reconhecimento em 1824 e 1825.

Não nos sendo possível estar em cada página citando as provas do que afirmamos, nem invocando a atenção do leitor para os fatos novos e apreciações, que se compreendem nesta história, diferentes das que se encontram nas obras

dos que nos precederam, por certo menos noticiosas e menos minuciosas do que esta, contentar-nos-emos ùnicamente de indicar as principais daquelas em que, segundo nossos exames, se equivocou o conhecido orador contemporâneo, e com as suas luzes e boa vontade contamos para recìprocamente devolver igual serviço a êste livro, que longe de sair a lume às atenças de elogios, não fica para póstumo. em favor de nossa tranqüilidade e maior descanso, porque, como já dissemos antes, além da mira de justificar adiantadamente o resumo de parte delas na *História Geral,* leva outra não menos importante, — a de bater o campo em busca ainda, se é possível, de novos subsídios e esclarecimentos, em quanto há de alguns sucessos testemunhas vivas ou possuidores de documentos que, nos pontos em que ainda aqui mostramos dúvidas, nos poderão melhor esclarecer, se Deus nos conservar ainda alguns anos de vida para dêles poder aproveitar, como já aproveitamos não pouco de muitas revelações e informações, cotejadas entre si, tanto de estrangeiros insuspeitos, agentes no Rio de Janeiro de várias côrtes européias, com alguns dos quais eram bastante francos os ministros, e cujas correspondências conseguimos em grande parte ver, como de amigos e patrícios conhecidos, cujas conversações, com mira em outra obra, tínhamos tido o cuidado de ir sempre, desde há quase trinta e cinco anos, notando e protocolizando, começando por muitíssimas com o comendador Ataíde Moncorvo e os cônegos Geraldo e Januário, o jurisconsulto Silvestre Pinheiro, o patriarca Francisco de S. Luís Saraiva, o Dr. Elias (da Bahia) e os marqueses de Palma, Paranaguá e de Monte Alegre; e seguindo-se algumas outras menos frutuosas, com o Visconde de Pedra Branca, marqueses de Valença, de Maricá e de Olinda, aos quais todos tivemos a fortuna de tratar e de interrogar, às vêzes até com alguma indiscrição; restando-nos agora o sentimento de não têrmos igualmente podido pôr em contribuição não só José Clemente e o marquês de Baependi, com quem ainda tratamos, como especialmente Antônio Carlos e Martim Francisco, que freqüentamos em 1840, antes de subirem ao ministério, por ocasião da Maioridade. Acêrca de ambos e de seu irmão José Bonifácio (então já falecido, mas cujo aspecto ainda temos presente, havendo-o apenas visto, como dizemos em uma nota do texto, na mais tenra infância) nos valemos especialmente do que encontramos escrito, com ligeiras retificações do conselheiro Drumond, amigo dedicadíssimo dos mencionados três irmãos e todo feitura dêles.

Nossos escrupulosos desejos de acertar são tais que, antes de dar por terminada a redação desta obra, nos dirigimos por escrito aos ex.mos marqueses de Sapucaí e de Resende, pedindo-lhes explicações de alguns pontos duvidosos, em assuntos, ainda que de pouca importância, em que, já um, já outro, foram testemunhas presenciais."

. . . .

I — 3, 4, 21

177.

Viena, 31 de outubro [1876]

Il.mo Amigo e Senhor

Tenho demorado a resposta a sua última, porque o meu enquadernador ou antes *brochador* me estêve continuamente enganando a respeito do prazo em que daria uma nova porção de exemplares brochados que agora promete para esta semana sem falta.

Satisfazendo a sua pergunta direi que eu me referia a 6$ *fracos* cada exemplar do papel ordinário pago à vista, ou 8$ do mais forte e fino. Mas como os livreiros querem sempre ganhar pelo menos 33%, para o público [rôto o original] se poderão dar a menos [de] 13$ os finos e 10$ os menos encorpados, como o que lhe mandei.

Assim apenas me cheguem os exemplares, prepararei dêles uma pequena caixa que lhe remeterei, para aí os vender de uma vez ou os fazer pôr à venda. Como aí se dá tanta importância ao papel e luzimento das edições irão só das de papel encorpado, de a 13$ avulsos, e por conta da venda futura lhe peço tenha a bondade de mandar abonar os gastos de transporte; mas não admito que seja V. S.a quem [rôto o original] os exemplares que lembra como de con [rôto o original] oferecer aos Srs. Whitney e Rohrig e à *Nation*, para concorrerem à venda cada um com um artigo pelo menos. Rogo a V. S.a tenha a bondade de oferecer êsses três exemplares da minha parte. Espero que com o produto da venda de alguns exemplares me ficará aí um pequeno crédito para as assinaturas do *Nôvo Mundo* nos anos seguintes.

Por esta ocasião, lhe mando para êste seu valioso jornal dois artigos, que creio poderão concorrer favoràvelmente ao dei [rôto o original] de duas indústrias [rôto o original] no nosso país. Um é respectivo ao *segrêdo* acêrca da sementeira das plantas de *mate*, e outro aconselha que se experimente entre nós a cultura da vinha nos sertões do norte onde chova menos e haja menos orvalhos.

Na Rússia foi o impresso recebido com entusiasmo não menor que nessa república — hurras e arcos triunfais *au roi citoyen*. Nem sei como a polícia consentiu.

Sabe V. S.a quanto sou seu ven.or am.o e obr.o Cr.o

Porto Seguro

I — 3, 4, 22

JOAQUIM AURÉLIO BARRETO NABUCO DE ARAÚJO *

178.

Pougues, 21 de julho de 1899

Meu caro Rodrigues,

O Correia deu-me notícias suas e eu já lhe teria escrito se tivesse alguma cousa que lhe dizer mesmo a meu respeito.

Desde que cheguei o Hilário tomou conta de mim para pôr-me em *good working order,* mandando-me para Pougues e para Gastein. Em Londres pouco me demorei e não vi quase senão o Correia (apenas jantei com o Alfred Rothschild). Imagine que cheguei na semana de Ascot e que a enchente em Londres era tal que o Poole não me pôde dar nenhuma roupa nos 15 dias que lá estive, de modo que andei evitando convites. Daqui mesmo estou em correspondência constante com o Rio Branco e o Correia, e, depois da Nota que êste acaba de receber de Lord Salisbury, espero que o tratado de arbitramento será concluído sem maiores embaraços.

Estou tanto mais ansioso pela conclusão do tratado quanto da escolha do árbitro dependerá também a escolha do lugar onde eu vá preparar a nossa Memória, porque não se faz o mesmo trabalho para um alemão que para um sueco ou para o Papa, e vice-versa.

O meu 3.º volume está a sair do prelo e quando tenha saído enviar-lhe-ei um exemplar pelo correio, que V. assim receberá, um mês talvez, antes de sair aí o livro da Alfândega.

Na Europa o elemento relacionado com o Brasil tem grande confiança no Presidente sem acreditar muito que as nossas finanças se possam consertar verdadeiramente. A impressão parece ser esta: que é um confôrto estar à testa do país um Presidente que presta atenção ao crédito do Brasil no estrangeiro em vez de algum *qui s'en moquerait.*

Muitas lembranças ao ilustre Gerente, e recomendações a todos os seus de Petrópolis, de quem tão grata recordação conservo. Creia-me sempre, meu caro Rodrigues, sinceramente seu

obr.^mo^ am.º velho e colega

Joaquim Nabuco

I — 3, 1, 35

---

* Ver também cartas n.os 376 e 377.

179.

Setembro 14, 1900

Meu caro Rodrigues,

Recebi o cheque que V. me mandou pelo adiantamento que fiz ao Gama. Logo depois de saber de sua chegada fui vê-lo, mas dei com o *out* em baixo. Desejo muito conversar com V. Se amanhã V. não sair para o campo, quer vir jantar conosco no domingo? V. deve considerar esta casa como sua e avaliar devidamente o prazer que a sua companhia nos dará sempre. Jantamos às 8 horas.

Realmente o que o *Times* diz do Banco equivale à suspensão de pagamentos e parece-se muito com o que vi em Buenos Aires com o Banco Nacional. Se a situação é essa, amanhã ou depois devemos ter alguma notícia de sensação. As influências que sempre concorrem para obrigar o Govêrno a socorrer a praça são quase irresistíveis, porque ainda ninguém lhes resistiu até hoje, mas nenhum auxílio do Govêrno pode impedir o efeito moral da intervenção para salvar o Banco. É mais natural depois dela do que já era antes que os capitães vão para os Bancos que não podem contar com o socorro do Tesouro em caso de maus negócios.

Até domingo, meu caro Rodrigues, se lhe fôr possível, como desejo, e me creia seu como sempre

Amigo velho
Joaquim Nabuco

I – 3, 1, 36

180.

Julho 31.1902

Meu caro Rodrigues,

Muito lhe agradeço o seu telegrama, ao qual respondo. Há quanto tempo estou para escrever-lhe, mas V. sabe o que é minha vida agora. Não passo mais um dia sem ter que trabalhar entre 8 e 10 horas. Estou preparando, como lhe disse, o trabalho de modo a poder apresentar as três Memórias a tempo, o que não seria possível se não fôsse adiantando tudo. Com efeito 4 meses para a terceira, que será a mais importante como argumentação, seria um prazo insignificante, se eu não fôsse trabalhando desde já por conta dela. O Tobias ter-lhe-á dito tudo. O Rio Branco escreve-me hoje que eu é que devo ser o Ministro de Estrangeiros, mandando a Réplica e Tréplica daí. Que caçoada!

Eu sentirei muito se não fôr êle, e penso que devem fazer tôda pressão para decidi-lo, e que êle cederá à pressão e ao carinho dos amigos.

Mando-lhe como lembrança a planta, o *menu,* e o artigo do *Times* sôbre o banquete. Se V. cá estivesse teria sido dos primeiros. O Secretário de Lord Lansdowne disse-me, isto entre nós, que eu era o primeiro Enviado que dava uma festa êste ano; o Zumaran disse-me que pela primeira vez se tinha visto o mundo oficial todo em uma festa sul-americana de caráter político. A presença dos Embaixadores foi uma fortuna, nesta quadra do ano, sobretudo. O Graça chama-me aqui o *leader* da *South America.* Eu confesso que estimo servir-me do lugar para aproximá-la pela paz e pelo arbitramento. Anteontem dei um jantar em casa ao Pedro Montt do Chile, Senhora, e Maximo del Campo, de 20 talheres, e depois levei-os ao Alfredo Rothschild a ouvirem a Melba, e lá viram Roberts, Kitchenev, e o atual "lion", Lucas Meyer.

Escrevo hoje ao Presidente agradecendo o telegrama que me mandou a propósito do banquete. Como vejo telegramas de que vou para Roma na missão ordinária, disse-lhe que era impossível tal acumulação: 1.º pelo trabalho que tenho, 2.º pela inconveniência de ficar o representante no pleito sujeito aos contratempos da negociação de outras questões, intrigas, *chantages* de interêsses prejudicados etc., etc., além do odioso para a "sociedade" de substituir o Régis. Mil razões em suma, além da aparente *degradação* de Londres para Roma, que não prestigiaria o Agente Especial. Se a Legação de Londres me fôr tirada, o melhor é não me darem outra, e explicarem, para não parecer haver *desfavor,* a minha retirada pelo longo prazo da minha ausência forçada de Londres. E sendo possível reintegrar o Régis melhor para a Missão. Eu não preciso de Legações permanentes. O que eu quero e servir o meu país onde os meus serviços parecerem mais úteis, em Londres como em Washington, Santiago, Lima, Pequim, exatamente como um soldado às ordens do país. Assim compreendendo, é que eu pensava que o Paranhos devia agora mobilizar-se para aí. Ùnicamente, é preciso dizer, neste momento, pendente o arbitramento, com possibilidade de questões incidentes, etc. tirarem-me de Londres é coisa que só devem fazer tomando as precauções para que, perante o árbitro, não pareça que há *desfavor* e que fui removido de Londres definitivamente. V. sabe, porém, não me preocupo de minha própria comodidade nem vantagens, mas de bem servir e desempenhar os meus encargos; por isso, havendo boa vontade da parte do Presidente para comigo, eu mesmo arranjarei tudo do melhor modo para êle; não havendo, farei as minhas caixas. Não tenho dúvida quanto ao atual, e o próximo é um velho amigo meu. Um e outro estarão persuadidos de que nunca lhes servirei de embaraço e só não servirei em condições de *inefficiency.* E V., meu caro Rodrigues? Que saudades! V. compreende bem. Em Londres, os que vivemos juntos, na parte da vida em que ainda nos podemos associar ìntimamente com outros, sentimos forçosamente a falta dos companheiros antigos, sobretudo dos que vão e vêm, como V. Espero que tudo em sua circunferência marche bem e que V. e os seus gozem perfeita saúde (e imunidade dos mosquitos da febre, etc.!!). Afinal, seu sobrinho o que teve foi obra dos mos-

quitos, segundo a nova doutrina. Realmente! é de desanimar de viver, tanta ciência!

Aqui estou sempre para o seu serviço.

Do seu muito afetuosamente

Velho Amigo

Joaquim Nabuco

I — 3, 1, 37

181.

Cambo, 23 novembro 1902.

Meu caro Rodrigues,

Muito lhe agradeço a sua tão boa e expressiva carta. Tenho muito prazer em que V. tivesse conhecido a minha adorada Velhinha. Com ela desapareceu tanta coisa para mim que o mundo me parece *outro*. É estranho, mas deve-se dar isto com muitos outros. Se me parece estranho o fenômeno é porque só agora chegou a minha vez de experimentá-lo. Agradeço-lhe também o seu telegrama.

Felicito-o pela sua brilhante justificação, que V. me fêz a fineza de mandar-me. Realmente a diferença é enorme. Não sei que jornal inglês admirou-se de V. dizer tão francamente o que o Govêrno tinha lucrado à custa dos Acionistas. Não foi, porém, à custa dos Acionistas, cujas ações melhoraram. Quanto à própria política do resgate, V. sabe o que sempre pensei, idéia que pelo seu folheto vejo V. também partilha. Só o futuro dirá se foi um bem, conforme o trato que as Estradas tiverem dos usufrutuários.

O Paranhos aí está. O "monumento" entre parênteses saiu admirável, e V. justificou a escolha que fêz quanto à forma da demonstração nacional. Êle não foi muito contente comigo por eu não ter querido aceitar a Legação da Itália, mas era-me impossível aceitar mais trabalho, quando quisera poder alijar. Se eu pudesse acumular os serviços não teria passado desde abril a Legação de Londres ao Secretário, e entre Londres e a Itália como trabalho, atividade, gente, não há comparação. A êsse respeito já lhe falei e escrevi longamente quando primeiro se pensou nisso. O telegrama do que se deu à saída do Dr. Campos Sales causou desagradável impressão — não contra êste, que na opinião estrangeira pelo menos foi o que ela deseja que sejam os Presidentes centro e sul-americanos. Tanto mais que não veio telegrama da demonstração do alto comércio. Possa o nosso amigo Rodrigues Alves deixar o poder com igual impopularidade por não ter emitido papel sob nenhum disfarce.

Espero que V. e todos os seus estejam gozando saúde. Recomende-me a êles e aceite recomendações de Evelina.

Lembranças ao Tobias de quem espero as impressões do "nôvo regímen".
Sempre seu, meu caro Rodrigues,

Amigo certo e obr.mo

Joaquim Nabuco

Estou ansioso pelas notícias daí sôbre o programa financeiro do Rodrigues Alves. A política "bancária" e protecionista anunciada pela Reuter o que quererá dizer? São as leis bancárias que trazem sempre no bôjo as grandes crises do Tesouro.

I — 3, 1, 38

182.

Hotel S.t Petersbourg

Nice, 13 novembro 1903

Meu caro Rodrigues,

Acabo de saber pelo William que V. está em Londres, e V. pode imaginar o prazer que a notícia me causou e o meu desejo de encontrar-me de nôvo com V. Espero que o motivo da sua vinda não fôsse de saúde sua nem do seu sobrinho. Como deixou a Sr.a sua Irmã?

Estou neste momento ocupadíssimo e terei três meses, até o fim de fevereiro, de trabalho incessante de 10 a 12 horas por dia, para o qual peço a Deus me dê forças. Pretendo fazer aqui a minha 3.a Memória, receando, porém, ter que passar o último mês em Paris para evitar a perda de tempo na remessa das provas e as explicações por escrito à tipografia. Em março irei para Roma. Estarei então livre outra vez depois de uns cinco anos de cativeiro a um só assunto e preocupação.

Espero que o seu programa de residência êste inverno se harmonize, por algum tempo pelo menos, com o meu, de modo a estarmos juntos. A Roma suponho que V. virá, mas eu quisera persuadi-lo de vir à Riviera antes.

Há aqui dois lugares, ou hotéis, ideais, um o do Cap Martin, outro o Augst em Bordighera. São duas vistas incomparáveis e um confôrto para Vanderbilts. O do Cap Martin está solitário numa floresta de pinheiros sôbre o mar. É uma impressão de mar inapagável. O de Bordighera tem o mar ao longe, mas domina um bosque de oliveiras e palmeiras de uma beleza excepcional como chão.

Dê-me notícias suas e animadoras, isto é, de que seu programa não exclui o nosso encontro êste inverno.

Sempre seu muito dedicado

Joaquim Nabuco

I — 3, 1, 39

183.*

A J. C. Rodrigues lembrança afetuosa e sentimento da falta que sempre sente dêle nessas festas.

J. N.

18-7-05 — N. York

I — 3, 14, 47

184.

N.º 12 Rua Marquês de Olinda

Têrça-feira

Meu caro Rodrigues,

Sinto sinceramente não poder assistir ao jantar que V. como nosso *representative man* oferece ao Comandante e a Oficialidade do "Adamastor". Estou sofrendo de uma gastrite ou coisa que o valha, que merece cuidado. Farei o possível para ir depois do jantar, se me achar melhor mas não me reserve lugar à mesa. V. sabe o interêsse que eu tenho em que os nossos hóspedes encontrem no Brasil o acolhimento que nos dão lá e que a gentileza do Govêrno português mandando o "Adamastor" pagar a visita que lhe fêz o Dr. Campos Sales, e dizendo o "Adamastor" digo o seu ilustre Comandante também, seja apreciada por homens como V. altamente reputados em Portugal e como eu disse nosso genuíno representante. Desculpe-me por isso desta vez, mesmo porque é a primeira.

Seu sempre

Joaquim Nabuco

I — 3, 1, 40

---

* Convite. Na 1.ª página, as palavras: Guests at the Dinner of the Brazilian Ambassador, *Joaquim Nabuco*, at the Waldorf-Astoria, New York, 15th July, 1905. Na parte interna, impressos os nomes dos convidados circulando o desenho da mesa, em cujo centro, com letra do próprio J. N. os seguintes dizeres: Aqui um bosque baixo de palmeiras e plantas ornamentais permitindo os convidados verem tôda a mesa em tôrno. Iluminação verde-amarela.

185.

Crawfordhouse White Mountain

17 Août 1869.

Mon cher Monsieur Rodrigues,

Votre aimable lettre nous a couru après dans les montagnes et nous est parvenie il y a quelques jours. Nous avons l'intention de vous faire une visite à Wolfsborough cette semaine ou la suivante. Malheureusement notre temps est si limité que nous ne pourrons y faire de séjour, comme nous l'aurions désiré, car je dois assister à la réunion scientifique de Salem et de tous les cas à celle de l'Academie Nationale a Northampton dans une dizaine de jours.

M.[me] Guyot et moi vous remercions sincèrement de votre empressement à nous aider à trouver un lieu de repos à la fois attrayant et à un prix plus raisonnable que ceux que l'on rencontre partout dans ces parages. Rien ne nous serait plus agréable qu'un petit séjour tranquille près des montagnes.

Je vous écris à la hâte au depart du courrier, mais avec l'esperance de vous voir et de pouvoir causer un peu de ce qui nous intéresse mutuellement. Je vous quite donc en vous disant au revoir sous peu.

Votre affectionné

A. Guyot

I — 3, 3, 9

186.

Princeton N. J.

24 Deceb. 1873.

Mon cher Mr. Rodrigues,

Madame Guyot et moi venons vous prier de nous faire le plaisir de passer avec nous le jour de l'an, 1 Janv. 1874. Il nous semble qu'il y a bien longtemps que nous ne vous avons vu. C'est en famille, vous le savez; et nous avons, comme toujours, une chambre à votre disposition. Nous comptons sur vous.

Quelle perte nous avons faite par la mort d'Agassiz; et aujourd'hui l'annonce de la mort presque subite de la femme de son fils unique Alexander Agassiz, achève de remplir la coupe d'amertume qu'ils sont appelés à vider.

Dans l'espérance de vous voir bientôt, je reste votre bien sincère ami.

A. Guyot

I — 3, 3, 10

187.

Princeton N. J. 26th Decb. 1877.

Mon cher Monsieur Rodrigues

Madame Guyot et moi espérons que vous voudrez bien nous donner le plaisir de votre présence au milieu de nous le 1er Janvier prochain. Vous nous avez si bien accoutumés à cette faveur, que y comptons avec certitude. Les occasions de vous voir et de causer un peu avec vous sont si rares, que nous espérons bien que rien ne vous empêchera de nous donner au moins cette journée, si ce ne peut être davantage.

Veuillez nous dire que nous pourrons vous attendre le plus tôt que vous le pourrez.

Peut être ne sera-t-il pas sans intérêt pour vous de voir les nouveaux bâtiments de notre collège et les progrès de nos musées. Je sais que tous les progrès vous sont sympathiques.

"Merry Christmas" et mille voeux pour votre prospérité temporelle et spirituelle de la part de votre sincère ami

A. Guyot

I — 3, 3, 11

188.

Princeton N. J. 9 Janv. 1878.

Mon cher Monsieur Rodrigues

Je vous remercie beaucoup de m'avoir communiqué les planches & dessins photographiques que je vous renvoie aujourd'hui par Express. Le procédé est fort intéressant et ressemble un peu à celui qu'emploient maintenant nos libraires pour nos cartes d'écoles. Je voudrais en faire l'essai pour une carte de [*ilegível*] que je vais finir et qui a pour but de placer correctement et nommer toutes les montagnes que j'ai mesurées dans cette région. A cet effet je voudrais savoir à quel prix, le pouce carré, Mess. Leggs Bros. peuvent me fournir la plaque prête pour l'impression. Vous me l'avez dit, mais ce détail m'a échappé. Puis encore la carte préparé par Mr. Sandoz porte des lignes de construction qui ne doivent pas paraître sur la planche destinée pour l'impression; la méthode permet elle que ces lignes soient effacées? Si non, j'en preparerais un exemplaire séparé.

M.me Guyot et moi discutons sérieusement la question du voyage au Brésil. Votre aimable offre est si tentante que j'ai le plus grand désir de l'accepter.

Un renseignement important pour la bourse d'un professeur, qui n'est jamais malade de pléthore. Le retour par steamer serait il également franc, et encore, quel est approximativement le coût de la vie à Rio et ses environs p. ex., le prix d'un bon hôtel par jour? Vous m'obligeriez beaucoup si vous pourriez répondre par quelques lignes à toutes les questions.

M.me Guyot me charge de ses compliments et je vous prie de recevoir les miens; vous savez qu'ils sont ceux d'un sincère ami.

A. Guyot

Monsieur J. C. Rodrigues

I — 3, 3, 12

189.

Princeton N. J. 19 Decb. 1878

Mon cher Monsieur Rodrigues

Madame Guyot et moi venons vous prier de nous donner le plaisir de votre visite annuelle au 1er Janvier, et plus tôt si vous pouvez en trouver le temps. Nous espérons beaucoup que rien ne vous empêchera de vous joindre à notre petite réunion de famille. Veuillez me faire savoir par un mot par quel train nous pouvons vous attendre.

Vous savez que vous avez une chambre toujours prête pour vous, et qu'on chaud accueil vous attend.

Votre bien affectionné

A. Guyot

I — 3, 3, 13

190.

Princeton N. J. 3 Decb. 1879

Mon cher Mr. Rodrigues

J'ai lu hier dans le *Journal,* que sans doute vous m'avez envoyé, la triste nouvelle de la cessation du *Nôvo Mundo.* Mon chagrin a égalé ma surprise et j'avais peine à en croire mes yeux. Il m'est presque impossible de croire que le coup qui frappe votre journal, ne soit pas détourné par quelque mesure exceptionelle. Cette publication entreprise par vous pour le bénéfice de votre peuple, et qui a déjà fait tant de bien et d'honneur au Brésil, ne peut mourir ainsi comme par accident, et au milieu d'une course aussi prospère.

Si toutefois cette loi fatale était irrévocable ne serait-ce pas le moment pour vous de penser aux livres d'école dont votre pays a encore tant besoin. Vous connoissez mieux que personne les besoins; mieux que personne aussi vous pouvez donner à votre population le genre de livres qui sont le mieux adaptés à leur développement actuel. Cette idée, je le sais, n'est pas nouvelle pour vous. Ne tenterez vous de la mettre à exécution?

J'espère que nous serons pas longtemps sans avoir le plaisir de vous voir et de causer un peu de ce que vous comptez faire, si le *Nôvo Mundo* ne reprend pas vie.

M.me Guyot vous envoie, comme moi-même, toutes ses sympathies.

Votre ami sincère

A. Guyot.

I – 3, 3, 14

CHARLES FREDERICK HARTT

191.

Cornell University, Ithaca, N. Y.

Dec. 4th 69

My dear D.r Rodrigues.

I have been thinking about you every day and I have wished a thousand times that I could see you, I have so may this I want to talk about, but my time is not much at any .... & I have better opportunity to write.

We have no law school here, and I fear from what I know of the Univ. that when the professorship you refered to come to be filled out an America or an English when would be close to fill it.

I had proposed the professorship of the portuguese language or literature rather as an honorary this than any this else thinking that it might in that way be of service to you. I have felt a little puzzled to know just whit you would .... If you would still think it good I need propose the plane to do .... Please write me. Why could'nt you come & .... here, It would'nt cost any .... at Lowell & you could'nt quite – as .... to New York. Here we have a good library which is every day .... & you .... the opportunity of ...... the ...... of one professor whose several ...... you good.

I send draft of a letter to Dr. Almeida. Would you have the kindness to correct it & return it to me, & I will send it by next mail.

Book goes confoundedly slowly.

By the by I mustn't forget to tell you that I've got a *boy!* Mrs. Hartt is doing well & sends her *lembranças*.

...... Hartt

Very sincerely yours

Ch. Fred. Hartt

I — 3, 3, 15

192.

The Cornell Univ. Ithaca N. Y.
May 21st 70

My dear Rodrigues,

Preparations for the trip are being steading made and the young men of the party are busy at the portuguese. I have a class of 10 in that language, I don't believe these is anywhere in America more interest taken in the Portuguese than here.

Book is almost finished the latter and larger .... are *splendid*. On the school the book will be handsomely illustrated, I have already seen more than 500 pp. of proof.

Nothing as yet has been done for me by the Univ: — Rodrigues, they don't understand me, they do not know the importance of my work. There is only one way to get money out of the University and that is to have the Expedition so brought before the Public as to *Commit* the Univ. to it. If M.r Cornell and president white could only be bro't to feel that it is a first class affaire and that it would bring honor for the Institut I feel amused they would help me. What a terrible curse verty is!

Very sincerely yours

Ch. Fred. Hartt

I — 3, 3, 16

193.

Cornell University Ithaca,
May 31st 71

My dear Rodrigues:

Now being came through all right, I have set him at work & have ...... matter for him the best I have been able. I like him very much, Every one

class seems, to be .... by his fine appearence. I hope he will be contented, I .... put under Prof. Eddy of the Engineering ...... who will .... him .... & give him a good school. I take him with me to the coal mines of Pen .... to morrow to give him a little .... to get .... with .... of .... studed & to tuck him some. ....

It little note is the paper has .... me conside........ almost everybody seems to get it into his head that Osgood & Co. fit me .... So that. I find it hard to get money. I *must* succeed. But Cornell can do nothin for me.

I have been extremely busy. & much .... my return so that I have had little or no time to write or I could have ansewred the lines slanders I'll do it as soon as possible.

Your very truly

rigues * *Hartt*

I — 3, 3, 17

194.

Cornell University, Ithaca, N. Y.
June 18st 71

My dear D.r Rodrigues,

Since I last saw you I have been so busy that I have hardy been able to write a letter, I have been lecturing, traveling & any part of the time at home I have'nt yet got my fund raised, but I hope to get it, I don't need to tell you that its gives me great anxiety & that I can'nt slept as well as I could wish in consequence. I have abundant faith however & I trust all will come out sight.

I have given some little attention to the sand bag story about gottschalk which went the sound of the paper some time ago, It has not a word of thruth in its, In the first place it would be very likely that such a story would have been known in São Paulo when the occurence is said to have taken place, but I have here a very intelligent student from São Paulo who never heard its spoken of these, moreover assassins who bye the bye are not so numerous in the whole Empire of Brazil as in the City of New York, do not in Brazil use the sand bag, I never heard such a weapon spoken of in Brazil.

I heart other story too of the .... of the .... of one American letther for debit is too ...... about to obtain credence.

---

* No original, desenho de uma roda antes da palavra "rigues"; um coração abaixo do texto e outro antes da assinatura, ambos com dois "t" no centro.

As for the report concerning the .... and .... condition of hundred of Americans in Rio & close where, nothing can be more untrue, Americans are not so abundant in Rio that one could easy get together a hundred.

I send you copies of my last paper published in the Naturalist, I could rather not have .... Marajó discoveries ...... in you next N.º the Novo Mundo, for I ...... that parties already .... the .... my work. If you will to much a note of its for next n.º I am furnish you the ....

By the bye if you receive my pamphlets from Brazil that you went to..... of I would be glad to give you a fine price for them. I am .... to get .... a large library in Brazil.

Well ....

Yours, very sincerely

Jordão is well & contented, He is a nice filha, I think he has come to the best plan he could himself find .... also a few more of the same ...... Mr Smith has sent ....,

[*Rubrica*] *

I — 3, 3, 18

195.

The board steamer "Pará"
Rio Tapajos, Brazil
Sept. 17st 1871

My dear D.r Rodrigues,

I don't feel as tho I was very far away from you say dear Dr, Every where I meet the Novo Mundo & hear you talked about what a pleasure it is to me to hear your journal *uniforme* praised. I have not yet heard one single word of unfavorable criticism, I hear your articles ...... here any intelligent ..... as authoritative, I saw .... last number in Santarem, & send with much pleasure your ...... of you visit to Cornell, By-the-bye I have a new student for my .... a young Miranda from Santarem who is to study geology.

I feel deeply indebted for what you have done for me in Brazil, I find I am known everywhere, and occasionaly where is a strange place person....... by the .... you published, What is more, many persons who can't for the life of them see what is the use of my work thind it must amount to something because the *Novo Mundo* says so. I talk *Novo Mundo* to every body here, with what sucess I do not know. Courage my dear Dr. you are doing a noble work here in Brazil! God bless you!

---

* Um coração no fim do texto como assinatura.

I have not time to write a long letter, I can only say brief that I am, so far, unformed successful in every day. I have undertaken, my collection are excellent & voluminous, Photography, hard work, turns not well, and I am making good .... in geological, linguistic & .... studies I am present appearances I shall do very much more on this ...... than on the last. I know my field,

I have ...... much about this geological survey & I hope that thro' your valiant Assistance it may be .... about. I hope you got the books thro' prof. Riki

It abstract for my paper on the Marajó .... will I doubt not aid very much in developing. Its antiquities of Brazil. It is a great help to me in ...... people here understand my mission.

I have been well, so far, M^r^. Derby has proved himself are able & faithful assistant,

With kindest regards

Your affec. friend

Ch. Fred. Hartt

I — 3, 3, 19

196.

Ithaca NY
8th 74

My dear D.r Rodrigues,

I have been so .... in getting money that I cannot get off before n. 23rd. I shall expect to spend the time necessary to .... thing to a ..... in Rio.

I shall take Jame's advice and undertake an expedition thro' Minas & São Paulo, ... that if I am successfull in doing some good work its my ..... in .... the survey. Morgan have given me $ 1.000 & I hope to be able to .... $2.000 more. I expent to take Ruttbun & Branca with me. James leads me to .... that I shall have aid on my trip thro' Minas, so that the ..... sun will be enough. My boys ...... as long as the morning hold out.

I have had a confounded & hard time its since you were here in trying to get matters into ....

.... wont of it has been that I have had to ...... not so much to .... my Brazil work again that I have .... self. But, thank god, I am beging to see light.

Will be in New York a few days before ....

I want to thank you from the both of my heart for your visit here. It has done more for me than all my own work for a year, and that in the truth. I sincery hope that I shall speedy find myself a point to do something for you.

M.[rs] H. is well & sends regards.

your very truly

Hartt

I — 3, 3, 20

CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA

197.

Il.[mo] Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Tenho presente o seu prezado favor de 20 de novembro p. findo, e sinto o caminho que levou a minha carta, e a causa foi porque[,] tendo-me aproveitado dos envelopes que teve a bondade de mandar-me, p[as]sou-me o tomar nota de sua residência.

Agradeço tudo quanto V. S.[a] fêz em pró dos atlas; Deus permita que alguma cousa se possa fazer. Não imagina quanto custa aqui a impressão litográfica, sem papel 4:005$000 por 500 provas.

Entretanto compare o trabalho e gravura daqui com o dos mapas de Colton, o do Atlas é superior. E o Fletcher disse-me aqui que o menor preço por que se poderia vender o meu trabalho era 50$000 em nossa moeda. Talvez fôsse um conselho de grego, o que não devia presumir, e nem ainda creio, fêz confrontando um com outro trabalho, não falando no trabalho tipográfico, que o de lá é muitíssimo superior.

Se fôsse possível mandar-me um exemplar do Atlas do Johnson, lhe mandaria a importância, quando daí nada se colhesse dos Atlas.

Ando muitíssimo ocupado com a publicação de uma edição das Ordenações do Reino anotadas, obra que espero terminar em fevereiro de 1870, pois já estou com o título 105 do livro 5 impresso. É um trabalho curioso, de que me permitirá lhe ofertar um exemplar, ainda que aí pouco lhe poderá servir, senão como recordação do País.

Ainda desta vez não posso mandar-lhe tôdas as informações que pede o Sr. Guyot.

Disponha de quem é

De V. S.[a] col.[a] obr.[mo] cr.[o]

Candido Mendes de Almeida

Rio, 23 de dezembro de 1869.

I — 3, 1, 8

198.

Il.^{mo} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Estou na posse de sua prezada carta de 20 de abril p. findo, e fico certo do que me diz quanto ao Barão do Penedo, e a revista — *Catholic World,* e por tudo lhe agradeço.

Remeto-lhe agora inclusa uma carta para o Vice-Presidente do Pará Dr. Abel Graça, o qual entregará ao Sr. Hartt, quando ali chegar tôdas as cartas que lhe são precisas para a sua viagem no Brasil. Julguei que assim seria melhor do que remetê-las pelo vapor americano.

Vai também agora nôvo folheto do Dr. Massena sôbre as altitudes das montanhas no Brasil, ou antes em Minas Gerais, visto haver-se perdido o que lhe mandei.

Estimarei saber que o Barão do Penedo já lhe mandou os Atlas.

Eu preciso muito de um Almanaque Católico dêsse País, o que fôr mais completo e mais acreditado. Desejava merecer-lhe o favor de mo comprar.

Li a sua sempre interessante correspondência do *Jornal do Comércio,* e quanto mais noticiosa fôr, mais acreditada e lida será. Precisamos conhecer bem êsse País, e só um brasileiro nos dará a chave dêsse conhecimento, para que o estrangeiro que nos não conhece, não pode fazer que vejamos aquilo que nos cumpre saber.

Recebi a nota impressa que mandou-me sôbre o estado do Catolicismo na Inglaterra. Se o Catolicismo tomar pé nesse grande País, e fôr aí bem compreendido, dará dias de muita glória à Igreja. Como sabe o Mundo fora do Evangelho, ainda está por catequizar, e as seitas fora da Igreja são para isso impotentes: sua fôrça é sòmente de destruição, e serve sòmente para reter e demorar a ação da lei da graça.

Sou com particular estima

De V. S.^{a}

Col.^{a} e cr.^{o} obr.^{mo}

Candido Mendes de Almeida

Rio de Janeiro, 23 de maio de 1870.

I — 3, 1, 9

199.

Il.^{mo} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Respondo ao seu prezado favor de 21 de agôsto p. findo, felicitando-o por ter concluído a sua *Crestomatia.* Pode ficar certo que farei todo o esfôrço para que ela seja adotada pela Instrução Pública; e nisto descanse, basta que venha aqui alguns exemplares.

Fico certo do que me diz quanto à venda dos Atlas, e sinto o incômodo que lhe tem causado. Do produto compre-me o exemplar do *Atlas* do Johnson. Se fôr um simples mapa, como parece indicar a sua carta, não quero.

O Barão do Penedo não lhe tem mandado os outros exemplares? O que tem respondido?

Agrada[m]-me as chapas de que me fala e remete amostra[;] veja se me manda algumas para o Atlas, e outras para o Código Filipino e Auxiliar; bastam seis de cada um dos exemplares que vão. Se o Westermann & C.ª assegura os doze dólares por cada um Atlas faz-me então a venda contanto que seja grande o número de exemplares. Responda-me sôbre êste ponto na volta do vapor.

Muito apreciei a sua última carta do *Jornal do Comércio,* pelas notícias que dá acêrca do resultado da emancipação da escravaria nesse País. Como desde a Academia sou abolicionista, agradou-me muito essa comunicação. Veja se escreve alguma cousa mais metodizada, em folheto, que aqui se venderá bem. A emancipação marcha e essa nódoa vai apagar-se no nosso País.

Se conhecesse o seu correspondente Sabino Batista Lopes, mandar-lhe-ia outras cousas que por aqui aparecem, e que lhe seriam agradáveis, estando como está[,] ausente da Pátria. Breve falarei com êle.

Dêsse País que muito desejo conhecer, o que preciso por agora são almanaques e estatísticas, pois não teria tempo para examinar outras cousas.

Disponha sempre de quem é

De V. S.ª

Col.ª cr.º obr.ᵐᵒ

Candido Mendes de Almeida

Rio, 24 de setembro de 1870.

I — 3, 1, 10

200.

Rio de Janeiro, em 23 de novembro de 1870

Il.ᵐᵒ Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Respondo ao seu prezado favor de 24 de outubro p. findo, agradecendo-lhe o mimo que me fêz da obra do Dr. Hartt, assim como o exemplar do seu belo e interessante jornal — *Nôvo Mundo.* Uma e outra cousa muito me agradaram; e confio que o seu jornal viverá, porquanto foi aqui bem e justamente acolhido, e creio que não lhe embargará o outro que vem de Londres.

Por minha parte farei o possível para ajudá-lo, mas com esperança de êxito sòmente em maio na Câmara dos Deputados.

Tomo quatro assinaturas, ficando lá duas para virem no fim do ano encadernadas, e as outras deverão ser remetidas pelos paquêtes.

A obra do Hartt é mui importante e merecia ser traduzida para aproveitar a êste País, onde o inglês é pouco cultivado por causa do francês. Mas a sua esfera vai-se alargando.

Fico certo do que me diz quanto as chapas, e deixo ao seu arbítrio a remessa: a princípio bastam poucas.

Descanso quanto ao *Atlas* do Johnson e a resposta do Westermann & C.ª

Tenho lido o *Nôvo Mundo*, e de nôvo o felicito pela idéia, e excelente elaboração dos artigos. Sòmente não posso concordar com [o] que diz quanto à doutrina da infalibilidade. Sinto dizer-lhe. V. S.ª não estudou a questão, senão com o seu talento e perspicácia não diria o que ali vejo escrito.

Agradeço-lhe o oferecimento que me faz das colunas de seu jornal, e se fôr possível, escreverei o que puder em bem do nosso País.

Por ora não lhe posso mandar notas biográficas minhas, mas se lá chegar o tomo IX do *Dicionário do Inocêncio*, o bibliográfico[,] encontrará alguma cousa que possa servir a V. S.ª.

Não tenho mandado tirar fotografias, e por isso não mando o retrato que pede. Brevemente o farei porque alguns amigos têm insistido, e não poderei negar-me mais. Então cumprirei suas ordens, com obrigação de troca.

Logo que tenha algum respiro lerei mais detidamente o livro de Hartt para dizer alguma cousa.

No artigo sôbre a emancipação dos escravos V. S.ª é injusto com o Govêrno do Brasil. Está em estudo êsse negócio e verá o que em maio vai aparecer no sentido da emancipação da raça africana. Não podemos andar com a presteza de países que jogam com vantagem nessa questão. A situação do Brasil é mais singular.

Eu sou inimigo da escravidão desde 1836, inimigo teórico e prático, porque nunca mais admiti a doutrina de que um homem pudesse dizer-se — senhor de outro.

Apoiei o Ministério Eusébio quanto me era possível em 1850 e 1851 na questão do tráfico. Em 1864 no Ministério Zacarias sendo Diretor-Geral do Ministério da Justiça acabei (de acôrdo com êle) com os africanos livres, e de tal modo em 4 meses que em 3 de agôsto já estava pronto o Decreto para a total emancipação do resto, Decreto que o Zacarias não quis referendar por delicadeza, o que o seu sucessor fêz. Mais de 15 mil saíram dessa escravidão.

Disponha de quem é

De V. S.ª

Col.ª [e am.º] obr.^{mo}

Candido Mendes de Almeida

Rio, 23 de novembro de 1870.

I — 3, 1, 12

201.

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Muito agradeço o que me comunica em seu prezado favor de 23 de outubro p. findo, e aceito as condições que propõe. Mas em vista do anúncio que publicar no último número (o de novembro) eu regularei o número de linhas de cada anúncio: depois de publicado o primeiro anúncio é que se pode apreciar a importância de sua proposta.

Nas capas do *Direito Mercantil,* e das *Memórias do Maranhão* verá o anúncio do *Atlas,* e para o *Direito Mercantil* vai incluso o anúncio que se tem publicado. Reduza-o se entender conveniente, mas se puder sair integralmente seria melhor.

Nos anúncios do *Gottinya* o geógrafo Wappäus publicou um juízo crítico acêrca do meu *Atlas,* mui lisonjeiro, como verá do rôlo que vai acompanhando esta carta. É tradução do artigo que foi feito por um alemão aqui, mas em péssimo português.

V. S.ª se quiser pode vestir o artigo à *brasileira,* e publicar o que entender acertado.

Emilio Levasseur, no *Bulletin* da Sociedade Geográfica de Paris, também se mostra mui favorável a êste trabalho (o *Atlas),* assim como Vivien — de S.t Martin na sua *História da Geografia,* obra mui moderna: Tudo é de 1874.

Estou à espera do que me promete quanto aos Srs. Colton. O nosso amigo Hartt parece-me estar satisfeito com o acolhimento que aqui tem tido. Por minha parte tenho feito o que me tem sido possível.

Disponha de quem é com particular estima

De V. S.ª.

Col.ª e am.º obr.º

Candido M. de Almeida

Rio, 23 de novembro de 1874

N.B. Peço que os dous anúncios se publiquem separados, cada um em página diferente. Nada de acumulação.

Paga-se a dinheiro o anúncio do *Direito Mercantil,* aqui no escritório do *Nôvo Mundo.*

I — 3, 1, 13

202.

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Estou de posse do seu último favor de 23 de novembro do ano passado, que logo não pude responder por incômodos de saúde, o que ora faço.

Vejo o que me diz sôbre o Colton, e muito lhe agradeço a resposta que deu.

No último número do *Nôvo Mundo* li um anúncio do *Auxiliar Jurídico,* cousa que nunca pedi e admirei-me porque êsse livro forma o segundo tomo do Código Filipino. O que pedi foi anúncio para o *Direito Mercantil* trabalho meu mais moderno, e que interessava em fazer mais conhecido com o anúncio [em] seu jornal. Há um *qui pro quo* bem desagradável para nós, e que, bem desejo, se não reproduza.

O anúncio do *Atlas* não veio.

Devo porém prevenir que[,] se há tanta dificuldade em anunciar, eu desisto do empenho.

Muito estimo que tenha tido mui boas-festas de Natal e ano bom dispondo de quem é.

De V. S.a

Col.a e am.o obg.do

Candido Mendes de Almeida

Rio, 22 de janeiro de 1875.

I — 3, 1, 14

MANUEL DE OLIVEIRA LIMA

203.

Lisboa, 29 de março 1896.

Ex.mo Amigo Dr. José Carlos Rodrigues.

Só ontem recebi seu estimado favor de 27 do mês findo, dirigido para Pernambuco, pois que embarcamos no "Clyd" a 1 de março. Aqui estou terminando algumas embalagens de móveis de minha casa e seguirei nestes poucos dias para Paris e Havre, devendo chegar a Washington nos primeiros dias de maio.

Muito lhe agradeço sua resposta à minha oferta de colaborar no *Jornal,* e estou de perfeito acôrdo com o que escreveu-me a respeito. Fico certo de mandar duas correspondências mensais, muito provàvelmente via Europa, e telegramas especiais sôbre questões importantes e de interêsse para nós. Fico igualmente certo de receber o honorário de fs. 10 mensais, que me será pago

pela filial do London & Brazilian Bank em New York, e de aí ter a minha disposição certa soma que poderei sacar para despesas telegráficas.

Não desejo contudo iniciar o aludido serviço no dia imediato ao da minha chegada: sòmente depois de um mês ou pouco mais, o tempo de instalar-me, e orientar-me um pouco naquele meio, desconhecido para mim. Esta pequena demora redundará, estou certo, em proveito dos leitores do *Jornal*.

Pode dirigir suas cartas para a Legação. É o endereço mais seguro.

Também lhe agradeço o dizer-me que guardará completa reserva sôbre o nome do correspondente do *Jornal* em Washington. Outro tanto farei por meu lado.

Aguardando suas ordens e retribuindo sinceramente suas expressões de simpatia, peço-lhe creia-me seu

Ad.or Amigo obr.o

M. de Oliveira Lima

I — 3, 3, 33

204.

Washington, 15 novembro 99

Ex.mo Amigo Sr. Dr. J. C. Rodrigues

Recebi sua última cartinha e muito agradeço as felicitações pela minha remoção para Londres, onde terei o máximo prazer em vê-lo nestes poucos meses, segundo anuncia-me.

Peço-lhe o obséquio, se quiser continuar a favorecer-me com a remessa do *Jornal*, de mandar mudar meu enderêço para a Legação em Londres. Procurarei corresponder à sua gentileza escrevendo algum artigo sôbre Inglaterra, agora que me acho desembaraçado de alguns trabalhos literários que tinha em mãos. Espero que o volume sôbre os Estados Unidos terá chegado sem extravio às suas mãos. Pedindo-lhe suas ordens para Inglaterra, subscrevo-me com particular estima e consideração.

De V. Ex.a

at.o Ven.or Col.a Am.o obr.o

M. de Oliveira Lima

Dr. M. de Oliveira Lima
Brazilian Legation
55 Curzon St. London W

I — 3, 3, 34

205.

11, Southwell Garden, S. W.

Londres, 12 maio 1900

Ex.^{mo} Amigo Dr. J. C. Rodrigues

Devolvo-lhe as cartas, devidamente assinadas, e tenho o maior prazer em fazê-lo. Peço permissão para incluir uma carta que acabo de receber de New York do Vice-Cônsul português ali, Sr. A. A. Ferreira, sócio do falecido P. Lima, pedindo-lhe o favor de tomar dela conhecimento e dizer-me o que posso responder-lhe sôbre o assunto. Ignoro inteiramente êsse negócio. A única cousa que sei é que o falecido P. Lima pagou-me pontualmente todos os meses até o do falecimento, conforme em tempo mandei dizer ao *Jornal,* cujas últimas contas comigo foram depois liquidadas diretamente. Desculpe-me incomodá-lo, mas preciso dar ao Sr. Ferreira qualquer resposta, e só poderei fazê-lo depois de ouvir o Ex.^{mo} Amigo.

Aqui estêve hoje o Sr. Alencar Lima.

Até breve e desejando-lhe muita saúde e felicidade em sua nova habitação, subscrevo-me com particular estima e consideração.

De V. Ex.^{a}
Am.^{o} at.^{o} e obr.^{o}

M. de Oliveira Lima

I — 3, 3, 35

206.

11, Southwell Garden, S. W.

Londres, outubro 1.^{o} 1900

Ex.^{mo} Amigo Dr. J. C. Rodrigues

Acabo de receber sua carta de hoje, acompanhada da comunicação oficial, a que responderei amanhã, e da minuta para a Companhia, à qual também vou oficiar amanhã. Estou lendo o seu Relatório e para bem inteirar-me do assunto, peço-lhe se não esqueça de mandar-me a resposta da Companhia. Também lhe peço o favor da transmissão da cópia do telegrama do Murtinho para ficar junta aos demais papéis na Legação, e esclarecer "os historiadores do futuro" sôbre a fase da minha participação à Companhia.

Estimando que tudo se possa arranjar com satisfação sua e proveito do nosso país, subscrevo-me, como sempre com a maior simpatia e aprêço

De V. Ex.ª

at.º am.º m.to obr.º

M. de Oliveira Lima

Minha mulher vai muito melhor e muito agradece seu cuidado. Começou hoje a escrever-lhe para agradecer as lindíssimas rosas, mas teve de deixar a pena por estar ainda muito fraca.

I — 3, 3, 36

207.

11, Southwell Garden, S. W.

Londres, 29 outubro 1900

Ex.mo Amigo Dr. J. C. Rodrigues

Com imensa pena deixamos de ir ver passar os C.J.V. Tomamos um carro e *chegamos até Hyde Park Corner,* mas aí foi-nos impossível romper a multidão, quer no carro, quer a pé. Imagine o nosso desapontamento! Flora esperava Mrs. Ronhisa a lanchar e por isso não pudemos partir de casa cedo como deveríamos. Era tarde demais para lutar contra a maré imperialista.

Não posso dizer que ficará para outra vez, porque há circunstâncias e ocasiões que se não repetem. O que posso dizer é que não ficamos menos agradecidos à sua cativante amabilidade.

Creia-me sempre, com muita estima e consideração

Patr.º e Am.º m.to obr.º

M. de Oliveira Lima

I — 3, 3, 37

208.

Tóquio, 27 junho 1902

Meu caro amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

O *País* do começo de abril dava a notícia que eu seria o provável sucessor do Dr. Rêgo Barros na Legação do Peru. Não me acusa a consciência de haver

feito tanto mal que deva de justiça ser escolhido para correr tôdas as Legações distantes e exóticas. Para o Japão vim com prazer, e no Japão estou com grande prazer. É um país encantador como natureza, um centro importante da política do mundo, um teatro de experiências interessantes. Forneceu-me assunto, e cativante, para um livro de impressões que já concluí e ficará um volume de mais de 400 páginas. O Peru é porém um país morto, um meio por assim dizer nocivo à atividade intelectual. Deve pesar sôbre nós com todo o pêso do seu passado, não só colonial, como incásico. Para o Chile estimaria muito ir (se o Dr. Costa Mota, que por todos os motivos merece muito mais Bruxelas do que o Dr. Rêgo Barros e passou 4 anos em Santiago, fôr removido para a Europa e não me couber a mim essa boa sorte).

Não podendo ter agora Europa, ou Chile pela sua importância na política internacional americana, preferiria esperar aqui como Ministro uma melhor oportunidade de voltar para junto dos meus livros, a continuar a minha *História Diplomática do Brasil.* Entretanto não estou ocioso: preparo mais alguma cousa sôbre a Ásia, e um estudo crítico sôbre Southey e seus trabalhos sul-americanos para publicá-lo juntamente com um sôbre F. Denis etc., abrangendo vários estrangeiros notáveis que se ocuparam do Brasil. É tempo entretanto de poder manobrar com a biblioteca que tenho tão pacientemente coligido e empreender em série regular aquilo que quero seja meu trabalho capital, e do qual a *Memória sôbre o Descobrimento e o Reconhecimento do Império* foram episódios destacados. E se, andando de Herodes para Pilatos, por lugares onde não posso pensar em instalar meus 5 000 volumes, fôr perdendo os melhores anos da minha vida, quando concluirei a referida obra? O meu *D. João 6.º* está parado por falta dos livros; parada a continuação do *Reconhecimento,* inédito o *Catálogo dos Manuscritos brasileiros do Museu Britânico* que quero editar aí; na gaveta o livro sôbre o Japão, que não poderei imprimir no Peru...

Perdoe-me recorrer à sua alta influência e boa amizade para pedir-lhe encarecidamente que afaste de mim essa pouco invejável promoção, que mais merece quem, o Sr. o sabe bem, tem passado sua vida trabalhando e produzindo, não vadiando e luxando. O Cabo Frio disse-me em 1895, quando fui promovido a 1.º Secretário por Washington, que Peru ... na mesa, assado, e para quem gosta. E eu não gosto. Não posso nem devo nem quero enjeitar promoção, mas o que prefiro, se não puder ir já para a Europa ou Chile, é permanecer em Tóquio, caso elevem esta Legação a Legação de Enviado Extraordinário, como é de tôda conveniência diplomática e como o deseja o Govêrno japonês, e disto tem conhecimento o nosso Govêrno. Felizmente minha mulher, depois de ter estado bastante doente, está agora de melhor saúde, e só temos razões para gostar dêste pôsto.

Mais uma vez desculpe-me importuná-lo. É a primeira vez que o faço em negócios de carreira, porque a ninguém melhor me poderia dirigir nestas circunstâncias, e confio no resultado. Repito — a América do Sul não me apavora,

mas tenho a pretensão de passar todo o tempo na Europa. Chile me agradaria imenso, mas Lima... libera-me.

Aceite, meu prezado Dr. Rodrigues, os meus melhores votos pela sua saúde e felicidade, e creia-me, com muita amizade e consideração,

seu m.to at.o v.or e adm.or am.o
M. de Oliveira Lima

P.S. Seria o cúmulo do favor dizer-me alguma cousa de positivo sôbre meu destino para regular minha vida com tempo. Desde já lhe agradeço de coração o que certamente fará por mim.

I – 3, 3, 38

HENRY H. GORRINGE

209.

Personal

121 C. St. N. E.

Washington D. C. September 21st 1874

J. C. Rodrigues
Editor, O Novo Mundo
Dear Sir

I send you two books, published by the government, which I have been informed you desired to obtain. Conscious of their great defects I have no desire that they should be reviewed.

If at any time you run afoul of information that would enable me improve and correct subsequent editions of the works I will be very much gratified at its receipt. N.o 43 is incomplete in itself, owing chiefly to my want of knowledge in book making, it being my first attempt and reluctantly undertaken after most urgent request. I hope to make the 2nd edition much better.

Do you know of any complete English-Portuguese & Portuguese-English dictionary? We suffer very much from the want of owe and I wonder that some competant persons have made no effort in making one.

Would it be asking too much to request you to write me which in your opinion is the best.

I am yours very truely
Henry H. Gorringe

.... U S N?

I – 3, 2, 90

210.

23 University Place
Tuesday January 25th 1881

Dear M.r Roderiguez

I find that it will be impossible for me to accept your kind invitation for this evening as I am very unexpectedly called on to do some work that will require my constant attention all night. I cannot escape it; and I hope you will understand my awkward, situation and forgive me. Sincerely yours.

Henry H. Gorringe

I — 3, 3, 1

211.

32 Waverly Place
New York City
April 7 th 1881

My dear Roderiguez

It gives me great pleasure to present to you for such disposition as you may deem fit the samples herewith:

N.o 1 Chips from the base of the Obelisk.
N.a 2 Chips from the steps
N.o 3 A steel clamp partly covered with lead just as it was found where it was put 22 B. C.
N.o 4 A piece of one of the steel clamps.
N.o 5 Pieces of the copper dowels that extended from the crab into the obelisk and pedestal.
N.o 6 Pieces of lead that held the copper dowels in place.
N.o 7 A sample of the yellow cement and
N.o 8 A sample of the mortar that was removed from the foundation where they had been placed by the Romans 22 B. C. when they reerected the obelisk at Alexandria.

The yellow cement was used *only* in laying the corner stone, which is also a standard of measure, being two Egyptian Royal cubits square and two

Egyptian Nahud cubits in height. The clamps were used to hold the several pieces of the steps together.

Faithfully & sincerely yours
Henry H. Gorringe

U. S. Navy?

I — 3, 3, 2

212.

My dear Roderiguez

The enclosed note explains my not being able to accept your very kind invitation for tomorrow evening. I had forgotten all about it and would have got myself into a snarl but for an accidental reminder.

Come and see me. I have something to say to you of importance. I would like to have you dine with me some evening next week, say Monday, at some out of the way place or at the club were we can arrange a little matter.

Very sincerely yours
Henry H. Gorringe

December 17th 1884 (1881).

I — 3, 3, 3

213.

Monday morning

My dear Roderiguez

Are you going to dine with me this evening? Please to let me know as early today as you can so that I may give an answer to a proposed appointement for this evening. A farewell dinner to Pearce.

Sincerely yours
Henry H. Gorringe

If you will dine with me come to my rooms say at 6/30 and we can either send out for dinner or go out or get it.

H. H. G.

I — 3, 3, 4

214.

Consulado Geral do Brasil nos Estados Unidos

New York, 21 de outubro de 1878.

Meu Amigo e Colega.

Acabo de receber a sua carta de hoje e para provar-lhe quanto aprêço dou não só à sua amizade como à sua reclamação, apresso-me a responder-lhe.

Quanto ao abuso que o Sr. Herculano de Aquino tenha feito do fato de ser ao mesmo tempo meu empregado e proprietário de uma fôlha, reputo-o negócio tão sério que vou tratar de lhe pôr côbro. O meu Amigo muito me auxiliaria se me fornecesse alguma prova dêsse abuso, como por exemplo a carta do proprietário de hotel a que alude, bem como se se prestasse a ir comigo a êle ou a outrem a fim de investigarmos juntos os fatos. Depois das 3 horas da tarde, acabado o serviço de expediente no Consulado, ou em outra hora que lhe seja mais conveniente e me designe, estou para isso ao seu dispor. Acredite que ninguém terá maior satisfação do que eu ao ver sustado êsse proceder do Sr. Aquino de que o meu Amigo se queixa.

Quanto às duas outras queixas, relativas a recomendações dadas a autores de catálogos de fabricantes norte-americanos e presidente da Brazilian Trade Co., sinto discordar do seu modo de ver. Dando essas recomendações não fiz mais do que cumprir as disposições do art. 1.º do Regulamento Consular, que marca como meu primeiro dever promover o comércio. Dei essas duas recomendações como dei ao meu Amigo uma semelhante que me pediu para seus jornais, com a única diferença de que, com justiça, tive o prazer de falar da sua emprêsa em têrmos com que ainda não falei de nenhuma outra. Creia que me faz injustiça supondo-me proteger qualquer interêsse contrário ao de suas publicações. Prezo tanto o serviço que com elas o meu Amigo está fazendo ao nosso país, que não duvido dizer-lhe que, se tais recomendações afetam a marcha de seus jornais, e criam-lhe concorrentes que abusam de cartas dadas em boa-fé, estou resolvido a, d'ora em diante, recusar tais recomendações.

Certo da nobreza de seu caráter e da sua amizade, devo dizer-lhe, ao terminar, que não vi ofensa alguma em sua carta, e assino-me como sempre

Seu amigo e colega

Salvador de Mendonça

I — 3, 3, 56 — n.º 1

[*Em anexo*:]

A CARD FROM THE BRAZILIAN CONSUL-GENERAL.

To the Editor of the Evening Post:

Hearing that my name is being used in connection with some advertising enterprises, in order to impress upon the American manufacturers that the official protection of this consulate will be given to trade brought about by those means, I beg to declare that, although during three years that I have been in charge of this office I have had occasion to recommend the plan of three companies for the development of Brazilian trade, which is in the line of my duties, I have no other interest in such matters, and no connection whatever with any paper, catalogue *or advertising scheme. Respectfully,*

Salvador de Mendonça

Brazilian Consul-General

New York, October 24, 1878. I — 3, 3, 56 — n.º 2

215.

Washington, 18 de fevereiro de 1891.

Meu caro Rodrigues.

Espero que a esta hora já V. tenha recebido do Govêrno todos os dados para esclarecer o objeto e vantagens do acôrdo aduaneiro de 31 de janeiro entre Brasil e os Estados Unidos.

Por esta mala remeto extenso relatório e documentos que devem satisfazer a todos os homens imparciais acêrca dos benefícios que colhemos dêsse acôrdo. A nossa perda de renda será muitas e muitas vêzes coberta pelos impostos sôbre a importação que começarão a pagar os Estados cuja riqueza vai crescer com a obtenção do monopólio dêste grande mercado para o seu açúcar. Se não denunciarmos estultamente o acôrdo antes da prática ter demonstrado que largo benefício vamos colhêr dêsse ajuste, os Estados Unidos não farão tratado nem com a Espanha nem com a Inglaterra, e assim ficarão excluídos dêste mercado os nossos únicos competidores sérios para o açúcar de cana, isto é, Cuba e Pôrto Rico, Dominicana e Jamaica.

É preciso não conhecer as circunstâncias econômicas e o estado a que o protecionismo levou as manufaturas dêste país para recear que a exportação norte-americana expulse dos nossos mercados produtos similares europeus. Se os produtos da manufatura norte-americana não podem lutar no mercado do-

méstico com os europeus, tanto que levanta-se cada vez mais alta a barreira protecionista, como conceber que possam lutar com êsses produtos europeus nos mercados estrangeiros, aos quais têm de chegar gravados ainda com as despesas de comissão, frete e seguro?

A mala está a fechar-se e mal tenho tempo de te mandar retalhos de jornais, dous artigos traduzidos e um opúsculo de um cubano que já aconselha aos seus compatriotas que abandonem o açúcar e tratem de outras indústrias.

Teu amigo e obr.º

Salvador de Mendonça

I — 3, 3, 57

216.

New York, 11 de agôsto de 1893.

Rodrigues.

Eu e minha família damos a V. e lhe pedimos que transmita a S. Ex.ma Irmã e Família os nossos pêsames pelo falecimento de seu bom e estimável Pai, de cujo passamento soubemos com pesar.

Seu colega e amigo antigo

Salvador de Mendonça

I — 3, 3, 58

217.

Dezembro, 10.1898.

Rodrigues

Peço-lhe o favor de mandar compor, para sair no fim do artigo que lá está para amanhã, o incluso pós-escrito.

V. desculpe-me não ter ainda ido vê-lo à sua casa, em razão de passar o dia a reler papéis velhos e a escrever o "Ajuste de contas". Isto, com a temperatura que temos tido, toma-me o tempo todo.

Do amigo velho e col.a

Salvador de Mendonça

I — 3, 3, 59

218.

Rio, 1.º de outubro de 1902.

Rodrigues.

Desde ontem que infrutìferamente procuro a V. no *Jornal* e em sua casa. Peço-lhe o obséquio de mandar-me dizer pelo portador, ou em bilhete dirigido para a Rua do Hospício n.º 104, escritório de meu irmão Cândido Drumond, que está aberto até 4 horas, quando e onde posso falar-lhe em particular acêrca de negócio de meu interêsse.

Sempre

De V.

Amigo velho e obr.º

Salvador de Mendonça

I — 3, 3, 60

MANUEL VITORINO PEREIRA

219.

Amigo e Sr. José Carlos Rodrigues.

Piedade, 26 de novembro de 1894.

Agradeço penhoradíssimo a gentileza do convite que me fêz, e ao qual por motivos estranhos a minha vontade não pude corresponder. Interêsses de família obrigaram-me a ir a Friburgo ver os meus filhos, que ali se achavam. Supus que conseguisse voltar a tempo, mas não me foi possível, por não haver trem de volta a tarde, aos domingos. O meu colega e amigo Dr. Artur Rios ficou encarregado de explicar a minha ausência, caso ela se desse.

Espero que me desculpará, e fique certo que aprecio muito as suas boas relações, e espero estreitá-las, cultivando-as com empenho e desvanecimento.

Do am.º e adm.ºr

Manoel Victorino

I — 3, 4, 7

220.

Ex.^{mo} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Piedade, 28 de março de 1895

Não podendo pessoalmente acompanhá-lo a bordo peço-lhe que aceite os sinceros votos que faço para que tenha uma viagem próspera e útil a sua emprêsa e a pátria. Que volte breve a prestar à imprensa do nosso país os serviços preciosos que lhe asseguram a sua atividade verdadeiramente americana, e a sua elevação de vistas, fruto de um espírito eminentemente culto e moderno, é igualmente vivo desejo meu.

Sempre às suas ordens

Como am.º e adm.^{or}

Manoel Victorino

I — 3, 4, 8

221.

Amigo e Dr. José Carlos

Rio, 13 de novembro de 1895

Tomo a liberdade de recomendar-lhe, com o mais vivo interêsse, o meu distinto Colega o Sr. Dr. Teodoro Harke, hábil especialista de moléstias de garganta e ouvidos, que deseja ser bem acolhido por essa digna e ilustrada redação.

Agradeço desde já o benévolo acolhimento que dispensar ao meu honrado colega

Do admirador e am.º

Manoel Victorino

I — 3, 4, 9

222.

Amigo Dr. José Carlos,

Agradeço-lhe o delicado e honroso convite que me fêz, e a oportunidade que me deu de prestar não só a oficialidade da esquadra argentina, como ao seu digno anfitrião o meu muito aprêço.

Do am.º adm.^{or}

Manoel Victorino

Setembro, 5, 1896

I — 3, 4, 10

223.*

Manoel Victorino Pereira agradece penhorado.

Capital Federal.
[1898]

I — 3, 14, 13

BERNARDINO DE CAMPOS

224.

Capital Federal, 27 de novembro de 1896.

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Peço queira atender ao seguinte:

O *Jornal do Comércio* de hoje em uma "vária", alude à notícia de acôrdo sôbre as Docas de Santos e a Alfândega de S. Paulo, pondo o seu informante, em confronto, tal acôrdo com emendas que eu apresentei, no Senado, sôbre o orçamento da viação.

As emendas que subscrevi com os Senadores, João Pedro, Chermont, Morais Barros e Paula Sousa referiam-se, uma, ao modo pelo qual a proposição da Câmara mandava prorrogar contratos diversos, entre as quais um das Docas de Santos; outra sôbre a dragagem do pôrto pelas Docas.

Nada têm estas emendas com o acôrdo em que, como senador, entrei para regular as relações das Docas com a Alfândega de S. Paulo; nem era possível que, por intervir nesse acôrdo eu ficasse com a minha ação limitada no Senado, de modo a não poder votar como entendesse sôbre as medidas que o orçamento continha. Faço um apêlo ao seu cavalheirismo para que se digne consignar em o *Jornal* esta explicação, mas peço que a dê, se aceitá-la, como de informante, jamais, porém, em meu nome, simplesmente pelo cargo que veda-me a discussão; máxime sôbre fato que desejo resolver, conforme as bases do acôrdo, em que entrei antes de prever que me caberia executá-lo, o que aliás não me pesa.

Junto a cópia das emendas.

Atendendo, V. Ex.ª prestar-me-á mais uma gentileza, além das que já me distinguiu. Sou

o am.º col.ª e adm.or

Bernardino de Campos

---

* Cartão.

[Em anexo:]

CÓPIA

Ao § 10. Em vez de — Ficam prorrogados — Diga-se: — O Govêrno prorrogará os contratos, acautelando os interêsses públicos pela melhor forma.

Ao § 11. Acrescente-se, intercalando no lugar conveniente, o seguinte: — ou a quem maiores vantagens oferecer.

Sala das Sessões, em 19 de novembro de 1896. — Bernardino de Campos. — João Pedro. — Justo Chermont. — Paula Sousa. — Moraes Barros.

I — 3, 1, 87

225.

Rio, 14, janeiro 98

Ex.mo Am.o Dr. José Carlos Rodrigues

O Dr. Prudente pede-lhe o favor de ir hoje às 8 horas da noite ao Palácio para conversarmos sôbre o assunto de que já temos tratado.

O am.o col.a obr.o

Bernardino de Campos

I — 3, 1, 88

226.

Rio, 21, junho, 1902

Ex.mo Am.o Sr. J. Carlos Rodrigues

Recebi sua carta e muito agradeço a atenção e obséquio. Já a remeti, com a destinada a meu filho Sílvio, registrada, para S. Paulo. Êle receberá amanhã e entrará em exercício.

O que ocorreu foi o seguinte: O Tobias, em maio, enviou-me uma carta do Sr. João Lopes ao correspondente interino, deixada pelo que saíra, mas não a meu filho, nôvo correspondente. Também o telégrafo não recebera nenhuma nova autorização. Em vista disto, eu escrevi ao Sr. João Lopes avisando o que havia. Minha carta deve ter se extraviado, porque êle não respondeu. Como eu tinha de vir ao Rio, aguardei esta ocasião para tratar do caso aqui.

Entretanto, para não ficar o lugar abandonado, meu filho disse ao correspondente que ainda estava autorizado, que continuava a dar notícias.

Agora, porém, tudo está regular e desde que o telégrafo está autorizado a receber do Sílvio os telegramas, tudo se fará bem e eu respondo pelo serviço.

Queira dispor de quem é, com muita estima e aprêço

O am.º grato adm.or e col.ª

Bernardino de Campos

I — 3, 1, 89

227.

S. Paulo, 26 de setembro de 1902.

Ex.mo Am.º Dr. J. Carlos Rodrigues

Com os meus afetuosos cumprimentos, peço o favor de aceitar, como uma lembrança de S. Paulo, as fotografias do álbum junto.

Queira dispor do

Am.º obr.º

Bernardino de Campos

I — 3, 1, 90

228.

Ex.mo Am.º Dr. José Carlos Rodrigues

Cumprimento-o afetuosamente.

Peço dizer-me se pode obter pelo telégrafo informação quanto à cotação em Londres das *debentures* da Leopoldina, emitidas pela nova Companhia que a adquiriu; ou o valor venal destas *debentures* [;] terá a bondade de mandar-me a nota da despesa.

Am.º col.ª obr.º

Bernardino de Campos

P.S. Se os amigos lhe deram alguma opinião sôbre a reconversão das apólices?

I — 3, 2, 1

229.

Il.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro,

O projeto de navegação para os Estados Unidos está na ordem do dia entre os primeiros.

O Sr. Pimenta Bueno lá está armado em guerra. Recorrem ao expediente de mandar a uma comissão, para adiar o que não se quer rejeitar. A matéria não carece de estudo algum, me parece. As questões de bandeira, e não sei que mais, só têm por fim atrapalhar.

Se V. Ex.a, porém, quiser, a questão acaba hoje mesmo, e salva-se a pátria.

É o que toma a liberdade de vir lembrar a V. Ex.a quem se preza de ser com sumo respeito

De V. Ex.a

Am.o obr.mo e menor cr.o

Tavares Bastos

8 junho 65.

I — 3, 1, 69

230.

22 maio 71
Rio

Meu caro Sr. J. C. Rodrigues.

Como posso eu recusar-lhe o que pede, pelo modo e motivo com que o faz? Seu tão interessante e utilíssimo periódico, quisera eu ajudá-lo e sustentá-lo. Se desta fórma o sirvo, aí vão o retrato e apontamentos.

Minha vida, que bem sabe é alguma cousa laboriosa, não me permite agora escrever para os periódicos. Notícias, porém, que lhe possam interessar, dá-las-ei com muita satisfação.

Desejando-lhe muita prosperidade, assino-me

De V. S.a

At.o e cr.o e Col.a

Tavares Bastos

A 20 de abril de 1839, na cidade de Alagoas, nasci.

Doutor em Direito, pela Faculdade de S. Paulo, em abril de 1859.

Eleito, em janeiro de 1861, membro da Câmara dos Deputados, nela tive assento até 1868, tendo sido reeleito em 1863 e 1867.

De abril de 1859 a setembro de 1861, exerci o cargo de oficial da Secretaria da Marinha, do qual demitiu-me o Ministério conservador, a que me opunha. Como secretário, servi na missão especial ao Rio da Prata em 1864.

Jornalista em 1861 e 1862, voltei de nôvo à imprensa em 1868.

As *Cartas do Solitário* (1861 e 62), o *Vale do Amazonas* (1866) e *Província* (1870), foram publicados para promover as franquezas econômicas e a liberdade política [*ilegível*].

Desde 1863, na imprensa e na Câmara, empenhei-me pelo desenvolvimento material do império. Permita-me lembrar que a atual linha de navegação a vapor subvencionada de New York ao Rio de Janeiro foi por mim proposta em 1862 e tive o prazer de vê-la aprovada em 1865.

I — 3, 1, 70

231.

3 fevereiro 72

Rio

Meu caro Am.º e Sr. José Carlos Rodrigues

Ausente do Rio de Janeiro, recebi há poucos dias sua estimada carta do paquête de dezembro. Fui a Teresópolis robustecer-me um pouco; nada adiantei, porque meu padecimento é do fígado, que exige águas minerais. Assim, recomenda-me o médico que parta para *Baependi* (Minas Gerais), onde, como sabe, temos as excelentes águas gasosas — ferruginosas e sulfurosas do lugar chamado *Caxambu*, a três milhas da cidade daquele nome (Baependi).

A 5 do corrente para ali partirei; espero regressar em abril, e, senão bom, pelo menos capaz de trabalho assíduo.

Tal é a explicação que desejo dar-lhe para obter que me releve da correspondência para o *Nôvo Mundo*, que eu aliás tanto desejara poder enviar-lhe regularmente. Mas creia, não sendo meu costume alegar moléstia, sou agora forçado a fazê-lo. Entretanto, não me considere dispensado do seu serviço e da sua importantíssima fôlha: hei de desempenhar-me com ela.

Também não me julgue muito doente: o padecimento não é dos mais sérios, mas há alguns meses agravou-se e me inibe da regularidade de trabalho, tão necessária aos homens da nossa profissão.

Continue, meu amigo, a prestar ao nosso Brasil o serviço da sua bela publicação, que se torna aqui cada vez mais popular.

Sempre

De V. S.ª Am.º obr.mo criado

Tavares Bastos

I — 3, 1, 71

232.

15 abril 74

Rio de Janeiro

Il.mo Amigo e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Antigos sofrimentos meus e os de minha mulher forçam-nos a ir a Europa usar das águas minerais que tanto nos têm sido recomendadas. Partiremos a 23 do corrente pelo paquête de Southampton, seguindo de Londres para o Continente.

Dê-me suas ordens em qualquer parte, certo de que estimarei cumpri-las.

Conto passar o inverno no sul da França, e volver ao Brasil pelos Estados Unidos, onde terá a satisfação de vê-lo quem é

De V. S.ª

Am.º obr.º colega

A. C. Tavares Bastos

I — 3, 1, 72

LUÍS DE CASTRO

233.

Rio, abril 24, 1870

Il.mo amigo e Sr.

Sinto não poder anuir ao pedido que me faz na sua carta de 23 do passado. Dou o devido valor às razões que apresenta, aprecio muito as suas cartas que são excelentes, mas por ora não nos é possível elevar o ordenado que é igual ao dos outros correspondentes. Abstraindo do que lhe é pessoal, ponha-se no nosso lugar e verá que razoàvelmente não podemos retribuir uma só carta com

mais de 100$. Se as comunicações se amiudarem, e V. S.ª tiver de escrever mais de uma vez por mês, então apesar de ser caso previsto nas nossas estipulações não duvidarei concordar em algum aumento. Atualmente o câmbio está muito mais favorável, dentro de pouco estará provàvelmente ao par, e assim vai naturalmente minorando até desaparecer de todo o prejuízo que sofre na remessa do dinheiro.

Esperando que levará em conta estas considerações, repito que não tenho senão elogios que fazer ao seu trabalho e renovo os protestos de estima e consideração com que sou

De V. S.ª

at.º ven.ºr am.º cr.º

Luiz de Castro

I — 3, 2, 10

234.

Rio, agôsto 25, 1872

Il.mo Sr. J. C. Rodrigues.

Am.º e Sr.

Muito grato lhe serei por qualquer proteção que V. S.ª possa dispensar à portadora desta, a Sr.ª Azzema Geri. É uma italiana muito instruída e professôra de canto e piano que se vê forçada a procurar meios de subsistência nessa cidade onde ela ninguém conhece. Interesso-me muito por esta estimável senhora, e se V. S.ª puder guiá-la nas diligências de obter aí algum emprêgo, será mais um obséquio que terá de agradecer-lhe quem se preza ser

De V. S.ª

at.º ven.ºr am.º cr.º

Luiz de Castro

I — 3, 2, 11

235.

Rio, janeiro 5, 1881.

Il.mo Amigo e Sr. J. C. Rodrigues.

Em carta de 5 do passado queixa-se de que lhe demoramos o pagamento do seu honorário mensal, de modo que não raro volta para aí o paquête sem le-

var-lhe. Não sendo êste o costume da casa indaguei o motivo de tal demora. Informa-me o encarregado dos pagamentos que a culpa é exclusivamente do seu correspondente; êle mesmo mais duma vez instou por que o correspondente mandasse receber no dia 10 que se fazem todos os pagamentos mensais, mas o homem declarou que não recebia antes de ver publicada a correspondência. Acontece que esta publicação se retarda as vêzes alguns dias por motivos independentes da nossa vontade mas não se recusa por isso o pagamento. Já vê que só do seu correspondente aqui pode queixar-se.

Passemos a outro tópico; os anúncios daí para o *Jornal*. Se V. S.ª quiser agenciá-los, não haverá nisso senão vantagem. Entretanto as propostas ou circulares, para êste efeito devem ser feitas em seu próprio nome, prometendo V. S.ª fazer inserir tais anúncios no *Jornal*. O nome de J. Villeneuve & Cia. nunca apareceu nem deve aparecer a pedir ou solicitar anúncios. Para cobrir as despesas que fizer com isto e indenizar-se do seu trabalho é justo que V. S.ª cobre a comissão que julgar razoável. Esta comissão deverá ser paga pelo anunciante *além* do preço mínimo que taxamos para a inserção e que é de 150 réis por linha de *mignon* corpo 7 ou 40$500 por coluna do *Jornal*. Temos preço especial para cada corpo de letra, mas para V. S.ª poder calcular fàcilmente o que tem de cobrar por cada anúncio, fica estabelecida esta base simples. O anunciante indica o espaço que quer ocupar, equivalente a tantas linhas de *mignon* e está tudo feito.

A importância que aí receber V. S.ª a encontrará no seu ordenado, e havendo o saldo o remeterá da forma que lhe parecer mais conveniente.

Tendo eu de ausentar-me daqui numa curta viagem que vou fazer, queira V. S.ª dirigir a J. Villeneuve & Cia. as comunicações que a êste ou outro respeito tiver de fazer ao *Jornal do Comércio*.

Desejo-lhe tôdas as prosperidades e esperando continuar a merecer a sua amizade e bons serviços, sou sempre

seu am.º velho e obr.º

Luiz de Castro

I — 3, 2, 12

236.

Rio, 8 de janeiro 1883

Il.mo Sr. J. C. Rodrigues

Respondo à sua carta de 8 do passado que nenhum inconveniente vejo em que continue a escrever de Londres a correspondência dos Estados Unidos, enquanto aí se achar. Sôbre uma vaga possível de correspondente de Londres

nada posso resolver por ora; é um caso fortuito, cuja realização nada faz prever O que lhe posso dizer é que a remuneração inerente a tal tarefa é por demais módica para que possa determinar a mudança da sua residência de Nova York para Londres, se outros motivos lha não aconselharem. Infelizmente não estamos nas condições do *Times*, nem do *New York Herald*, e temos de tomar por correspondentes pessoas que, residindo já no lugar, aceitam o pouco que podemos dar-lhes como achega, como simples acréscimo aos meios de subsistência que tem de vir-lhes de outra parte.

Deseja-lhe saúde e felicidades

o seu am.º velho e obr.º

Luiz de Castro

I — 3, 2, 13

PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUSA

237.

Il.mo Sr. Dr. J. C. Rodrigues

Muito me penhorou a sua carta de 20 de fevereiro, hoje recebida.

Limitar-me-ia a agradecer-lhe a distinção com que me trata, julgando a minha obscura carreira política no caso de ser apresentada aos leitores de sua interessante revista e pedir-lhe-ia que adiasse o favor, que me quer fazer, por estar eu de viagem para o interior da província, se o meu amigo Dr. Melo Matos, achando-se comigo na ocasião da entrega da sua obsequiosa carta, não insistisse por se encarregar de mandar-lhe os apontamentos que exige. Confesso-me sumamente reconhecido à sua lembrança e recebido o obséquio, que todo consiste no juízo, com que me honra, estimaria que ocupasse o lugar da fôlha que me destina com assunto mais digno de atenção do que a minha humilde pessoa, que sua muita bondade quer agora realçar.

Folgarei se puder ser-lhe por alguma forma agradável e prezo-me de ser com todo o aprêço e consideração

De V. S.ª

col.ª at.º e cr.º obr.º

Paulino J. S. de Sousa

Rio de Janeiro, 25 março 1874.

I — 3, 5, 28

238.

Rio de Janeiro 29 outubro 1898

Ex.^{mo} Amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Achei um exemplar dos estatutos da Biblioteca Fluminense, ao qual junto inclusa a carta que há tempo me dirigiu pela imprensa o nosso malogrado amigo Félix Ferreira sôbre a reorganização da instituição. O próprio autor não insistiu na idéia, convindo em outro plano, como mais detidamente lhe contarei.

Envio-lhe também dous autógrafos do Imperador D. Pedro 2.º e duas cartas de meu pai, ambas familiares por não ter encontrado à mão outros escritos do seu punho. Permutaremos se eu encontrar com mais vagar algum documento de valor.

Encanta-me e cativa-me cada vez mais a espontaneidade, com que veio ao meu encontro para aliviar-me de um grande pêso, quando eu me dispunha a ir pedir-lhe conselho e auxílio sôbre o modo de carregá-lo. Agora sim, estou sossegado sôbre a sorte da Biblioteca Fluminense.

Sempre com sincero afeto e muita consideração

De V. Ex.ª

am.º col.ª obr.^{mo} e cr.º

Paulino J. S. de Sousa

I — 3, 5, 29

239.

Biblioteca Fluminense — 29 outubro 1898.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Com o falecimento do distinto escritor Félix Ferreira perdeu esta Associação o Secretário de sua Diretoria, que, na forma do art. 15 dos estatutos, acumula as funções de Bibliotecário e nesta qualidade (art. 18) superintende o estabelecimento, onde está alojada a nossa livraria.

Ser-me-ia dificílimo achar quem substituísse convenientemente pessoa de tanta competência, critério e zêlo, como era o nosso ilustre consócio, se eu não contasse com o amor dos livros e das boas letras, que desde os tempos escolares sobressaiu em V. Ex.ª e se não acreditasse também que será grato a V. Ex.ª, como é a mim, tudo o que lhe traga sempre presente a memória de um amigo fiel e dedicado.

Não hesito pois em pedir a V. Ex.ª que aceite interinamente o exercício de Secretário da Biblioteca Fluminense até que se reorganize a instituição e se

eleja em Assembléia Geral nova Diretoria. O realce dado ao encargo pela aceitação de V. Ex.ª nobilita-o de modo a torná-lo d'ora em diante o mais elevado da Associação.

Deus guarde a V. Ex.ª

Il.mo e Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Paulino J. S. de Sousa

Presidente da Biblioteca Fluminense

I — 3, 5, 30

240.

Ex.mo Amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Inclusos envio os recibos, firmados pelo Tesoureiro da Biblioteca Fluminense, da contribuição dos 13 sócios remidos, cujos nomes ùltimamente me remeteu. À quantia proveniente dessa admissão de Sócios terá a bondade de adicionar 2.000$000 (cheque junto contra o Banco da República do Brasil), com que contribuo por outros 20, que estou angariando. Temos assim a soma de 3.300$000, da qual podem sair já 1.800$000 para pagamento da reparação feita no edifício, 1.000$000 para acalmar a família Martins, que pede com ansiedade e desespêro, não faltando em que empregar os restantes 500$000.

Estive com o guarda-livros Fontes e com o Barão de S. Francisco de Paula, que ambos se comprometeram, o 2.º a dar as notas e documentos e o 1.º a fazer, até 20 de janeiro p. vindouro, a escrita e balanço do ano a findar, de 1899.

Entendi-me com o Barão sôbre o embôlso do seu crédito de 44.000$, ficando êle avisado para próxima conferência da Diretoria, que, na forma dos estatutos, tem de dar parecer sôbre a reforma dêstes antes da convocação da Assembléia Geral. O projeto da reforma tem de ser assinado por 10 Sócios e publicado nos jornais 15 dias antes da sessão da Assembléia Geral.

Espero que, no correr de janeiro vindouro, estará a Biblioteca reorganizada, livre de dívidas e em têrmos de medrar de dia para dia com o seu valiosíssimo concurso.

Cada vez estou mais satisfeito e portanto mais agradecido ao meu amigo pelo serviço, que me está prestando.

Sempre com particular afeto e muita consideração

De V. Ex.ª

am.º obr.mo, col.ª e cr.º

Paulino J. S. de Sousa

S. C. 29 dezembro 1899.

I — 3, 5, 31

241.

Rio 25 de abril de 1874

Meu prezado colega e amigo

Agradeço-lhe o favor da remessa do 1.º dos Tratados e sinto que lhe houvesse causado tanto incômodo. Pelo último paquête escrevi-lhe uma longa carta. Agora apenas respondo à sua estimada acrescentando apenas uma explicação. Não lhe mandei nem lhe mando o retrato que me pediu porque não tenho cópia da minha figura e sem falsa modéstia devo dizer-lhe que me vexaria a honra de figurar no seu belo periódico, que de tão altamente reputado que é só deve admitir o retrato de personagens notáveis. Ainda nada pude fazer que recomende o meu nome ou a minha individualidade. E sei sufocar os impulsos da minha vaidade limitando-me ao modesto papel que me coube em sorte. Se viver muito e por algum título me recomendar à história, estou seguro de que me não faltarão com a justiça.

Aceite esta explicação com a mesma cordial sinceridade com que lha presto e creia que tudo esperando da sua benevolência afetuosa dela usarei sempre que carecer recorrer a ela. Se o Hector Varela, como me diz, publicou ou antes deu à estampa o meu retrato posso assegurar-lhe que obteve algum antigo por intermédio de alguém. Não vi, porém, o periódico onde o estampou. Não tenho acontecimentos importantes de que lhe dê notícia. Aperto-lhe a mão pelo belo artigo relativo ao ilustre Sumner. Foi uma grande perda. Deseja-lhe tôdas as prosperidades o

seu colega e at.º am.º

Q. Bocayuva

I — 3, 1, 75

242.*

Q. Bocayuva cumprimenta ao seu ilustre colega Dr. José Carlos Rodrigues e comunica-lhe que aceita e agradece o seu obsequioso convite.

Rio de Janeiro, 5 setembro 1896.

I — 3, 14, 8

* Cartão.

243.

Petrópolis, 20 de abril 903

Estimado ex-colega e amigo

Acabo de receber o seu obsequioso convite. Aceitando-o eu e minha mulher teremos o prazer de ir pessoalmente, no domingo próximo, apresentar-lhe os nossos agradecimentos pela sua gentileza.

Aperta-lhe cordialmente a mão o seu

af.^{oso} e obr.^{o} amigo

Q. Bocayuva

I — 3, 1, 76

244.

Niterói, 18 agôsto 903

Amigo Dr. José Carlos Rodrigues

Sòmente agora, com o espírito um pouco mais repousado, posso agradecer-lhe não sòmente a sua consoladora carta como tôdas as demonstrações da sua boa amizade por ocasião do infortúnio que enlutou o meu lar.

A espontaneidade do seu confôrto moral e a generosidade dos seus sentimentos ficarão perpetuadas na minha e na gratidão de minha mulher e ambos penhoradíssimos agradecemos íntima e cordialmente tôdas as suas gentilezas.

Creia na sinceridade da nossa estima e na desinteressada afeição do seu af.^{oso} e obr.^{o} amigo

Q. Bocayuva

I — 3, 1, 77

DANIEL AMMEN

245.

Washington D. C. June 23, 85

J. C. Rodrigues, Esac

Dear Sir:

I beg to thank you for the copy of the Financial News containing your preface and the N.^{o} 1 of your coming exposition of the canal question.

I have to beg the favor that you will send me half a dozen copies of each issue for which I will make payment when informed as to amount.

I remember very well your letters no "The World" referred to in your note. They were very interesting and instructive, to those who are capable of seeing the truth — but the prejudices of men govern the great map of mankind who nevertheless flatter themselves that they are guided by their reason.

The "Financiere" published in Paris is now endeavoring to enlighten the French public. It is probable you have that weekly — if not, do not fail to get it as it will serve you most usefully.

If you have not remembered the Essay of Lesseps in the "North American Review" of Jan'ry "80 and at the suggestion of its Editor my reply in the Feb'ry number. I beg to recall them to your attention and if you have not the Report of Menocal and myself to our Sec'ry of State on the so called Paris Canal Congress of "79 pray let me know. I will enclose you to-day what I had to say on presenting the surveys made by our Govt.

This was written by me and passed the inspection of our Sec'ry of State and of President Hayes without a word of alteration.

Had any alteration been made I would have considered it as a more marked endorsement of the paper than otherwise.

I shall endeavor to look up some papers and Reports which I will send you which may facilitate the preparation of your paper or indeed enlarge its scope, and as I see it add to its value if not historically as a practical question.

To those who are fully informed there is no question more important not only to this country, but to the entire commercial world than the construction of the Nicaragua canal, now that we know that it is not only commercially feasible, but in a greater degree than any great work on the Globe, and as the traffic increases, say within 20 years from this date, at only two shillings per ton on displacement, the canal would yield an annual revenue on the investment of more than 10 per cent and this too beyond a doubt & unlike any other great work known to me it could never have a competitor.

Recent surveys not yet platted shorten the line of excavation at least eleven and perhaps fifteen miles but on the other hand with an increased average of depth per mile, but as compared with Panama, even when a Lockage of 124 feet lift is given it the cutting from ocean to ocean would be very inconsiderable.

I will write you at greater length when more at leisure and will be pleased to hear from you and supply any information in my power.

Very truly yours
Dan'l Ammen

I — 3, 1, 29

246.

Washington D. C.

June 26th 85

Mr. J. C. Rodrigues

Dear Sir:

After writing you two days ago it occurred to me to avoid delay that I would send you the congressional Reports of both houses, D.r Bransford's paper in the Sanitarian, the Report of Menocal and myself and what I had to say to the Paris Congress.

I have just rec.d from a friend in San Francisco an address by U.S. Senator Miller to the Chamber of Commerce, the Board of Trade and Merchant's association of that city on the canal question. It is about five columns in lenght of the San Francisco Bulletin of June 17. You doubtless will be able to find it in same of the Club or newspaper rooms of London, as well as the Panama Star and Herald of the 13th. The death rate there and at Colon it simply frightful. I enclose you a slip from the same paper in relation to the Jamaica negroes. The fact is during January and since then very little excavation has been done except by dredgers and the manner of doing that has been so stupid that the soft mud being a semi fluid has closed up again in great part, and after beeing paid for co?... hundred feet linear, the work has to be done over again. Yet possibly Lesseps will get more money just to finish up the Canal although as you are aware the indebtedness is now 755.000.000 francs, with little money on hand and not four per cent of the work done as to quantity, when the cost will be trebled per cubic metre when the drainage is insufficient.

The information in relation to the recent surveys near Greytown by M.r Menocal is not yet developed by platting and calculations. It willl however bell, and perhaps 15 miles shorter in excavation than the original line of savory, but the cuttings will be considerably deeper over some three miles. As soon as I can do so I will forward you more definite information perhaps however not for six weeks.

I will endeavor to write you within that time the causes through opposing interests etc. that have so long prevented action in the construction of the Nicaragua Canal notwithstanding. Its extraordinary commercial certainty in a more marked degree even than the Suez Canal.

Lesseps and the Panama R. R. aided powerfully by the overland railroads. Eads too, hoped to rob the Govermment out of $45.000.000 and *establish freight*

lines across Tehuantepec. He is not such a fool as to believe that he can carry ships over an elevation of 750 feet with grades of 100 feet per mile on the Pacific slope — with safety and profit.

Very truly yours
Dan'l Ammen

I — 3, 1, 30

247.

Washington, D. C.
July 2nd "85

Mr. J. C. Rodrigues:

Dear Sir:

I have just seen M.r Menocal and was pleased to learn that you had kindly sent him numbers of the Financial News as well as to me. I have put my six numbers that have come to hand in a scrap book and when they are complete will put them before our Sec'y of State.

There is only one point of moment which I observed you had omitted in relation to the *finesse* of Mr. de Lesseps.

Througn the Seligman's bankers, he obtained the invaluable services (to him) of our "Minister of Marine" as "American President of the Panama Canal Co." — Here in the U.S. he is known as a sharp county politician who had formerly been a member of Congress had recently written a book quite destroying the pretensions of the Pope it was said — but in fact showing his utter lack of knowledge of the Pope's pretensions and of the Latin language of which he had no adequate comprehension.

But the Minister of Marine of the U. S. "as American President of the Panama Canal Co." was of incalculable value to Lesseps as a stool pigeon in France without which he would have hardly gained his point.

And then too, Thompson has been most useful as a lobbyist in delaying action in granting a concession to the Nicaragua Canal Co.

Within three days I shall write you what the difficulties were in the way of simply obtaining an act of incorporation from Congress and offering without compensation an actual virtual control of the canal by Congress in the interests of our coasting trade without however detriment in any degree to the great traffic of the world, quite indeed as much for its furtherance as though the canal were controlled conjointly in proportion to the tounage duties paid in by the respective powers.

Very truly yours
Dan'l Ammen

I — 3, 1, 31

248.

Confidential

Washington, D. C.
6th July "85.

M.r J. C. Rodrigues.

89 N. Boad st W.
London, Egd

My dear sir:

I have found myself very much occupied since the receipt of your note nearly a month ago and as you probably know, have written you several times. I now send you a kind of disjointed summary of the causes that have led to inaction or delay in the taking up of the Nicaragua Canal construction.

In speaking to a prominent Senator two days ago he quite subscribed to my assertion that we could offer no objection to Nicaragua looking elsewhere if we now failed to execute the work without delay of course if we allow it to pass. Great Britain is deeply interested in having her citizens execute the work. It perhaps would serve her actual purposes quite as well were we to construct the canal but if we allow it to pass she has her coasting trade between the seas, bordering on and external to ours but still important even now and to become more so yearly — above all, France having no sea tounage should not be allowed to possess herself of it and it would embarrass Great Britain greatly wile Germany to do so.

I send you in a separate package a number of news paper slips confirmatory in general of what I have written except so far as the overland roads are concerned, yet of this there are undeniable proofs and we have reason to believe that Huntington and his associates actually aided Barrios in his movement against Nicaragua for the prevention of the construction of the canal.

You will be good enough to make use of any information send you in any manner if you regard it as authentic and I do not desire you to use any part of it except so far as you think it authentic and advantageous.

I have taken great interest in this subject for a quarter of a century and if our countrymen have not sufficient statesmanship to construct the canal, the next best thing is that it should be constructed by the citizens of Great Britain because of a common language and an identity of interests becoming stronger yearly.

One of the slips enclosed by me in another package headed Canal or ship railway was addressed to Lessee Grant the "associate" of Eads. — Owing to this relation I have had no personal intercourse — since oct^tr 81, with Gen'l Grant.

Very sincerely yours
Dan'l Ammen

I have just rec.[d] your papers up to June 23. It seems to me if published in pamphlet form as a supplement to the Financial News, your papers when complete would have a ready sale. At all events I will be pleased to order one hundred & remit to you when informed of the cost.

I — 3, 1, 32

FRANCISCO ANTÔNIO PICOT

249.

Paris, 88 B.[d] Malesherbes

22 de maio de 1889

Meu caro Sr. Rodrigues,

Vou agradecer-lhe o seu favor de 18.

A sua resposta é tão concludente, tão clara, tão explicativa que dissipa qualquer dúvida que pudesse haver a respeito do fato que tomei liberdade de submeter-lhe.

Sinto imenso que o meu amigo ficasse pesaroso com a minha pergunta e que a interpretasse como falta de crença nas suas palavras. Quando nos avistarmos, penso que poderei fàcilmente mostrar-lhe que estou isento de pena e culpa.

Uma cousa porém lhe posso assegurar desde já, e é que não me meto noutra. Cousas há que, chegadas a um certo ponto, devem ser abandonadas ao correr do tempo e das circunstâncias. Com a minha idade e experiência, não devo mais meter mão em cumbuca. Confio que a lição me há de servir, e peço ao meu Amigo que varra do seu coração o pesar de que fui inocente causa.

Suponho que o Amigo quererá ver a Exposição. Dou-lhe de conselho que não venha antes de meados de junho. Há sem dúvida muito que ver já, e seriam precisos dias e dias a quem quisesse examinar as cousas com um pouco de atenção. Mas o nosso palacete brasileiro não está pronto, nem tampouco os das repúblicas da língua espanhola. A nossa Exposição há de ficar muitíssimo superior às anteriores e faremos boa figura.

Saiu à luz a semana passada um nôvo periódico de que é diretor o Sr. Nery. Cuido que o seu fim principal é dar cabo do periódico *Le Brésil* que se publica

aqui. Depois de ter eu aproveitado para a carta de Londres o artigo que o Amigo mandou à *Pall Mall Gazette*, dei-o ao Nery que o publicou na sua *América*.

Por êste correio, mando-lhe o último número da *Amérique*.

Ia me esquecendo agradecer-lhe os últimos retalhos que me mandou assim como o *Financial News*.

Creia-me sempre

Am.º velho e Cr.º obr.º

F. Picot

I — 3, 4, 11

250.

Taverny (S. & D.), 4 de agôsto de 1889.

Meu caro Sr. Rodrigues.

Li no *Times* (Money Marked) de 30 ou 31 do passado, algumas linhas sôbre a abertura de uma subscrição para lançar em Londres uma nova máquina de compor o "Linotype". Mandei vir de Londres o que há a êste respeito e recebi ontem uma papelada e uma brochura que dá algumas explicações sôbre esta maravilhosa invenção. Li tudo e estou com a cabeça tonta, tal é a minha admiração.

Cada máquina faz o trabalho de 5 compositores.

Espacejar e justificar faz-se automàticamente.

Não há nem composição, nem distribuição.

A linha sai inteiriça num pedaço de metal, e portanto não há pastel possível.

Mando-lhe junto uma porção do que recebi e que fará o favor de devolver-me de Lisboa.

Tem o Amigo conhecimento dessa nova invenção? Peço-lhe que me responda de Lisboa, e me diga a sua opinião.

Não lhe posso mandar a brochura que preciso tornar a ler. Há têrmos técnicos que me fazem confusão, além de que a esmola é tão grande que ando desconfiado.

Uma das minhas objeções para o Rio é o calor. Há atrás da máquina, matéria em fusão constante para fundir as linhas; que calor na sala da composição com umas 40 máquinas de Mergenthaler!

O amigo teve conhecimento disto antes de sair de Londres? Suponho que não. Se tivesse, teria me dito *algo*.

Peço-lhe que não diga no Rio — menos à nossa casa a quem escrevo — que estou com os olhos abertos a respeito do "Linotype"!

O tempo urge, e devo fechar estas garatujas.

Boa viagem!

Am.º velho

F. Picot

I — 3, 4, 12

251.

Paris 88 B.d Malesherbes

25 Janvier — 1900

Mon cher ami,

J'ai bien reçu, il y a quelques jours, votre carte de visite avec vos aimables compliments à l'occasion de la nouvelle année. Je vous prie d'agréer les miens et de croire, que quoique tardifs, ils sont bien sincères. Je vous les adresse à vous et à tout ce qui vous est cher, en commençant par le *Jornal do Commercio.*

Vous voyez que j'emprunte le secours d'une main autre que la mienne pour vous adresser ces quelques lignes. Ma vue est devenue tout à fait mauvaise, et je ne puis plus ni lire ni écrire. C'est l'effet de l'âge et je n'ai plus d'autre remède que la patience et la résignation.

J'ai appris que la maison Karl Valais et C.ie avait suspendu ses paiements. La traite que je vous ai remise, à la fin de Novembre n'aura probablement pas été payée.

J'espère que ma pauvre filleule Amélia de Castro n'en a pas moins reçu sa pension. J'attends de vos nouvelles à cet égard, afin de régulariser la situation. Comptez mon cher ami, que d'une manière ou d'une autre, vous serez à l'abri de toute perte.

Je dicte cette lettre à la hâte, et vous prie d'agréer les compliments les meilleurs de votre vieil ami

F. Picot

Monsieur J. C. Rodrigues

I — 3, 4, 13

252.

Paris 88 B.[d] Malesherbes

I.[er] Février 1900

Mon cher ami.

Dans la lettre que je vous ai écrite il y a quelques jours, je vous ai dit que la traite que je vous ai remise à la fin de Novembre n'aurait pas probablement été payée. En effet, je reçois une lettre de ma filleule Amelia de Castro qui m'annonce que votre caissier Monsieur Botelho lui avait dit que la maison Karl Valais et C.[ie] avait fait faillite et que la traite n'avait pas été payée. Mais que vous aviez donné l'ordre de servir la pension, et que vous alliez m'écrire à ce sujet.

Je vous suis vivement reconnaissant, mon cher ami, d'avoir pris cette détermination. Je n'ai reçu aucune lettre de vous; mais je suis tranquile puisque ma filleule n'aura pas en à souffrir de la faillite.

En attendant vous recevrez de la London & River Plate Bank de Rio la somme de 600$ pour remplacer ceux que devaient vous verser Valais & C.[ie].

La London & River Plate Bank s'est absolument refusée à donner une traite. Elle s'est bornée à assurer que Monsieur J. C. Rodrigues recevrait la somme de 600$ valeur de F. Picot. Je pense que cette affaire sera parfaitement en règle. Si, par impossible, la London & River Plate Bank ne vous versait pas les 600$ vous les prendriez sur le produit de mon Horace que vous tenez à ma disposition et que j'ai refusé de recevoir sans que les droits de douane que vous avez dû acquitter n'eussent été défalqués de la vente des exemplaires d'Horace. D'après une note que m'a remise Roberto de Mesquita, en Janvier 1896, il avait été vendu 56 exemplaires reliés et 25 brochés.

Quant à la traite de Valais et C.[ie] je sais que la faillite a obtenu un moratorium de 3 ans à la condition de payer tout ce qu'elle doit par tiers chaque année. Vous aurez donc à recevoir pour mon compte, 200$ par an.

Je suis au regret de vous donner tout ce tracas et vous prie d'agréer, avec mes remerciements, mes compliments affectueux

Bien à vous

F. Picot

P.S. Tout ce qui précède n'est peut être pas tres clair. Je ne suis pas habitué à dicter. Votre intelligence suppléera à ce qui pourra vous paraître obscur.

I — 3, 4, 14

253.

Paris, 17 de março de 1890.

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Recebi ontem a carta de 11 com que dignou-se de obsequiar-me e muitíssimo a agradeço, assim como a gentileza de executar desde logo os desejos do nosso amigo Silva Costa, enviando-me a lâmpada de gás que êle destinava-me.

Agradeço igualmente as minuciosas explicações que teve a bondade de transmitir-me acêrca do modo de usá-la, e que ser-me-ão da maior utilidade.

Na Avenue Kleber, 18, onde resido[,] muito prazer terei em receber quaisquer ordens que queira dar-me para objeto do seu serviço ou agrado.

Pretendo visitar essa cidade, logo que o permita o rigor da estação, e nessa ocasião terei a honra de procurá-lo, para renovar pessoalmente as seguranças do meu reconhecimento.

Fazendo sinceros votos pela saúde e prosperidade de V. S.ª aqui fica à sua disposição quem é com muito aprêço e consideração

De V. S.ª

Colega venerador e am.º obr.º

Ouro Preto

I — 3, 3, 80

254.

Ao Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues cumprimenta afetuosamente o *Ouro Preto*, prevenindo-o de que só por equívoco figuram seu nome, e os de seu filho e genros, na lista dos que compareceram ao baile oferecido ao Presidente da República eleito, publicada no *Jornal do Comércio* de hoje.

O Sr. Dr. José Carlos compreenderá perfeitamente os sérios motivos, que obrigam o seu colega, que esta lhe dirige, a solicitar uma retificação, como é de esperar da gentileza de S. S.ª.

Em 30 de agôsto de 1898.

I — 3, 3, 81

255.

Ex.^{mo} Colega e Amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Venho penhoradamente agradecer-lhe por mim e minha família o telegrama de condolências, que se dignou de enviar-nos, por motivo da morte do meu inditoso e estimado cunhado Mis de Toledo.

Só agora posso cumprir êsse doloroso dever, esperando que me desculpará a demora, atento o abalo que tão desastroso sucesso nos causou.

Sou com a mais elevada estima

Seu colega e am.^{o} af.^{o} obr.^{o}

Ouro Preto

S. C., 19 de agôsto de 1902.

I — 3, 3, 82

256.

Petrópolis (Alto da Serra 64), em 15 de abril de 1907

Meu caro Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Penhoraram-me, em extremo, as condolências, que teve a bondade de manifestar-me pela perda do meu irmão.

Queira aceitar os meus sinceros agradecimentos.

Rogo a Deus que, com a conservação de sua existência preciosa e da de todos os que lhe são caros, conceda-lhes as mais completas felicidades.

Sou com estima e alta consideração

Seu Amigo e Colega m.^{to} obr.^{o}

Ouro Preto

I — 3, 3, 83

LEOPOLDO RODRIGUES DE FREITAS

257.

Il.^{mos} Ex.^{mos} Srs. Proprietários do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro.

A 8 de setembro escrevi a V. Ex.^{as} mais uma vez para saber se desejavam, ou não, de mim a costumada revista. Pedia-lhes resposta telegráfica. São decor-

ridos 22 dias sôbre a partida do paquête. É, pois, claro, ou, pelo menos, parece bem claro que V. Ex.as a não querem. Sinto que desde a minha 1.a carta não me dessem resposta, o que me evitaria incertezas e incômodos. Tenho a consciência de haver sempre sido pontual no cumprimento dos meus deveres para com êsse jornal; e não (a) sei a que deva atribuir o silêncio de V. Ex.as. Haveria algum *mal entendu,* do qual, porém, não tenho a menor culpa? Tenho a honra de me assinar

de V. Ex.as

muito at.o ven.or

Rodrigues de Freitas

Pôrto, 30 setembro 1891.

I — 3, 2, 69

258.

Il.mos Ex.mos Srs. Proprietários do *Jornal do Comércio*

Rio de Janeiro.

Registrei às *4 horas da tarde,* ontem 30 [de] setembro, a minha carta que deve ir pelo mesmo paquête, que esta, o qual hoje toca em Leixões, ou, pelo menos, é esperado aqui. *Às 8 da tarde* recebi o telegrama de V. Ex.as. Já não o esperava, por ter ido no paquête do Pacífico, de 9, a minha carta de 8 [de] setembro. O silêncio que sucedera às minhas anteriores, e o nem mesmo ter sido satisfeito o meu pedido de exemplares de retrospectos, e de números do *Jornal do Comércio,* fêz-me pensar que a tardança de resposta agora significava que não viria e que, por motivos a mim desconhecidos, V. Ex.as não queriam mais a minha colaboração no seu importante *Jornal.* Por isso escrevi a carta de ontem (o registro em Leça da Palmeira fecha-se às 5; e no Pôrto às 6; portanto, antes da chegada, e mesmo da expedição do telegrama), e o haver-me deliberado a mandar uma revista política de 1891 para a *Gazeta de Notícias,* por convite dela; ainda demorei um pouco a resposta, só por causa de V. Ex.as. Não posso, pois, desta vez tomar o encargo com que V. Ex.as queriam [obsequi]ar-me. Há contudo no Pôrto um escritor distinto, a quem tive de recorrer o ano passado (remunerando-o mais que proporcionalmente) para me fazer boa parte da revista que mandei a V. Ex.as. Atacado eu de uma bronquite em outubro, e ainda muito fraco em novembro, a colaboração dêle foi indispensável para eu não faltar com o retrospecto no dia aprazado. Falei-lhe agora; disse-me que aceitava o substituir-me, devendo eu, porém, rever o trabalho, e *não escrevendo acêrca dos estados da América.* A remuneração seria, como até agora, de cinqüenta libras esterlinas (*letra sôbre Londres, ou ouro aqui entregue*). Se a V. Ex.as convier isto,

basta que imediatamente me respondam telegràficamente *sim;* e depois pelo 1.º paquête dirão mais o que se lhe oferecer.

Creio que desta maneira V. Ex.^{as} ficarão bem servidos; e eu contente de ao menos concorrer para que do sucedido até agora não [*rôto o original*] o terem V. Ex.^{as} de encomendar o retrospecto demasiadamente tarde.

Estimei muito o telegrama, porque veio-me desfazer no meu espírito uma dúvida desagradável.

Tenho a honra de me assinar, com muita consideração,

de V. Ex.^{as}

at.º ven.^{or} cr.º e am.º

Outubro 1.º — 1891

Rodrigues de Freitas

P.S. Estou agora em Leça de Palmeira, a légua e meia do Pôrto; mas V. Ex.^{as} queiram dirigir o telegrama para o Pôrto, como o de ontem. Volto para lá brevemente. E ainda que não voltasse, a demora de recepção seria certíssima.

Se V. Ex.^{as} aceitarem a proposta, dir-lhes-ei depois o nome do escritor, que colabora com as iniciais J. L. no *Jornal do Comércio* de Lisboa e tem com muito aplauso escrito num dos nossos melhores periódicos.

I — 3, 2, 70

259.

Pôrto, 7 outubro 1891

Il.^{mos} Ex.^{mos} Srs.

Podendo desencaminhar-se a carta que há dias dirigi a V. Ex.^{as}, em resposta ao telegrama, julguei conveniente mandar também por êste paquête a quase-cópia dela; é a seguinte:

Registrei às 4 h da tarde de ontem (30 [de] setembro) a minha carta; e às 8h [da] noite recebi telegrama. Não podia contar com êle, pois que [o] paquête do Pacífico pelo qual mandei registrada, carta 8 [de] setembro, há muitos dias devia estar no Rio. Demais, o silêncio por vêzes guardado, e o nem ter eu recebido uns exemplares de Retrospectos Comercial e Político e números do *Jornal* contendo correspondências de várias capitais (exemplares e números que desde muito pedi), me levaram a crer que a demora significava nova negativa. O telegrama, que agradeço muito a V. Ex.^{as}, explica a mais importante parte dos fatos.

Tendo-me parecido evidente que V. Ex.as não queriam revista minha, escrevi a carta de ontem (30 de setembro), e deliberei escrever um retrospecto de 1891 para a *Gazeta de Notícias,* tendo até por causa de V. Ex.as demorado um pouco a resposta. Não posso, pois, tomar agora o encargo com que V. Ex.as me honraram. Há, contudo, aqui um escritor muito distinto, a quem tive de recorrer ano passado (remunerando-o mais que proporcionalmente) para fazer uma boa parte da revista que mandei. Doente em outubro e novembro não poderia sem isto cumprir o meu dever. Falei-lhe agora. Disse-me poderia fazer a revista pelas cinqüenta libras esterlinas, mas não se ocupando da América. Se isto convier a V. Ex.as, basta telegrama daí para mim, dizendo *Sim.* O que posso é rever o trabalho. O escritor a que me refiro colabora no *J. Comércio* [de] Lisboa e tem escrito também, com muito aplauso, na *Revista de Portugal.*

Tal era à carta.

Tenho a honra de me assinar, com muita estima,

de V. Ex.as

at.o ven.or e cr.o

Rodrigues de Freitas

I — 3, 2, 71

260.

Pôrto, 20 abril 95

Ex.mo Sr. Dr. J. Carlos Rodrigues.

Por telegrama ontem publicado vejo que V. Ex.a está com *influenza;* não sei se V. Ex.a já tem sofrido dêste mal; permita-me recomendar-lhe cuidado na convalescença; importa guardar a maior paciência para que não haja recaída; às vêzes fica-se tão abatido que o mal parece maior do que realmente é.

Se no entretanto eu puder aqui ser útil a V. Ex.a queira dispor de mim.

Recebi e agradeço a carta de 15 corrente.

Com muita estima

de V. Ex.a

colega e ven.or e obr.o

Rodrigues de Freitas

I — 3, 2, 72

261.

Amigo e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Rio, 15 de maio de 1892.

De dia para dia, e cada vez mais, reconheço a incompatibilidade que existe entre as duas funções, que exercito, de deputado e redator do *Jornal do Comércio.* Não sòmente as suas sugestões, mas, ainda mais eloqüentemente, os fatos, me impõem a obrigação de removê-la; e é o que ora faço, rogando-lhe queira aceitar a minha exoneração do lugar que, com grande honra para mim, se dignou confiar-me na redação da fôlha que tão brilhantemente redige.

Não sendo levado a isso senão por divergências no modo de encarar assuntos de interêsse público, peço-lhe que aceite os meus mais sinceros agradecimentos pela distinção com que sempre me honrou e que me permita acreditar que manteremos sempre o mesmo grau de estima pessoal.

Com a mais alta consideração e estima, subscrevo-me

Am.º e cr.º m.to obr.º

Alcindo Guanabara

I — 3, 3, 5

262.

Amigo e Sr. Dr. Rodrigues.

Doente e privado há dias de andar, não posso como desejava levar-lhe pessoalmente o retrospecto que me comprometi a fazer. Aí lho remeto. Parco de comentários e de opiniões, rico de informações, creio que êle preenche os seus fins. Está talvez um pouco grande; mas ainda assim estão omitidos muitos dos fatos de menor importância dêsse prodigioso ano. Falta ainda a "revista dos estados", indispensável para dar notícia de Mato Grosso[,] do Rio Grande e do naufrágio do Solimões.

É escusado dizer-lhe que não faço questão de nenhum dos conceitos aí emitidos, que vão correr por conta do *Jornal,* e que, aliás, em regra são acomodados às opiniões pelo *Jornal* professadas.

Logo que possa, tomarei a liberdade de ir vê-lo.

Saúda-o o

Am.º m.to obr.º

Alcindo Guanabara

30-12-92

P.S. Abro esta carta para acusar o recebimento da sua que me acaba de chegar. Como vê, não me esqueci do compromisso.

I — 3, 3, 8

263.

Ex.mo Amigo e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Rio, 18 de abril de 1902.

Fui infeliz nas vêzes em que o procurei para felicitá-lo pessoalmente pelo seu regresso e pelo brilhante êxito de sua comissão. Já, aliás, o tinha feito em mais de uma ocasião pelas colunas da *Tribuna.*

Queria, entretanto, falar-lhe para reiterar-lhe pessoalmente um pedido que fiz ao nosso amigo João Lopes em sua ausência: o de readmitir no *Jornal do Comércio* o Dr. Oscar Bandeira de Melo, que já aí trabalhou e de onde não saiu senão por motivo íntimo e imperioso. O João respondeu-me que, se o Sr. não estivesse a chegar, êle o admitiria desde logo; mas prometeu-me que perante o Sr. advogaria com calor esta causa e estou certo de que já o fêz. Isso, porém, não me tira o dever de formular o pedido diante do Sr., e é o que quis fazer pessoalmente e por impedido, pois que sou forçado a me ausentar da cidade por alguns dias, faço-o assim por êste meio, confiado em que o amigo não o repelirá.

Rogando-lhe tenha a bondade de dirigir a sua resposta para o Beco do Cairu n.º 2, nesta cidade, antecipadamente lhe agradeço a benevolência com que me atender; e peço-lhe licença para me assinar agora, como sempre, seu

Adm.or e Am.º m.to grato

Alcindo Guanabara

I — 3, 3, 6

264.

Ex.^{mo} Amigo e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Rio, 9 de março de 1903.

Cumprimentando afetuosamente a V. Ex.^{a}, peço-lhe licença para oferecer-lhe um exemplar da obra — *A Presidência Campos Sales* — que escrevi nestes vagares forçados que tenho tido e que será posta à venda para a semana que vem. Só o meu péssimo estado de saúde que me obriga a partir hoje mesmo para uma longa estação nos Campos do Jordão me poderia privar do prazer de ir pessoalmente oferecer-lhe esta minha modesta homenagem.

Rogando-lhe que a aceite com a expressão de minha estima, respeito e veneração, sou, como sempre,

Am.^{o} m.^{to} grato

Alcindo Guanabara

I — 3, 3, 7

FRANCISCO MANUEL DA CUNHA JÚNIOR

265.

Rio, 1.^{o} de janeiro de 1895.

Il.^{mo} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Acredito que não é V. S.^{a} o inventor da monstruosa falsidade articulada na Gazetilha de hoje — de ser eu um dos membros de um dos sindicatos para compra do *Jornal do Comércio.*

É positivamente, absolutamente falso, afirmo a V. S.^{a}. Nunca ninguém me falou sôbre tal assunto, no qual jamais tomei parte direta ou indiretamente. A razão é clara: só entra nestes negócios quem tem dinheiro e eu não posso comprar nem um *debenture.* E como V. S.^{a} está apurando a verdade das cousas, creio que não se recusará em indicar a fonte donde hauriu tal informação. Pedindo a publicação desta carta, me saiba

Adm.^{or} at.^{o} e obr.^{o}

F. M. da Cunha Junior

I — 3, 2, 51

266.

Rio, 4 de janeiro de 1895 *

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Desculpe-me V. S.ª. Eu nada tinha com a questão que se debate entre V. S.ª e o Dr. Rangel Pestana. O que eu pedi, acreditando não ser V. S.ª o inventor, foi que me indicasse a origem de tão monstruosa falsidade atirada contra meu humilde nome. Há inconveniente nisto para V. S.ª ou para outrem? Neste caso vamos acordar um alvitre e é êste: o que houver de feio, de ruim neste negócio de sindicatos para compra do *Jornal do Comércio* que me diga respeito, V. S.ª tudo publicará e tudo que se refira à pessoa ou pessoas que o informaram, só eu terei conhecimento reservado e me comprometo a, sôbre os nomes, guardar absoluto silêncio, ficando ao ilustrado critério de V. S.ª. o encargo de desfazer perante o público e pelo *Jornal* a nem uma parte que tive em tal assunto.

E me saiba

Criado at.º e obr.º

F. M. da Cunha Junior

I — 3, 2, 52

267.

Rio, 4 de janeiro 1895.

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Nem uma dúvida tenho em concordar na delação que V. S.ª oferece na sua carta, que ora respondo. Todo meu empenho neste assunto é provar à evidência que nunca, nunca tomei parte, fui falado sôbre tal negócio.

Se a declaração que V. S.ª fizer não me colocar nesta situação — completamente fora dêste negócio, reservo-me o direito de publicar a correspondência que hei tido.

De V. S.ª at.º cr.º obr.º

F. M. da Cunha Junior

I — 3, 2, 53

---

* 1894, no documento.

268.

Rio, 15 de janeiro de 1895.

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Sei que é um direito da redação conceder hospedagem na *Gazetilha* a quem lhe apraz. Vendo, porém, que a outros que não estão no meu caso, isto é, não foram nominalmente citados em artigos da mesma *Gazetilha,* julgo que posso pretender a publicação ali da minha defesa. Não é para fugir ao pagamento a que me submeto, mas para ser lido. Se concordar, peço a V. S.a a publicação das tiras que junto remeto. Estão em meu poder todos os documentos relativos ao assassinato do Marechal Floriano. Fui o portador dêles. Se mo permitir a enfermidade amanhã mandarei esclarecimentos e provas.

Seu at.o criado ob.o

F. M. da Cunha Junior

I — 3, 2, 54

FRANCISCO INÁCIO MARCONDES HOMEM DE MELO, *BARÃO DE HOMEM DE MELO*

269.

Il.mo Sr. Dr. J. C. Rodrigues

Rio de Janeiro, 17 de junho de 1873.

Permita-me V. S.a, que eu o felicite pelo eficaz serviço que está prestando à nossa pátria com a publicação do *Nôvo Mundo,* digno êmulo do *Correio Brasiliense,* que redigiu em Londres o nosso imortal Hipólito.

Incluo nesta uma notícia sôbre a inauguração da estátua de José Bonifácio nesta Côrte, e uma fotografia do monumento, que me parece no caso de ser considerado com interêsse pelos numerosos leitores de seu muito conceituado periódico.

Peço licença igualmente para oferecer-lhe o exemplar, aqui junto, do discurso por mim feito como membro da respectiva comissão, no dia da inauguração.

Se V. S.ª julgar conveniente, terei a honra de enviar-lhe uma notícia biográfica do ilustre varão, a cuja memória pagamos afinal a grande dívida nacional.
Subscrevo-me com prazer

De V. S.ª

Colega, admirador, e constante leitor

Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello

I — 3, 3, 21

270.

Rio, em 28 de maio de 1880.

Il.mo Amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Foi com muito prazer recebida sua estimada carta de 3 do mês próximo findo, e ciente de tudo quanto teve a bondade de comunicar-me, devo por esta ocasião dizer que chegaram-me os livros *Educational Cyclopoedia* e *Educacional Year Book* de 1879, oferecimento êste que muito apreciei e que agradeço-lhe cordialmente.

Fico igualmente penhorado com os seus benévolos cumprimentos, felicitandome pela nomeação para o cargo de Ministro do Império.

Estimei saber que lhe agradaram as fotografias que lhe enviei, sentindo que fôsse obrigado a suspender a publicação do *Nôvo Mundo,* emprêsa essa que tem dado um pleno testemunho de sua energia, inteligência e aturado trabalho.

Desejando-lhe o gôzo de perfeita saúde, subscrevo-me com tôda a estima e aprêço

De V. S.ª

Colega e Am.º obr.mo

B. Homem de Mello

I — 3, 3, 22

271.*

Rio de Janeiro, 25 de agôsto de 1902.

Ilustre Colega Sr. Dr. J. C. Rodrigues.

Estava para escrever-lhe antes da minha operação de catarata, quando os cuidados desta, vieram tudo adiar.

---

* No documento, riscado o *P.S.*

Não sei se em seus estudos da história das religiões teria feito a leitura da magnífica obra de George Ebers — Uard, na qual o grande Egiptólogo nos narra a estada dos Israelitas no Egito, e na qual encontramos a mesma poderosa intuição retrospectiva, que se admira em Walter Scott[,] Augustin Thierry, ou em Alexandre Herculano, para não falar de outros.

Lembrei-me de quanto seria apreciada dos numerosos leitores do *Jornal do Comércio* a leitura desta obra, que nos [põe] diante dos olhos as origens mesmas da gloriosa civilização, a que temos a fortuna de pertencer.

Acredito que seria um sucesso superior ao que teve o *Jornal,* quando deu em outro tempo a corretíssima tradução dos *Mistérios de Paris,* ou quando em 1862, nos deu a primorosa edição dos *Miseráveis,* de Victor Hugo.

Em todo o caso, peço-lhe a fineza de aceitar o exemplar junto daquela Obra, que aqui lhe ofereço, e que na sua Biblioteca fica ainda melhor do que na minha.

Receba ainda uma vez as cordiais saudações do

Col.ª M.to Obr.º

Homem de Mello

P.S. Ainda não posso usar dos óculos graduados, e por isso a assinatura é ainda a mesma das nossas atas da Comissão Rio Branco.

Praça da República, 63.

I — 3, 5, 62

THEODORE THOMAS

272.

Cincinnati, Oct 14th 1879

My dear Mr. Rodrigues,

Your letter dated Sept. 16 I received before I left Cincinnati for New York. I found the proper person, in my opinion, who could write the article form desired. — Being very busy, I did not write but intended to see you personally in New York. When I arrived in New York Fruer & Malania took hold of me strong .... to lay me up for several days. I sent word to you that I should call on far as soon as I unable — The second & third .... I had nearly every day .... which fatigued me during each hot weather so much, that I was unfit for anything else.

I certainly intended to see you but not being well & very busy the time for my departure arrived sooner than I could .... I sincerely hope you will talk this apology, and if I can be of any service to you or assist you in any may, its will givé me .... deal of pleasure. The person I refered too, who can write the desired article, is a good musician, cultivated, and who studied in Germany. Mr. Arthur Mess. If you wish I will speak to him, or you with to him & send letter care of Music Hall.

Sincerely yours

Theodore Thomas

I – 3, 5, 38

273.

N. York, April 26th

Dear Mr. Rodrigues

I was unable to send you an answer sooner. Wish see you at ba .... this evening at the Buckingham.

Sincerely truly

Theodore Thomas

I – 3, 5, 39

274.

Saturday morning

My dear Dr.

I hear that the World has a very .... article on yesterday .... – would it not be never to see that a French man will write about this Concert?

Sincerely

Theodore Thomas

I – 3, 5, 40

275.

12 May 1882

My dear Sir.

Here is a pleasant note which .... naly .... your .... and which I hope answered.

Yours very truly

George William Curtis

D.r Rodrigues.

I — 3, 2, 55

276.

17 May 1822

My dear Sir.

Mr. Elwell writes me that our shares of the pleasant dinner at the Club are $ 10*58* I enclose my chéque to that amount and I am always.

Very truly yours

George William Curtis

D.r Rodrigues.

I — 3, 2, 56

277.

23 May 1882.

Dear D.r Rodrigues

Thank you for sharing cere this note and I know haw pleasant if want he to you to hope such evidence of the great success of your great labors, and at the most important point.

Very truly yours

George William Curtis

I — 3, 2, 57

278.

Cannes, 24 setembro 1891.

Meu querido Rodrigues.

Continuo a Sinopse das Medidas Sanitárias para o Verão de 1891-1892.

Para quem conhece Biologia e as teorias microbianas hodiernas, não há problema higiênico mais importante do que a rápida eliminação dos cadáveres de febre amarela, tifo, cólera, bexiga etc. Sou, pois, obrigado a insistir na Higiene Funerária. Em 21 de fevereiro de 1891 enviei-lhe de Lisboa uma Nota sôbre Imersão Oceânica, a propósito da propaganda que se iniciava na Inglaterra. A 12 de março de 1891, o *Jornal do Comércio* publicava o tópico — "Focos de Infecção" descrevendo os horrores da "Vala Comum" no Cemitério do Caju. É, pois, indispensável abolir esta hedionda "Vala Comum" e substituí-la pela Imersão Oceânica. O Caminho de ferro de Copacabana a Angra dos Reis vem facilitar muito o problema; porque êle margina a Costa Oceânica em pontos absolutamente desertos, onde é fácil praticar o nôvo sistema sem ofender os melindres histéricos e teocráticos. O Dr. Ribeiro d'Almeida, diretor dos Bondes de Botafogo, tinha o projeto de uma necrópole no litoral oceânico; será bom chamá-lo à propaganda e ressuscitar essa boa iniciativa.

Agora, para convencer os Literatos, citarás Camões — *Lusíadas* — Canto V — Est. 83.

"Quão fácil é ao corpo a sepultura
"*Quaisquer ondas do mar,* quaisquer outeiros
"Estranhos, assim mesmo como aos nossos
"Receberão de todo o ilustre os ossos

Ou então — Alexandre Dumas Père — *Le Comte de Monte Cristo* — Vol. II — Chapitre VII:

"Le Chateau d'If n'a pas de cimetière; on jette tout simplement les morts à la mer, après leur avoir attaché aux pieds un boulet de trente-six".

No hediondo naufrágio do "Utopia", os rotineiros teocratas espanhóis começaram a trazer os cadáveres do mar para os cemitérios; mas desenvolveu-se tal fétido que acabaram pela Imersão Oceânica. Os ferozes teocratas chilenos não puseram dúvida em cremar os 3 000 ou 5 000 mortos dos combates em tôrno de Valparaíso.

— Tôdas as objeções, meu Rodrigues, vêm da ganância dos monopólios funerários.

Meu Bom Pai me contava a revolução, que houve na Bahia, quando se tentou inaugurar o 1.º cemitério. Saíram os Padres, Frades, Irmandades de Cruz Alçada, acompanhados de todo o mulherio vagabundo e histérico, e foram

queimar os carros da Emprêsa funerária, e destruir tôdas as construções do cemitério. Ainda me lembro de pequenino ter calafrios ao ajoelhar-me sôbre as sepulturas da Igreja de S. Francisco, apenas cobertas por um tabuado volante!!

Victor Hugo fêz interessante episódio, nos *Miseráveis*, das freiras, que não quiseram mandar o cadáver da companheira para o cemitério público e se obstinaram em sepultá-lo embaixo do altar...

— Eis aí, meu Rodrigues, o grande combate pela Verdade, pela Higiene, em prol do Futuro e da Humanidade. Continuar a obra santa de Voltaire, de Turgot e de Condorcet... Isto sim, chama-se Democracia. Expelir reis para furtar os brilhantes da coroa, confiscar as terras da Princesa Redentora para metê-las na agiotagem do Chopim, excede mesmo os limites do Jacobinismo, e cai no domínio do Código Criminal, nos capítulos de furto, subôrno, peita, peculato e concussão.

Mandei ontem ao Caríssimo Taunay uma análise do Artigo X do seu comissiado para inquirir da Imigração Italiana em São Paulo.

A síntese é horrível:

— Fazendeiros — Cains.

— Feitores — Átilas.

Compreendes bem que André Rebouças não disse mais aos fuziladores dos Libertos de Guareí e aos assassinos, impuros e bailantes, do Delegado da Penha do Rio do Peixe...

— Fiat Justitia! — Fiat Justitia ne percat mundus

Sempre teu

André

I — 3, 4, 38

279.*

Cannes, 25 setembro 1891.

. . . .

e nos artigos de propaganda das Docas do Maranhão, da Paraíba do Norte e do Rio de Janeiro. Só consegui criar o pôrto de Cabedelo, que é hoje a estação marítima do Caminho de ferro Conde d'Eu.

A propaganda dos Portos Higiênicos para Imigração foi feita com Taunay, na triste febre amarela de 1888-1889, que assolou não só Santos e Rio de Janeiro como até Campinas.

Êsses portos devem ser criados nas belas enseadas, que possui a Costa, desde o Rio de Janeiro até Santa Catarina; tôdas têm montanhas e cascatas junto ao

---

* O documento está incompleto. Falta o início da carta.

litoral, de sorte que os problemas de abastecimento d'água e de esgôto ficam naturalmente resolvidos e com a maior economia.

Adotar-se-á o tipo de Brighton. No litoral só os *Wharfs* de carga e descarga das mercadorias; no mais *parades, greens, promenades* para passeio, higiene e confôrto dos habitantes. As construções urbanas ficarão nas colinas, sempre em altitude superior a 20 metros para facilitar os serviços de drenagem e esgôto.

Nestas idéias protegerás tôdas as petições para alfandegamento dos portos de Macaé, Pelotas, etc. que têm sido dirigidas ao Congresso, e que estavam em discussão já no tempo do Império.

O fetichismo aduaneiro tem sido a maior causa de atraso e depravação da América do Norte e do Sul. Tôda a corrupção vem da Alfândega e do Banco de Emissão; dous desgraçados instrumentos com os quais a Plutocracia Ianque tem amontoado milhões e explorado o povo com a mesma ferocidade que as teocracias e aristocracias da Idade Média.

— Reflete bem, meu Rodrigues, que as distâncias são enormes no Brasil, e que os portos de mar estão separados dos centros produtores por altas montanhas. Os Caminhos de ferro são forçosamente caros e os fretes muito altos.

Não esquecer que os fretes de cabotagem tocam os limites do absurdo; e que é mais fácil mandar uma mercadoria para Londres ou New York do que de um porto a outro do Brasil, bem vizinhos, situados às vêzes na mesma enseada!!

Refute energicamente os sofismas rotineiros de contrabando nos novos portos alfandegados. Demonstra-se com a+b que o pior contrabando é o que se faz na própria alfândega do Rio de Janeiro, a dous passos da Rua do Ouvidor.

Seja M = preço da mercadoria
30 % M = os direitos a pagar

O Contrabandista, que sofisme êstes direitos e coloque sua mercadoria na Rua do Ouvidor, ganha êsses 30% M. O Contrabandista, em um nôvo Pôrto, não acha mercado senão muito pobre, muito curto e muito eventual. Para mandar a mercadoria, M para o Rio de Janeiro tem de acrescentar-lhe os preços de transporte, a costa de burros, ou em caminhos de ferro muito caros, e com todos os riscos de dar a conhecer a origem criminosa da mercadoria.

Ora todos êsses *itens* valem os 30% dos direitos aduaneiros. Mas o verdadeiro ideal é reduzir a Tarifa Aduaneira ao tipo de Londres, e fundar o sistema financeiro do Brasil sôbre os Impostos Diretos, Claros, Verdadeiros Imediatos. — Impostos sôbre a Renda e Impôsto Territorial Calculado sôbre a superfície possuída.

Terminarei com uma Nota íntima, — pedindo ao Bom Deus:

1.º — Que te livre das *engrenagens* das enormes máquinas do *Jornal do Comércio.*

2.º — Que os Patrões não te matem nesse *Sweating* de trabalho forçado até meia-noite (!!!)

3.º — Que finde essa obsessão dos 3 200 contos dos Comanditários;
4.º — Que te conceda, enfim, Tranqüilidade; e Trabalho espontâneo e benéfico; só em defesa da Verdade;

Sem outro escopo que os Ideais Santos de Futuro de Progresso e de Bem-Estar da Família Humana.

Sempre teu muito feliz

André

I — 3, 4, 38 — 1

280.

Cannes, 28 setembro 1891

Meu querido Rodrigues.

No dia 21 completaram-se 2 anos que faleceu no Rio de Janeiro o meu amigo Gonçalves d'Araújo, que se notabilizou pela doação de 1 500 contos de réis para estabelecimento de um Orfelinato.

No *Jornal do Comércio* de 22, 24 setembro e 4 outubro de 1889 encontrarás a Sinopse do testamento e a polêmica que surgiu logo sôbre sua interpretação.

Escrevi o panfleto — Orfelinato Gonçalves d'Araújo — datado de Petrópolis 28 outubro 1889, [18 dias antes do nefando levante de 15 novembro] impresso no Leuzinger, e do qual os primeiros exemplares recebi já em Lisboa.

Meu escopo era prevenir que os 1 500 contos de réis fôssem cair nas garras do Fetichismo e da Carolice, que fazem Caridade com girândolas de foguetes, fogos de artifício, pão-de-ló e vinhaça nas Sacristias. Nesse panfleto [O Taunay dar-te-á um exemplar para leres num domingo de *recolhimento*] resumi a orientação hodierna da Caridade segundo Tolstoi e a longa prática das Instituições Filantrópicas da Inglaterra. Se você publicasse êsse panfleto no *Jornal do Comércio*, faria obra de Caridade Militante; porque o seu Lema é: Não ter mêdo da Verdade — Combater o êrro, a mentira e o parasitismo para alcançar a Abolição da Miséria.

Em todo o caso, você porá em campo seus Repórteres, e *ressoará o enorme sino* da "Gazetilha" do *Jornal do Comércio,* tocando a rebate para saber que destino tiveram êsses 1 500 contos de réis do meu pobre Amigo Araújo.

Êsse dinheiro foi ganho durante a guerra do Paraguai, numa fábrica de fumo; enviando fornecimentos ao exército e recebendo Libras esterlinas, que vendia de 12$000 a 16$000 Rs cada uma.

Há, cumpre salientar, importante lição em tudo isso. Era muito melhor que êle tivesse repartido êsse dinheiro com os operários da fábrica, estabelecendo o nôvo sistema de Cooperação, do que acumulá-lo para deixar a testamen-

teiros que, em 2 anos, ainda não acharam um minuto para se ocupar dessa obra de filantropia.

— Mais um argumento contra a monomania de ajuntar dinheiro... Morre-se e o dinheiro cá fica, sem achar quem se ocupe de dar-lhe emprêgo bom e santo; ou então vai parar a heredipetas, que o lançam no báratro do jôgo e da crápula.

A verdade, meu Rodrigues, está com Jesus e com Tolstoi; só recebermos o salário, correlativo ao nosso trabalho; o estrito necessário para a nossa Higiene Moral e Material; Psíquica e Física.

Tudo o mais é errado: — é avareza, é egoísmo, é vaidade, mesmo além-túmulo; ambicionando deixar monumentos que atestem nossa riqueza e nossa generosidade. Vanitas Vanitatum! Et omnia Vanitas...

Epidemia de Varíola

Principiemos repetindo Vergílio:

Nom ignara mali miseris succurrere disco.

Lembre-se sempre que, ao chegar ao Rio de Janeiro, Você pagou tributo a essa hedionda moléstia, e que ficou tão desfigurado que nem mesmo quis que o visitasse.

A 22 de fevereiro de 1890, enviei-lhe de Lisboa a Ata da Academia de Medicina de Paris do dia 18, resumindo o estado atual dessa grave questão. Acrescentei o meu "documento humano"; vítima da bexiga ao nascer (1838) e depois na guerra do Paraguai [16 junho 1866].

Terminei parafraseando o bom Henri IV:

"Si Dieu m'accorde vie, je veux qu'il n'y ait si pauvre paysan en mon royaume qu'il ne puisse mettre la poule au pot, le dimanche".

E dizendo que pedia ao Bom Deus que apressasse o dia em que cada operário pudesse tomar, todos os dias, um banho e mudar a roupa branca.

Dizem que há no Rio 6 000 soldados; 3 000 de tropa de linha e 3 000 de polícia. É um vulcão para a varíola e para tôdas as moléstias contagiosas.

Cannes, le 29 setembro 1891

No tempo da guerra do Paraguai tôda a tropa de linha de polícia saiu do Rio, a guarnição foi feita pela Guarda Nacional aquartelada.

— Como retrogradamos?!!

Também trocou-se D. Pedro II por Deodoro e a Imperatriz pela Marianinha...

— Justos castigos de Deus!!

— Cosmos Moral — Justiça Suprema funcionando sôbre escravocratas relapsos e impenitentes e sôbre os maiores monopolizadores de terra que há no mundo.

Os Médicos só têm contra a Varíola vacinar e revacinar; exatamente como na Comédia de Molière.

— Purgare et Repurgare! — Sangrare et Resangrare —

Os Filantropos pedem Asseio — Higiene da Pele — Desobstrução dos Cortiços e de todos os "Chiqueiros humanos" — Banhos — Piscinas de Natação — Isolamento dos enfermos — Eliminação rápida dos cadáveres por Imersão Oceânica ou Cremação.

Na *Revista de Engenharia* de 28 de março de 1888 lerás os Capítulos VII e VIII sôbre Banhos Públicos e Lavanderias Públicas.

Êstes artigos têm a maior atualidade na polêmica sôbre a lavagem de roupa nos Cortiços.

Efetivamente as águas de sabão constituem líquidos infectos e perigosíssimos pela quantidade enorme de secreções e excreções, que se acumulam na roupa suja, principalmente, de doentes de moléstias epidêmicas. Todos os Tratados de Higiene repetem o caso de um tifo, que apareceu em Versalhes, cidade higiênica por excepcional situação, e que foi produzido por uma lavanderia mal estabelecida, que deixava fermentar e apodrecer as águas de sabão.

Cumpre, pois, realizar o que peço desde 1870: Lavanderias públicas — situadas nos subúrbios, abundantes de cascatas. Eu prefiro para todos os estabelecimentos higiênicos a Costa Oceânica, hoje fàcilmente acessível pelo Caminho de ferro de Botafogo a Angra dos Reis. O problema é muito fácil porque das Serras da Gávea e da Tijuca descem para o mar lindas cascatas da mais pura água que Deus há criado. Promove emprêsas nesse sentido. Estimula os interessados no Caminho de ferro.

Proibir a lavagem de roupa nos Cortiços e não facultar aos pobres lavanderias vastas e higiênicas é simplesmente um ato de brutal Jacobinismo.

Remoção dos Hospitais do Rio de Janeiro.

Na *Revista de Engenharia* de 28 de março de 1888 lerás a propaganda para remoção da Misericórdia e de todos os Hospitais, que se acham na cidade baixa do Rio de Janeiro.

Se essa cidade é impossível para os sãos, quanto mais para os doentes!! Aí só deve haver Postos Médicos de socorro e classificação das moléstias. Reconhecida a moléstia, o doente deve ser logo enviado para Hospitais Especiais; adequados à moléstia do paciente.

No tempo de Luís XIV, no Hotel Dieu ou Misericórdia de Paris, colocavam dous doentes na mesma cama!! As gerações vindouras referirão com o mesmo horror que, na Misericórdia do Rio de Janeiro, acumulam-se na mesma sala doentes de tôdas as moléstias imagináveis; moribundos e já convalescentes; armando oratórios para as práticas fetichistas, que as Irmãs de Caridade não dispensam em caso algum!

Acresce que a Misericórdia foi construída com as velhas idéias de 1840; antes de Darwin e de Pasteur; e que hoje o Hospital Palácio é um monstro antediluviano.

O que a Ciência pede hoje são hospitais-barracas; isolados em vastos parques; destinado cada um a sua moléstia especial; com o menor número de leitos que fôr possível.

Tem paciência, meu Rodrigues, mas é necessário entrar na propaganda de Higiene; é a Moral do Corpo; indispensável para a Moral da Alma e do Coração.

Sempre teu

André

I — 3, 4, 38 - 2

JOSÉ CESÁRIO DE FARIA ALVIM

281.*

Ouro Prêto, 6.10.1891

Dr. José Carlos — Redator do *Jornal do Comércio.*

Faço votos pronto restabelecimento e peço notícias seu estado.

Cesario Alvim
Presidente do Estado

I — 3, 14, 3

282.

Ouro Prêto, 12 de outubro de 1891

Reservada

José Carlos

Escrevo-te em dia assinalado — aniversário da descoberta da América: é justo que me ocupe hoje de assunto[s] que lhe dizem respeito, especialmente à parte que ocupamos no continente. Comuniquei-te, quando aí estive, o pensamento de fazer adotar no Congresso, de modo jeitoso a não parecer que eu o inspirava, para não ofender susceptibilidades que bem compreendes, uma medida de alto e fecundo alcance; qual a de consignação de uma certa verba destinada a acudir outros Estados em caso de calamidades. É idéia vencedora hoje na unanimidade do Congresso, e já te foram passados dous telegramas a respeito, e em momento psicológico, para aí, como verás.

---

* Telegrama.

O único perigo sério que corre a República é o do afrouxamento dos laços que devem prender os Estados entre si e que podem determinar a divisão em regiões, o que nos enfraqueceria deploràvelmente. Por cartas que daí tenho tido constantemente me achava informado de que o meio prático de cumprir-se a disposição constitucional[,] relativa ao auxílio que a União deve aos Estados a braços com dificuldades insuperáveis para os seus únicos recursos, estava despertando sentimentos egoísticos nos que se reputavam, como os do sul, a cavaleiro das contingências da miséria, e um certo ódio misturado de desalento, por parte dos que se reputavam em posição oposta. Fazendo constar, muito oportunamente, quais os sentimentos dêste Estado, que é do sul, e talvez, o mais poderoso pelos seus recursos e boa política, concorri para um certo desanuviamento de espíritos e para o comêço de melhor afinamento de sentimentos fraternais que nos devem ligar todos. As tuas "Várias" disseram constar que no Congresso federal havia produzido muito bom efeito a resolução do Congresso mineiro que, entretanto, não tem recebido da imprensa aquêle favor de saliência que é de mister para o cimentamento das boas relações entre os Estados que, cumpre influam unidos, na direção da política central[,] que tudo pode perturbar em um momento dado, como aconteceria agora, se tivesse desenlace fatal a enfermidade que acometeu o Marechal Deodoro. Sei positivamente que, sem ciência sua, tramavam muitos dos seus interessados aderentes a proclamação do Quintino[,] que não estava alheio ao *arranjo*, arredando-se por essa forma a pessoa do F. Peixoto, substituto constitucional. Imagina os efeitos dêsse golpe na constituição, dada a fragilidade de espírito daquele nosso patrício, prêsa que se constituiria, de alguns batalhões desabusados!

Tens agora a explicação clara da notícia mandada à imprensa de que — *completamente restabelecido*, voltaria Floriano aos trabalhos públicos, assumindo o pôsto que lhe assinalava a constituição.

Felizmente passou, ou parece haver passado, com as melhoras de Deodoro, êsse pedaço de nuvem cheio de eletricidade e conseqüentes raios, do céu de nossa pátria. Mas é urgente que os bons e patrióticos espíritos, como o teu, tratem de conjurar outras tormentas incubadas, ou pelo menos de armar-lhes resistências sérias e eficazes que não podem partir senão dos Estados, cuja União deve ser cimentada para que tenham, no momento dado, um só pensamento e um só sentir.

O grito altruísta de Minas teve êsse objetivo principal.

Cativando por uma política sã e desinteressada a simpatia, o respeito e a confiança dos Estados irmãos, a sua atitude, em certas emergências graves[,] seria imitada, e como sobram muito bom senso e patriotismo por estas serranias, não há perigo em que nos constituamos centro de direção.

Aí tens os dados para um dos teus belos artigos de filosofia política com tôdas as sensações da atualidade.

Se encareceres de certo modo o que há de fecundo na política mineira com o passo que deu, figurando veladamente as hipóteses que devemos afastar e

que se iam dando[,] mostrando o perigo de um golpe do centro onde êle é fácil, pois a política corre aí aventuras de par com as emprêsas industriais adoidadas, terás prestado enorme serviço à pátria que poderá perder-se pelo desmembramento, uma vez que é impossível a restauração, de que Deus nos livre, porque se constituiria o início de tôdas as desordens. Além de patriota[,] estás hoje à frente da mais bela emprêsa industrial, que recolhe a um tempo proventos materiais tão bons como morais.

Res nostra agitur.

Só do centro pode vir hoje embaraços à organização completa e definitiva dos Estados.

Se embaracei a eleição de Prudente que seria calamitosa naquela ocasião, aterra-me a idéia de uma proclamação de Quintino que se engolfaria no mando aparente e seria de fato o joguete de más paixões.

Aliados e bem constituídos os Estados, todo o perigo estará conjurado.

Se a fatalidade, antes disso, nos tirar Deodoro, que não nos arranque ao mesmo tempo Floriano, que na guerra que sofre dos maus elementos tem a justificativa de sua indispensabilidade no momento atual.

Adeus. Abraça-te o

Velho companheiro e Amigo

Cesario Alvim

I — 3, 1, 25

283.

José Carlos

Vai um apanhado sôbre a situação da Oeste de Minas com a qual faremos qualquer negócio — venda, arrendamento e transformação com a entrada de novos capitais, conservando os atuais acionistas os seus títulos e passando por completo a direção da Companhia, com ou sem mudança de sede, para inglêses, alemães, turcos, franceses, armênios ou quem quer que seja que tenha dinheiro para concluir as obras e mais tino para administração. Vai um mapa com as devidas explicações sôbre linhas em tráfego, com trilhos assentes, construções etc. Vai também o último relatório que apresentei à assembléia geral no ano passado.

Confirmo tudo quanto te disse no telegrama de 14. A emprêsa é colossal e ligado ao mar o que está feito e quase feito, fica a estrada, a meu ver, mais importante que a Central, pois, serve a zonas inteiramente novas e prósperas, com bons climas e vem diretamente ao mar onde[,] com pontes de embarques e desembarques, se jogarão cargas do *wagon* ao navio e vice-versa, o que não acontece com a Central. O que convém e com urgência é que, julgado o negócio

realizável, venha pessoa habilitada examinar, porque estou convencido que a impressão será excelente, pois, todos a têm tido assim.

Passa-me logo um telegrama, animado, sendo possível, porque com êle em reserva, vencerei muitas dificuldades aqui.

Adeus. Sempre

Col.ª e am.º velho af.º

Cesario Alvim

Rio, 24-8-1897

P. S.

Em meu telegrama te falei também que em nosso contrato com Rothschild para o último empréstimo ficou consignado na cláusula 10.ª que à Companhia seria lícito pedir mais £ 2:000:000 para conclusão das obras. Antes de qualquer outro negócio poderias tentar êsse junto a Rothschild. Seria um grande serviço ao Govêrno que muito o deseja e que endossaria também mais essa operação. Daríamos como nova garantia a linha de Barra Mansa a Angra que já está com 35 quilômetros de trilhos assentes e 70 em construção. Essa linha não figura no outro contrato de empréstimo.

No telegrama que me passares alude a isso pois é grande o interêsse do govêrno.

Cesario Alvim

I — 3, 1, 26

SERZEDELO CORREIA

284.

Rio de Janeiro, 3 de agôsto de 1892.

Il.mo Amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Na projetada novação de contrato com a São Paulo Railway Company Limited concedi-lhe os seguintes favores:

1.º Prorrogação de prazo por vinte anos;

2.º Concessão para duplicar a linha;

3.º Levar à conta do capital o custo de tôdas as novas linhas, armazéns, estações, dependências e ainda os melhoramentos realizados (armazéns, guindastes, aparelhos de luz elétrica, etc.) construídos de 1.º de janeiro dêste ano para cá.

Entendi conveniente, para evitar dúvidas futuras, determinar expressamente a zona privilegiada e assim redigi a cláusula nos seguintes têrmos:

"Para tôdas as linhas férreas da referida estrada a zona privilegiada será a que consta da cláusula II das que baixaram com o Decreto n.º 1 759 de 26 de abril de 1856 tendo por base de sua fixação o traçado da linha atual.

Fica entendido que o pôrto e cidade de Santos não fazem parte dessa zona privilegiada e que dêsses pontos podem partir outras estradas de ferro. Fica ainda entendido que o privilégio de zona concedido à referida estrada de ferro refere-se exclusivamente à impossibilidade da construção de outras estradas de ferro que vão de Santos a S. Paulo e de S. Paulo a Jundiaí e também de outras que receberem ou deixarem cargas ou passageiros na área de sua zona privilegiada podendo portanto impossibilitar apenas a construção das vias férreas que tenham aquela direção".

Como se vê é apenas a confirmação ou antes explicação da cláusula do contrato a que refere-se o Decreto de 26 de abril já citado:

Cláusula II

Durante o tempo do privilégio não se poderá conceder emprêsas de outros caminhos de ferro dentro da distância de cinco léguas de 18 ao grau tanto de um como de outro lado e na mesma direção desta estrada, salvo se houver acôrdo com a Companhia.

. . . .

À vista do exposto fica completamente respeitada a zona privilegiada.

Não obstante o Sr. Speers acaba de procurar-me declarando que a Diretoria em Londres não aceita modificação alguma naquela cláusula e não me parecendo razoável êste procedimento peço-lhe que, com franqueza, emita o seu juízo sôbre o assunto.

Do am.º m.to obr.º

Serzedelo Corrêa

I — 3, 2, 31

285.

Ex.mo Amigo Dr. José C. Rodrigues.

Cumprimento-o afetuosamente e rogo o obséquio publicar as inclusas linhas sôbre a crítica do *Jornal*. É ela tão acerba e crua que não posso deixar de dizer alguma cousa. O amigo poderá suprimir do artigo o que julgar conveniente.

Agradecendo o obséquio sou com elevada admiração

am.º e cr.º obr.mo

Serzedelo Corrêa

I — 3, 2, 32

286.

Ex.^{mo} amigo Dr. José C. Rodrigues.

Tenho a satisfação de comunicar ao amigo que[,] de acôrdo com o Chefe do Serviço de fiscalização de nossas vias férreas[,] acabo de dar nova organização a essa Repartição criando o Serviço de estatística da receita, despesa, etc. etc. de nossas estradas e uma seção para trabalhos gráficos.

Suprimi os engenheiros-chefes de rêdes, escriturários de rêdes e engenheiros de 4.ª classe fazendo-se com êsse serviço uma economia de cento e vinte e tantos contos por ano.

A reforma do Tesouro e repartição de Fazenda, a organização do Tribunal de Contas e o nôvo regulamento das Caixas Econômicas será assinado amanhã

Disponha o amigo de quem é

am.º e cr.º obr.º

Serzedelo Corrêa

I — 3, 2, 33

CARLOS AUGUSTO DE CARVALHO

287.

1 fevereiro 1895

Il.^{mo} Amigo Dr. José Carlos Rodrigues

Tenho lido com muito interêsse as publicações referentes a *Great Northern Railway Brasil Comp.*

Em 26 de dezembro último, tendo lido e examinado *todos* os papéis existentes no Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas e no das Relações Exteriores, declarei ao Sr. George Greville, encarregado de Negócios da Inglaterra, que era totalmente infundada a reclamação da referida Companhia, e que nesse sentido o Govêrno Brasileiro recusaria anuir a qualquer acôrdo.

Essa declaração fiz verbalmente em resposta a uma interpelação também verbal que em 21 do mesmo mês de dezembro me fizera o Sr. Greville.

O que o *Jornal do Comércio* publicou hoje encheu-me de satisfação: veio confirmar-me na opinião que adquiri, tendo igualmente obtido por diligência própria novos elementos para defender o Tesouro Nacional.

Na conferência ministerial de 24 de dezembro fiz o relatório ou exposição do caso e quer o Sr. Presidente da República quer todos os colegas ficarão convencidos da sem razão da engatilhada reclamação diplomática.

Devo observar que o Sr. Greville depois das minhas declarações de 26 de dezembro não me falou mais neste negócio. Fiz-lhe uma exposição, a vista dos documentos, que o impressionou bastante. É provável que se tivessem comunicado ao seu govêrno.

Seu col.ª e am.º adm.r

Carlos de Carvalho

Com as devidas reservas pode utilizar-se destas notas não destinadas à publicidade por enquanto.

I — 3, 2, 6

288.

Rio, 18 outubro — 95

À Redação do *Jornal do Comércio* cumprimenta *Carlos de Carvalho* e previne que não recebeu comunicação alguma de Londres sôbre a Trindade.

I — 3, 2, 7

289.

Hastière, 19 de setembro de 1901

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Londres.

Sòmente hoje às 7½ da manhã recebi a carta de V. Ex.ª de 14 do corrente. Tenho estado fora de Bruxelas, para onde voltarei no próximo sábado. Peço alguns dias para dar meu parecer, que remeterei provàvelmente na 4.ª ou 5.ª feira da semana próxima.

Agradecendo a honra com que me distinguiu, sou com muita consideração de V. Ex.ª

at.º col.ª e cr.º obr.º

Carlos de Carvalho

I — 3, 5, 61

290.

Amigo Sr. José Carlos Rodrigues.

Sou-lhe muito grato pelo que disse no *Jornal,* contestando a falsidade contida na publicação com que se pretendeu magoar-me, por haver manifestado com franqueza o meu humilde modo de pensar sôbre a organização do Partido Monárquico. Não esperava outra cousa do seu cavalheirismo e da amizade com que me tem distinguido. Vivo completamente arredado da política e resolvido a manter-me nessa posição.

Como brasileiro, porém, não posso deixar de interessar-me pela causa pública, aplaudindo a atitude dos que pugnam por ela, entre os quais ocupa o amigo lugar tão saliente.

Disponha sempre do

Am.º grato

Antonio Prado

São Paulo, 20-11-95.

I — 3, 4, 23

291.

S. Paulo, 5 abril 1903.

Amigo Sr. José Carlos.

O Sr. Roberto Távora pede a minha intervenção junto a si para obter uma colocação como taquígrafo, ou qualquer outra, nessa cidade, que possa fornecer-lhe os meios de subsistência.

Muito agradecerei ao amigo o que fizer em favor de meu recomendado, que é digno de sua proteção.

Disponha sempre do

Am.º obr.º

Ant.º Prado

I — 3, 4, 24

292.

Amigo Sr. J. C. Rodrigues

Estou certo que não terá levado a mal a demora em dar-lhe notícias nossas, pois sei que não avalia os sentimentos verdadeiros pelas exterioridades.

Não temos sido tão felizes em Paris como em Londres quanto a moléstias. O Antônio estêve bem doente, com febre intermitente; minha mulher não tem passado bem e eu tive também um forte acesso de febre, o que denota a persistência de meu impaludismo.

Felizmente, agora vamos melhor, e, há 3 dias, estamos estabelecidos no nosso *hotel,* 15 R. Montchanin, Place Malesherbes. Foi uma grande campanha, a de encontrar casa com as acomodações necessárias para a nossa grande família.

Por êstes 15 dias pretendo ir para Vichy, deixando aqui a família. Vai ser para mim um sacrifício, mas os médicos entendem que uma estação ali me fará muito bem. Os têrmos do aviso do Glicério forçaram-me a aceitar a missão que confiou-me. Sòmente agora respondo nesse sentido. Não tenho fé nos resultados dela, porque as nossas vistas, a respeito de imigração, não podem desviar-se da Itália, e, ali, o que há a fazer não deve ser tentado senão pelos meios diplomáticos.

Mando dizer ao Glicério que não é conveniente fazer alguma tentativa em favor da imigração irlandesa.

Pedi a abertura de crédito, sem publicidade. Se o govêrno concordar com as minhas vistas, procurarei falar alguma cousa de positivo e irei a essa para conversarmos a respeito da Irlanda.

Sòmente no dia 16 vão duas filhas para o colégio. É o ridículo pelo Leclerc. Não gostamos do Sacré-Coeur.

O Martinico aqui está e pretende seguir para o Brasil por êstes 15 dias.

Aceite muitas recomendações de minha mulher e de todos os filhos, que são seus admiradores. A Nazaré dizia há dias: estou com saudades do Sr. José Carlos Rodrigues! É bom quando os filhos cultivam as amizades e simpatias dos pais.

Disponha sempre do

Am.º dedicado

Ant.º Prado

Paris — 8 — junho.

I — 3, 4, 25

293.

Rio de Janeiro, 3 de setembro de 1896.

Ao Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues, cumprimenta o abaixo-assinado e agradecendo o convite que se dignou enviar-lhe, fará o possível por corresponder à sua gentileza.

Antonio Olyntho

I — 3, 3, 74

294.

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1896.

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues,

Peço vênia a V. Ex.a para chamar sua esclarecida atenção para o artigo do *Estado de S. Paulo,* que junto tomo a liberdade de enviar-lhe, e no qual se trata com desenvolvimento de uma questão de atualidade, que é a tarifa cambial para o café, nas estradas de ferro. Êsse assunto tem igualmente preocupado o govêrno, por ver que o preço do café, por uma anomalia, já não acompanha inversamente as oscilações do câmbio, como até há pouco tempo acontecia.

A tarifa cambial foi estabelecida por portaria de 6 de setembro de 1892, sob proposta do Clube de Engenharia, e mandado observar na *Estrada de Ferro Central,* estendendo-se mais tarde, com algumas variações, a quase tôdas outras estradas de ferro. Pela portaria de 6 de setembro foram consideradas normais as tarifas que então vigoravam para o café para o câmbio de 20 dinheiros por mil-réis; sôbre tais tarifas criou-se um adicional variável de 10% da tarifa normal para cada um dinheiro no câmbio, abaixo de 20 até 10 dinheiros. De modo que efetivamente já hoje o frete para o café corresponde ao duplo do que era cobrado quando foi adotada a tarifa móvel, como bem o disse o *Jornal do Comércio* na sua gazetilha de 15 do corrente mês.

Estudando o assunto para ver se o govêrno poderia minorar o mal de que tanto se queixam os produtores de café, verifiquei que na *Estrada de Ferro Central* a tarifa normal para o café é de 170 réis para os percursos até 100 quilômetros[,] 110 réis para os percursos de 100 a 300 quilômetros, 85 réis para os percursos superiores a 300 quilômetros.

Sôbre essa tarifa, considerada normal ao câmbio de 20 dinheiros é que se calcula o adicional correspondente a 10% por cada um dinheiro abaixo de 20 até 10 dinheiros; de modo que hoje o adicional é igual ao próprio frete normal.

As outras estradas de ferro que concorrem para a Central têm tôdas tarifas muito mais elevadas, como se vê do seguinte quadro:

Leopoldina, na linha principal e ramais de Serraria e do Piau, bem como na linha de Imbetiba a Miracema, ramal de S. Sebastião e tronco de Araruama:

até 60 quilômetros	300 rs por tonelada/quilômetro.
de 60 a 120 quilômetros	250 rs por tonelada/quilômetro.
de 120 em diante	100 rs por tonelada/quilômetro.

Leopoldina, na linha do Carangola:

até 60 quilômetros	250 rs por tonelada/quilômetro.
de 60 a 120 quilômetros	200 rs por tonelada/quilômetro.
de 120 em diante	150 rs por tonelada/quilômetro.

Leopoldina, na Central de Macaé e no prolongamento de Araruama:

400 rs por tonelada/quilômetro.

Para tôdas, a taxa móvel é de 10% sôbre essas tarifas, consideradas como normais ao câmbio de 20 d. até 10 d.

Estrada de Ferro Minas e Rio: — a tarifa normal para o café é de 250 rs. e o adicional é de 3% de 20 d. e 10 d.

E. F. Muzambinho: — a tarifa normal é de 250 rs e o adicional de 3% nas mesmas condições.

E. F. Mogiana, na parte inspecionada pelo govêrno federal, a tarifa normal é 250 rs e o adicional de 5%.

E. F. Paulista, na parte da concessão federal, a tarifa normal é de 206 rs e o adicional de 5%.

Vê-se dêsse quadro que a *Central do Brasil* é a que tem tarifas mais baixas; acrescendo que o art. 80 das condições regulamentares estabelece que as cargas procedentes ou destinadas a grande distância das estações da estrada, seja qual fôr o transporte, menos o marítimo, terão o abatimento de

20% de 100 a 150 quilômetros
30% de 150 a 200 quilômetros
40% de 200 a 250 quilômetros
50% mais de 250 quilômetros.

Essa condição vem ainda modificar para menos a tarifa do café conduzido na Central do Brasil e procedente das estradas Leopoldina, Oeste de Minas, Muzambinho, Minas e Rio, etc. e todo êle destinado ao mercado do Rio de Janeiro, como se sabe.

Portanto, para acudir aos reclamos da lavoura, o govêrno só poderia agir na Central do Brasil que é a que menor frete cobra; não lhe sendo lícito alterar as tarifas das outras estradas, sem acôrdo com elas, o que seria difícil obter diante da crise aguda que tôdas atravessam, mormente a Leopoldina. A ação do govêrno, portanto, não teria a importância que se supõe, na debelação da crise da lavoura, sôbre o assunto de que me ocupo.

Fornecendo a V. Ex.ª êsses dados, é meu desejo ministrar-lhe elementos para esclarecer o debate, se julgar oportuno tomar parte nêle ou continuar a discussão que o *Jornal do Comércio* já iniciou.

Queira V. Ex.ª aceitar afetuosas saudações de quem se subscreve com elevada consideração.

seu amigo e at.º adm.or

Antonio Olyntho

I — 3, 3, 75

295.

28 de outubro de 1896.

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Rogo a V. Ex.ª o obséquio de ler as tiras que aqui junto; e se as julgar dignas de publicidade mandar inseri-las na gazetilha do *Jornal,* sem descobrir entretanto sua origem.

Êsse assunto é interessante e possuo ainda outros elementos para discuti-lo, se se tornar necessário e conveniente.

Dignando-se atender ao que lhe peço penhorará a quem se subscreve com elevada consideração

De V. Ex.ª

Amigo e at.º adm.or

Antonio Olyntho

I — 3, 3, 76

ALBERTO TÔRRES

296.

Rio, 8 de setembro de 1896

Ex.mo Sr. Dr. Rodrigues

É com o mais profundo pesar que venho pedir a V. Ex.ª desculpas por não comparecer à festa que hoje oferece à digna oficialidade da esquadra argentina.

Seria para mim essa excelente ocasião para mais uma vez significar a muita simpatia e estima que me merecem os nossos ilustres hóspedes e de iniciar relações pessoais com V. Ex.ª que, com ser velho e querido amigo de meu pai, é um brasileiro ilustre, digno da maior estima dos seus concidadãos pelos serviços que ao Brasil tem prestado e está prestando.

Impede-me, porém, de fazer esta primeira visita incômodo de saúde que, se não é grave, não me permite, entretanto, sair à noite.

Em outra ocasião, e pessoalmente, irei agradecer a V. Ex.ª as finezas com que me tem distinguido. Subscrevo-me, com alta estima e consideração,

de V. Ex.ª

cr.º at.º obr.º e adm.ºr

Alberto Torres

I — 3, 5, 41

297.

Petrópolis, 30 de setembro de 1898

Ex.mo Amigo e Sr. Dr. J. C. Rodrigues

Estêve ontem aqui o Sr. J. P. Wileman, portador de uma carta de V. Ex.ª Na ocasião em que me foi entregue o seu cartão, estava eu em conferência com o Dr. Chefe de Polícia sôbre assuntos sérios e urgentes e depois tive que ouvir os deputados que me procuravam, de forma que, quando procurei o Sr. Wileman soube que já se tinha retirado. À tarde recebi um cartão seu *agradecendo* e pedindo ordens para a Capital.

Escrevo, portanto, esta ùnicamente para que V. Ex.ª saiba que se por impedimento imperioso deixei de receber logo a êsse cavalheiro, em atenção a quem eu teria a maior satisfação em dar a audiência, já pelo seu próprio valimento já pela recomendação, sempre estimada, de V. Ex.ª.

Queira aceitar os protestos de estima e consideração com que me subscrevo

am.º at.º obr.º e adm.ºr

Alberto Torres

P.S. Peço não reparar no desalinho desta, escrita com rapidez, entre muitos trabalhos, para aproveitar o trem da tarde.

I — 3, 5, 42

298.

Petrópolis, 9 de março de 1899.

Ex.^{mo} Amigo e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Agradeço penhoradíssimo a V. Ex.ª o oferecimento que, por intermédio do Sr. João Batista Lopes, me fêz das colunas da Gazetilha para publicação da resposta que eu entendesse dar à carta do Sr. Senador Porciúncula.

Não me dispenso do obsequioso oferecimento de V. Ex.ª, do qual é provável tenha de fazer uso mais tarde.

Quanto à carta do Sr. Senador Porciúncula, penso, porém, que não é caso de dar resposta.

É com a maior satisfação que reitero a V. Ex.ª os meus protestos de alta estima e elevada consideração, subscrevendo-me

am.º obr.º e adm.^{or}

Alberto Torres

I — 3, 5, 43

LAURO SODRÉ

299.*

Montevidéu, [18.1.1898]

Recebi seguinte telegrama Rivera[:] afirma-se dia 23 reunir-se-á congresso estadual proclamar separação aclamando-se Castilhos chefe[.] João Francisco reúne gente ativamente.

I — 3, 14, 41

300.**

Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues *Lauro Sodré* cumprimenta, e agradece a gentileza, com que foi distinguido pelo *Jornal do Comércio,* a quem tantas referências honrosas deveu já quando govêrno dêste Estado.

5-12-98.

I — 3, 14, 40

---

* Telegrama.

** Cartão.

301.

Belém, 19-12-98

Ex.^{mo} Sr. Dr. José C. Rodrigues.

O *Jornal do Comércio* tem mais de uma vez distinguido e honrado o meu nome. Daí a confiança com que a sua ilustrada Redação dirijo esta carta, o apêlo de uma consciência limpa, que luta por arrancar de sôbre si os labéus, com que andam a querer infamá-la uns adversários desleais e pérfidos, a cujas mãos foi parar a função de correspondentes de tôda a imprensa dessa Capital. No exemplar junto da *Fôlha do Norte* vereis os têrmos da Moção, que em assembléia numerosíssima e pública foi por unanimidade votada pelo partido a que pertenço. O sentido dessa moção melhormente se definiu e esclareceu no artigo da mesma *Fôlha* sob o título — A conduta do momento — Esta carta, que não é destinada a ter publicidade, é apenas o esfôrço de um homem de bem, falando a consciências de homens de bem, para varrer a injúria perversa com que aí se tem procurado levantar os maiores aleives à sua conduta.

De V. Ex.^{a}

at.^{o} cr.^{o} adm.^{or}

Lauro Sodré

I — 3, 5, 26

JOAQUIM MURTINHO

302.

Ex.^{mo} Amigo Dr. J. Carlos Rodrigues

Agradecendo as honrosas referências feitas a minha pessoa, no estudo crítico, que fêz o *Jornal do Comércio,* da introdução ao Relatório do Ministro da Fazenda, peço licença para submeter a sua apreciação algumas observações, sôbre um ponto daquele estudo crítico, em que a apreciação não foi nem verdadeira nem justa, segundo me parece.

Essas observações foram escritas a fim de procurar esclarecer o seu espírito sôbre êsse ponto, em que me parece, não interpretou bem o meu pensamento; dará pois a elas o destino, que julgar mais conveniente.

Agora um assunto mais ameno mas talvez *não menos importante.* Envio o livro que teve a bondade de me emprestar, assim como a nota dêle extraída, para a encomenda nos Estados Unidos.

Aceitando o seu gentil oferecimento sôbre a encomenda do harmônio pe-

ço-lhe entretanto que me faça com franqueza saber o momento em que devo satisfazer as custas, a fim de dar as ordens nesse sentido.

Por tudo muito grato desde já

amigo e admirador

Joaquim Murtinho

4 outubro 1899

I — 3, 3, 67

303.

Ex.mo Sr. J. Carlos Rodrigues

Penso que o estado do seu cunhado é extremamente grave, a cocaína e o *digitalis* deverão aumentar os estragos da moléstia. Envio dois medicamentos, que êle deve tomar de hora em hora alternadamente — 2 gôtas em ½ copo d'água — 1 colher grande de cada vez, de modo que tomando 1 colher de um dos medicamentos uma hora depois deverá tomar 1 colher do outro.

Muito estimarei que êle melhore.

Am.o adm.or

Joaquim Murtinho

I — 3, 3, 68

304.

Ex.mo Sr. Dr. J. Carlos Rodrigues

Amanhã 4.a feira entre meio-dia e 2 horas estarei em casa, em S. Teresa, para conversarmos sôbre o objeto de que lhe falei.

Do
Am.o adm.or

Joaquim Murtinho

I — 3, 3, 69

LEOPOLDO DE BULHÕES JARDIM

305.*

Leopoldo de Bulhões cumprimenta, faz votos para que o *Jornal* encontre em 1900 maior prosperidade.

[1899]

I — 3, 14, 12

---

* Cartão.

306.

Rio, 9 de maio 1903

Ex.mo amigo e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Recebi a sua carta de 6 do corrente.

Muita satisfação teria em atender ao Sr. Alfredo Clemente Pinto, mas não há vaga de fiel de armazém na Alfândega e não é possível a nomeação de adidos.

De V. Ex.a

am.o obr.mo e adm.or

L. de Bulhões

I — 3, 3, 23

307.

Rio, 19 de junho 903

Ex.mo amigo Dr. José Carlos Rodrigues

Recebi a sua carta de 18.

Hoje despachei os papéis da Santa Casa, como verá da nota junta. Peço avisar-me sempre que houver em andamento aqui papéis idênticos para atendê-los sem demora.

Sou de V. Ex.a

am.o obr.mo

L. de Bulhões

I — 3, 3, 24

JAIME DE SÉGUIER

308.

Bordéus, 1 de janeiro de 1900.

Prezado amigo e Sr. Dr. J. C. Rodrigues.

Acabo de receber o amável telegrama de saudação que lhe aprouve enviar-me no limiar do último ano do Século. Agradeço reconhecidamente êsse teste-

munho d'estima que julgo merecer ùnicamente pela muito dedicada afeição que consagro ao *Jornal*. Retribuo com efusão sincera os votos e sentimentos condensados nessa palavra amiga que me vem de tão longe, que o Diretor dessa grande fôlha, que é a glória e o estema do Brasil pensante, que todos os meus caros colaboradores desde os mais brilhantes até os mais humildes, realizem no ano que hoje começa as suas mais ardentes aspirações e o considerem como o mais próspero e feliz da sua vida — é o que de todo o coração lhes desejo, sentindo não poder exprimi-lo a cada um em particular.

Consta-me que tenciona vir brevemente à Europa. Espero que desta vez me será dado recebê-lo aqui e que Bordéus seja o seu pôrto de desembarque. Enquanto não tenho o prazer de o abraçar, peço-lhe continue a crer-me, com particular consideração.

De V. Ex.ª amigo muito grato e colega admirador.

Jayme de Séguier

I — 3, 5, 14

309.

Lisboa, 25 de fevereiro 1901

Ex.mo Il.mo Sr. Dr. J. Carlos Rodrigues.

Rio de Janeiro.

Ser-lhe-á apresentada esta carta pelo meu prezado amigo, Sr. Edmond Plantier, pessoa quase de minha família, tão estreitos são os laços que nos unem. Bastará dizer-lhe que Madame Edmond Plantier, filha dum ilustre brasileiro, o Sr. Comendador Lúcio d'Araújo, hoje extinto, é madrinha de meu filho. Tomo a liberdade de o recomendar ao amável acolhimento de V. Ex.ª durante a sua curta escala pelo Rio e desde já lhe agradeço os primores de delicadeza e a benevolência que por certo o meu apresentado lhe deverá.

Vim a Lisboa passar alguns dias por interêsses de família, mas já amanhã regresso ao meu pôsto.

Sou com verdadeira e dedicada estima

De V. Ex.ª am.º m.to obr.mo e admirador

Jayme de Séguier

I — 3, 5, 64

310.

18 Rua Pierre Charron

Paris, 24 de maio de 1902.

Ex.^{mo} Am.^{o} e Sr. Dr. J. C. Rodrigues.

Tem esta por fim pedir-lhe a fineza da inserção das linhas inclusas no melhor lugar possível do *Jornal*. Não há exagêro nos louvores nelas expressas, e o assunto a que dizem respeito interessa uma boa parte dos leitores do *Jornal do Comércio*. Espero por isso que não parecerá inoportuno o meu pedido.

Sinto deveras não ter tido o prazer de o ver nesta sua última viagem a Europa. Tomarei a minha desforra na próxima, visto como decerto não deixará de vir a Paris. Aproveito o ensejo para lhe oferecer a minha modesta casa, com a esperança de que em breve a honrará com a sua presença.

Creia-me com particular estima e amizade.

De V. Ex.^{a} am.^{o} e colega obr.^{mo}

Jayme de Séguier

I — 3, 5 15

FRANCISCO DE PAULA MAYRINK

311.

Rio, 30 janeiro 1901.

Ex.^{mo} Amigo Dr. José Carlos Rodrigues.

Cordiais saudações.

Acabo de receber carta do Leo d'Afonseca dando-me o resultado da conversa que teve com o Amigo sôbre a minha carta.

Realmente surpreendeu-me a afirmação de que a ata do Banco está de perfeito acôrdo com a notícia, pois a verdade é a que lhe mandei dizer, na fé de ter havido equívoco, atento a identidade dos nomes. Mas sendo a verdade a

que o Amigo fêz publicar, não acho conveniência na retificação que pedi, porquanto seria sem valor à vista do documento oficial.

Assim o Amigo far-me-á a fineza de guardar silêncio a respeito.

E agradecendo, sou com estima

Am.º Cr.º

F. P. Mayrink

I — 3, 3, 54

312.

Sr. Redator do *Jornal do Comércio*

Se V. S.ª deseja garantir sempre a exatidão das notícias que transmite a seus leitores, incumbe-lhe exigir de seu correspondente de Londres as provas das asserções contidas no telegrama publicado hoje no *Jornal* e para o qual chama a atenção na sua *Gazetilha,* denominando-o *telegrama importante.*

Sou com tôda a consideração

De V. S.ª

At.º Ven.ºr

F. P. Mayrink

Rio, 14-12-91

I — 3, 3, 53

313.

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Tenho o prazer de apresentar a V. Ex.ª meus afetuosos cumprimentos.

Sumamente penhorado, agradeço a V. Ex.ª as expressões de sentimento, que teve a bondade de manifestar-me pela perda de minha adorada filha, e as caridosas frases de unção evangélica, com que procura mitigar-me a dor de tão rude golpe.

De V. Ex.ª Am.º e Cr.º

F. P. Mayrink

I — 3, 3, 55

314.

Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1864.

Il.^{mo} Sr.

Agradeço muito a benevolência de V. S.ª a meu respeito. Deixa-me seu cativo essa prova da sua distinta estima.

Pouco tenho a dizer-lhe de mim. A *Revista Contemporânea* de Portugal, o *Dicionário de Vapereau*, a coleção biográfica de Sinon, o *Dicionário* de Inocêncio da Silva, a Biografia de Genebra, tiveram já a bondade de incluir meu pequeno nome. Pôsto hajam divergências nesses artigos — em a maior parte dos fatos há exatidão.

Nasci em 30 de agôsto de 1819 na Vila do Iguaçu, próximo à cidade do Rio de Janeiro. Meus pais Miguel Joaquim Pereira da Silva e D. Joaquina Rosa de Jesus Silva, eram portuguêses.

Fui formado em direito na Universidade de Paris. Fui advogado 14 anos no Rio, e ganhei algum nome no fôro criminal.

Fui muitas legislaturas deputado provincial. Tenho sido geral desde 1848.

Fui consultor da Secretaria do Império, e Presidente da Província do Rio de Janeiro.

Tenho a carta do Conselho do Imperador, e a grande dignitária da Ordem da Rosa.

Muitos discursos meus foram publicados em volumes, além de o serem em periódicos.

Escrevi — em português — *Varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais* — vêm já 3.ª edição — 2 vols.

Estudos literários, viagens e poesias — 1 vol.

Manuel de Morais, crônica do século XVII — 1 volume.

Jerônimo Côrte Real, crônica do século XVI — I volume.

Prefácio ao Poema de Gonzaga — 1 vol.

História da fundação do Império do Brasil — 7 vols. (1808 a 1825).

Em francês — além de artigos na *Revue des Deux Mondes, Revue Contemporaine, Revue des legislations et du droit,* Dic. de Commerce & — todos assinados.

Situation sociale, politique, et economique de l'Empire du Brésil — 1 vol.

Littérature Portugaise — 1 volume.

Eis tudo o que posso dizer de mim a V. S.ª, a quem aproveitando a ocasião, peço me dê ocasiões em que lhe possa mostrar minha gratidão, e o quanto me deixa penhorado e

De V. S.ª
am.º af.º obr.º cr.º
Per.ª da Silva

I — 3, 5, 21

315.

Rio 16 de outubro de 1879

Il.mo Sr. J. C. Rodrigues

Fui agradàvelmente surpreendido, há cêrca de dous meses, por uma Carta de V. S.ª, com o que muito me honrou igualmente.

Infelizmente tinha data de 14. Quem a guardou por tanto tempo, onde estêve, como me veio às mãos, é o que não posso explicar, porque não continha selos de correio.

Nela V. S.ª me comunica que tem em seu poder uma tradução do Manuel de Morais feita pelo Cap. Burton.

V. S.ª é literato, escreve, publica obras. Compreende e aprecia, portanto, devidamente o prazer que tais notícias causam aos interessados.

Homo sum, e assim como lhe manifestar meu reconhecimento?

Tenho mandado ao escritório do *Nôvo Mundo* no Rio de Janeiro várias publicações minhas. Não sei se tem chegado aos Estados Unidos. Duvido-o porque seu periódico nunca delas falou.

Entre as remetidas foram:

1 vol. — *Curso de história da civilização nos Estados Americanos* — publicado em 1876 por Laemmert.

3 vols. — *História da fundação do Império Brasileiro* — muito correta e 2.ª edição — com grandes reformas.

1 vol. — *Segundo período do reinado de D. Pedro 1.º no Brasil* (1825-1831) — 2.ª edição muito melhorada e aumentada.

Várias conferências sôbre poesia dramática e poesia lírica.

A um brasileiro, como V. S.ª, tão afastado do país, deve ser agradável receber assim notícia do que vai pelo seu país natal, e acompanhar seu movimento literário e político.

Peço-lhe que me tenha em conta de seus obrigados e afeiçoados, como

Patrício Ven.or Cr.º
J. M. Per.ª da Silva

Vai uma 2.ª edição de um romance.

I — 3, 5, 20

316.

Bahia, 13 de junho de 1865

Patrício e amigo

Pôsto que indiferente à política — não posso deixar de dirigir-te meus sinceros votos para que sejas feliz nesta nova fase de tua vida. Parabéns não te dou, porque não creio que seja para invejar-se a tua posição, principalmente vendo-te de mãos atadas para o bem... Não sei o que fará o Ministério; mas estimo ver gente séria no poder, e não *curiosos*. Aqui estou vindo de Eng.º por causa dos Meninos — que lá sofriam com o inverno. Como vai isto, outros te dirão. Estimo que passes com saúde, e assim a Família, a quem cumprimento

Teu patr.º e am.º af.º
Wanderley

P.S. Eu não queria falar-te no Rebêlo; mas o *malvado* sabendo que eu te escrevia — insta para que o seu nome seja proferido. Faça-se-lhe a vontade, embora êle conheça que não te esquecerás dêle.

I — 3, 2, 49

317.

Rio, 25 de julho 1874.

Il.mo Sr. J. C. Rodrigues

Mui retardada recebi a carta, que V. S.ª me dirigiu em data de 20 de fevereiro, e por isso me desculpará V. S.ª a demora da resposta.

Agradecendo a V. S.ª a honra que me quer dar de estampar em seu interessante periódico a minha fotografia, junto em seguida um apontamento biográfico, conforme seus desejos.

Vai muito resumido, porque, confesso, não sei falar de mim, sendo esta a primeira vez que saio da reserva, que me tenho impôsto, recusando informações idênticas, que me têm sido pedidas. A exceção que ora faço dá a medida do conceito, em que tenho a importante publicação dirigida por V. S.ª.

Sou com tôda a consideração

De V. S.ª

Patr.º e at.º criado

B. de Cotegipe

Apontamento.

Nascido no ano de 1815 — na Província da Bahia. Formado em ciências sociais e jurídicas pela Academia de Olinda em 1837.

Foi eleito em 1842 — membro d'Assembléia Provincial, e deputado à Geral pela mesma Província.

Sempre reeleito até que em 1856 foi escolhido Senador. Seguiu a carreira da magistratura, deixando-a logo que tomou assento no Senado.

Serviu de Juiz de Direito da Comarca da Cidade de S. Amaro, e de Chefe de Polícia da Província da Bahia.

De 1853 a 1855 ocupou o cargo de Presidente da mesma Província.

Em 1855 foi chamado a exercer o cargo de Ministro da Marinha — no gabinete presidido pelo Marquês de Paraná, e por morte dêste a da Fazenda, retirando-se com todo o Ministério em maio de 1857.

Desta data até 1867, viveu retirado em sua Província. Nesse ano comparecendo ao Senado fêz exposição ao Gabinete presidido pelo Conselheiro Zacarias, e retirando-se êste em julho de 1868 — ocupou a Pasta da Marinha sob a presidência do Visconde de Itaboraí, e interinamente a dos Negócios Estrangeiros enquanto o Sr. Paranhos (hoje Visconde do Rio Branco) desempenhou as funções de Enviado Extraordinário nas Repúblicas do Prata[,] de fevereiro de 1869 a julho de 1870. Em setembro dêste ano retirou-se com os demais colegas.

Em agôsto de 1871 — foi nomeado enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciário junto às Repúblicas do Prata e Paraguai.

Concluiu com o último Estado os Tratados de paz definitiva; de limites; de extradição; e de comércio e navegação.

Pertence ao Partido Conservador.

Nome de família — João Maurício Wanderley.

I — 3, 2, 50

C. CUSHING

318.

Washington 13 Sept. 1871

Dear Sir:

I thank you for your prompt attention to my request.

Enclosed please to receive check for the two sums called for, in $ 4,75 .....

I am highly pleased with the matter and the form of "O Novo Mundo".

Can I buy in N. York Sr. Magalhaens' *Confederação dos Tamoyos,* or must I send to Rio for it?

I am
Yours respectfully
C. Cushing

J. C. Rodrigues. Esq.

I — 3, 2, 58

319.

Washington, 27 Sept. 1871.

Sir:

I thank you for your note of the 16th and now write to ask another favor.

I should like exceedingly to possess the two books, both Magalhaens "Tamoyos" and Alencar "O Guarany", and will send you the cost of order, if you will let me know how much it is.

Can you recommend to me an educated Brazilian or Portuguese (a Brazilian would be preferred) who can come here and spend a month with me in literary labor for proper compensation? If so, I pray you to aid me in this particular, and I remain.

Very truly & respectfully
C. Cushing

J. C. Rodrigues, Esq.

I — 3, 2, 59

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY, *VISCONDE DE TAUNAY*

320.

Il.mo Amigo e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Apreciando o desenvolvimento que vai tendo o seu periódico — *o Nôvo Mundo* — não posso deixar de cumprimentá-lo muito especialmente pela constância e talento com que vai V. S.ª dirigindo essa útil emprêsa. Nesta data lhe remeto três obras minhas — *La Retraite de Laguna* — *Cenas de Viagem* e um romance — *Inocência* — que publiquei sob pseudônimo. Se gostar dessas obras, o que há de acontecer com a *Retraite* que já tem merecido as honras da tradução, mande-me dizer para que eu lhe envie as outras minhas obras que são: *Viagem de Regresso* — *O Diário do Exército* durante o comando do Conde d'Eu, e dous outros romances — *A Mocidade de Trajano* e *Lágrimas do Coração.*

Fomos companheiros no Colégio de Pedro II, e ainda me recordo muito dos belos passeios que dávamos juntos no seu jardim da Rua do Conde.

Com prazer procuro restabelecer as boas relações que entretivemos e assino-me

Seu obr.º Cr.º Am.º
Alfredo d'Escragnolle Taunay

Rio de Janeiro, 9 de julho de 1873

I — 3, 5, 34

321.

Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1875

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Meu ilustre amigo.

Remeto-lhe um nôvo exemplar de *Inocência,* romance eminentemente nacional, e que aqui contudo pouca leitura tem tido.

Recebi a sua proposta, a qual muito me honrou. Francamente lhe direi que não posso escrever um romance por menos de 1:200$000, o qual será publicado pela forma que me é proposta, ficando a edição pertencente ao *Nôvo Mundo.* Estou acabando o *Ouro sôbre Azul,* folhetim do *Globo* e tenho outra encomenda.

Fôra boa lembrança reimprimir *Inocência* com bonitinhas gravuras, bom papel e tipo nôvo. Uma edição nestas condições vender-se-ia muito bem. Eu dela *só* lhe pediria 50 exemplares para meu uso.

Leia por favor a *Retirada da Laguna.* Mando-lhe uma tradução.

Seu Amigo Obr.º e dev.º

Alfredo d'Escragnolle Taunay

I — 3, 5, 35

JOAQUIM SALDANHA MARINHO

322.

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1871

Meu caro colega e amigo Sr. Dr. J. C. Rodrigues

Esta lhe será apresentada pelos Srs. Francisco Andrada de Paula Viana, e Pedro Bicudo, que agora seguem para aí com o destino de estudarem, um medicina, e outro engenharia. Moços de ótima conduta, e de famílias distintas de Campinas (S. Paulo) estão no caso de merecerem tôda a coadjuvação. Eu os entrego a seus conselhos e direção. Encaminhe-os aí. Levam os recursos necessários, e necessitam apenas de uma mão amiga que os guie, e esta mão amiga êles a encontrarão no meu amigo e colega Dr. J. C. Rodrigues.

A luta romana cresce, e se vai tornando muito séria, atento o descaso do govêrno, sempre contraditório, pusilânime, e pouco leal. Continuo na luta. Estou escrevendo a 3.ª série de artigos como terá visto já no *Jornal do Comér-*

cio. Trato de colecionar em um livro a 2.ª série, e logo que a impressão esteja completa lhe enviarei exemplares.

A política desta terra é sempre a mesma!

O govêrno, ou antes e positivamente, o Rei opõe-se desastradamente à eleição direta, que é a magna questão do dia. Se tivermos nesta sessão alguma lei eleitoral, o que duvido, será manca, sendo que o projeto do govêrno está sofrendo modificações inconsideradas, e simplesmente ocasionais de interêsse de sustentação de poder, e afinal teremos algumas dessas reformas monstruosas, como a que avolumam já a nossa coleção de atos legislativos.

Rogo-lhe o favor de me mandar já encadernados os volumes do *Nôvo Mundo,* que estiverem completos, dignando-se enviar-nos pela sua agência nesta cidade, com a competente conta para aí ser imediatamente paga.

Aqui estou e na continuação de meus trabalhos, fazendo sinceros esforços por bem do país. Se nada conseguir, morrerei satisfeito com a minha consciência porque tenho feito tudo quanto me é possível.

Sua saúde e venturas é o que deseja de coração o

Seu am.º e colega obr.º

Joaquim Saldanha M.

I — 3, 3, 45

323.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1876.

Meu caro amigo Sr. Dr. J. C. Rodrigues

Tenho presente a sua prezada carta de 31 de maio p.p.

É difícil aqui desempenhar satisfatòriamente a comissão de que me encarregou. Entretanto, tendo felizmente em meu escritório um homem de bem, muito inteligente, muito sério, e honrado, o qual me coadjuva em trabalhos forenses, e é meu companheiro em tudo [*apagado o original*] se aceitar o encargo, satisfará plenamente os seus desejos, não duvidando eu coadjuvá-lo em tudo, e com muito prazer, eu o indico.

Está V. prevenido, como eu, com a Bacharelada desta terra. Tem razão, e entre êles é bem difícil escolher alguns que sèriamente prestem para alguma cousa.

Entretanto o homem de que lhe falo é Bacharel, mas dos das raras exceções, é o Dr. Ubaldino do Amaral, a quem entretanto nada comuniquei sôbre o seu pedido, e nem o farei senão com sua ordem.

É entendido em negócios de imprensa, tem muitas relações em S. Paulo, e no Paraná, e em Minas, e eu o coadjuvarei para tôdas as Províncias, nas quais tôdas sou mais ou menos conhecido, e, felizmente, com vantagem.

Quanto ao Pereira da Silva, devo dizer-lhe o que penso. Sou muito amigo dêle, desejo vê-lo melhor arranjado do que está, é êle de alguma aptidão para o encargo, mas falta-lhe uma grande qualidade: não tem posição suficiente, e nem as relações indispensáveis, e sem as quais nada se fará.

O Salvador de M. conhece perfeitamente o Ubaldino. E eu que o conheci em S. Paulo, agora melhor o conheço pela companhia no meu escritório há mais de 2 anos. É por isso que o garanto, e abono. Em todo o caso eu farei aqui o que V. necessitar, e terei muito gôsto em ajudá-lo em tudo, e por tudo que estiver a meu alcance. Diga-me pois o que julgar mais conveniente, e pode estar certo de que não lhe faltará no Rio de Janeiro quem trate dos negócios do *Nôvo Mundo* pois que se alguma falta imprevista se der, e V. o determinar, eu mesmo servirei enquanto se preencha melhor o lugar.

É tudo quanto posso fazer, e que tudo ponho à sua ampla disposição.

Abraça-o como sempre

Seu am.º colega e af.º

Joaquim Saldanha Marinho

I — 3, 3, 46

JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO

324.

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1874

Meu caríssimo Amigo

Inclusa achará a minha 5.ª resenha bibliográfica, que denominei — "Movimento Literário no Brasil" — por ser mais compreensivo e para conformar-me com o título que deu a penúltima, ou antepenúltima.

Vai pequena porque recomendou-me concisão e também porque paupérrima era a seara onde deverá respigar notícias curiosas e interessantes aos seus leitores.

Vi com verdadeiro júbilo que vai aumentar o número das páginas do *Nôvo Mundo* mediante 50% de acréscimo na assinatura. Creio que ninguém se recusará a êsse excesso de despesa, visto o crédito de que goza a mencionada Revista.

Como dispõe de maior espaço darei mais desenvolvimento aos meus artigos literários e se tiver a resposta em tempo talvez para o ano inicie uma revista religiosa, e outra d'instrução pública, porque sob o uso do *pseudônimo* poderei usar duma franqueza que aqui se tornaria impossível.

Serei franco com o meu bom Amigo e em retribuição peço-lhe tôda a franqueza, certo de que com ela jamais me ofenderei. Mediante a quantia de cinqüenta mil réis mensais serei seu correspondente efetivo no Rio de Janeiro remetendo-lhe por todos os vapôres da linha de New York correspondências literárias, religiosas, políticas e de instrução pública, além de tudo o mais que possa interessar aos seus leitores. O espírito dos meus artigos será *rasgadamente liberal,* poupando ùnicamente as conveniências, quando entenda deverem ser poupadas. Pelo que tenho publicado poderá avaliar o que me proponho a publicar. Guardarei o mesmo pseudônimo que com o andar do tempo parece-me se tornará respeitado. Desejo sobretudo inaugurar o reinado da crítica, e habituar os nossos homens a ouvirem a verdade dela em face, *sine studio et sine ira.*

Calcule desassombradamente as fôrças da sua emprêsa, e se vir que a minha proposta é onerosa rejeite-a; porque em nada perderá na minha estima. Continuarei a Revista Literária, sob as mesmas bases, e mediante a mesma retribuição que foi (como sabe) fixada pelo seu agente. Se lhe falo em dinheiro é porque vivo da minha pena e tenho o tempo todo ocupado: e para tomar um nôvo compromisso é forçoso deixar outros. Dou preferência ao *Nôvo Mundo* por ser publicado fora do país, e pelo espírito *libérrimo* da sua redação, a cujo espírito de todo o coração me associo.

Já há de estar de posse das Revistas do Instituto Histórico que lhe mandei entregar conforme a proposta que me fêz, e a qual aderiu o mencionado Instituto.

No seu último número despejou o "Após-tolo" sôbre o meu ilustre amigo uma tina de lôdo com que costuma banhar os seus bem-aventurados leitores. Pensei no primeiro momento em dar-lhe uma vergastada, mas lembrei depois que é pouco asseado esmagar percevejos em público. Há injúrias que honram os injuriados: e neste caso estão os do "Após-tolo". Peço-lhe que não faça a mínima alusão a semelhante sandice, que seria dar-lhe demasiada honra.

Se aceitar a minha nova proposta mande-me dizer com tempo de preparar os artigos que devem sair em janeiro, ou o mais tardar em fevereiro.

Desejo-lhe muita saúde, e inúmeras venturas como quem é

Seu verdadeiro e velho amigo

J. C. Fernandes Pinheiro

P.S. O James tem sido exatíssimo no pagamento dos meus artigos.

I — 3, 4, 15

325.

Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1874

Il.mo Sr. Dr. J. Carlos Rodrigues

Acuso o recebimento da sua prezada carta datada de 23 d'outubro último.

Estimei saber que já se acha de posse das Revistas do Instituto, assim como agradeço em nome da mesma associação o seu generoso oferecimento de servir de intermediário para com os Institutos e Sociedades Americanas e com as quais nos achamos em relações.

Pelo paquête de janeiro lhe remeterei o último fascículo da dita Revista, agora publicado não só para essas sociedades, como para o meu amigo. Fico certo do modo por que se deverá satisfazer o sêlo americano, e autorizo-o a despender o que preciso sacando sôbre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Ainda não falei com o James depois da chegada do vapor dêste mês e por isso não sei se veio a obra que me anunciou, isto é, o fac-símile das cartas geográficas. Por isso deixo também de responder a qualquer carta que pelo dito vapor me haja escrito: o que farei pelo seguinte.

Incluso achará o meu artigo que intitulo — "Revista Brasílico-Literária". Se não lhe agradar o título mude-o, assim como altere, ou suprima o que não lhe agradar.

Continuo a assinar-me

Seu velho e sincero amigo

J. C. Fernandes Pinheiro

I — 3, 4, 16

FILIPE LOPES NETO

326.

Philadelphia, 28 de maio 1876

Meu caro Dr. Rodrigues.

Acho bom o artigo, mesmo resumido, sôbre a nossa seção agrícola. Desejo quatro exemplares do *Commercial Advertizer,* em que fôr publicado. Escuso dizer-lhe que pagarei esta e qualquer outra despesa, que V. fizer com as minhas encomendas.

Quanto às sementes, encomendadas pelo Ministro d'Agricultura, cumpre-me sòmente dizer-lhe que S. Ex.ª as quer para as mandar plantar no nosso

Jardim Botânico da Lagoa de Rodrigo de Freitas. Calcule V. por isto a porção que deve comprar.

Recomendo-lhe, porém, muito que as faça encaixotar convenientemente, guardando aí a caixa para ser enviada no próximo paquête de New York.

Conheço a multiplicidade de suas ocupações, como conheço a vastidão do seu préstimo e a intimidade do seu patriotismo. Não estranhe, pois, que o incomode tão freqüentemente, solicitando o seu auxílio para poder desempenhar a minha comissão.

Adeus; recomende-me ao Dr. Salvador e conte sempre com a dedicação do seu

Am.º obr.mo

Lopes Netto

I — 3, 3, 40

327.

Washington 26 de dezembro 1882.

Amigo e Sr. J. C. Rodrigues

Recebi hoje a sua estimada carta de 13 do corrente mês.

Tardavam-me notícias suas. As trazidas pela citada carta estão longe de corresponder aos meus desejos.

Espero, porém, que me dê melhores, quando escrever-me de nôvo.

Apesar de têrmos tido alguns dias de grande frio, vou passando sem novidade, em minha saúde, e, o que mais é, afazendo-me à vida americana. Parece que, no caso de atravessar incólume o inverno atual, poucas saudades da Europa sentirei aqui.

Minha curiosidade, a respeito dela, está satisfeita. Depois de tanta viagem, hoje só me convém descansar, entre bons amigos, que talvez encontre nos Estados Unidos.

O regresso do Valente ao Brasil privou-me do único auxiliar que me restava. Imagine as dificuldades da minha estréia diplomática, neste país, cuja língua ainda me é estranha, e onde falha-me quem me informe sôbre a gente do Govêrno e os negócios da Legação. Têm sido graves e numerosas.

Como sabe, não me surpreende o que lhe sucede aí. Temi sempre que, como o cão da fábula, V. S.ª trocasse a carne pela sombra. Ainda é tempo de emendar a mão. Volte a New York onde conta felizmente tantos e tão bons amigos. Lá tem V. S.ª plantado o seu futuro, que há de ser próspero, atentos os seus variados talentos.

"Robert, retourne garder tes moutons". Remeto-lhe, pelo correio, o número do *Public Science Montly*, que V. S.ª me pediu.

A cobra de Mato Grosso continua a preocupar alguns naturalistas americanos. O Professor Riley, do Ministério da Agricultura, leu, há poucos dias, na sociedade biológica de Washington, uma memória, acêrca dela. A idade do autor e o fato de haver estudado o assunto no artigo do *Public Science* e no modêlo, feito em Paris, induz-me a desconfiar do mérito científico dessa "memória", que, aliás, desconheço ainda.

O "Columbian College" não respondeu à minha carta.

Pelo menos, as pessoas consultadas estão tôdas abaixo do nível científico do fenômeno, trazido do Brasil. Veremos, se encontro quem possa explicá-lo, nos Estados Unidos.

Agradecendo-lhe as felicitações pela entrada do nôvo ano, que desejo sempre propício a V. S.ª e a sua família, confirmo as seguranças da estima, com que sou seu

Am.º e cr.º obr.mo

Lopes Netto

I — 3, 3, 41

WHITELAW REID

328.

New York, Nov 26th 1877

Dear Sir:

It would be improper for me to furnish such facts as you suggest to an unknown outsider. It would be better, therefore, that you should not being him up, and I send this note to save you possible embarrassment.

Yours,

Whitelaw Reid

J. C. Rodrigues, Esq.

Office *Novo Mundo*

I — 3, 4, 39

329.*

Dear Mr. Rodrigues

I doubt it we should want very much written on this subject, although one or two short articles would be available, especially if written in the light of late news not previously published elsewhere.

I don't believe in the canal, and if we must have it don't believe in letting De Lesseps build it. Back of all this however, is the important question whether it is for the interest of the United States to make access to the Pacific Ocean easier than it now is for both the merchant and war vessels of the rest of the world. Wouldn't the United States gain more by taking such an attitude as would prevent the construction of the canal by anybody — thus retaining whatever advantages it already possesses in the matter of the trade of the Pacific Ocean?

Very truly yours
Whitelaw Reid
per I.

Feb. 9 1880
Mr. J. C. Rodrigues
University Club
City

I — 3, 4, 40

J. J. AUBERTIN

330.

33 Duke Street S 'James' London S. W.
April 8.1878

Il.mo amigo e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Faz muitos anos depois de eu ver e conversar com V. S.a! Mandei algumas recordações do Rio de Janeiro, tempo a tempo, por via do Sr. James a V. S.a e agora venho dizer-lhe que mandei-lhe cópia da minha grande obra — tradução dos *Lusíadas* do Camões — conforme as notícias inclusas! — Se o meu amigo queira [sic] aceitar êste volume, e de apreciar benignamente o meu trabalho isso me fará muita honra!

---

* No verso da carta, uma outra, nos seguintes têrmos: "Dear Mr. Reid. Mr. J. C. Rodrigues, the editor of the late Portuguese illustrated paper of this city, *O Novo Mundo,* would like to write about the Panama canal for *The Tribune.* He is the author of the article in the last *Nation* on that subject, and has just returned from Panama. If you wish for anysthing from him, please drop him a line at the University Club. [*Rubrica*]". Há, ainda, noutra parte, um trecho taquigrafado e riscado.

Quando V. S.ª me escrever diga-me alguma cousa a respeito do seu bem-estar em "New York". Aguardo o dia em que poderei lá ir para ver o país dos Inglêses Imigrantes!

De V. S.ª

Amigo e cr.º ob.º

J. J. Aubertin.

P.S. Os dous volumes devem chegar cedo, por via dos meus "Publishers".

I — 3, 1, 45

331.

83 Hotel de Paris. Madrid.

15 de junho de 1878

Meu antigo e ilustre Amigo.

Apenas ontem recebi sua estimada carta do dia 21 de abril p. p.!!! — Não posso entender a causa desta grande demora: porque custa só 14 dias entre sua cidade e Londres: e já recebi dessa cidade tôdas as cartas ali vindas depois do dia da minha saída para Lisboa — 9 de abril.

Desejo muito que não tenha havido demora ou desvio na remessa dos dous volumes! Caso de sim quero que V. se dirija já aos meus "Publishers" Kegan Paul & Cia., 1 Paternoster Square, London E. C. para saber daquilo.

Escusado é dizer que aguardo com interêsse e ansiedade a sua opinião a respeito da minha obra. Tem-se falado muito bem dela no Athenaeum, durante o mês de maio: como também no *Examiner* do 4 de maio, etc.

Fui para Lisboa, expressamente para apresentar cópia dedicatória a El-Rei. S. M. me acolheu com muita benignidade: agraciando-me com a Comenda da ilustre e antiga Ordem de S. Tiago de Portugal — ordem concedida a número limitado apenas, e por causa especial de Literatura etc.

Além disso S. M. me chamou ao Palácio, e agraciou-me pessoalmente com o Diploma e a Insígnia!!

De lá vim para cá: para ver Madrid — o Museu — e "Las Corridas de los Toros"!!! e vou seguindo,

"quo me cunque rapib tempestas".

De certo tenho a intenção de ir visitar seu país adotado. E agora que tenho o seu *adresse* lá não vou sem o desenterrar. Mas, quando isto será ainda não posso dizer!

Quando no Rio vi e li muitas vêzes o seu bem conhecido e apreciado Jornal — *O Nôvo Mundo* — Muito trabalho, deveras, V. S.ª deve ter tido! A circulação, dizem, é magnífica. Que sejam os lucros correspondentes!

Apresso-me a mandar esta carta "macarrônica" antes de fechar-se o correio de hoje. Pode me responder.

33 Duke Street
St James London
S. W.

e Deus queira que não haja outra inexplicável demora na vinda da carta.

Antigo amigo — mas não mais da Estrada de ferro,

J. J. Aubertin

I — 3, 1, 46

TEÓFILO BRAGA

332.

Lisboa, 25 de julho de 1878.

Ex.mo Sr. Rodrigues

Só agora me chegou à mão a sua carta de 4 de julho, e apresso-me a responder-lhe. Aceito com gôsto a colaboração no seu jornal *Nôvo Mundo* e prontifico-me a enviar-lhe pontualmente cada mês um estudo literário interessando a maioria dos seus leitores do Brasil. Quanto à remuneração, deixo isso ao arbítrio de V. Ex.ª tomando por base o que costumava abonar ao Sr. Latino Coelho. Espero que ficará satisfeito com o meu trabalho e que as nossas relações serão sempre fáceis.

Desejava para bem dos escritos que houver de lhe remeter, que me enviasse regularmente os números que forem saindo do *Nôvo Mundo* para assim ver o espírito da publicação. É provável que antes de V. Ex.ª me responder lhe envie daqui o primeiro trabalho, para se adiantar tempo. Creia-me,

At.º ven.or obrigado

Theophilo Braga

Rua de S. Luís, n. 13.

I — 3, 1, 80

333.

Lisboa, 9 de fevereiro de 1895

Ex.^mo^ Sr. José Carlos Rodrigues

Por mão do meu respeitável e antigo amigo o Sr. Francisco Ângelo de Almeida Pereira e Sousa, recebi a carta com que V. Ex.ª me honra[,] datada de 15 de janeiro passado, e na qual me convida a escrever uma ou duas correspondências mensais para o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro.

É para mim sumamente honroso êste encargo, e mais ainda pela forma cativante com que me faculta a liberdade de assunto nas questões literárias da minha predileção. Aceitando com a máxima satisfação êste ensejo para exercer a minha atividade, fico desde já ao serviço da Emprêsa do *Jornal do Comércio* para servi-la com a melhor boa vontade e com o esmêro das minhas faculdades.

Faz V. Ex.ª na sua afetuosa carta uma referência às nossas relações antigas, de quando em New York redigia *O Nôvo Mundo;* de fato ainda guardo alguns números dêste periódico, mas estava longe de imaginar que no espírito tão ativo de V. Ex.ª se conservasse a lembrança dêste trabalhador solitário. Esta referência deixou-me uma emoção que me penhorou profundamente.

Enviarei regularmente os trabalhos em desempenho de meu mandato, ficando ao *Jornal do Comércio* a inteira propriedade dêles para outras formas de publicação, como a de volume se o entender conveniente. E não terminarei sem agradecer a V. Ex.ª êste recurso de trabalho, no momento em que o nosso meio português se debate no mais deplorável esgotamento econômico.

Creia-me V. Ex.ª por tudo sempre

amigo muito reconhecido.

Theophilo Braga

Travessa de S. Gertrudes, n. 70

I — 3, 1, 81

DANIEL P. KIDDER

334.

Madison, N. Jersey, Feb. 17 1879

Dr. Rodrigues

My dear Sir.

I have now the pleasure to report to you that I have found in my library in a state of perfect preservation the work entitled Demonstrasão da necessida-

de da abolisão do Celibato Clerical pela Assemblea Geral do Brazil: e da sua verdadeira e legitima competencia nesta materia pelo deputado Diogo Antonio Feijó. Rio de Janeiro, Na Typografia Imperial e Nacional. 1828.

also Resposta ás Parvoices, Absurdos, Impiedades e Contradisões do S.º Pe. Luis Gonsalves dos Santos na sua intitulada Defeza do Celibato Clerical contra o voto Separado do Pe. Diogo Antonio Feijo.

These panphlets had been bound up in a volume in connection with certain others given to me by Dr Brotero of San Paulo & one now, should you wish to examine or republish them, quite at your service.

Very Respectfully, yours,

D. P. Kidder

I — 3, 3, 26

335.

Madison, N. Jersey, Feb. 20 1879

Dr J. C. Rodrigues

My dear Sir;

I will send you, probably tomorrow A.M. by the Del. Lackawanna western Express, the volume which has so opportunely made its appearance & which I beg you to retain to the *full extent* of your convenience. I cannot imagine its being put to a better use than to serve as copy for republication in your beautiful & influential periodical, *O Novo Mundo.*

In fact I congratulate myself in having been made providentially the agent not only of presenting to the English reading world what I suppose to have been the first translation of a work of Brazilian authorship but also of restoring thro you to Brazil the original text of that book fifty years after its first publication.

With many thanks for the tender of your generous hospitalities & with the intention of embracing my first opportunity of calling upon you at your office.

I am,
Dear Sir,
With high appreciation,

Very Truly Yours,

D. P. Kidder

P. S. I am delighted to hear so favorably of Dr Brotero Jr.

I remember the presence of two or more sons in the family when I was the guest of Dr & Mrs. Brotero.

I — 3, 3, 27

336.

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1884.

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Recebi a carta que V. S.a dirigiu-me em 18 de agôsto último, e cordialmente agradeço a iniciativa, que tomou, de fazer publicar no *Times* de 15 dêsse mês, um artigo, no intuito de desfazer a má impressão, que aí causara, o discurso do Príncipe de Gales.

Respeitando, como devo, a opinião de V. S.a, não poderia de certo estranhar que, em um ou outro ponto, divergisse das idéias contidas no Projeto do Govêrno, até mesmo porque, da forma por que apresentou as suas restrições, só resulta o incontestável reconhecimento de quanto é melindrosa a questão, e das dificuldades que qualquer Govêrno encontrará em solvê-la, respeitando tôdas as conveniências de ordem social e econômica a que se prende.

Direi, entretanto, a V. S.a, com tôda a isenção de ânimo, que considero de grande alcance o Projeto apresentado, e, o mais possível, de acôrdo com as necessidades atuais do país.

Sou com estima e consideração

De V. S.a

Continue daí a auxiliar-nos como Brasileiro — nesta enorme tarefa, que temos (os do gabinete atual) sôbre os ombros — A causa felizmente é daquelas que animam os verdadeiros patriotas e merece o apoio dos homens de talento como é V. S.a

Sou com estima

Seu af.o patr.o amigo obr.o

M. P. de Sousa Dantas

I — 3, 2, 60

337.

Meu caro amigo e colega Dr. José Carlos Rodrigues.

Que lhe direi?

Deus se amerceie de nossa cara pátria.

Sabe que sempre manifestei-me pela paz. Venha ela e com um pouco de juízo de nossa parte, respondo pelos resultados. Seu sobrinho portador desta (simpático jovem) vai por mim autorizado a dizer-lhe que já dei as necessárias ordens de prorrogamento do crédito por mais 6 meses.

Eis tudo.

Desejo-lhe todos os bens e creia na estima particular do

Seu af.mo amigo velho e obr.o

S. Dantas

[Dez.o 1893]

I — 3, 2, 61

GABRIEL DE TOLEDO PIZA E ALMEIDA

338.

Paris, dezembro 4, 1891.

Reservada

Amigo e Sr. Dr. J. C. Rodrigues,

Um Sr. Oscar d'Araújo — môço fluminense, que há cêrca de 10 anos vive de expedientes em Paris — resolveu aproveitar as águas turvas pela última crise política que aí teve lugar o mês passado para fazer a sua fortuna.

Despeitado contra a Legação de Paris, da qual fizera parte como adido — lugar que perdeu em fevereiro do corrente ano — está há algumas semanas a levantar pequenas intrigas em jornais de 4.a ordem — já se apresentando como o futuro representante diplomático do *Estado do Rio Grande* — já atacando a Legação do Brasil sob vários pretextos.

Oscar d'Araújo é um homem digno de desprêzo pela sua corrupção moral e pelo seu péssimo caráter, porém é inteligente e escreve regularmente. Sendo provável que êle remeta para aí algumas das suas intrigas, escritas de harmonia com alguns sócios da *chantage* de Paris, peço-lhe que fique prevenido para não lhes dar a menor importância.

Receba os meus sinceros parabéns pela atitude correta que tem sustentado o *Jornal do Comércio*, particularmente em nossos negócios financeiros e disponha sempre

Do Am.o Obr.mo

Piza

3, Place Malesherbes

I — 3, 1,15

339.

Paris, 26 de julho de 1893

Reservada

Ex.^{mo} Sr. Dr. J. Carlos Rodrigues,

O *Jornal do Comércio* de 17 de junho publicou em suas *Várias* uma notícia completamente falsa a meu respeito.

Consta-me que o seu autor é o Sr. Santa Ana Néri — empregado do *Jornal* em Paris — e que promete continuar a mandar para o *Jornal* outras notícias tão falsas como a primeira e com o mesmo caráter de intriga.

Tendo tido sempre com o referido Sr. Néri poucas, porém benévolas relações, só posso atribuir a sua má vontade ao fato de não aceitar eu os seus convites para freqüentar um certo *club* de jogadores — de que é êle sócio — e a ter-me recusado a recomendar ao Govêrno do Brasil uma escandalosa proposta de publicidade que me foi apresentada por dois amigos íntimos e associados do Sr. Néri.

Por essa proposta — que me foi por êle vivamente recomendada — o nosso Tesouro devia concorrer com a quantia de *um milhão e quinhentos mil francos* para uma emprêsa jornalística, pela qual se interessavam aquêles três senhores.

É escusado dizer-lhe que desprezei completamente essa absurda proposta — como desprezo os ataques malévolos e interesseiros de tal indivíduo — quer sejam feitos e morram esquecidos nas colunas obscuras de alguns jornais de *chantage* desta Capital — quer tenham a vasta circulação que lhes dá no meu país o seu respeitável *Jornal*.

Conhecendo, entretanto, o seu caráter, julguei de meu dever dar-lhe notícia dêste fato — para que possa explicar a origem de falsas notícias que daqui foram e serão remetidas sôbre esta Legação e para que não se transforme um dos grandes órgãos da imprensa brasileira em instrumento da *chantage* nas mãos dum correspondente sem princípios de moral — ainda que cheio de talento.

Tive há pouco tempo o prazer de escrever-lhe uma carta recomendando o Sr. Ernesto Carnot — digno filho do Sr. Sadi Carnot. Agradecendo-lhe desde já pelo que fizer pelo distinto engenheiro — que nos vai visitar — sou com tôda estima

De V. Ex.ª

Am.º Obr.º

Piza

3, Place Malesherbes.

I — 3, 1, 16

340.

Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

a quem muito prezo.

A carta que recebi de V. Ex.ª é demasiado obsequiosa; venho agradecer-lha; e venho agradecer-lhe o favor muito especial de me aceitar para colaborador, num jornal que é um poder hoje no Brasil, e honra dos seus redatores.

Quanto a êste obséquio, eu sei que V. Ex.ª tem aqui muitos e excelentes correspondentes não carecendo realmente da minha modesta colaboração; por isso permita-me V. Ex.ª que o deixe demorado para quando carecer d'algum serviço meu, que todos, de qualquer ordem, ficam desde já ao dispor de V Ex.ª e do seu jornal.

Como sei que V. Ex.ª acaba de ser agraciado pelo govêrno de Portugal com a comenda de S. Tiago, honra ainda não vulgarizada aqui nem fora do país, quero dar-lhe já os meus parabéns.

Quando recebi a obsequiosa carta de V. Ex.ª andava pela minha Beira em férias; a espairecer; isso motivou a demora da minha resposta.

Termino pedindo a V. Ex.ª disponha do meu préstimo como já oferecido por um

Amigo muito dedicado e Obrigadíssimo

Thomaz Ribeiro

Lisboa, 25 de janeiro de 1892

I — 3, 4, 42

341.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Cons.°

Meu prezado amigo

Particular

Aguardava que aparecesse o decreto da minha exoneração, há tanto já pedida, para escrever a V. Ex.ª fazendo-lhe as minhas despedidas e oferecendo-lhe aqui os meus serviços, se algum posso prestar-lhe, quando recebi (foi ontem) uma carta do Rio que me obriga a antecipar a satisfação das minhas devoções e o cumprimento das minhas obrigações. Essa carta é assinada por *Antônio Alves de Sousa,* provàvelmente pseudônimo.

Não me toma de improviso o desprimor porque me trata, que lá e aqui tenho recebido muitas arremetidas dêste jaez, mas esta magoou-me por me

acusar de indelicado para com V. Ex.ª, argüindo-me de o não visitar quando, após a sua viagem recolheu ao Rio.

Pelo tom da argüição parece que V. Ex.ª se mostrara por tal motivo melindrado, e por isso lhe escrevo no desejo de que não faça de mim conceito não merecido. Por não saber a sua morada fui logo visitá-lo ao escritório do seu *Jornal;* e fui uma e muitas vêzes. Quando lhe perguntei onde era a sua casa V. Ex.ª disse-me que por ora tinha morada provisória, o que tomei pelo desejo de não ser nela enfadado; e continuei a visitá-lo, ou a procurá-lo no *Jornal,* onde, certo de sua amizade e de que da minha não duvidava, lhe pedi favores que sempre recebi.

Não saí do Rio sem me despedir de V. Ex.ª e dos seus associados, d'alguns dos quais sou muito amigo. Não esqueço e a todos confesso, os obséquios e distinções com que na sua ausência os seus amigos, em nome de V. Ex.ª, me honraram.

Isto lhe diria e mostraria se voltasse ao Brasil, como era intenção minha e se a minha saúde — muito precária — mo consentisse. Como não volto escrevo-lhe nesta carta que: se me julgar menos delicado, o que lamento, me não tenha por ingrato nem por deslembrado.

Cuidava que podia ser acreditado dizendo-lhe que sou de V. Ex.ª

Amigo at.º e obrigadíssimo, e muito agradecido

Thomaz Ribeiro

Feitoria (Oeiros)
27 de junho de 1896

I — 3, 4, 43

AFONSO AUGUSTO MOREIRA PENA, *PRESIDENTE DO BRASIL*

342.

Ouro Prêto, 20 de fevereiro de 1893.

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Recebi o telegrama que o Colega passou-me sôbre a expedição de notícias para o *Jornal* e entendi-me com o nosso colega Dr. Francisco Veiga para satisfazer o seu pedido. Vejo, porém, pelo telegrama publicado no *Jornal* de 17 que o seu Correspondente já voltou à Capital. Devo, entretanto, ponderar-lhe que está êle mal-informado a respeito dos fatos aqui ocorridos, ou só os enxerga por prisma desfavorável ao govêrno. Só assim explico eu o tom do telegrama, procurando culpar os meus auxiliares pelos atos praticados pelo C.el Teles, sob sua exclusiva responsabilidade. Basta atender que não podiam os auxiliares da administração tê-lo provocado ao conflito que teve êle em

dezembro com o P.e Camilo Veloso, que não é empregado público, e muito menos a rasgar autos de uma questão particular, em um cartório, fatos êstes que impressionaram desagradàvelmente a população da Capital. O conflito que deu-se entre um alferes de polícia e um alferes do Batalhão 31, por ocasião do carnaval, nenhuma importância teve e não passa de um episódio muito freqüente em dias de festejos públicos.

Para que o Colega como Diretor do mais antigo e conceituado órgão da imprensa no Brasil possa ajuizar com segurança dos intuitos que porventura sejam atribuídos ao atual govêrno de Minas, peço licença para expor-lhe algumas circunstâncias que se tem dado de 1889 para cá, em relação à minha pessoa. Logo que foi proclamada a República dei por finda a minha carreira política, embora amigos e adversários, em Minas, procurassem convencer-me de que eu não deveria proceder assim. Os motivos que me guiaram eram de ordem pública e de caráter pessoal. Quanto aos primeiros parecia-me que os homens que haviam ocupado posição saliente no Império deviam figurar o menos possível no cenário público, para não dar azo a que o povo se convencesse de que só o amor das posições os guiavam achando-se prontos a servir com todos os regimens, acrescendo que era convicção minha que a situação política criada pela proclamação da República pela exclusiva intervenção do Exército, mais aconselhava semelhante reserva.

Os motivos de ordem pessoal vinham já da época anterior, isto é, o desgôsto que sentia pela vida pública no Brasil pelas contrariedades de tôda sorte a que estão sujeitos os homens políticos, tende arrostar ódios, intrigas, calúnias e injustiças, vindas de adversários, correligionários e até de indiferentes. Era meu propósito de logo que fôsse publicado o Código Civil, de cuja comissão organizadora fazia eu parte, entregar-me exclusivamente ao estudo e cultivo das letras jurídicas. Proclamada a República, acreditei-me desligado de todo e qualquer compromisso anterior, em relação à vida pública.

Não entenderam assim os meus comprovincianos inclusive aquêles que se achavam à testa do govêrno, e que não ignoravam o meu modo de encarar a situação.

Por ocasião de organizar-se a chapa de senadores federais soube que os diretores políticos haviam recomendado meu nome para ser incluído na lista por escrutínio prévio, e consultado a respeito apressei-me em declarar que não ambicionava, nem podia aceitar semelhante honra, convencido como estava de que nenhum proveito colheria o Estado de minha eleição.

Mais tarde quando tratou-se da eleição para o Congresso mineiro, o governador do Estado, os chefes da oposição que dirigiam a imprensa representante dos antigos partidos liberal e conservador, os republicanos históricos etc., todos à uma, apelaram para meu patriotismo, a fim de que permitisse a inclusão do meu nome na lista de candidatos ao Congresso, como senador. Sem o meu assentimento, vi meu nome incluído nas duas chapas apresentadas ao eleitorado mineiro.

Em manifesto que dirigi aos mineiros declarei que não era candidato, mesmo porque não julgava poder apresentar solução satisfatória para a grave situação política do país; porém que se meus concidadãos entendessem dever eleger-me, que trabalharia com esfôrço e independência pelo bem comum.

Fui o mais votado de tôda a lista de senadores, onde figuravam nomes prestigiosos da situação, inclusive o do então Governador. No Congresso mesmo trabalhei com dedicação para ser decretada uma Constituição na altura das exigências da civilização do Estado, e o pouco que fiz foi amplamente recompensado por um voto de louvor que o Congresso dirigiu-me no dia da promulgação da Constituição mineira.

Continuei a trabalhar no Congresso ordinário na confecção das leis orgânicas, e quando os trabalhos tocaram o seu fim tive de resignar o mandato por causa do golpe de 3 de novembro, achando-me em desacôrdo com o modo por que êsse ato fôra recebido pelos podêres públicos do Estado. Seguiram-se os acontecimentos de 23 de novembro e posteriores, e pus-me ao lado do presidente do Estado, de cuja deposição se tratou, a fim de evitar para Minas o desmoronamento da ordem constitucional e as conseqüências desastrosas que seguir-se-iam.

Pela renúncia do Dr. C. Alvim foi meu nome indicado ao eleitorado para o cargo de presidente, pela quase unanimidade do Congresso mineiro.

A notícia correu o Estado antes de me ser oficialmente transmitida pela mesa do Congresso, de sorte que afluíram manifestações de aplauso à indicação de tôda a parte, como assim de todos os campos políticos, como declararam os deputados federais. Tal acolhimento à minha candidatura, espontânea e sem discrepância, coagiu-me a aceitar o cargo, embora ciente das dificuldades próprias da situação, além da repugnância que sinto pelas posições oficiais. Era crença minha que ao menos durante o período eleitoral ficariam os mineiros em paz, sem divisões criadas pelas ambições políticas e êsse motivo bastava para justificar o sacrifício que me impus. Tenho-me inspirado no govêrno na política da harmonia dentro do Estado, e do govêrno estadual com o da União, cuja tarefa difícil e melindrosa me cumpre facilitar e não entorpecer ou embaraçar.

A principal necessidade do país é paz e estabilidade no govêrno, e isto só se pode obter a custa de muita abnegação, e tolerância entre os depositários do poder público. Da parte do govêrno da União tenho recebido constantes provas de confiança e aprêço.

O que acabo de expor, abusando da benevolência do Colega, não é senão para habilitá-lo a julgar da situação política do atual govêrno de Minas, e não com o intuito de publicidade.

Aproveito a ocasião para cumprimentá-lo e oferecer-lhe o pequeno préstimo do

Col.ª Am.º resp.ºʳ
Affonso Augusto Moreira Penna

I — 3, 3, 86

343.

Il.mo Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Belo Horizonte, 21 de fevereiro de 1903.

Sumamente penhorado para com o *Jornal do Comércio* pelo artigo que publicou, no dia 18, sôbre minha modesta carreira pública, venho agradecer a V. Ex.a essa prova de aprêço e confiança, que aceito como nôvo estímulo para esforçar-me sempre para bem servir a causa pública.

Não desconheço que a pena que escreveu o artigo deu grande expansão aos sentimentos de amizade do Escritor para comigo; publicado, porém, na parte editorial do grande e respeitável Órgão da Imprensa Sul-americana, os conceitos externados sobem de valor e constituem para mim grande recompensa aos esforços que tenho empregado para bem servir a nossa Pátria.

Queira, pois, V. Ex.a aceitar meus calorosos e sinceros agradecimentos.

Apresento-lhe cordiais cumprimentos e os protestos de alta estima de quem é

De V. Ex.a

Col.a Am.o resp.or obr.o

Affonso Augusto Moreira Penna

I — 3, 3, 87

FRANCISCO JOAQUIM BETHENCOURT DA SILVA

344.

Rio de Janeiro, 29 de maio de 1893

Ex.mo Sr.

Cumpro o agradável dever de comunicar a V. Ex.a que a Assembléia Geral desta Sociedade, efetuada no dia 27 do corrente mês, a fim de proceder-se a eleição de sua Diretoria e Conselho, resolveu, considerando as distintas qualidades que ornamentam V. Ex.a o seu amor ao progresso e à civilização nacional, elegê-lo por unanimidade de votos, Vice-Presidente da Sociedade Propagadora das Belas-Artes.

Justa e bem merecida homenagem, espontânea e solenemente prestada a V. Ex.a, esta filantrópica instituição, cujo supremo e único objetivo é o maior

engrandecimento do país pela instrução do povo, confia que V. Ex.ª a honrará aceitando o cargo para que foi eleito, contribuindo dêste modo por sua elevada inteligência e ilustrado patriotismo para a sua máxima prosperidade.

Associando-me muito particularmente aos sentimentos que animam esta Sociedade, reitero a V. Ex.ª os protestos de minha estima e afetuosa consideração.

Ex.^mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

M. D. Vice-Presidente da Sociedade Propagadora das Belas-Artes.

O Secretário

F. José Bethencourt da Silva

I — 3, 5, 18

345.

Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1895.

Ex.^mo Sr.

Em sessão de Assembléia geral realizada no dia 9 do corrente, para a eleição de sua Diretoria e Conselho, a Sociedade Propagadora das Belas-Artes reelegeu V. Ex.ª seu Vice-Presidente.

Esta manifestação espontânea, quanto solene da Sociedade, não é só o tributo de justa homenagem aos apreciados dotes de V. Ex ª, traduz também a confiança de que, amigo e batalhador ilustrado da civilização e do progresso nacional, V. Ex.ª continuará a prestar a esta patriótica e popular instituição que de tão longa data há merecido sua dedicada estima os apreciados serviços de sua esclarecida inteligência, concorrendo portanto, para o seu máximo florescimento e completa realização de um tão nobre objetivo.

E associando-me muito particularmente a êstes sentimentos da Sociedade Propagadora das Belas-Artes reitero a V. Ex.ª os protestos de minha afetuosa estima e distinta consideração.

Ex.^mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

M. D. Vice-Presidente da Sociedade Propagadora das Belas-Artes.

O Secretário

F. J. Bethencourt da Silva

I — 3, 5, 19

346.

Fortaleza de Santa Cruz, em 9 de agôsto de 1893

Ilustre Dr. Rodrigues.

Desculpe, se o prêso incomunicável vem perturbar por um momento a sua atenção com estas linhas: assim é mister, porque não posso tolerar que ganhe foros de cidade uma ousada inverdade.

O que se tem propalado sôbre o resultado da missão do tabelião Cunha Júnior ao Rio Grande do Sul, posso assegurar-lhe ser falso, falsíssimo. Li a carta do velho general Silva Tavares relatando minuciosamente ao Dr. Silveira Martins o que se passou entre êle e aquêle emissário do Vice-Presidente da República. Nada, absolutamente nada encontrei nela sôbre armistício, ou suspensão de hostilidades por tempo determinado. O general estabeleceu, sim, como preliminar por sua própria conta e de todos os companheiros que os revolucionários não tratariam cousa alguma, nem entrariam em nenhum acôrdo, estando Castilhos ou preposto dêle à frente da governação do Estado. Quanto ao mais, ponderou que não podia deliberar sem audiência prévia do seu chefe e dos companheiros influentes empenhados na luta. Nem outro procedimento podia ter o general, tanto mais quanto, depois do combate do Anhanduí, o seu prestígio ficou completamente abalado. Como vê, entre o que dizem os jornais oficiosos informados indiretamente pelo govêrno e o que realmente se passou na conferência há um abismo, salvo se o velho General foi desleal, o que não se pode acreditar.

Gumercindo não foi ouvido, nem consultado sôbre o assunto, nem antes, nem no ato, nem depois da conferência. De acôrdo com Tavares e Salgado êle pôs-se só em campo com uma divisão escolhida e bem preparada de 1 500 homens, que em pouco tempo atingiu a 3 000, para entreter guerrilhas, distrair a atenção e perturbar o sossêgo das fôrças federais e castilhistas enquanto as daqueles chefes recebiam na fronteira fardamento e se preparavam convenientemente para recomeçarem a luta com mais pujança e vigor. Esta é que é a verdade.

Estêve com vários comandantes de corpos e oficiais no Salto, em Montevidéu e Buenos Aires que de nôvo partiram para o teatro das operações cheios de entusiasmo e de esperanças. Nenhum dêles aceita a pacificação, senão visando muito alto. Êste é o espírito de todo o exército revolucionário, convencido como está de que é a União quem lhe faz a guerra e não Castilhos, que para êle não tem o menor valor.

Retirem amanhã a fôrça federal do Rio Grande que em poucos dias os revolucionários ficarão senhores de todo o Estado. Hoje a retirada de Tavares não teria a mínima importância, em nada abala o prestígio, nem afeta a união

das fôrças revolucionárias, como em nada influiu o fracasso da emprêsa que me levou à barra do Rio Grande.

São dois incidentes de somenos valor.

Subscrevo-me

Seu cr.º e adm.ºr

E. Wandenkolk

P.S. O comandante da fortaleza não recebeu nenhum aviso ontem sôbre o comparecimento dos presos civis (hoje) ao Supremo Tribunal, mas veio ordem para mandar apresentar alguns, constantes de uma lista, ao conselho de investigações, no Arsenal de Marinha.

I — 3, 5, 45

347.

Fortaleza de Santa Cruz, 25 agôsto 93

Sr. Dr. Carlos Rodrigues

Na *Vária* publicada no *Jornal do Comércio* de hoje em que dá conta da conversa que tive com um de seus *reporters* ontem à tarde na casa que me destinaram para prisão, há um pequeno incidente que precisa de explicação, embora não lhe ligue grande importância; qual o de admirar-me que o parecer das Comissões de Constituição, Podêres e Diplomacia e de Legislação e Justiça não tivesse voto separado do Sr. Quintino Bocaiúva, não explicando eu os motivos dessa surprêsa.

Não desejo que se depreenda daí que eu esperava dêsse Sr. qualquer pronunciamento favorável a minha atual situação: ao contrário, fomos companheiros no Govêrno Provisório, temos contas velhas a ajustar e êle arranha quando pode. A ocasião não se podia prestar melhor na qualidade de relator do parecer!

A minha admiração proveio ùnicamente de haver sabido por alguns amigos que me visitaram pouco antes do seu *reporter* que aquêle senador apresentara voto divergente, sem contudo me assegurarem em que sentido.

O caso é, pois, simples e natural.

Deixo ao seu critério e arbítrio explicar ou não o incidente, aliás, como disse, sem valor apreciável.

Subscrevo-me com a maior consideração

Seu am.º e menor criado

E. Wandenkolk

I — 3, 5, 46

348.

Lisboa, 3 de dezembro 1893

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Ex.mo Sr. O portador é o Sr. Antônio Inácio da Fonseca, homem de muita habilidade e inteligência que aqui em Lisboa teve o primeiro estabelecimento de câmbio e loterias.

Depois de alguns anos de vida comercial ativa e proba o Sr. Fonseca por um concurso de motivos que em nada o deprimem viu os seus negócios mal parados e teve de liquidar para regularizar a sua situação com os seus credores. Vai ao Brasil agenciar nova vida e estou certo que será bem sucedido se lhe ajudarem os primeiros passos, pessoas como V. Ex.ª no caso de o fazerem.

Todos os obséquios e favores que V. Ex.ª dispensar ao Sr. Fonseca agradecê-los-ei como feitos ao

De V. Ex.ª

M.to V.or e obr.o

Oliveira Martins

I — 3, 3, 50

349.

Querido amigo

Muito obrigado pelo *mot* que me mandou de S. Vicente. Esta vai com a prova para o *Jornal do Comércio,* remeto a 3.ª série de *4 cartas inglêsas* e conto que o assunto me dará umas 30 cartas. Irei mandando a razão de 4 por quinzena. Agora que V. está por aí, estude e veja que modificações convém introduzir na minha colaboração, porque desejo ser o mais útil possível ao jornal que me ajuda a viver. A sua volta conversaremos a êste respeito. Venha também preparado para dizer-me que aceitação tiveram as *Cartas inglêsas,* para saber se vocês não foram roubados.

Deve ter recebido a minha anterior em que lhe dava conta da missão à Baronesa de Saúde. Não creio que por aí se consiga nada: era o teor da minha informação.

Tenho aqui as pratas que V. comprou e cujo custo paguei. A sua volta lhas entregarei.

E boa viagem. Não adoeça e volte breve; é o que V. quer e é por isso o que lhe deseja o seu

Do C.

Oliveira Martins

I — 3, 3, 51

ARTUR RIOS

350.

Bahia, 31 de janeiro de 1895.

Ex.mo Amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Tenho presente o favor de V. S.ª de 22 do corrente e em resposta nenhuma objeção tenho a opor à nomeação ou reintegração do Sr. Artur Dias como correspondente do *Jornal* neste Estado. Parecia-me que o Dr. Pinto Barreto era mais idôneo e capaz de satisfazer completamente com imparcialidade êsse cargo.

Sou, sempre

De V. Ex.ª at.º am.º e cr.º

Arthur Rios

I — 3, 4, 70

351.

Ao Ex.mo Amigo Dr. José Carlos Rodrigues visita cordialmente o abaixo-assinado e, agradecendo a gentileza de seu convite, comparecerá no dia 8 ao seu jantar.

S. C., 2 de setembro de 1896.

Arthur Rios

I — 3, 4, 71

352.

Rio, 11 de fevereiro de 1895.

Meu caro Dr. Rodrigues

Estou desesperado com o telégrafo nacional que me deu tanto trabalho, custou-me tantos sacrifícios.

Recebo de Paris queixas de que nem do Pará se podem transmitir telegramas pelos cabos da companhia francesa para Nova York, por que são *estropiados e demorados* em uma linha do Govêrno de apenas 13 léguas, de Belém a Pinheiros, onde emerge o cabo!

O representante do "Booth Line" a qual faz o serviço entre Pará, Nova York, queixa-se dos transtornos que sofre.

O *Diretor d'A Província do Pará* pede que lhe mandem os Boletins de Notícias pelo vapor de Pinheiros, porque pela linha do Govêrno, quase sempre só recebe *absurdos e cousas incompreensíveis.*

Ora eu que já tinha combinado com a companhia para criarmos agência telegráfica para os jornais, com êsse deplorável estado de linhas fico logrado, e entre os melhores fregueses com os quais eu contava estava o *Jornal do Comércio.*

Hoje oficiei ao Sr. Dr. Olinto chamando a sua atenção sôbre essa triste figura que fazemos, mas de nada serve porque êle empurra para o Diretor dos Telégrafos e êste providencia logo expedindo circulares que nada adiantam porque são recebidas com risota.

Anteontem recebi dois telegramas do Pará com 33 horas de viagem enquanto noutro tempo de Buenos Aires, incluído o tempo de transmissão e de escrever, ao Pará gastei *três minutos!*

O nosso diretor ignora completamente o que é conservação de linhas telegráficas do contrário já tinha compreendido que elas estão abandonadas, com mau isolamento e derivações, e que a conseqüência disso é impossibilidade de transmitir a grandes distâncias, é necessário que o telegrama seja recebido e retransmitido em diversas estações intermediárias, o que não só causa demora, mas embaraça as linhas.

O Diretor não conhece o serviço telegráfico do contrário não permitiria transmissão de telegramas alarmantes como tem ido para o norte. Alega-se que se desmentem, porém isso é um modo de conspirar, e os iniciados espalham que falta a verdade quem desmente. Consta que alguns telegramas muito descabelados são levados ao Ministro, e mesmo ao Presidente; porém telegramas que dão notícia de costa arriba desmoralizam-se por si, porque não recebem confirmações, que nunca faltam para particulares.

Êsses manejos um Diretor que entenda do ofício não os admite, é de sua *obrigação* e não tem que esperar ordens, êle tem os meios em mão.

Quem porém com o telégrafo desorganizado como está mais sofre, e está exposto a conseqüências gravíssimas é o Govêrno. Êle pode estar armado de quanta cifra quiser: linhas em mau estado permitem a qualquer telegrafista dar por interrompida a linha para algum lugar em que se premedita perturbação da ordem, demora pelo tempo que lhe convém qualquer despacho, que êle não entende, mas supondo que leve providências, no entretanto os telegramas dos iniciados transitam logo.

Eu por vêzes castiguei telegrafistas por motivo de interrupções, que alegavam ter removido pelo rápido exame, indagação do lugar e natureza do desarranjo, e pronto consêrto. Essa inesperada recompensa penal sempre produziu efeito, porque os acidentes diminuíram.

Isso hoje não se faz!

Portanto[,] se o Govêrno não procura quem *conheça* serviço de construção e conservação de linhas, o que só se adquire tendo-as feito, e fiscalizado, conhecendo os acidentes possíveis dependentes da natureza da localidade etc., e que tenha critério para conhecer das aptidões dos empregados; e *sobretudo* que se apresente ora num, ora noutro trecho da linha, não só para conhecê-la mas sobretudo para verificar como o pessoal cumpre os seus deveres, e como justifica as contas apresentadas, se o Govêrno não tem ninguém nessas condições, é mais conveniente contratar a conservação das linhas e serviço de transmissão com alguma emprêsa estrangeira, durante um certo número de anos para pô-las em bom pé, e educar o pessoal.

Só assim terá telégrafo em que possa confiar[;] hoje é uma arma comprometedora para govêrno e segurança pública.

Nomear para diretores algum oficial de Marinha como o afilhado de Wandenkolk, o lente Batista Nepomuceno só porque ensina Física, é um absurdo.

Ou um afilhado de Custódio de Melo cujo merecimento é ser diplomado em telegrafia, homem com ilustração, que conhece aparelhos, manipulações dos mesmos, etc. mas ignora administração, que[,] em um país como nosso, é inteiramente diferente da européia ou americana, é outro êrro; além disso a pessoa a que me refiro é muito disposta a atender a empenhos, e isto é inadmissível pois é porta aberta à ignorância.

Precisa-se homem que tenha energia suficiente para recusar todos aquêles que não tenham as habilitações necessárias para poder garantir bom serviço.

Ouvi dizer que se está tratando novamente de pôr a testa do telégrafo um oficial de Marinha que andou aprendendo[,] estudando aparelhos e olhando para as linhas, isto é[,] lambendo os vidros por fora; se tal acontecer adeus telégrafo.

E eu ver-me-ei forçado a dar um passo que me é muito desagradável: a Companhia Francesa já se queixou que ninguém lhe confia telegramas visto

as linhas do Govêrno os demorarem e estropiarem[;] ela tem direito de reclamar indenização de prejuízos e lucros cessantes. Parte dos cabos da dita ligam as possessões francesas na América, daí lhe vem uma subvenção do respectivo govêrno, o qual recomendou ao seu Ministro aqui que apoiasse suas reclamações, e eu receio que não tardará a vir alguma que eu tenha de apresentar.

Antes de fazê-lo terei a lealdade de ir ao Presidente mostrar-lhe o descalabro do telégrafo devido às inconvenientes diretorias, o perigo para o govêrno, e o nosso descrédito no estrangeiro. Se êle não puder dar remédio desligue o cabo da dependência das linhas do Govêrno mantendo a concessão. A South American também está desesperada.

Sempre amigo

Capanema

Addendum

A necessidade de um Diretor, que conheça de experiência própria o que é linha telegráfica num país como o Brasil, as condições anômalas de conservação em centenas de léguas com escassos moradores os quais só figuram em fôlhas de férias, — essa necessidade impõe-se porque um Diretor de Salão, não está habilitado a julgar das despesas, além disso o regulamento criou uma classe de subcontadores, gente que só serve para legalizar grossas prevaricações[,] pagam serviços que nunca foram feitos, gente que figura nas contas sem nunca ter trabalhado: aqui no distrito às barbas do Diretor faz-se hoje uma despesa mensal de 16:000$ *só* com trabalhadores, quando exageradamente bastava metade para o serviço que se faz. Tive um exemplo: durante a minha estada em Missões não aparecia diretor nas linhas; tendo eu vindo à capital por 3 semanas examinei as contas das despesas e confrontei-as com os relatórios de serviço feito, vi que havia contradições, e exagêro, recomendei que meu substituto mandasse reduzir a despesa de 14:000$ mensais que se fazia com a conservação das linhas a 7:000$000. — Pouco tempo depois telegrafava-me êle para o Paraná onde me achava que os Inspetores, e feitores reclamavam por ser impossível fazer o serviço com essa quantia, respondi que *sustentasse a ordem.* O serviço telegráfico continuou a correr perfeito. Logo 7:000$ mensais eram furtados. — Hoje foi ali aumentado enormemente o pessoal e as linhas estão em condições péssimas.

Há trechos em outros estados onde figuram em féria 25 trabalhadores, porém em serviço só há 5!

Tudo isso porque não há receio que o Diretor por ali apareça e verifique o fato. — Mandar pessoa de sua confiança é difícil[,] 1.º pois custa encontrar-se, 2.º porque se hospeda em casa dos prevaricadores que o abarrotam de obséquios e tem comparsas para lhe contar histórias.

C.

I — 3, 2, 3

353.

Confidencial

Rio de Janeiro, 19 março 1895

Il.mo Amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Venho pedir-lhe o favor de sacrificar algumas horas do seu tempo em Londres para me obter algumas informações do meu interêsse, devendo elas ser reservadas para meu uso ùnicamente:

Alberto Hargreaves quando aqui estêve em maio do ano passado, encarregou-se de organizar em Londres uma companhia para lavrar as minas de ouro no distrito de Gurupi no Pará, das quais é concessionário meu filho Guilherme de Capanema Engenheiro.

Efetivamente Hargreaves munido de podêres levando 3 quilos de amostras de ouro, organizou a emprêsa sob o título Gurupi Gold Mining C.y L.d[,] devidamente registrada[,] constituída em 5 de outubro de 1894.

Tem sua sede 30.32 Broad S.t House Broad S.t.

Em 25 de janeiro 95 por escritura pública pelo Notário William Grain, Gresham House Old Broad S.t[,] efetuou-se a venda à companhia da concessão.

São Diretores: Alexandre Francis Baillie — 9 New Broad S.t.

Archibald Fairlee — 11 Graflow square Chapter City of Surrey

e Secretário Lewis Gustavus Brown Delta — House Leylmstown City of Essex. —

que assinaram essa escritura como compradores pela Companhia, e Hargreaves vendedor e também Diretor.

Edward Burgesse testemunha e Broad St. House.

Mandei pedir cópia dos Memorandum and Articles of Association devidamente autenticada, e procuração especial para requerer ao Govêrno autorização para a Companhia funcionar no Brasil, agora é matéria de Decreto.

Mandaram-me procuração geral e cópia da escritura. Tornei a reclamar o que eu precisava.

Agora o que peço é informação sôbre os indivíduos que estão a testa da emprêsa, se tem consideração suficiente e sobretudo se são reputados criteriosos bastante para direção dessa emprêsa.

Com a escritura deviam ter mandado as ações que representam o preço da compra a meu filho o que haviam prometido. Não o fizeram. Porventura o procurador as guardou sem dar aviso disso?

Essa diretoria terá os recursos para escolha de um Engenheiro de Minas que já tenha prática dêsse serviço e sobretudo habilitado para pesquisar *(prospecting)*?

Todo esclarecimento útil para bom êxito da Companhia será recebido como especial favor a fim de que me possa pôr em guarda contra especulações e desatinos por isso as desejo reservadas.

Disponha sempre do
Grato Am.º

Capanema

P.S. Não careço lembrar que qualquer conselho ou indicação sugerida pela sua proficiência e experiência só pode ser em meu proveito pois já ando muito escabriado com manejos de companhias.

I — 3, 2. 4

C. NOBERLY BELL

354.

1895 8th June

Senor José Carlos Rodrigues
Savoy Hotel

Dear Sir

I extremely regret that as I am leaving England for some days I shall be unable to have the pleasure of seeing you

Yours faithfully
C. Noberly Bell

I — 3, 1, 73

355.

Sept. 23. 1895.

J. C. Rodrigues, Esq.
Hotel Victoria.
Northumberland Avenue W. C.

Dear Sir,

We are pleased to find that you are satisfied with the Atlas, but we are unable to see that the Trinidad rock is assigned there to Brazil or anyone else.

Yours faithfully
C. Noberly Bell

I — 3, 1, 74

356.

British Legation
Petropolis
27 Nov 95

My dear Mr Rodriguez,

I. read with very great interest your excellent and very "raissoné" Article on the Arbitration Question. Its arguments are most cogent and appeal so enterely to the common sence point of view which has of tate been somewhat lost sight of. It came very opportunily and I think if it had been published four or five days ago it would have been inopportune or premature.

I hope I may see you when you come up here. At present I have [to] particular reason for going to Rio this week.

Your very faithfully

Constantine Phipps

I — 3, 2, 20

357.

British Legation
Petropolis January 14 1896

Dear Mr Rodrigues

I read with interest your "Varia" of to day about the Canadian Immigrants and as I should regret a false impression exinting I thought you might like to insert in your paper (in your own form of language) something to the following effect:

"The English Minister who has thoroughly examined the question of the Canadian Emigration and himself seen many of the Emigrants writes us that he never heard of any complaint whatever on their part of ill-treatment. It is incontestable that exaggerated and highly coloured promises were made to them and that the Agents held out to them verbally attractions which were not even justified by the prospectuses, but so far from being ill treated they spoke highly of the endeavours of various charitable — "Fazendeiros and others to reconcile them to a mode of living and a climate for which they were obviously unfilled. As to the Government of São Paulo Mr. Phipps cannot speak too highly of the reception which was given to such proposals as he

made in favour of the emigrants and he feels that in regrets sincerely the bad selection of these persons and the exaggerated promises held out by the emigration agents."

"The emigration has incontestably resulted in much misery and considerable loss of life especially among the children. The emigration of out door labouress from Great Britain or British Colonies is greatly to be discouraged and in the present case instead of the commencement of the writer being selected for the arrival of the Canadians (when they could not have failed to recognize the comparatively temperate character of the climate) they were made to arrive at the most unfavourable moment possible. It is believed that the Emigrants were discouraged as much as possible by the Canadian Authorities from embarking in this enterprise, but these ignorant people were not proof against the persuasions of the Emigration Agents."

"Mr. Phipps, however, little as he is prepared to encourage the immigration of *Cabourers* from Great Britain or her colonies could not fail to be struck during his visit to São Paulo by the important advantages offered in that prosperous, progressive and interesting State to immigrants from Southern Europe."

Yours sincerely
Constantine Phipps

P. S. Private

I dare say that you know that the Emigration Agent who prometed thus does as Emigration is the son of the Minister of Finance! he is 21 years of age I believe.

C. P.

D.r J. C. Rodrigues
& & &
Rio de Janeiro

I — 3, 2, 21

JOÃO FRANCISCO DE ASSIS BRASIL

358.

Lisboa, 12 de fevereiro de 1896.

Distinto Compatriota e Amigo,

O bem conhecido escritor português, Teixeira de Queirós, que é aqui meu vizinho e priva muito comigo, manifestou-me desejos de escrever para o *Jornal*

do Comércio e pediu-me que, nesse sentido[,] escrevesse duas palavras ao digno redator-em-chefe. Teixeira de Queirós escreve desde algum tempo para o *País*, mas preferiria o *Jornal*, por ser mais importante. Além disso tem, não sei que desgôsto para com a administração do *País*. Como sou prático em tôdas as cousas, pedia êle que me expusesse as condições em que se proporia colaborar no *Jornal*. Deu-me estas: escreverá matéria para quatro números por mês, podendo ser artigos científicos, ou pequenos romances (contos), que exijam mais de um número; como pagamento, quer 50 mil réis, moeda de cá, por mês. Não sei das condições do *Jornal*, mas parece-me que lhe ficariam bem os romances de Teixeira de Queirós, que é escritor de grande mérito e tem hoje merecida reputação no Brasil. É aqui o único rival do Eça. Tem mais a vantagem de ser homem muito sério e trabalhador, independente em matéria de fortuna e possuidor de grande erudição científica.

Peço ao meu distinto amigo que me dê a resposta que lhe convier, com a possível brevidade. Outrossim, não é preciso ponderar que o assunto é, por sua natureza, reservado.

Desejando-lhe e aos seus as venturas de que são dignos, subscrevo-me

Seu Am.º obr.º

J. F. de Assis Brasil

I — 3, 1, 83

359.*

J. F. de Assis Brasil retribui agradecido os amáveis cumprimentos do eminente Amigo, com os melhores votos pela felicidade sua e dos seus e pela prosperidade da grande fôlha, um dos poucos títulos da nossa ignorada civilização.

Washington, [8] janeiro 1900.

I — 3, 14, 9

DIONÍSIO EVANGELISTA DE CASTRO CERQUEIRA

360.

O *General Dionisio E. de Castro Cerqueira* apresenta os seus cumprimentos ao Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues e tem a satisfação de comunicar-lhe que aceita e agradece muito o seu delicado convite para a noite de 8 do corrente.

Rio, 3 de setembro de 1896.

I — 3, 2, 16

---

* Cartão.

361.

8 de setembro 1896.

Ex.^{mo} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Tenho o maior pesar de não poder ir hoje à casa de V. Ex.^{a} em satisfação à gentileza do seu convite. Desde ontem que sinto-me indisposto e voltei esta tarde da Secretaria bastante incomodado. Peço a V. Ex.^{a} mil desculpas por esta falta involuntária, que tanto contraria-me e aproveito a ocasião para apresentar a V. Ex.^{a} as expressões da minha mais distinta consideração.

De V. Ex.^{a}

Am.^{o} m.^{to} at.^{o} e obed.^{e} cr.^{o}

Dionisio E. de Castro Cerqueira

I — 3, 2, 17

LUÍS MENDES DE MORAIS

362.

Ao Exm.^{o} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues cumprimenta o abaixo-assinado e tem a honra de comunicar que aceita e agradece penhorado o convite que S. Ex.^{a} se dignou lhe dirigir para o banquete que oferece à oficialidade da divisão Argentina.

Rio, 4 de setembro de 1896.

Luiz Mendes de Moraes

I — 3, 3, 65

363.

Ex.^{mo} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Apresentando a V. Ex.^{a} as minhas cordiais saudações, acuso o recebimento do convite que teve a gentileza de nos dirigir, para a reunião que se efetuará hoje em sua residência, e cumpro o dever de comunicar-lhe que, por motivo independente da nossa vontade e que bastante nos contraria, eu e minha família não podemos partilhar das alegrias do seu aprazível lar.

E sentimos profundamente não só por nos vermos inibidos de corresponder à amabilidade do convite, como também porque sabemos quão agradáveis são as reuniões em casa de V. Ex.^{a}.

Esperando da bondade de V. Ex.ª a relevação desta falta, aproveito o ensejo para renovar as seguranças do real aprêço e particular estima com que sou

De V. Ex.ª

At.º am.º adm.ºr e cr.º obr.mo

L. Mendes de Moraes

Rio, 27-8-98

I — 3, 3, 66

UBALDINO DO AMARAL

364.

Ao Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues, cumprimenta *U[baldino] do Amaral,* agradecendo o convite para a festa em honra da Esquadra Argentina; e, pôsto que associando-se sinceramente à manifestação de aprêço aos nossos ilustres visitantes, vê-se inibido de comparecer, por enfêrmo.

4 setembro de 1896.

I — 3, 1, 27

365.

Em 14 de fevereiro de 1898

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Tenho a honra de convidar a V. Ex.ª, na sua qualidade de membro da Comissão do monumento Rio Branco, para uma reunião que se deve realizar nesta Prefeitura às 2 horas da tarde do dia 18 do corrente mês.

Agradecendo o acolhimento que espero para o meu pedido, apresento a V. Ex.ª os protestos da mais elevada consideração.

U. do Amaral

I — 3, 1, 28

TOBIAS DO RÊGO MONTEIRO

366.

Rio, 16 março 1897

Amigo Sr. Dr. Rodrigues

Hoje, pela manhã, entreguei ao Botelho um cartão do Numa, que o Sr. deve ter recebido. Oferece-lhe êle um camarote melhor, com 3 camas por £ 70.

Estive hoje com o Amaro e longamente com o Bernardino. Aquêle, com quem falei sôbre a segurança de sua pessoa, pensa que o Sr. pode vir cá estar alguns dias antes de sua partida. Falamos mesmo em dia — 2.ª-feira próxima, por exemplo.

As cousas moderaram bastante e o aspecto da cidade é de calma para nós. Digo para nós, porque o recrutamento é vergonhoso. Com o Bernardino conversei muito sôbre as ameaças que fizeram ao *Jornal*, o papel dêste na República & — cousas longas que só verbalmente lhe poderei repetir. Mostrou-se muito de acôrdo comigo e disse-me que está sempre a lutar pela moderação e que julga ser excessivo o ardor dos indivíduos que vivem a ver monarquistas por todos os lados e a descobrir conspirações a todo instante. "Eu mesmo já tenho mêdo de ser tido como seba[stia]nista", concluiu êle, brincando.

No fim da semana subirei de nôvo e então teremos tempo de conversar.

O Sr. poderá descer na 2.ª-feira próxima e se quiser e lhe fôr mais conveniente partir a 7 de abril ou em paquête de outro dia, antes dos resultados de Canudos.

Seu af.º e obr.º

Tobias Monteiro

Disse-me o Amaro que o Prudente preocupa-se muito com a segurança do *Jornal* e mostra grande estima pelo Sr. Se escrever-lhe fale sôbre a necessidade de mudar a polícia.

I — 3, 3, 63

367.

Rio, 1.º de julho 1900

Amigo Sr. Dr. Rodrigues

Li com tôda a atenção as recomendações de sua carta de 7 do p. p. de que fiz ciente o Vasco. Não sei se depois de minha colaboração na decifração dos telegramas de sábado, êles melhoraram. Devo dizer-lhe que uma semana (não me lembro qual) deixei de vê-los, porque chegaram muito tarde da noite, muito fora da hora costumada e supus que o Sr. tivesse deixado de mandá-los por se haver ausentado de Londres ou em falta de assuntos importantes. Agora já o regime é outro. Depois de sua opinião sôbre os telegramas europeus de Guimarães, a êste transmitida pelo telégrafo, deixamos de receber notícias do velho mundo, via Buenos Aires. Ficamos assim alguns dias apenas com a Havas e informações sôbre fatos sul-americanos. Ouvi queixas, nesse sentido, de várias pessoas, já muito acostumadas ao serviço do *Jornal*. Conversando com o João, combinamos que êle lhe passaria um recado que eu mesmo redigi, dizendo que,

com a supressão do serviço argentino e da *Central News* seria melhor que tivéssemos diàriamente notícias mandadas pelo Sr. Depois disto, nem sempre eu vejo os telegramas; o Vasco desencontra-se, às vêzes só vem à noite, depois das 10, etc. Ainda ontem (sábado) vi todo o serviço. Digo-lhe isso para salvar a minha responsabilidade, pois já não tenho a colaboração *constante,* de todos os dias.

Ontem (sábado) só um tópico pareceu-me difícil de ser *exatamente* interpretado: o de Paris, sôbre as resoluções do congresso socialista. Dizia o despacho que êste "dividiu-se 15 contra 21, *objetando* presença Millerand ministério burguês". Ouvimos todos na redação e por fim resolvi fazer a tradução que hoje saiu. Não sabíamos se os 21 impugnavam a permanência de Millerand no ministério, se viam nisto motivo de condescendência para com o Ministério, se, enfim, tinham sido 15 ou 21 contra o Govêrno. Evitei que saísse cousa desarrazoada. Deve ser a nossa regra, em caso de dúvida.

Desde os telegramas do *pence* e *shillings,* vejo com particular interêsse os telegramas sôbre o Brasil. Felizmente êle os guarda sempre para mostrar-mos. É pena que o Vasco não tenha a instrução precisa para acompanhar os telegramas. Êsse serviço exige o conhecimento elementar da organização política dos diversos países, estado dos negócios, tecnologia financeira, etc. Êle confessa que não entende disto: de câmaras, governos, altas e baixas, em sua frase pitoresca.

— Estou mandando o serviço da Reuter. Não sei se o de trasanteontem sôbre a receita saiu aí bastante claro. Fi-lo com Reidy, filho. Mandarei à parte às segundas, resumo da semana.

A última novidade foi a pronúncia dos implicados na conspiração de março. As instituições já parecem bem firmes. Lembra-se que, não há muito tempo, fatos, como êste, da prisão do Figueira, fariam grande abalo. Agora, nada. Em março as detenções policiais não alteraram o câmbio; em junho as prisões por pronúncia não deram que falar de si. O Rui foi ler na prisão um discurso opo[si]cionista, julgando-se no reinado do rei Bombu de Nápoles, em tempos piores do que os de Floriano! Isto é um grande país! Discursos nas cadeias e reinado de Nápoles! O que seria se não houvesse êsse relaxamento? Reinado de Tibério? Talvez isto ainda fôsse pouco.

As preocupações da alta inesperada do câmbio não deixam tempo para falar nisto. Todos se perguntam na rua: "Para onde vai êste câmbio?" A incredulidade está desaparecendo; já se acredita que o fenômeno seja puramente comercial. A princípio procuravam-se mil causas para explicá-lo: saques do Govêrno, negócio da Central, adiamento do prazo para volta dos pagamentos no exterior, venda da Melhoramentos, especulações gigantescas etc. Todos êsses motivos já esvaeceram. A propósito seu nome era lembrado como um dos agentes dêsse fogo de vista. O Figueira numa de suas cartas chegou a insinuá-lo como provável negociador da Central.

O que é verdade é que a mutação foi operada pelo nôvo gerente do *River Plate*, que se tornou o senhor do mercado e tem a esta hora, segundo se diz, uma caixa de 40 mil contos. O Pettersen está em viagem para aqui. Veremos o que êle faz. Dizem que o *River Plate* tem vontade de dar-lhe *uma surra* se êle quiser forçar situações artificiais de baixa.

Há contentamento pelas mudanças do mercado, conquanto o povo ainda tenha um resto de desconfiança; precisamos de mais alguns meses assim para tranqüilizá-lo. A carne já baixou 100 réis no preço, em virtude de tabela móvel de câmbio, cláusula do contrato.

Infelizmente a tal peste bubônica tem feito muito mal ao comércio, afastando daqui a massa considerável de gente das províncias que vem ao Rio durante o inverno.

— Já eu tinha aqui, por carta do Nabuco, a impressão que o Sr. me transmite a propósito da nomeação dêle para Londres. Não tenho mais receio de sua recusa. As cartas que êle escreveu ao C. Sales e ao Olinto são muito expressivas. Quer apenas fazer experiência de suas fôrças na missão especial; não tem motivo político que o embarace.

Creio que o Sr. deve em conversa com êle sondá-lo sôbre um aspecto nôvo da questão, que entrevejo numa das cartas que êle lhe dirigiu e agora devolvo. Refiro-me ao desejo que êle parece subtilmente revelar, na parte que marco a lápis de côr, de ter a defesa junto ao árbitro apesar da missão ordinária. Pode ser que êle hoje tenha a ambição de levar o pleito ao fim, em caso de arbitramento.

Não conversei com o Presidente e Olinto sôbre isto; mas o que eu aventei, quando se deu a vaga de Correia, (para liquidar a idéia da nomeação do Paranhos para Londres, aventada pelo Cabo Frio e por um momento alimentada pelo Olinto, que a respeito deixou a C. Sales dois dias abalado) foi que se o Nabuco obtivesse o arbitramento, Paranhos ficaria à mão para fazer a defesa junto ao árbitro. Assim não deixaríamos Londres sem o homem necessário por tanto tempo, (como acontecerá no caso de ter o Nabuco de ir para a capital do soberano escolhido) e teríamos a questão entregue a quem já a conhece muito bem.

A recompensa do Paranhos seria sua nomeação para Lisboa, que é o lugar que êle deseja, conforme a mim disse em Paris e o próprio Domício aqui agora o confirma. Sociedade compatível com os seus hábitos; portuguêses ricos para casar as meninas e a Tôrre do Tombo e mais arquivos para as delícias de suas indagações histórico-geográficas.

Mas é preciso ver se Nabuco não se supõe forçado a ir até ao fim.

A propósito de Paranhos digo-lhe em absoluta reserva, reserva que o Sr. compreenderá, que êle escreveu ao Olinto referindo ter-lhe o redator do arbitramento da Güiana Francesa comunicado que tinha opinião favorável à nossa

causa. Corrijo em tempo: Disse a êle próprio, ou êle sabe, por outro meio, que o redator tem essa opinião.

Lembro-lhe, pois, que, sem demora, o Sr. escreva ao Paranhos, pedindo-lhe tudo o que nos possa interessar, como informação prévia escrita, e como telegrama no momento oportuno, e ainda mais, se o Sr. o achar conveniente, com mapa do território contestado, que já pode vir feito daí para a tipografia.

Sem querer, fiz-lhe um relatório. Saudades do

Seu am.º af.º e obr.º

Tobias Monteiro

I — 3, 3, 64

EDUARDO DE MARTINS

368.

N.º 2 College Terrace

Swiss Cottage N. W.
London 14th Xber 1900

My dear Friend

As you are so kindly with me I bring tomorrow 3 small water colour, and you kindly when you arrive in Rio Janeiro tray to sell to some of your friends and my friends the price I reduce to £ 20 each.

I hope to see you before your leave for Paris.

Very sincerely

Eduardo de Martins

I — 3, 3, 47

369.

2 College Terrace
Swiss Cottage N. W.
London 6th Aug 1902

My dear Friend

Hope you are quite well. Very sorry to not see you before you left London for Rio.

From the News Papers you know all about His Majesty the king arrived in London, today, from Cowes for the Coronation next saturday, and hope every thing go all right.

Will you be kindly to let me know what you have been able to do about the little pictures, because I do not want them to trouble you the [be]fore I leave you quite free to do what you can, but in case you do not succed, will you kindly return them by Parcel Post and Royal Mail carefully packed-at my address. Last month our friend Nabuco give a dinner at the Carlton Hotel which was a great success.

We have had a very bad summer like winter, I hope saturday will be fine for the Coronation. Hope to see you when you come to London again.

Good bye dear friend-remembrancers from my family

Very sincerely

Eduardo de Martins

I — 3, 3, 48

ANTÔNIO AUGUSTO DA SILVA

370.

Rio, 22 de maio de 1902.

Ex.mo Amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Meus afetuosos cumprimentos.

Rogo a V. Ex.a a bondade de informar-me em que data foi feito em Londres o acôrdo do resgate da Estrada de Ferro de Santa Maria ao Uruguai, e em que data foi o mesmo acôrdo aprovado em assembléia geral dos acionistas.

Caso tenha sido impresso, como o da Minas e Rio, muito me obsequiará enviando-me um exemplar.

Antecipando agradecimentos, subscrevo-me com particular estima

De V. Ex.a

Col.a am.o at.o e m.to obr.o

A. Augusto da Silva

I — 3, 5, 16

371.

Rio, 2 de agôsto de 1902.

Ex.mo amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues,

Cumprimentando-o atenciosamente peço a V. Ex.a a fineza de dar publicidade nas *Várias* do *Jornal* de amanhã às breves linhas que acabo de escrever às pressas com referência ao artigo de hoje sôbre o canal do Mangue.

Auxilie-me para conseguir que o Senado vote o crédito com a brevidade que o caso reclama.

Quanto ao plano das obras, não é grandioso, mas constitui importante melhoramento, que, estou certo, será bem recebido pela população. O nosso amigo Dr. Tobias Monteiro teve ocasião de apreciá-lo e manifestou francamente a sua aprovação.

Com a mais elevada estima e distinta consideração subscrevo-me

De V. Ex.a

am.o e col.a m.to obr.o

A. Augusto da Silva

I — 3, 5, 17

RICARDO XAVIER DA SILVEIRA

372.

Distrito Federal, 22 de setembro de 1902

Ex.mo Amigo Dr. José Carlos Rodrigues

Apresentando os meus cumprimentos, rogo-lhe a bondade de não se esquecer de mandar-me uma palavra, pelo correio ou, de preferência, pelo telégrafo, logo após a conferência. Como sabe, estou deveras urgido pelo tempo.

Protestando o maior reconhecimento por êsse tão alto e nôvo obséquio, aperta-lhe a mão com a mais viva e afetuosa cordialidade o seu

amigo obrg.mo cr.o e adm.or

Xavier da Silveira

I — 3, 5, 23

373.

Ex.^{mo} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Meu prezado e ilustre amigo,

Remeto lhe, com esta, as notas sôbre o prolongamento da Rua do Sacramento, que são incompletas no tocante aos melhoramentos realizados com os recursos da verba de 400 contos anuais, dentro da qual, em situação normal, teriam de ser feitas as desapropriações agora levadas a cabo pelo Prefeito Passos, mediante a abertura de sucessivos créditos de mil contos, só para desapropriações.

Todavia, são mais ou menos completas e precisas quanto aos antecedentes do prolongamento há muito projetado e pôsto progressivamente em execução.

Rogo-lhe que aceite um afetuoso apêrto de mão do

am.º c.º obrg.º e adm.^{or}

Xavier da Silveira

Rio, 2 de junho, 1903.
Hospício, 44.

I — 3, 5, 24

JOSÉ JOAQUIM SEABRA

374.

Rio, 8-1-03

Prezado Am.º Dr. Carlos Rodrigues.

Minhas afetuosas saudações com os votos que faço para que se restabeleça prontamente.

Recebi sua prezada carta, sôbre a qual pensarei detidamente, agradecendo-lhe as informações que nela me presta. Vou, na primeira oportunidade, mostrá-la ao Ex.^{mo} Sr. Presidente, para assentarmos o que se deve fazer, e comunicarei ao bom Am.º o resultado.

Sem outro motivo, disponha sempre

Do Am.º m.^{to} af.º Col.ª Adm.^{or} e obr.º

J. J. Seabra

I — 3, 5, 12

375.

Rio de Janeiro, 14 de março de 1905.

Prezado Am.º e Colega Dr. José Carlos Rodrigues.

Afetuosos cumprimentos.

Peço a fineza de chegar hoje a êste Gabinete, onde me conservarei aguardando as suas ordens; e, desde já, agradeço êsse incômodo.

Com alto aprêço e estima,
Am.º af.º e Adm.or Obr.º

Seabra

I — 3, 5, 13

JOAQUIM NABUCO *

376.

16 julho 1909

Meu querido Rodrigues,

Você deixou-me uma grande saudade e um grande vácuo. Não tenho esperança de ir com Você, como V. veria pelo telegrama que mandei ao Rio Branco ontem. Dois meses não bastariam para nenhum tratamento, nem eu teria certeza de um diagnóstico, sendo a estação em que os médicos descansam de Paris, e essa brincadeira não me custaria menos de umas 500 libras, pois o que o Govêrno me dá, a mais dos meus vencimentos, seria absorvido pelas passagens e qualquer sobra nêles seria para pagamento de contas anteriores.

Sinto muito não ir com V. e não ver o Gouveia. Acredito que minha saúde precisa ser remodelada, mas seria talvez comprometê-la fazer uma viagem precipitada com todos os aborrecimentos que me traria.

Mando-lhe o que o *Independent* escreveu sôbre a minha *Address*. Também lhe mandarei cópias das duas cartas de Mr. Bryce, não para publicar, mas para V. tê-las como amigo.

Lembranças à Champion de Rochampton, nossa patrícia.

Do seu velho Amigo

Joaquim Nabuco

I — 3, 3, 70

---

* Ver também as cartas n.os 178 a 184.

377.

Sexta-feira

Meu caro Rodrigues,

Agradeço-lhe cordialmente o seu amável convite ao qual não faltarei e cujo motivo sinceramente aplaudo.

Sempre todo seu

Joaquim Nabuco

I — 3, 3, 71

JOSÉ DUARTE RAMALHO ORTIGÃO

378.

Meu prezado Sr. J. Carlos Rodrigues.

Envio-lhe o meu Cartapácio e sôbre a Holanda, e peço-lhe que, se na 3.ª feira, depois de amanhã, não tiver melhor que fazer, nos dê o prazer de vir sem cerimônia, em costume de trabalho, jantar conosco às 7 horas.

Seu afeiçoado

Ramalho Ortigão

I — 3, 3, 78

379.

Meu caro Sr. Rodrigues.

Venho cheio de contrariedade preveni-lo de que uma reunião literária[,] para que acabo de ser convocado e a que não posso abster-me de assistir[,] me impede de passar em casa a noite de amanhã. Não será possível que o seu paquête parta na quinta-feira de manhã em vez de partir na quarta de tarde? Se o acaso fizer que assim suceda venha sem mais prevenção na quarta-feira, porque pelo sim pelo não cá terá o seu talher na mesa.

Espero em todo o caso dar-lhe um abraço antes da partida.

M.to dedicado

Ramalho Ortigão

I — 3, 3, 79

GEORGES CANNING

380.

South .... near Brackwell Berks.

Sept.[r] 16. 1863

Dear Sir,

I have this morning received a letter from your brother, dated 22[st] of July, in which he mentions to me the unpleasant correspondence with M.[r] Fruling, copies of which he transmits to you by the packet, refers me to you for the.....

When can you have leisure to send them to me my direction is as above. I shall be from home on Sunday & Monday — but after that time a letter will be sure of finding me.

Smith tells me that he has referred himself to your judgement for the course which he ought to pursue under circunstances no & unexpected. I have no hope but that then last Letters of M[r] Fruling may have been written under the some mistaken impression with the former, the Port[e] Gen[l] had either received, or considered the satisfactory explanation which your Brother wrote, & employed you to report to M[r] Fruling.

If you think my interference in any way either with d.[o] a. or M.[r] F. can be of the smallest use, I need not ...... you to command it without reserve: — at the sametime that you like perhaps I have my apprehensions, that if then by any thing more than their mistake and misinformation at the bottom of the proceeding, any manifestation of the interest which I take in your brother's affairs might possibly to more harm than good.

This, ..., you be better all to judge of ...... may ...... between you to M.[r] Fruling. And I will do any thing, or nothing, as you ...... think most expe ...... At.all counts I am more anxious to be informed how the.... seems likely to end.

I am, Dear Sir,
Your sincere
Geo. Canning

I — 3, 2, 2

JOSÉ PEDRO DIAS DE CARVALHO

381.

Il.[mo] e Ex.[mo] Sr. Conselheiro

Rogo a V. Ex.[a] o obséquio de dizer-me se recebeu algum recado do Sr. M. de Olinda, pois que até esta hora eu tinha apenas presente o que diz o *Jornal* e

as outras fôlhas, e acredito que é tempo de V. [Ex.ª] caminhar. Espera a sua resposta o

De V. Ex.ª
am.º, col.ª e obr.ᵐᵒ
José Pedro Dias de Carvalho

Rio, 12 de maio de 1865.

I — 3, 2, 8

CARLOS EMÍLIO ADET

382.

Ex.ᵐᵒ Sr. Conselheiro e Amigo

Antes de tudo permita-me que lhe dê um abraço por ter cedido às instâncias de suportar o fardo.

Isto feito peço-lhe que me mande dizer o que possa publicar amanhã além do pedido de demissão do Sr. Dias de Carvalho.

O portador espera o fim da conferência.

Am.º cr.º obr.º
Emilio Adet

3 — março 1866

I — 3, 1, 3

DAVID A. WELLS

383.

May 12th 1869
My Dear Sir

Your very kind note and its enclosure, (........ to an absence from Washington), was received by me only a day or two since. I do not know as it is in my power to do more than express hope my sincere thanks for your favorable consideration .... and to .... to you, if you have not already acquired them copies of my reports, or of any other of it publications issued under the Authority of the Threasure.

I beg of you to say .... same to Dr. Fletcher. & to thank him also for me .... his.

.... remembrance

I am
Yours must Respectfully
David A. Wells

To
J. C. Rodrigues............

I — 3, 5, 56

DOMINGOS JOSÉ CARLOS GONÇALVES DE MAGALHÃES, *VISCONDE DE ARAGUAIA*

384.

Washington, 20 de junho de 1870.

Il.^{mo} Sr.

Tive o prazer de receber a carta que V. S.^{a} me dirigiu em 17 do corrente, e em conseqüência do seu pedido aqui lhe remeto a carta de apresentação ao Presidente do Pará a quem peço que recomende os viajantes aos Presidentes das Províncias do Amazonas e das Alagoas.

Sempre
De V. S.^{a}
Patr.^{o} ven.^{or} e Cr.^{o}
Magalhães

I — 3, 3, 43

LUÍS GAMA

385.

São Paulo, 26 de novembro de 1870.

José Carlos.

A leitura do *Nôvo Mundo* veio despertar em mim a não cumprida obrigação de escrever-te, que sobremodo pesava-me; e digo — despertar — não porque estivesse eu adormecido, mas porque por ela avivaram-se-me as fôrças d'alma.

Boas novas de ti tive-as eu sempre pelos ministros presbiterianos que de New York vinham a esta cidade, e o fato de sabê-las eu de ti dispensava-me de referi-las de mim, isto não sei se por egoísmo ou por incúria.

Os poucos e verdadeiros democratas desta cidade, onde já existem um Clube e uma loja maçônica que trabalham pelas idéias republicanas (escuso dizer-te que sou membro de ambos), tomavam-se de sincero entusiasmo pelo *Nôvo Mundo,* plaustro de importantes e úteis conhecimentos da melhor porção da América, que é e há de ser o fanal da democracia universal.

O *Correio Paulistano* de propriedade do nosso Amigo Joaquim Roberto, e hoje redigido pelo distinto Dr. Américo Brasílio de Campos, ambos republicanos, vai transcrever a maior parte dos artigos do *Nôvo Mundo.*

Não te espantes dêste meu republicanismo, que pode afigurar-se ao teu espírito, afeito ao servilismo político do Brasil, como sinais de *monomania arrazoadora* da minha parte; asseguro-te que o partido republicano, graças à divina inépcia do Sr. D. Pedro II, organiza-se sèriamente em todo o império; e os pantafaçudos politicões gangorreiros já declaram-se impotentes para a irrisória obra

das ardilosas sirgiduras do *grande estandarte liberal,* que desfaz-se em bandeirolas democráticas, rôto pelos euros do indiferentismo popular, e pela enérgica pujança de alguns caracteres sisudos.

A despeito das tricas imoralíssimas postas em prática pelos astuciosos adeptos do corrupto imperialismo, e das prédicas calculadas dos arqui-sectários da *Infalibilidade,* erguem-se vagarosamente as escolas gratuitas para alumiamento do povo, e organizam-se as associações particulares para emancipação dos escravos.

Por outro lado as seitas protestantes, com as doutrinas evangélicas que difundem vão proclamando a liberdade de consciência, base e fundamento da melhor organização social.

Ainda mais um importante fato tenho que dizer-te.

Tudo isto marcha vagaroso como o caminhar da reflexão; é uma obra secular na qual o *supremo artista* gasta os dias a somar os segundos e os minutos; e a Província de São Paulo, ocupando a vanguarda, vai ensinando às suas Irmãs a trilha impervia que ela própria meditando explora. É uma vasta revolução moral dirigida pela prudência.

Meu caro José.

É plano inclinado êste caminho da política; deixá-lo-ei para tratar de outros fatos menos importantes e mais íntimos.

Casei-me. Escuso dizer-te com quem. O *Dito* já fala, traduz e escreve o alemão como um filho da Germânia. Isto é dito pelo professor que todos os meses empolga 5$000 rs. Estuda êle mais desenho, francês, inglês e geografia.

Êle, a Claudina, e a Leopoldina que ainda conserva o mesmo nariz do Fr. Martinho-narigado, enviam-te muitas saudades.

Fui demitido do lugar de Amanuense da Repartição de Polícia, por sustentar demandas em favor de gente livre posta em cativeiro indébito!...

Fiz-me rábula e atirei-me à tribuna criminal. Tal é hoje a minha profissão.

Moro à margem do rio Tamanduateí, em uma nova e excelente casa de campo.

Sou detestado pelos figurões da terra, que já puseram-me a vida em risco; mas sou estimado e muito pela plebe. Quando fui ameaçado pelos grandes, que hoje encaram-me com respeito, e admiram a minha tenacidade, tive a casa rondada e guardada pela gentalha.

A verdade é que a malvadeza recuou vencida.

Em nossa casa, sempre pobre, mas festejada de contínuo pela alegria, ainda toma-se o saboroso café pelas mesmas canecas que me deste; os lampiões são os mesmos que pertenceram-te; as cortinas das janelas foram tuas. Sôbre o velador de mármore, que foi teu, está o álbum que deste-me com o teu retrato. com os de outros amigos, e uma bíblia que foi do finado Macedo.

Quantas recordações saudosas não despertam êstes objetos?... E como, ao ler estas linhas tão singelas como os meus sentimentos de pobre, não se di-

latará o teu espírito em demanda dêstes lugares, que outrora percorreste, durante a tua vida acadêmica, e com que avidez não buscará êle a realidade dêstes meus assertos?!

Eu ainda hoje, ao cabo de 30 anos, vejo algumas ruas da Bahia, as casas demolidas pelo incêndio de 37, e os lugares em que brinquei com as crianças da minha idade. Por isso, pelo meu, julgo do teu espírito neste momento.

Eu chego a persuadir-me que ao traçar estas linhas nossas almas se abraçam, e entoam epinícios à amizade!...

Adeus José.

Sei que o Joaquim Roberto vai escrever-te, e remeter-te jornais.

Sou como sempre
Teu am.º obrg.^mo^
Luiz Gama

I — 3, 2, 74

ISABEL BURTON

386.

14 Place

London May 21st 1872
My dear Sir

I was much gratified & flattered at you kind courteous letter .... praising me much more than I deserve & so was my husband. I must now tell you that he has left for Scotland (yesterday) & sails for Iceland on 31st & I do not expect him back till August: So I must communicate with you on all the matters which interest us both I am in great distress, I entrusted my ms to the authoress (Oneida) who has gone to Italy leaving it locked up in a box *put away* with luggage into (some) hived room and she says until she returns to England she cannot give it to him. Cap. Burton Manoel de Morais is in high manner with his publisher who is booking everywhere for it (Tinsly) now when I can .... mine (for I was the sole translator of Iracema). I will send it to you directly & we must have two colored illustrations of a Tupy man a Tupy woman of which I can send you the blocks (?) already cut and free of cost and wh I .... the story is so simple and touching I should add nothing more.

I will send you Iracema in Portuguese with it and you can compare my language. Somethings you know will not render literally they .... to be splendid in Portuguese and ...... in English.

I did not receive you little book yet. I send Mrs. Sully a very affectionate .... She was a dear friend in São Paulo.

I will as certain about the copywright being ...... legal.
I am today in haste dear Sil

Y'rs faithfully
Isabel Burton

P.S. You may be sure that I shall do everything to recover my Mss & excuse the haste in which I am writing to catch the post.

I — 3, 1, 85

JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES

387.

Il.^{mo} Sr. J. C. Rodrigues

Rio, 23 de outubro de 72

Recebi a sua carta de 22 de setembro e em resposta remeto-lhe uma me mória que li no Instituto Histórico sôbre as comunicações da bacia do Prata com a do Amazonas, que não tenho tempo de copiar porque sigo a 26 para o Pará.

Quando me quiser escrever dirija suas cartas à Rua Direita 115, Rio de Janeiro. Tenho tanta simpatia pelos nobres desejos que alguns de nossos patrícios residentes aí na Inglaterra e França, mostram para adiantar e civilizar nossa terra, por meio das boas imprensas que sempre me hei de associar a êles nessa cruzada de civilização, empregando minha atividade em propagá-la.

De V. S.^{a}
Patr.^{o} af.^{o}
Couto de Magalhães

I — 3, 3, 44

AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR

388.

Vassouras, 12 de janeiro de 1873.

Amigo e Colega

Sei que ainda se não esqueceu de mim, porque o artigo publicado no *Nôvo Mundo* acêrca do meu livro: "*A Escola e o Trabalho*" lisonjeiramente me convenceu que ainda se lembra de nossa antiga convivência.

Assim pois principiarei por felicitá-lo pela direção ilustrada, e de notável critério que tem dado à redação do *Nôvo Mundo*. É a fôlha periódica, sinceramente o digo, que maiores serviços está prestando ao Brasil, não só pelos

assuntos de que trata, como pela verdade e profundeza com que os discute. Conte em mim com um admirador entusiasta e creia que farei o que puder para que alcance aqui ainda maior número de leitores.

Eu também vou publicar uma revista mensal, que deve intitular-se "Lavoura e Indústria". Achando-me relacionado com grande número dos mais notáveis fazendeiros da Província do Rio de Janeiro, e residindo hoje em um de seus mais ricos municípios Vassouras, sou por êles impelido a esta tentativa jornalística.

Para que a minha Revista satisfaça os elevados fins de uma publicação dêste gênero, preciso que meu amigo me preste daí os seus bons ofícios, aliando-se comigo nesta cruzada e indicando-me os meios de utilizarmos idéias comuns.

Em primeiro lugar peço-lhe o favor de assinar a melhor Revista Agrícola que se publicar em Nova York, e remeter-ma com a máxima brevidade, indicando-me aqui a qual de seus agentes devo entregar a importância da assinatura, como as de outras encomendas que tomo a liberdade de fazer-lhe.

Preciso um retrato, isto é[,] a melhor gravura que aí houver em ponto grande de *Abraão Lincoln.* Êste homem está canonizado pela verdade como o primeiro santo da democracia. O seu retrato é uma lição e um estímulo.

Além disto peço-lhe que me informe se é possível obter-se os *clichets* das gravuras de instrumentos agrícolas, não só para se publicarem como estampas na *Revista,* como ainda os dos anúncios que com razoável retribuição publicarei, com grande vantagem para os fabricantes, pois a lavoura desta província vai visìvelmente entrar em uma fase de progresso e é possível mesmo que a Escola Agrícola, cuja autorização acaba de conceder a Assembléia provincial tenha de fundar-se neste município, apesar dos 600 contos em que está orçada.

Peço-lhe todos êstes favores e desejo retribuir-lhos com outros senão tão valiosos, pelo menos sinceros. Principiarei por publicar em tôdas as minhas *Revistas,* gratuitamente, os anúncios da publicação do *Nôvo Mundo,* e darei de cada um de seus números notícia circunstanciada.

Os primeiros números da minha *Revista* têm de ser impressos no Rio, mas é possível que me resolva a mandá-la publicar aí, se o meu amigo quiser ainda ter o trabalho de informar-me quanto me poderá custar uma edição de 2 000 exemplares, no formato da *Escola e o Trabalho* com 48 a 60 páginas por mês.

Estou certo que, se quiser, poderemos entrar em outros negócios de vantagem recíproca, e de grande interêsse e alcance para as relações comerciais e sociais dos dois países.

Rogo-lhe que me responda com urgência e me dê as suas ordens, que serão logo satisfeitas.

Seu Am.º e Colega
A. E. Zaluar

I — 3, 5, 57

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS

389.

Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1873.

Il^{mo}. am.^{o} Sr. Dr. J. C. Rodrigues

Aperto-lhe mui agradecidamente as mãos pelo seu artigo do *Nôvo Mundo* a respeito do meu romance. E não só agradeço as expressões amáveis com que me tratou, mas também os reparos que me fêz. Vejo que leu o meu livro com olhos de crítico, e não hesitou em dizer o que pensa de alguns pontos, o que é para mim mais lisonjeiro que tudo. Escrevera-lhe eu mais longamente desta vez, se não fôra tanta cousa que me absorve hoje o tempo e o espírito. Entretanto, não deixarei de lhe dizer desde já que as censuras relativas a algumas passagens menos recatadas são para mim sobremodo salutares. Aborreço a literatura de escândalo, e busquei evitar êsse escolho no meu livro. Se alguma cousa me escapou, espero emendar-me na próxima composição.

O nosso artigo está pronto há um mês. Guardei-me para dar-lhe hoje uma última demão; mas tão complicado e cheio foi o dia para mim, que prefiro demorá-lo para o seguinte vapor. Não o faria se se tratasse de uma correspondência regular como costumo fazer para a Europa; trata-se porém de um trabalho que, ainda retardado um mês, não perde a oportunidade.

O nosso João de Almeida tinha-me pedido em seu nome um retrato, que lhe entrego hoje e lá irá ter às suas mãos. Não me será dado obter igualmente um retrato seu para o meu álbum dos amigos?

Creia-me, como sempre

Seu am^{o} patrício e adm.^{or}
Machado de Assis

I — 3, 1, 44

BERNARDO DE SOUSA FRANCO, *VISCONDE DE SOUSA FRANCO*

390.

Il.^{mo} Sr. J. C. Rodrigues.

Rio 23 de abril de 1874

Em sua carta de 20 de fevereiro pediu-me V. S.^{a} a remessa de um retrato meu e alguns dados biográficos, que não remeti logo porque era preciso tempo para mandar extratar êstes. Vão agora e muito lhe agradeço a lembrança, porque nunca é desagradável a quem tem algum nome torná-lo bem conhecido.

Saiu muito longa a notícia biográfica[;] far-me-á porém V. S.^{a} especial obséquio em fazê-la publicar inteira, e me responsabilizo a entregar aqui ou onde V. S.^{a} preferir até 50 pesos como indenização da maior despesa que trará

à fôlha. E neste caso peço que me mande fornecer até 20 exemplares do n.º que trouxer o retrato.

Desejo muito que o *Nôvo Mundo* continue a ter a aceitação que merece e da minha parte assinei-o e lhe procurarei algumas assinaturas. V. S.ª pode dispor do meu fraco préstimo e da muita boa vontade que me inspiram os seus belos escritos e muita atividade.

De V. S.ª

Patrício afet. e obr.º

Visconde de Souza Franco

P.S. O retrato foi entregue a M.r James para lho remeter.

I — 3, 5, 32

ANTÔNIO PEDRO DE CARVALHO BORGES

391.

Washington, 30 de novembro de 1874.

Amigo e Sr. Dr. Rodrigues

Espero que tenha passado bem desde a data das últimas notícias que tenho suas, e que já esteja descansado das fadigas do paquête de 23. Eu, além do muito que fazer pelo mesmo paquête depois de quase cinco meses de ausência, estive também muito ocupado com os arranjos de casa em Connecticut Avenue n.º 822, onde espero vê-lo durante o inverno.

Só ùltimamente pude ler com descanso a publicação feita em Washington de todos os documentos relativos à reclamação "Carolina" e ao General Webb. Envio-lhe um exemplar dessa publicação para que veja os artifícios de Webb, e mesmo para o caso de que V. S.ª ache conveniente dizer alguma cousa do *Nôvo Mundo* e que mais tarde se pudesse transcrever em algum outro jornal em New York.

Recomendo-lhe especialmente a correspondência de Webb com o falecido Seward em 1867. É notável o ofício de 1.º de outubro em que êle refere o ajuste da reclamação por meio de uma história tão inverossímil e confusa que o Departamento de Estado, em vista dêsse ofício, não quis dar por concluído o negócio e mandou examinar a reclamação, fazendo depositar o dinheiro remetido por Webb. Entretanto é com o ofício de resposta do Departamento que Webb quer defender-se dizendo que foi aprovado o seu procedimento porque Seward falou na energia e sagacidade de Webb! A perfídia com que Webb diz que empregou pessoas influentes está desmentida pelo ato violento de pedir passaportes, ato que produziu que o Govêrno Imperial pagasse sob protesto.

Na verdade onde cabia aí a influência dessas pessoas! E como se pode compreender que Webb tido como ladrão deixe de dizer os nomes dessas pessoas que, não sendo Empregados do Govêrno como êle declarou que o não

eram em uma publicação feita em Paris e creio que também em New York, se poderiam sofrer censura moral, não estavam no caso de criminosos como está Webb! Também há contradição em dizer êle em uma das cartas a Fish que Paranhos tem empenho em vingar-se dos Amigos de Webb e que por isso quer que se publiquem os nomes dêsses amigos. Ora Paranhos era da oposição ao Ministério Zacarias, e portanto seriam do seu partido as pessoas que, segundo a fantasia de Webb, entraram no ajuste! Em outro ofício de 1868 êle diz que a oposição atacava o govêrno por ter pago a reclamação. Enfim, é um tecido de mentiras que deixam ver claramente que o homem apoderou-se do dinheiro, e que, conquanto êle achasse que a reclamação não tinha valor, mudou de pensar e imaginou fazer o seu negócio, logo que o proprietário da mesma reclamação lhe disse que se contentaria com £ 5 000 ou 25 000 *dollars!*

Apesar de tudo, receio que a gente dêste país, por honra da firma, queira acreditar em algum dos embustes de Webb. Êste está em processo para entrar com o dinheiro para o Tesouro.

Com a pretensão de Webb, que diz que Seward aprovou a fraude ou transação sôbre a reclamação, há insulto à memória do mesmo Seward, que não poderia apoiar tal maroteira.

Peço-lhe que me diga alguma cousa depois de ler êsses documentos, se tiver paciência para isso. Eu não posso por agora continuar a conversar com V. S.ª porque é muito tarde (escrevo à noite) e está-me chegando o sono.

Adeus, repito as expressões com que sou

De V. S.ª
am.º obrg.º e at.º criado
A. P. de Carvalho Borges

P.S. Há tempos que não sei do nosso amigo Sr. Andrade. Peço-lhe que lhe dê recomendações minhas.

Neste mês não recebi o *Nôvo Mundo.*

I — 3, 1, 79

ELIAS LÔBO

392.

Dr. J. C. Rodrigues

Itu, 3 de fevereiro de 1875.

Vou cumprir agora o que prometi ao nosso amigo Elias Fausto, de escrever-lhe e mandar meu retrato o qual vai por intermédio do seu procurador no Rio de Janeiro.

Agradeço-lhe a transcrição que fêz em seu jornal a meu respeito; [h]á ali muita caçoada e algumas delas inexatas, como sejam no final; só o Dr. Bitencourt podia lembrar-se de dar-me como um homem visionário acreditando em

bruxarias & êle dissera que o fim dêle foi ver se tirava-me desta apatia em que vivemos em Itu.

[H]á 2 anos que tenho sido instado a dar esclarecimentos a meu respeito para lhe ser remetido, e alguns pedidos de pessoas estranhas a mim; entre êstes o nosso amigo Dr. Macedo Soares, o qual veio-me com 8 perguntas, e entre elas algum episódio particular de minha vida, respondi-lhe se queria outras caçoadas como fêz êle com o meu retrato a lápis, e a respeito de quando eu ia ao paço e o Imperador proguntava da minha saúde e notícias da minha família[,] o mesmo eu faria proguntando: "como passa V. M. e família["] & não respondi, deixei ao tempo; mas como me comprometi a lhe mandar, e li a transcrição do *Nôvo Mundo* a meu respeito lhe mando a inclusa nota da qual fará o uso que quiser; desculpe esta amolação e dê as ordens ao seu sempre

Sincero am.º e obr.º
Elias Lobo

P.S. A 7 de novembro mandei uma procuração ao Dr. Varejão a ver se êle consegue qualquer indenização do Govêrno pelas 2 partituras de minhas óperas, sendo de 3:000$ para mais pois ainda pago prêmio resultado de minha estada no Rio.

I — 3, 3, 39

LUÍS PEDREIRA DO COUTO FERRAZ, *VISCONDE DO BOM RETIRO*

393.

A S. S. o S.r D.r José Carlos Rodrigues

Alto Egito, 15 de dezembro de 1876.

Il.mo e Estimad.mo Sr. Dr.

Há dias escrevendo do Cairo ao nosso amigo o Sr. Cons.º Carvalho Borges – pedi a S. Ex.ª que desse a V. S.ª muitas recomendações da minha parte. Agora dirijo-lhe estas linhas, mostrando que não me esqueço da sua pessoa, e que confio tanto na sinceridade da estima, de que aí me deu provas — que depois de cumprimentá-lo desejando cordialmente a continuação da sua saúde, animome a ir importuná-lo.

O meu particular amigo o Sr. Ten. Cel. de Engenheiros Gastão d'Escragnolle, diretor da Floresta Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro, insta comigo pedindo-me que lhe mande um folheto publicado (todos os anos se não me engano) nos Estados Unidos, e contendo planos, e desenhos completos das casas de madeiras — que em um ou mais dos mesmos Estados se fazem por encomenda, para outros países, e bem assim os respectivos preços, desde as mais pequenas até as maiores. Eu mesmo tenho idéia, de haver visto no Rio de Janeiro um exemplar de tais folhetos. V. S.ª quando uma vez falei-lhe sôbre isto, teve a bondade de oferecer-se-me para me arranjar o dito Catálogo, ou como melhor nome

tenha, e estou certo de que não se esqueceu. Rogo por isso o obséquio de ver se consegue um exemplar ao menos, se já o não tiver obtido, e o mande em meu nome diretamente ao Sr. Escragnolle, pela mala da Legação visto contarmos com a bondade do Sr. Cons.º Carvalho Borges. Creia que muito obrigado ficarei por todos os seus esforços e prontidão neste sentido. Além de amigo do Sr. Escragnolle, sou-lhe muito obrigado, e sendo a primeira cousa que êle me pede, e com tanto empenho, desejava muito servi-lo. Antecipo os agradecimentos pelo nôvo obséquio com o qual já conto.

Também espero merecer outro favor e é o de indagar e informar-me o preço, pelo qual se pode obter cada arado duplo dos que se denominam — Gang-plough — e são muito usados no Oeste, e na Califórnia — são fabricados por John Deeren em Molline no Illinois. Êsse fabricante dizem-me ser o maior da União. Deve, portanto, ser muito conhecido. Tenho as melhores notícias dêsses arados; e pergunto o preço para saber, quantos devo mandar comprar para o meu Instituto Agrícola. Para que V. S.ª possa mandar-me a informação, com maior segurança e brevidade não é fora de propósito comunicar que de 16 de janeiro a 16 de março estaremos na Itália, querendo Deus — de 16 de março a 5 de abril em Viena — de 6 de abril a 20 em Berlim; de 20 de abril a 1 de junho em Paris — de 2 a 30 de junho em Londres.

Quanto a outros assuntos refiro-me às minhas cartas anteriores.

Pelo Sr. Cons.º Borges remeti a V. S.ª dentro de uma carta a minha fotografia tirada em Dinamarca. Estimarei saber que lá chegou; sòmente como prova de que não me esqueço de que lhe prometi.

Ao mesmo Sr. Cons.º pedi pagasse umas despesas por V. S.ª feitas com umas músicas, e não sei que mais. Não sei como deixei de lembrar-me disso em tempo, e peço desculpa.

Espero que me dê notícias daí, e o prazer de letras suas, que muito as preza quem é com particular estima e o devido aprêço

De V. S.ª
Am.º col.ª obr.º cr.º
Visconde de Bom Retiro

I — 3, 1, 78

JESUÍNO MARCONDES DE OLIVEIRA SÁ

394.

Província do Paraná — V.ª da Palmeira, 19 de junho de 1877.

Il.ᵐᵒ Amigo Dr. J. C. Rodrigues.

Apesar de não ter a honra de conhecer V. S.ª pessoalmente ouso dirigir-lhe esta carta pedindo-lhe um valiosíssimo favor.

O *Nôvo Mundo* redigido por V. S.ª com elevada proficiência e patriotismo tem feito popular e conhecido o nome de V. S.ª entre as classes mais adiantadas de nossa pátria cuja civilização e bem-estar merecem-lhe com tanta atenção.

A escolha que fiz dos Estados Unidos para aí educar meu filho Moisés Marcondes, que terá a honra de apresentar-lhe esta é inspirada na leitura do *Nôvo Mundo.*

Digne-se pois V. S.ª servir de pai a meu filho nesse país dirigindo sua educação e guiando-o em tudo que lhe possa ser útil.

Êle vai estudar Medicina e desejo que o faça em uma Cidade do norte, onde o clima seja saudável, os costumes puros e a vida barata. Sendo possível, desejo que essa Cidade não seja muito distante da residência de V. S.ª a fim de que meu filho possa cultivar suas relações e aproveitar seus conselhos.

Bem singular parecerá talvez a V. S.ª meu procedimento, mas confiando-lhe meu único filho varão assaz provo a consideração que lhe voto.

Se êste meu pedido encontrar acolhimento favorável terá V. S.ª as bênçãos de uma família inteira.

Meu pouco préstimo fica à disposição de V. S.ª e os sentimentos de estima e consideração com que sou

Seu patr.º at.º e ven.or
Jesuino Marcondes de Ol.ª Sá

I — 3, 4, 76

FREDERICK F. AYER

395.

Lowell, Mass. Nov. 28th 1877

Doct. J. C. Rodrigues.

My dear Sir

Your letter of the 26th is rec.d and is quite an enigma to me.

You say, in referring to my brothers family, "I have before told you frankly my opinion — that you cruelly wronged them by making to them awful and inhumane charges before the courts."

There is certainly something wrong about this, as I have never made any charge against any member of my brothers family before any court. Please explain.

Now as to the balance of your letter, I am not aware of ever having done anything which should — in the least — mar the friendship which has existed between us. I do not cast aside old friends so easily.

In the above statement I include my conduct towards Mrs. Ayer, which if correctly represented would be no cause of offense, but make her my fast friend. I have been cruelly misrepresented to Mrs. Ayer as — by your letter — I must have been to you.

You are aware that I called on her — at your suggestion — for the purpose of reconciling any differences which might be found; but, as she did not seem to be so inclined I have not since intruded upon her.

I think the existing state of feeling is unbecoming and beneath any one of us and am ready — at anytime — to meet Mrs. Ayer on the most friendly terms.

If left to time, that will show Mrs. Ayer that my conduct has always been in accord with her best interest.

With thanks for your good wishes for the continued improvement of the health of my wife, I am

Still your friend
F. Ayer

Write me your views with any suggestions.

I am gratified by the flatering compliment of the Emperor to you. It must be of great money value to your paper.

I hope you will get your affairs with James put right without anxiety.

The bigest part of my family are at the sea shore and all are quite well. I intend to go tomorrow for a day or two. Hoping to see you on your next visit to Sowell I am.

Very truly your friend
F. Ayer

P.S. Do you think Dupuy could be of any service to the Doctor in addition to what Doct. Choat is doing for him?

I — 3, 1, 48

HENRY S. CAREY

396.

Dear Sir

Accept my thanks for you very kind note just now received. The truth in regard to the infamous British form trade is gradually .... its .... the .... the world, and its gratifies me muse to fee the my effects in its favour .... not entirely muser ....

When you shall come again to New city I shall be great pleasure if you can find .... to .... mean while.

Faithful yours
Henry S. Carey

J. C. Rodrigues
Phil. Sept 4 78

P. S. If you should chance to receive an duplicate copy of my "Letters" do me the form to let .... it.

I — 3, 2, 5

FERDINAND DE LESSEPS

397.

Panama 4 février 1880

Cher Monsieur Rodrigues,

Je m'empresse de vous remercier de votre obligeante lettre du 23 Janvier que je reçois au moment où l'on m'annonce un départ de Colon pour New York.

Je vous remercie du soin que vous avez pris [*ilegível*] un logement à Windsor Hotel où nous descendrons suivant votre bon conseil.

Nous devons nous embarquer à Aspinwall sur le *Colon* qui est annoncé pour partir le 12.

Ce retard permettra à nos ingénieurs de rédiger avec soin leur rapport qui sera signé par chaque membre de la commission technique. Ils ont déjà reuni et commencé à discuter tous les calculs et les opérations des chefs de brigade qui leur ont apporté leurs études locales. J'en suis très satisfait car il n'y a de leur part à tous que le désir consciencieux de trouver la vérité et de la dire loyalement.

M.me de Lesseps [*ilegível*] à moi pour vous envoyer son bon souvenir. Elle suporta très bien [*ilegível*] que nos [*ilegível*] et nos compagnos, [*ilegível*] ce qui preuve que le climat du Panama a étè fort calumnié.

Votre bien dévouée
Ferd. de Lesseps

I — 3, 3, 32

RICHARD F. BURTON

398.

Pavillon Hotel Folkstone

July 7 80

My dear Sir

Like you .... ing thank Mr. Nabuco for his excellent study which will be of the .... when Mrs. Burton prepares a popular life of Camoens. Accept also my best thanks for yourself. On my return to London I will look out for the two brochures and I will send to Crowns Street a copy of my translation of The Lusiadas.

....
Richard F. Burton

J. Rodrigues Gr.

P. S. .... bulletins told me that Mr. Nabuco had reviewed my translation in your valuable papel. I should so like to see it.

I — 3, 1, 86

HENRY G. STEBBINS E OUTROS

399.

New York, February 10.th 1881.

M.r Rodrigues

You are invited to be present during the ceremonies on the occasion of the transfer of the Obelilisk to the City of New York, by the United States, on Tuesday, the 22.d of February, instant, at half past two o'clock, p.m. in the Metropolitan Museum of Art, in Central Park, Fifth Avenue and Eidghty second street.

The presentation address will be made by Hon. William M. Evarts, Secretary of State.

Henry G. Stebbins
John Taylor Johnston
Robert Hewitt Jr.
Stephen A. Walker
Algernon S. Sullivan
Committee of Arrangements

I — 3, 14, 44

JAMES A. GARFIELD, *PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS*

400.

March 29, 1881.

Dear Sir:

I have just read with interest your letter of the 23nd instant inclosing a copy of my Inaugural Address in the Portuguese language. I hope that my public duties will soon allow me a little leisure time in which to examine the translation more carefully than I have yet been able to do.

With many thanks for your kindness both in translating the Address and in sending me a copy,

I am, very truly yours
James A. Garfield

Mr. J. C. Rodrigues,
University Club,
New York City.

I, — 3, 2, 75

EMILE DE LAVELEYE

401.

Liège 29th Nov. 84

Dear Sir

Here is my answer to the *Nation*: may I ask you to read it and to correct my blunders.

If the *Nation* accept my letter will you be so good as to send me a copy of the paper.

With my best thanks

Truly yours
Emile de Laveleye

I– 3, 3, 30

BENTO CARNEIRO DA SILVA, *VISCONDE DE ARARUAMA*

402.

Quissamã, 9 de agôsto de 1887.

Il.mo Sr. Dr. J. C. Rodrigues.

Em tempo competente recebi o favor de V. S.a de 16 do p. passado, em que me dizia que, se até o fim do mesmo mês não tivesse comunicação minha de que seus serviços podiam ser aproveitados, telegrafaria para Amesterdão nesse sentido. Por motivos alheios a minha vontade só hoje posso agradecer a V. S.a a boa vontade que mostrou em servir-me, sentindo não ter podido utilizar-me de seus favores.

Sou com tôda estima e consideração

De V. S.a
am.o e cr.o m.to obr.o
Visconde de Araruama

I – 3, 1, 34

A. F. WALTER

403.

Dec: 13.89

Sir,

I wired you yesterday "Letter published – wire events of great importance only".

I have now the pleasure of writing to thank you for the letter, which was most acceptable to the Editor and full of interest for our readers. It is the only account of any importance that has appeared in the English press of the events narrated in it: & without it we should have known very little about what has been going on in Brazil.

Will regard to the future, I beg to say that we shall be a lad to him from you occasionally, whenever you have any information likely to be of interest to the British Public. Any events of great importance of course you would elegraph: but s...... events are not always occurring & yet a good may be going on that is worth hearing about. Certainly we shall be interested to him by ...... him the new government is getting on and how the people like themselves under it. I dare say you with be able to send and interesting column on the subject.

Your letter of the other day occupied nearly 3 ½ columns, and we did not .... the share, in view of the interesting character of the communication. But as a ruler we writhe shorter letters — about 1½ col. as these are always great demands on our space I faal however that I can quite rely in your judgement as to the length at which your communications should be made — only let me remino you that Parliament will be silling almost before you could write in answer to this, & that than it with be a difficult matter to accommodate many who would be contributors.

In the course of a few days I shall send you a cheque in acknowledgment of your letter. Should you telegraph, please send me an account in due course of your disbursements unlep you can have the telegrams to be paid it this end.

I am Sir,
Yours faithfully
A. F. Walter
Manager

I — 3, 5, 55

N. M. ROTSCHILD

404.

Londres, le 3 Avril 1890.

Cher Monsieur.

Nous nous faisons un plaisir de vous présenter et de vous recommander le porteur de ces lignes Monsieur De Crano un des Directeurs Gérants de la Société "The Exploration Company" qui s'occupe de l'émission et de l'exploitation de Sociétés Minières, Industrielles, et autres.

Monsieur De Crano désirerait s'entretenir avec vous au sujet d'affaires brésiliennes; aussi, connaissant votre grande expérience, et comptant sur votre amabilité dont nous avons déjà eu des preuves, n'hésitons-nous pas à vous le recommander, persuadés que vous l'aiderez de votre bienveillant concours et de vos sages conseils. Veuillez agréer, avec nos remerciments, nos bien sincères salutations,

N. M. Rotschild

Monsieur Rodriguez
Hôtel Métropole

I — 3, 4, 75

GASPAR DA SILVEIRA MARTINS

405.

Meu caro Dr. C. Rodrigues

Vim vê-lo cedo contando que aqui se dormisse tanto quanto em Paris para ter certeza d'encontrá-lo. Soube porém que tinha saído cedo e que só as 7 voltaria para jantar. Sentindo não ter conseguido o que desejava dou-lhe um abraço como

velho am.º e compatriota
G. Silveira Martins

Londres 19 maio 1890

I — 3, 3, 49

ANTÔNIO LUÍS VON HOONHOLTZ, *BARÃO DE TEFÉ*

406.

Paris, 22 de junho de 1890

Ilustre patrício Sr. Dr. J. C. Rodrigues

Acabo de ler no *Le Brésil* o seu excelente artigo em refutação ao do jornal inglês — *The Financial News* — de Londres.

É tão lógico e bem escrito, e sobretudo tão patriótico e justo para com a classe militar que não posso eximir-me ao desejo de enviar-lhe as minhas felicitações com um sincero apêrto de mão, como

amigo e admirador
B. de Teffé

I — 3, 5, 37

DIOGO VELHO CAVALCÂNTI DE ALBUQUERQUE, *VISCONDE DE CAVALCÂNTI*

407.

Paris, 20 de junho 1891.

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Em conversa com o nosso amigo Dr. Ed. Prado que parte hoje para o Brasil, disse-me êle que V. S.ª estimaria ter junto a si, no *Jornal do Comércio,* uma pessoa de confiança, inteligente e capaz de auxiliá-lo no que entendesse conveniente — um secretário, em suma, discreto e apto. Eis por que tomo a liberdade de dirigir-lhe a presente carta oferecendo os serviços de meu sobrinho o Bacharel Diogo Velho Cavalcânti de Albuquerque, sobrinho que se acha atualmente na Capital do Estado da Paraíba do Norte, onde abriu escritório de advocacia à Rua Visconde de Inhaúma, 4. Êle é um môço pobre, habituado ao trabalho e de inteligência acima do comum: formou-se em Direito à minha

custa e teria carreira na magistratura sem os acontecimentos que mudaram a face do nosso país quanto a instituições. Se V. S.ª quiser protegê-lo não se arrependerá. Habituado a uma vida modesta, meu sobrinho contentar-se-á com um ordenado suficiente apenas para a sua subsistência na Capital Federal até que V. S.ª conhecendo suas aptidões faça o que entender justo.

Agradecerei a consideração que V. S.ª prestar ao assunto; e se achar conveniente, queira escrever a meu sobrinho, ao qual não escrevo agora por não ter tempo e mesmo por me parecer inútil antes de uma decisão de V. S.ª.

Renovo as seguranças da consideração e aprêço com que sou

De V. S.ª
At.º col.ª e obr.º cr.º
V. de Cavalcanti

56, rue de Monceau.

I– 3, 2, 15

HENRIQUE PEREIRA DE LUCENA, *BARÃO DE LUCENA*

408.

Ao Dr. José Carlos Rodrigues

B. de Lucena

Cumprimenta e submete à sua apreciação os apontamentos juntos, quer em relação à exportação do ouro em 1890 pela Alfândega da Capital Federal, quer em relação aos maquinismos despachados na mesma Alfândega durante o último semestre.

Do exame verificará – que a quantidade é superior à de qualquer dos anos, que serviram de comparação.

10-7-91

I – 3, 3, 42

RODRIGO OTÁVIO DE OLIVEIRA MENESES

409.

Rio, 18 de setembro de 1891.

Meu caro José Carlos.

Oferece-se uma feliz oportunidade para reatarmos as nossas relações e, com o maior prazer, abraço-me com ela.

Como verás da Circular, que junto envio, trata-se de fundar um jornal importante nesta Côrte, propriedade de uma Companhia, órgão do Comércio e da Lavoura, do qual somos redatores eu e o comendador Carlos Montoro, pessoa idônea e muito estimável e que, com certeza, deves conhecer por seus escritos. O jornal *Correio do Brasil* deve sair em dezembro. Precisamos de um correspondente aí e lembrei-me de convidá-lo a se encarregar da tarefa. Não me diga que não aceita.

Se porém, por qualquer circunstância, não se puder incumbir escolha aí alguém que seja idôneo e o encarregue. Sôbre tudo desejamos que a correspondência seja comercial. A parte literária e noticiosa, em geral, terá o desenvolvimento que o autor julgar necessário; mas o nosso desejo é que a correspondência de New York seja completa em todo sentido, uma coisa importante. O *Jornal* deve sair em dezembro, por isso logo que esta receberes, deves meter mão à obra e enviar-nos para começar alguma coisa. Mandarás dizer o *quantum* do teu trabalho.

Adeus, meu José Carlos; esta é escrita as carreiras e muito atrapalhadamente.

Responde ao teu
Am.º velho e Colega
Rodrigo Octavio

P.S. Desejo e muito que, ainda que não te encarregues da correspondência, nos mande para ser publicado no jornal de 1.º de janeiro uma resenha dos fatos mais importantes ocorridos aí nessa grande terra, uma resenha, ou como se diz por aqui, *retrospecto.*

I — 3, 3, 29

FELISBELO FREIRE

410.

Ilustre Sr. Dr. José Carlos Rodrigues:

Lendo hoje no *Jornal do Comércio,* que tão brilhantemente V. S.ª redige, uma notícia que me diz respeito, peço permissão para escrever-lhe as presentes linhas. Falando V. S.ª do parecer da comissão da Câmara sôbre a anistia e referindo-se ao que ficou vencido no seio da mesma comissão do Congresso não conceder anistia, sem primeiro tomar conhecimento dos motivos do estado de sítio, diz V. S.ª: "Entretanto, são êstes mesmíssimos senhores que quando o *Jornal* pedia ao Vice-Presidente que enviasse ao Congresso, os motivos e provas da comoção interna, apregoaram que o Vice-Presidente não tinha que dar tais motivos, que êle é o único juiz dêles etc.".

V. S.ª me permitirá que eu pergunte: Quando foi que eu apregoei isto que aí está escrito e juntamente os colegas acima citados?

Ficarei sumamente grato a V. S.ª se essa opinião que se me imputa ficar provada com palavras minhas, quer em algum discurso na Câmara, quer mesmo em algum artigo de imprensa.

Tenho a honra de subscrever-me

cr.º at.º obr.º
Felisbello Freire

Junho — 22 — 92.

I — 3, 2, 67

ARTUR NAPOLEÃO

411.

Il.mo Amigo Dr. José Carlos

É com grande prazer que irei experimentar o seu Steinway[,] domingo 13 do corrente, conforme o desejo manifestado no seu amável convite de hoje.

Peço desculpa de não poder assistir ao jantar porque a minha dispepsia cruel não mo permite.

Com muita estima e consideração

Seu at.º cr.º e obr.º
Arthur Napoleão

11 de julho 92

I — 3, 3, 72

JOAQUIM JOSÉ DE CERQUEIRA

412.

Ex.mo Sr.

Sabe V. Ex.ª discernir com admirável lucidez e imparcialidade os atos bons e os atos condenáveis de meus compatriotas do Rio de Janeiro. Sabe também V. Ex.ª glorificar o esfôrço individual e concorrer com espontânea generosidade para as obras de filantropia, criadas e sustentadas por portuguêses nesta capital. Assim, o ato do govêrno do meu país, conferindo a V. Ex.ª o grau de comendador da esclarecida Ordem de São Tiago, representa deliberação honrosíssima para êle, e para nós, aqui residentes, a consagração de serviços que nos desvanecem e orgulham em alto grau.

Além disso, é tão primoroso o acolhimento que V. Ex.ª tem sempre mantido aos escritores portuguêses no seu incomparável jornal, que nós, os que aqui vivemos no trabalho honesto, juntamos o nosso reconhecimento ao reconhecimento que lhe devem êsses escritores ilustres.

Creia-me,
De V. Ex.ª
criado e admirador sincero,
Joaquim José Cerqueira

Casa de V. Ex.ª, R. das Laranjeiras, 88, em 23 de janeiro de 1893.

I — 3, 2, 18

HENRIQUE MAXIMIANO COELHO NETO

413.

Ex.mo Sr. Dr. Carlos Rodrigues.

Pôsto que enfêrmo, quase impossibilitado de caminhar em público por me ter aparecido um doloroso furúnculo no pescoço, estive ainda hoje na redação do *Jornal* para falar a V. S.ª.

Recolho-me e peço desculpa do meio de que me sirvo para expor em têrmos rápidos, o portador, que me honra e distingue com a sua amizade dirá como encontrou-me: a cabeça dura e imóvel como espetada em uma lança.

Desejo e peço ser incluído no número dos colaboradores literários da página dos domingos. Sei que V. S.ª tem as melhores informações a meu respeito e para apresentar-me pedi ao comendador Delgado de Carvalho que me desse duas linhas. Confiando peço a V. S.ª que, para meu govêrno deixe a sua resposta com o meu amigo Leitão.

E agradecendo subscrevo-me com atenção e respeito

Adm.or e agr.o

Coelho Netto

20 de julho de 1893.

I — 3, 2, 19

JOSÉ DO PATROCÍNIO

414.

Meu caro Amigo Dr. José Carlos Rodrigues.

Uma situação aflitiva, tal como a iminência de uma greve que me obriga a recorrer à sua amizade, para salvar-me de um vexame. Preciso para esta noite de oitocentos mil réis, que se o meu amigo me fizer o favor de emprestar, lhos restituirei em 24 horas. É uma circunstância extraordinária que me obriga a incomodá-lo. Perdoe-me e creia na minha admiração e amizade sincera.

José do Patrocinio

Rio, 23 de agôsto 93.

I — 3, 3, 85

VICENTE CÂNDIDO FIGUEIRA DE SABÓIA, *VISCONDE DE SABÓIA*

415.*

Ao Il.mo e Ex.mo Amigo Dr. Rodrigues cumprimenta muito afetuosamente o *Saboia* que muito penhorado agradece a publicação do seu escrito sôbre o Sr. D. Pedro II, sentindo que êle não fôsse digno e não tivesse valor para figurar nas colunas editoriais do *Jornal;* mas nem por isto será menos sincera nem menos profunda a sua gratidão.

Petrópolis 23 de agôsto de 1893.

7, Rua de D. Afonso.

I — 3, 14, 20

* Cartão.

FERREIRA DA COSTA

416.

16 de setembro de 1893

Meu caro Dr. José Carlos,

Estive ontem com o nosso amigo Dr. Felisbelo e falamos muito a seu respeito. Êle ficou muito surpreendido com a sua ausência, dizendo que V. devia contar com êle, e que não havia a mínima razão para V. ter deixado a cidade, e que bem ao contrário era em um momento tão sério e angustioso para o país que V. devia achar-se a testa de seu *Jornal*, criticando ou apoiando o govêrno como entendesse, que porém a atitude silenciosa do seu *Jornal* era de estranhar. Êsse mesmo pensar emitiu êle sôbre o Rui. Não há medidas de exceção absolutamente, nem vislumbre de atos como os de 10 & 12 de abril, apesar de serem as circunstâncias muito diferentes e estarmos em plena revolução. Êle estava tão longe de o julgar ausente, que há 3 dias lhe escreveu uma cartinha mandando um artigo; e demais êle conta enquanto estiver no govêrno usar de todo o seu prestígio para evitar abusos de maus amigos. Êle é pela moderação e sempre a moderação. Eu fiz compreender que o seu receio, a ser a verdade a sua forçada ausência, bem como a de outros, deveria ser atribuída aos excessos dos jacobinos; reconhecendo procedente, e até certo ponto plausível essa razão, considerava êle poder-se tomar medidas de garantia para as pessoas que pudessem achar-se expostas a qualquer perigo de desacatos. Êle julga que V. deve voltar e pôr-se a testa do seu *Jornal*, e me autorizou a dizer-lhe isto. As antigas intrigas junto ao Marechal tinham completamente sido desfeitas, mas essa atual abstenção de discussão e ausência bem poderiam dar razão a seus desafetos. Cumpri um dever de amigo escrevendo tudo isto e creia-me que o Felisbelo tem os melhores sentimentos a seu respito.

Sou seu m.^{to} obr.^{o} e amigo ded.^{o}

F. da Costa

I — 3, 2, 34

JOSÉ DA COSTA AZEVEDO, *BARÃO DE LADÁRIO*

417.

Ásia. China

Xangai, 25 de outubro de 1893.

A S. Ex.^{a} Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Confidencial

Rio de Janeiro.

Prezado amigo e patrício

Já que, no folhetim de seu *Jornal*, de 30 de julho, *Cavaqueando*, fêz êle considerações sôbre o meu provável procedimento na questão de assinaturas

com os títulos, vedado pelo Ministro do Exterior, dou-lhe ciência de que havendo recebido comunicação de tal decisão, no dia 19 do corrente, ao aqui chegar, repelindo tão insólito desejo, provoquei o govêrno a que me submetesse a processo, em ofício de 21.

O seu *Jornal* de 30 de julho, hoje lido, alegrou-me pois, por ver que faz de mim o conceito que desejo merecer.

Guardando as reservas convenientes pode declarar nas *Várias,* — que sabe haver o Barão do Ladário, declarado *oficialmente* ao govêrno, que não o obedecia:

1.º Em terminar com as palavras saúde e fraternidade, *também* a sua correspondência particular: admitindo-as, na oficial porque não as julga um preito à religião dita da humanidade e nem aos sectários de Augusto Comte; pois do contrário não as admitiria:

2.º Em firmar sua correspondência oficial com o nome de família: ordem essa de exorbitância do govêrno, saindo fora da lei, e desatendo a direitos que tem e que os sustentará, custe o que custar.

Ao meu am.º Dr. Augusto Gurgel mando cópias do quanto disse: e se as desejar ler, mostrando esta carta, êle não duvidará atender.

Com o espírito abatido pelos desastres da pátria, vou fazendo votos pelo meu regresso sem demora.

Sempre disponha do

Am.º obr.º e at.º cr.º

Barão de Ladário

I — 3, 3, 28

JOÃO CALDAS VIANA *E OUTROS*

418.

Amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues:

Rio, 10 — outubro 1894

Mais talvez do que a V. S.ª, nos surpreenderam dolorosamente as cartas que ao coronel Cota dirigiram os nossos companheiros Srs. Antônio Leitão e Dr. Pederneiras, em resposta graciosa a uma difamação publicada por aquêle senhor no *País,* contra o *Jornal* e o seu digno chefe. Êsses nossos companheiros, sobretudo o primeiro, que entrou em longas e detidas minuciosidades, aliás falsas, no tom da mais submissa afabilidade, quebraram inexplicàvelmente a solidariedade que nos une nesta casa, e procuraram demitir de si mesmos, não sabemos com que vantagens, a responsabilidade que nos cabe a todos nós nos limites de nossas fôrças, e de que nos ufanamos, tentando assim lançar-nos à odiosidade daquele

amigo comum dêles. Não precisamos dizer a V. S.ª que nos é perfeitamente indiferente o que possa pensar aquêle coronel ou quem quer que seja a nosso respeito com relação ao *Jornal*. O que não podemos, porém, é deixar de lastimar profundamente e de desaprovar do modo mais positivo a resolução que ditou as cartas dos nossos companheiros, e é isso o que lhe queremos significar da forma mais expressiva.

Não quisemos vir a público protestar contra o procedimento daqueles companheiros, porque essa nossa atitude poderia acarretar embaraços e dificuldades na hora presente para V. S.ª e para o *Jornal*: ser-nos-ia extremamente penoso havermos contribuído conscientemente para aumentar os muitos dissabores que o devem ter atribulado neste longo e incomparável período de baixezas e de misérias.

Por outro lado seria uma falta imperdoável de lealdade de nossa parte assistirmos silenciosos e sem veemente protesto àquelas publicações que tanto nos surpreenderam por partirem daqueles a quem como a nós cabe zelar por um depósito que em tanto nos honra e nos desvanece. Esta carta significa precisamente isto.

Queira V. S.ª continuar a honrar-nos com as suas ordens, e aceitar os protestos da nossa amizade e da nossa mais elevada consideração.

De V. S.ª am.os af.os e obr.os
J. Caldas Vianna
Roberto de Mesquita
Carlos Americo dos Santos
Feliciano José Neves Gonzaga

I — 3, 5, 50

JOÃO CARLOS DE SOUSA FERREIRA

419.

Dr. J. C. Rodrigues

Julgo do meu dever esclarecer mais um tópico do artigo publicado hoje relativamente à emprêsa do *Jornal do Comércio* na parte em que a mim se refere.

Neste intuito afirma que:

Não entrei em nenhum sindicato para a aquisição do *Jornal do Comércio*.

Não autorizei a apresentação do meu nome ao Sr. Marechal Floriano Peixoto nem para êsse, nem para nenhum outro fim.

Agradecer-lhe-ei a publicação destas linhas.

Rio de Janeiro, 1.º de janeiro de 1895.

J. C. de Souza Ferreira

I — 3, 2, 63

ROTHSCHILD

420.*

London, [21.2.1895]

Rodriguez — Rio

Very much obliged telegram which we consider highly satisfactory.

Rothschild

I — 3, 14, 19

MARTIN GARCIA MEROU

421.

Martin Garcia Merou, acepta agradecido la amable invitación del Sr. D. José Carlos Rodrigues para almorzar en su casa el dia 22 del corriente a las 12 p. m.

Marzo 17 — 1895.

I — 3, 3, 61

JOSÉ VERÍSSIMO DE MATOS

422.

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Devo a V. Ex.a desculpas, e lhas dou cordiais, por não ter até agora dado cumprimento ao compromisso por mim tomado, quando me fêz V. Ex.a a honra de convidar para colaborar no jornal de que, com tanto brilho, é digníssimo redator-chefe. Como disse ao seu estimável sobrinho, tive naquele momento por motivo de saúde em pessoas de minha família de ir para fora da capital onde me faltavam as comodidades e os meios de trabalho regular e digno do *Jornal do Comércio.* Devendo desde o dia 1 do futuro mês, achar-me de nôvo em minha residência nesta capital, tomo a liberdade de perguntar-lhe se precisa ainda V. Ex.a dos meus serviços, reiterando-lhe as desculpas que peço por aquela falta.

Com o maior aprêço e estima

De V. Ex.a

Obscuro confrade e adm.or obg.o

José Verissimo

Rio, 23-3-95

I — 3, 3, 52

---

* Telegrama.

CARLOS LÔBO D'ÁVILA

423.

30 Abril 95

Ilm.^mo^ Ex.^mo^ Sr.

Sua Majestade El-Rei dignou-se conceder a audiência que pedi para V. Ex.ª, e que deve realizar-se amanhã, 1 de maio, no paço das Necessidades, pela 1½h. da tarde. A essa hora eu estarei no paço para ter a honra de apresentar V. Ex.ª a Sua Majestade.

Com particular estima e consideração

De V. Ex.ª
Adm.^or^ confrade e criado obr.º
Carlos Lobo d'Avila

I — 3, 1, 47

RUI BARBOSA

424.

17. Holland Park Gardens
11 de junho, 95.

Am.º Dr. J.^e^ Carlos

Sinto muito a persistência dos seus incômodos, em que me fala na sua carta de ontem, recebida hoje. Eu não tornei a procurá-lo, receando, nas suas circunstâncias atuais, não encontrá-lo em casa, ou ir importuná-lo nos seus momentos de repouso.

Eu e os meus muito lhe agradecemos a fineza dos seus convites para a festa floral de Regent's Park.

Fico-lhe obrigado pelas informações, que me dá, acêrca da nossa terra, de onde não sei nada mais. Não sei porque, a mala do Madalena, chegado, há cinco dias, a Lisboa, ainda não foi distribuída.

Graças pelo que me diz a propósito do *Jornal*. Permita-me, porém, observar-lhe que êle não tem débito nenhum comigo. Quando, por intermédio do Powell, recebi o seu convite, que me franqueava a honra da colaboração naquela fôlha, não se me falou, nem eu pensei em remuneração. Creia, pois, que estou mais que pago com o gôsto de ser um dia operário numa emprêsa que eu considero quase como uma instituição nacional, e cujos perigos, nos últimos dias da ditadura, acompanhei com a ansiedade de quem tivesse nela os maiores interêsses. Dessa satisfação não me quero privar, envolvendo-a em considerações de outra ordem, quaisquer que sejam as minhas dificuldades.

Seu am.º obr.º
Ruy Barbosa

I — 3, 1, 49

J. J. REVY

425.

(89, Sunderland Road, Forest Hill)
London, June 19th 1895

Dear Sir,

On my return from abroad, I met at the Brazilian Consulate M.r Dario Freire, and heard of your arrival in London.

I think you will remember me by name, having for many years been "Chefe da Commissão de Saneamento da Capital"; my reports to Government having also been published in the "Jornal do Commercio".

I should be glad to consider with you some important matters referring to Rio de Janeiro; and would thank you kindly to name a day and hour convenient for you to receive me for a conference on the Sanitary question.

Believe me,
Dear Sir,
Yours very truly,
J. J. Revy

Ill.o Sn.r D.r José Carlos Rodrigues,
Savoy Hotel, London.

I — 3, 4, 41

JULIUS MEILI

426.

Zurique, 22 de outubro 1895.

Il.mo Sr. Dr. Carlos Rodrigues do Rio de Janeiro aos cuidados da Legação do Brasil

55. Caizon Street, Mayfair W Londres.

Il.mo Sr.

Quando em julho voltei das montanhas onde tinha ido por umas semanas para mudar de ares, achei em casa o seu cartão e imediatamente fui ao seu encontro no Hotel Baur du Lac onde porém me disseram que V. S.a só pouco tempo lá tinha ficado. Senti muito não ter tido o prazer de cumprimentar a V. S.a.

Em agôsto fui para Manchester e voltando de lá em setembro fiz em Londres, como tenho por costume, uma visita em casa de W. S. Lincoln & Son, negociantes de moedas e medalhas e soube que V. S.a lá também tinha estado. Fui incontinenti para o Hotel Victoria que o Sr. Lincoln me indicou, mas de lá V. S.a já tinha partido.

De Londres eu agora voltei para aqui por via de Hamburgo e Berlim, mas nestas cidades não tive a fortuna de lhe encontrar e até não sei se V. S.a ainda

está na Europa. No caso afirmativo e se o seu caminho lhe levar mais uma vez para esta Suíça eu venho pedir-lhe o obséquio de informar-me com alguma antecedência desejando eu muito ter o gôsto de cumprimentá-lo e recebê-lo em nossa casa. Entretanto, agradeço-lhe a visita que V. S.ª teve a boa lembrança de querer fazer-me quando eu estive ausente de Zurique.

Foi uma novidade para mim saber que V. S.ª também se interessa em moedas e peço licença de oferecer-lhe um exemplar de minha última publicação a respeito das moedas do Brasil Colonial — outro exemplar já tomei a liberdade de remeter ao seu Jornal em agôsto.

Dedicado às suas ordens sou com particular estima de V. S.ª

at.º Venerador e Cr.º
Jul. Meili

Casa Cramer Frey & Co.

I — 3, 5, 63

VITÓRIO DA COSTA

427.

Il.mo Sr. Dr. José C. Rodrigues.

Agradecido ao imerecido conceito com que me honrou o *Jornal do Comércio,* participo ao Dr. que só ontem às 10 h. da noite declarei ao Sr. Ministro que aceitaria o cargo de Diretor Geral dos Correios para o qual fôra convidado com insistência pelo Govêrno. Não é pequeno o sacrifício que faço para corresponder a êsse honroso apêlo, mas sinto-me compensado pela benevolência e gentileza com que o Dr. e outros amigos me têm distinguido. Em Petrópolis para onde tive de vir esta manhã, me conservarei, talvez até o fim da presente semana, a bem dos serviços da diretoria de Obras Públicas, ainda ao meu cuidado.

Com a mais distinta consideração e afeto,

De V. S.ª
at.º patr.º e obr.º cr.º
Victorio da Costa

S. C.
Petrópolis — 19 novembro 1895.

I — 3, 2, 48

JOSÉ DE MELO CARVALHO MONIZ FREIRE

428.

Vitória, 2 de junho de 1896.

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Guardarei como preciosa relíquia pelo resto da minha existência o número do *Jornal do Comércio* de 23 do mês passado.

Creio que não poderia manifestar de modo mais sincero o meu profundo aprêço pela apreciação honrosíssima que fêz o *Jornal* do meu govêrno.

Devo porém confessar-me especialmente penhorado pela deferência e simpatia tributadas pelo *Jornal* ao Espírito Santo, destacando-se para aqui na pessoa de um dos seus distintos redatores a fim de tomar parte nas festas realizadas em homenagem ao meu ilustre sucessor e ao govêrno que findou.

Queira V. Ex.ª aceitar os protestos de muita gratidão, estima e alta consideração do

am.º af.º admir.ºʳ e col.ª

Moniz Freire

I — 3, 2, 68

ROSENDO MONIZ BARRETO

429.

Paris 19 de junho de 1896

Il.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Sr. José Carlos Rodrigues

Recebi a apreciável carta de V. Ex.ª de 12 de maio que me chegou às mãos em meados dêste e agradeço as expressões de aprêço com que me distingue.

Dias antes tinha-me procurado o nosso amigo o Sr. Mesquita e anunciado as modificações que se operavam no serviço das correspondências européias do *Jornal do Comércio.*

Na imprevisão dêsses fatos não tinha procurado nem aceito outras correspondências além da que faria para o *Jornal do Comércio* desde outubro último. Por isso a decisão tomada fêz-me um certo transtôrno.

Pelo nosso Amigo Sr. Mesquita soube porém que o *Jornal* continuava após as modificações introduzidas a não ter correspondência parlamentar e política de Paris. Se ao jornal conviesse manter essa correspondência, como penso deve convir, ofereço-me para fazê-la ajuntando-lhe com um pseudônimo a correspondência de Madri que reveste neste momento uma importância particular de atualidade por causa da questão cubana.

Esperando que V. Ex.ª aceite esta combinação deixo a V. Ex.ª o arbitrar a remuneração que lhe pareça razoável por essas quatro correspondências mensais. E tenho a honra de ser

De V. Ex.ª
Criado atento e obgd.º

Moniz Barreto

50 Rue des Écoles.

I — 3, 1, 50

ANDRÉ CAVALCÂNTI

430.

Gabinete do Chefe de Polícia, em 3 de setembro de 1896.

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Agradecendo a gentileza do convite que me dirigiu, declaro a V. S.ª que com a maior satisfação comparecerei.

Com subido aprêço sou
De V. S.ª
Col.ª e am.º af.º
André Cavalcanti

I — 3, 2, 14

J. WALKER

431.

Petrópolis, Set. 3/96
Sr. Don J. C. Rodrigues
Rio de Janeiro

Mui Estimado Señor

Agradezco á Ud. su invitacion para el dia 8. Me haré un honor, en concurrir á ella, aun cuando mi Sra. no podrá acompañarme por motivos de salud.

Aprovecho la oportunidad para ponerme á sus ordenes como su afmo. S. S.

Joaq. Walker

I — 3, 5, 54

LUÍS FILIPE DE SOUSA LEÃO

432.

A S. Ex.ª, o Sr. Dr. J. C. Rodrigues, o abaixo-assinado tem a honra de cumprimentar, agradecendo o seu amável convite, que com muita satisfação aceita.

Rio, 3 de setembro 1896

Luís Filippe de Sousa Leão

I — 3, 3, 31

SEVERINO VIEIRA

433.

Rio, 3 de setembro de 1896

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Acuso recebido hoje o seu honroso convite para a reunião que se digna dar, na noite de 8 do corrente, em honra à Esquadra Argentina. Aceitá-lo é o primeiro modo que se me oferece de manifestar o meu agradecimento pela gentileza

com que V. Ex.ª bondosamente me distingue; pode, portanto, contar com o meu comparecimento.

Protestando a V. Ex.ª as seguranças da minha sincera estima e elevado aprêço peço permissão para subscrever-me

admirador am.º e obrg.mo
Severino Vieira

I — 3, 5, 51

JOVINO AIRES

434.

Rio, 4 de setembro de 1896

Ao Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues cumprimenta o Secretário da Redação d'*O País* e participa-lhe que esta fôlha corresponderá a delicadeza do convite de V. S.ª, fazendo-se representar na casa de sua residência na noite de 8 do corrente pelo abaixo-assinado.

Jovino Ayres

I — 3, 1, 5

LUÍS RAFAEL VIEIRA SOUTO

435.

Rio, 4 de setembro de 1896

Amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Acuso o recebimento do seu convite para o baile de 8 do corrente. Conto nessa noite ter a honra de ir apresentar-lhe os meus cumprimentos e agradecer a sua gentileza, não podendo minha mulher fazer outro tanto, por não ser satisfatório o estado de sua saúde.

Com tôda a consideração subscrevo-me

Am.º at.º e agr.º
L. R. Vieira Souto

I — 3, 5, 33

SILVESTRE RODRIGUES DE SOUSA TRAVASSOS

436.

Ilustre Cidadão Dr. J. C. Rodrigues.

Em conseqüência do meu estado de saúde, deixo, contra gôsto meu, de comparecer à recepção que pretendeis fazer em 8 do corrente à Ilustre Oficialidade da Divisão Argentina surta neste pôrto, rogando-vos que sejais o tradutor dos meus sentimentos de admiração por essa Nação amiga.

Com a maior estima e consideração sou Vosso Admirador e Amigo.

Sylvestre Rois de S.ª Travassos

4.9.96

I — 3, 5, 44

BERNARDO VASQUES

437.

Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1896.

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Agradecendo penhoradíssimo a honra do convite que V. Ex.a teve a gentileza de dirigir-me e a minha família para terem a honra de passar a noute de 8 em sua residência, sentimos não poder, nem eu, nem minha família gozar êsse prazer, esta por estar fora da Capital, e eu por ter, na mesma noute, de comparecer ao Club Militar, na recepção à oficialidade argentina.

Aproveitando o ensejo, asseguro a V. Ex.a os protestos de cordial estima, por ser

De V. Ex.a
at.o cr.o e adm.or

Bernardo Vasques

I — 3, 5, 48

FRANCISCO DE PAULA ARGOLO

438.

Capital Federal, 5 de setembro de 1896.

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Agradecido pela vossa gentileza e sumamente penhorado pelo vosso honroso convite, sinto não me ser possível aceitá-lo devido achar-me comprometido para a noute de 8 do corrente.

Com a máxima consideração e elevada estima

Atento cr.o obr.o

Fran.co de Paula Argollo

I — 3, 1, 43

JOSÉ FERREIRA DE SOUSA ARAÚJO

439.

Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1896

Ao Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues agradeço penhoradíssimo a gentileza do convite para sua casa na noite de 8 do corrente, pedindo desculpas se não comparecer, em virtude de compromisso anterior.

Ferreira de Araujo

I — 3, 1, 41

JOSÉ TOMÁS DA PORCIÚNCULA

440.*

J. T. Porciuncula acusa recebido o honroso convite para passar a noite de 8 do corrente na residência de V. Ex.ª no que terá muito prazer.

Petrópolis, 5 de setembro de 1896.

I — 3, 14, 14

BELISÁRIO AUGUSTO SOARES DE SOUSA

441.

Ex.mo Sr. Dr. J. C. Rodrigues

Só hoje chegou-me às mãos o honroso convite com que V. Ex.ª distinguiu-me.

Um incômodo de saúde, que há dias prende-me em casa, priva-me do grande prazer de tomar parte na reunião, que V. Ex.ª realiza em honra à brilhante Esquadra Argentina. Muito penhorado pela gentileza do convite, aproveito o ensejo para mais uma vez apresentar a V. Ex.ª os protestos de minha estima e consideração.

De V. Ex.ª
amigo obrigado e admirador
Belisario Augusto Soares de Sousa

6.9.96

I — 3, 5, 27

D. M. FOX

442.

London, Nov. 24th 1896

My Dear Friend.

I am sure you will be pleased with the letters Mr Parsons has sent you on the "Sanitation of Rio". They are very instructive and suggestive, and, dealing as they do with facts, must carry weight.

Mr Parsons has been placed in a somewhat delicate position. He is not the man to be a party to the attempt to injure the existing "City of Rio Improvements Company" — which, awing to circumstances entirely beyond their control, is at present in difficulties, and it must be clearly understood that he is in no way associated with any hostile combination in Rio or elsewhere, whose object seems to be the depreciation of the property of the existing Company Rather, I take it, he would wish to bring about such an equitable arrangement with the Rio Improvements Company as would enable further capital to be raised in this Country for the amelioration of the presente drainage system on modern

* Cartão.

lines (which this Company are by força major precluded from carrying out) for the thorough drainage of the subsoil and the other sanitary measures he indicates as necessary to render Rio a healthy and pleasant place to live and do business in. I think it right to make these few remarks as it was through me it came about that Mr Parsons was asked by you to contribute these articles on the sanitation of Rio to your influential paper.

You and Lamareux seem to be having a battle royal. He has no right to write in his flippant way.

Always yours
Very Sincerely
D. M. Fox

Ilmo. Senr. Dr.
José Carlos Rodrigues
&&&
Rio de Janeiro.

I 3, 2, 65

A. C. PARSONS

443.

26th. November 1896

Senhor Don José Carlos Rodrigues

"Jornal do Commercio"

Rua d'Ouvidor, Rio de Janeiro.

Dear Mr. Rodrigues,

At the request of numerous friends in Buenos Aires I have had my paper upon the Buenos Aires sanitary works translated into Spanish and also the plates accompanying the same re-engraved and the text converted into Spanish.

This was done as the inhabitants of Buenos Aires have a very sucanty idea of the vastness of the works in that city, as they are almost entirely below the surface of the ground.

I have thought that your friends who are interested in such matters and who would no doubt easily read Spanish, might be interested in making themselves acquainted with the improvements which have been carried out in Buenos Aires and which have been so successful that a project is now before the Government for extending the same, as the city has increased so much since we first designed the works.

I am therefore, sending you by this mail one dozen copies of my paper for presentation, and I shall be much obliged if you will insert in each copy the name of the gentleman to whom you present it and add to the same "with the Author's Complements".

I enclose, herewith, the parcel receipt for the books so that you can claim the same from the Royal Mail Steam Packet Company.

Hoping you are well,

Believe me,
Yours very truly,

A. C. Parsons

I — 3, 3, 84

MAURÍCIO DE ABREU

444.

14 de janeiro de 1897

Aos fluminenses amigos Dr. José Carlos Rodrigues e João Lopes que em seu *Jornal* e pessoalmente prestaram ao Estado e à República os serviços de combater a perigosa e impatriótica interpretação do N.º 4 do Art. 6.º da Constituição Federal dada pelo Vice-Presidente da República os meus agradecimentos sinceros que são os do Estado ao qual tenho a honra de presidir.

Peço aceitarem os protestos de consideração e estima do

am.º at.º obr.º

Mauricio de Abreu

I — 3, 1, 2

OTÁVIO CAGIANO DE AZEVEDO

445.*

Anticamera Pontificia al Vaticano

Nel giorno di Dom.ca 2 Mag 1897 alle ore 7½ a Ill Signor Carlo Rodriguez (Brazile) potrà assistere alla Messa di Sua Santità nella Cappella del l'Appartamento Pontificio senza però farvi la S. Comunione.

Il Maestro di Camera di S. S.

O. Cagiano de Azevedo

I — 3, 14, 4

* Cartão.

D. W. WALLACE

446.

5 July 97

Dear Sir,

I have to thank you for your letter of the 2.d inst. and to express our regret that we did not hear earliest of the Sympathetic articles of the Rio newspaper in general and of the *Jornal do Comercio* in particular. I need hardly say that the letter is well known to us and due appreciated.

I am faithfully
D. W. Wallace

P. S. I think I had the pleasure of .... you .... in Lisboa at the home of my late friend M. Oliveira Martins.

J. C. Rodrigues Esq.
Hotel Victoria
London

I — 3, 5, 53

JOÃO BRASIL SILVADO

447.

Rio, 16 — agôsto — 97

Exm.º Dr. José Carlos Rodrigues

O *Jornal do Brasil* combateu a doutrina firmada pelo último acórdão da Côrte de Apelação sôbre a competência da Polícia para processar e julgar os contraventores (vagabundos, ébrios, cáftens, prostitutas, etc.) de acôrdo com o art. 399 e 400 do nosso Código Penal.

Em resposta a êsse artigo, que incluso remeto, o Dr. Segadas Viana, delegado circunscricional que, de acôrdo com esta Repartição Central, levantou a questão, escreveu o artigo, também incluso, no qual rebate, com vantagem, a investida do adversário.

Mandando publicar essa resposta muito obrigará V. Ex.ª ao seu

adm.dor sinc.º e am.º
Brasil Silvado

P.S. Houve recurso para o Supremo Tribunal, que, sábado, resolverá a final.

I — 3, 5, 22

ANDLEY GOSLING

448.

Rio de Janeiro

29 Dec 1897

Dear Dr. Rodrigues

Mr. Andley Gosling and our fellow passengers the recipients of your great kindness and attention have asked me in their names to convey to you the expression of their heart felt gratitude and further to express the hope that some day we may enjoy to great pleasure of renewing on .... which has been so great a soon to us all.

He also beg that you .... convey to .... Dom José Santos our sincere thanks for all his kindness.

Believe me
Dear Dr. Rodrigues
Yours very truly
Andley Gosling

I — 3, 2, 89

JÚLIO DE CASTILHOS

449.

Palácio do Govêrno em Pôrto Alegre, 17 de janeiro de 1898

Il.mos Srs. Rodrigues & Cia.

Rio de Janeiro

Comunico-vos, em resposta à vossa carta de 5 do corrente, que providenciei em data de hoje para o Tesouro dêste Estado mandar pagar nessa Capital a quantia de trezentos e noventa mil réis, proveniente da publicação no vosso *Jornal do Comércio* de um edital sôbre o prolongamento da Estrada de Ferro de Pôrto Alegre a Nôvo Hamburgo, conforme a conta enviada.

Subscrevo-me com máxima consideração

Julio de Castilhos

I — 3, 2, 9

W. WAGSTAFF

450.

May 12. 1898.

Dear D.r Rodrigues.

Will you allow me to offer you a copy of my Report for last year.

You will see that a large portion of it was extracted from the "Jornal", indeed I d'ont know what we should do without your Annual Retrospect on the trade of the Country: it is particularly invaluable to Consuls in the absence of official statistics.

With kind regards
Believe me,
Yours very truly
W. Wagstaff

I — 3, 5, 52

JOÃO LINS VIEIRA CANSANSÃO DE SINIMBU

451.

Il.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Fui agradàvelmente surpreendido com a recepção da sua prezada carta do 1.º do passado. Ansiava ter ocasião de encetar uma correspondência que além de satisfação pessoal, pode ser de proveito ao País, que é hoje o ídolo, a cujo culto, embora já no último quartel da vida estou consagrando com entusiasmo de môço aquelas fôrças que só o patriotismo pode inspirar. Muito agradecido pois pela iniciativa que tomou, e que espero será seguida de maior freqüência, ainda que não lhe possa prometer que será correspondida em igual grau.

Conhecendo quanto o domina o amor da Pátria, e vendo que se acha colocado em situação de ser-lhe, como já tem sido, de imensa utilidade, transmitindo daí os raios de uma civilização que mais se coaduna com a nossa natureza e caráter americano, eu lhe peço encarecidamente que continue a escrever-me, indicando tudo quanto julgar que é útil e aplicável ao nosso País, e a nossa atual situação.

Difícil e penosa é a tarefa de que me encarreguei, mas espero e confio da bondade do Altíssimo, que me dará tino e fôrça para superar as dificuldades com que estamos lutando no empenho de aliviar os sofrimentos de nossos compatriotas do norte, e elevar o nosso país do abatimento moral em que tantos erros acumulados o fizeram descer!

Passando ao ponto capital da carta com que me honrou, devo dizer-lhe e isto mesmo comunico a nossa Legação em resposta a pergunta que me fêz. Não está no pensamento do Govêrno, vender, e nem mesmo arrendar a Estrada de ferro de D. Pedro 2.º. Houve quem disso se lembrasse quando se tratou de procurar meios [de] ocorrer ao deficit que achamos.

O Govêrno porém que pode superar a vaidade nacional, desfazendo-se de uma poderosa arma de guerra, o Independência, que a outros causaria orgulho, não aceitou a sugestão de entregar a estranhos a grande artéria de nossa viação férrea.

Não direi que seja isso impossível; quem pode dominar as circunstâncias? mas por ora não pensamos nisto, e quando assim seja, posso asseverar-lhe que

dessa resolução terão prévio conhecimento os ilustres cavalheiros que tiveram a lembrança de pensar em nós. O sentimento de confraternidade americana vai ganhando imenso terreno, e para isso muito concorreu a certeza do modo benévolo e hospitaleiro com que pelos americanos do norte foram recebidos e tratados os soberanos dos americanos do sul.

A linha de vapôres que se acaba de inaugurar começa sob os melhores auspícios. Fazemos sinceros votos pela prosperidade da emprêsa.

Desejando-lhe saúde e tôdas as prosperidades peço-lhe que aceite os protestos de estima com que sou

De V. S.
colega, a.º criado
João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu

Rio de Janeiro, 4 de junho 1898

I — 3, 5, 25

CARLOS DE MESQUITA

452.

Paris, 8 de setembro 1898:

1, Place Armand Carrel

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues,

Contra a vontade de meu irmão que disse-me que não o incomodasse, venho roubar-lhe alguns momentos da sua atenção e pedir-lhe se fôsse possível a sua intervenção direta ou indireta para o caso urgente de que se trata.

O diretor do "Theatre des Arts" de Rouen escreveu-me propondo-me para a atual estação a exibição de minha ópera *Esmeralda,* que tenho pronta *há dez anos,* e pedindo-me o auxílio de dez mil francos para as despesas.

Como talvez saiba o teatro de Rouen é subvencionado pelo govêrno francês e é uma honra para qualquer artista, principalmente estrangeiro, representar ali um seu trabalho. São ocasiões únicas que se apresentam na vida do artista.

A minha má cabeça tem alienado de mim as simpatias e a proteção de que em tempo gozei e que nesta emergência me seriam de tão grande utilidade.

Não fôsse isso, aqui mesmo eu teria levantado essa soma, tanto mais quanto, se a ópera tiver bom êxito, ela poderia talvez ser retribuída a quem a adiantasse.

Lembrei-me de dirigir-me ao govêrno do Brasil e a esta hora talvez o Sr. Ministro Dr. Amaro Cavalcânti já esteja ao par dêsse meu pedido. Sei que pessoalmente nada mereço mas o artista anima-se a recorrer ao seu Govêrno, pedindo-lhe que mande pôr à disposição do diretor do teatro de Rouen, por intermédio da legação ou do modo que entender, a soma exigida para a exibição em França de uma ópera brasileira.

Poderá o Sr. Dr., a quem me prendem simplesmente laços de respeito e simpatia, fazer alguma cousa por mim, se não diretamente pelo menos por intermédio de algum amigo?

É um serviço que prestará a arte brasileira, com o qual certamente lucrarei. pois verei o meu nome menos esquecido.

Peço-lhe que não leve a mal êsse meu pedido e que me mande dar uma resposta qualquer com a possível urgência, pois trata-se de exibir a ópera na atual estação teatral que vai começar.

Com os protestos da minha elevada consideração subscrevo-me seu patrício e admirador

Carlos de Mesquita

I — 3, 3, 62

JOAQUIM DE OLIVEIRA CATUNDA

453.*

Em nome da Mesa do Congresso Nacional tenho a honra de convidar-vos para a sessão solene que se celebrará no edifício do Senado Federal no dia 15 do corrente mês, a uma hora da tarde, e na qual serão empossados de seus altos cargos o Presidente e o Vice-Presidente da República, eleitos para o terceiro período constitucional.

Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1898.

Ao Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

O 1.º Secretário
J. Catunda

I — 3, 14, 10

CHARLES PAGE BRYAN

454.

Petropolis, December 8, 1898.

My Dear Dr. Rodrigues: —

It is my rule never to take any notice of journalistic comments concerning my self personally, bu when a publication seems to affect my country, then I am more inclined to speak. Today, in the always interesting "Varias", I noted that in quoting a pessimistic article from the Rio News, this paper was referred to as the "American Organ". While I have none but pleasant relations with the editor of the Rio News, his impressions concerning Brazil and her interests, as I understand them, are so diametrically opposed to my own, and to those of a vast majority of my countrymen, that I feel it an injustice to us all to mention the newspaper in question as in any sense a North "American Organ". I hardly need tell you that from the moment of my arrival in Brazil, I have labored with all my might to encourage an optimistic expression which I

---

* Cartão.

thought would assist in the building up of the financial interests of this great country. I have gone so far as to appeal, not only officially, but personally, to all the members of the American colony with whom I have thought I possess influence, to follow a like policy, which I believed would be conducive to both Brazilian, and our own, national interests. In the United States of America, the universal regard entertained for Brazil has grown into real affection. No better evidence of this sentiment on the part of President McKinley's Administration could have been given than that of its willingness, in a moment most critical, to divert, in order to pay a friendly compliment to your incoming Administration, from an urgent call to the Pacific, the special service squadron directed to our new possessions. I cannot resist the impulse of giving this personal expression to so good a friend of our country and its representatives as you have shown yourself, and I do so confidentially, and, of course, not for publication. I dictate, rather than write myself, because I am bound to my bed with a sprained leg in plaster of Paris.

If there is time in the last days of the session of Congress to take up and act on our Extradition treaty, it would be a great gratification to me, and I well know how potent and willing you are to assist in this direction.

Do not in the midst of your absorbing occupations trouble to answer this letter, which we can talk over when we meet — a near pleasure, I trust, for me.

With best compliments to your family circle,

I am

Yours very sincerely,

Charles Page Bryan

Dr. Carlos José Rodrigues (sic)
Editor Jornal do Comercio

I — 3, 1, 84

CONSTÂNCIO ALVES

455.

Rio, 1-1-99

Il.mo e Exmo. Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Cumprimento com o maior afeto e consideração a V. Ex.a no dia de hoje, tão caro à Cristandade, fazendo os votos mais sinceros pela felicidade de V. Ex.a e da Ex.ma família no ano que começa.

De V. Ex.a

admirador e criado muito agradecido

Constancio Alves

I — 3, 1, 17

AFONSO CELSO DE ASSIS FIGUEIREDO JÚNIOR, *CONDE DE AFONSO CELSO*

456.

Rio, 8-3-99

Ex.mo Colega e Amigo Dr. José Carlos Rodrigues.

Muito e muito obrigado pelas eruditas e importantes informações que teve a bondade de me enviar relativamente às edições portuguêsas da *Imitação de Cristo.*

Hei de aproveitá-las na publicação definitiva do meu trabalho.

Por êstes dias, prevalecendo-me da sua gentil autorização, enviarei para o *Jornal* alguns capítulos da versão da quarta parte da incomparável obra. São de leitura própria para a Quaresma e a Semana Santa, de sorte que terão oportunidade.

Aperta-lhe a mão, com sincero aprêço e estima, o

Seu *ex corde*

Affonso Celso

I — 3, 1, 4

JOAQUIM JOSÉ CAMPOS MEDEIROS E ALBUQUERQUE

457.

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Quando, há dias, tive ocasião de lhe pedir lugar para a publicação de diversos artigos sôbre instrução municipal, disse-lhe que seriam cinco ou seis. Envio-lhe hoje o sexto e último.

Aproveito a ocasião para agradecer-lhe a extrema gentileza com que os acolheu e pedir-lhe que aceite os protestos de consideração do

adm.or obr.o

Medeiros e Albuquerque

Em 21-6-99

I — 3, 1, 7

E. ARCO

458.

Petrópolis le 18 juillet 99

Mon cher Monsieur Rodrigues,

J'ai à coeur de vous répéter encore mes plus vifs remerciements de la charmante fête que vous m'avez réservée.

J'apprécie hautement l'honneur que vous m'avez fait et il m'a été précieux de pouvoir entrer dans votre maison dans des conditions si agréables et si riantes. J'ai bien remarqué aussi votre touchante attention d'inviter le "party" complet que vous aviez rencontré dans ma chacara. J'étais mal préparé, ou même pas du tout, pour vous exprimer toute ma reconnaissance et ma grande satisfaction. Permettez moi par conséquent de vous adresser par écrit mes remerciements et de vous dire que je suis profondément attaché à votre grand et beau pays et que j'apprécie hautement la charmante hospitalité que je trouve chez les Brésiliens et chez des personnages si éminents et si influents que vous.

En faisant les meilleurs voeux por vous, mon cher Monsieur Rodrigues, et pour tous les vôtres, je reste

Votre tout dévoué

E. Arco

I — 3, 1, 42

DERBY CLUB

459.*

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

A Diretoria tem a honra de convidar a V. Ex.a e sua Ex.ma Família para assistirem à Grande Corrida em honra a S. Ex.a o Sr. Presidente da República Argentina General D. Júlio Roca, a qual se realizará em 13 de agôsto de 1899.

Rio, 2 de agôsto de 1899.

O 1.o Secretário

Dr. Mor.a Pacheco

I — 3, 14, 45

GABINETE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

460.*

Rio de Janeiro, 13 de agôsto de 1899.

O Secretário da Presidência da República, de ordem de S. Ex.a, o Sr. Presidente da República, remete a V. Ex.a o incluso cartão, esperando que V. Ex.a e sua Ex.ma Família se dignarão tomar uma chávena de chá no Jardim Botânico, às 3 ½ horas da tarde de 15 do corrente, dia em que o Sr. General Julio Roca, sua comitiva e oficialidade da Divisão Argentina visitarão aquêle estabelecimento.

Êsse cartão é intransferível e só deve aproveitar às pessoas da família de V. Ex.a

I — 3, 14, 46

---

* Cartão.

DOMINGOS DE GÓIS E VASCONCELOS

461.

Il.mo Sr. Dr. J. C. Rodrigues

No ano de 1899, até a presente data, entraram 165 cadáveres, para os estudos práticos das cadeiras de anatomia descritiva, anatomia patológica, anatomia médico-cirúrgica, operações e aparelhos, segundo acabo de ver no livro de assentamento do Instituto anatômico desta Faculdade.

Devo ainda declarar que êste ano foi o que maior número de cadáveres recebeu para os referidos estudos.

Do seu adm.or e amigo

Domingos de Góes

16-dezembro-99

I — 3, 5, 47

ANTÔNIO JANUÁRIO PINTO FERRAZ

462.

São Paulo, 4 de fevereiro de 1900.

Meu caro e bom amigo

Não tendo encontrado o Dr. Elias Fausto Pacheco Jordão, deixei, ontem, em poder do Prado, Chaves & Cia. para entregar-lhe as £30 que tão bondosamente me emprestou, em Londres.

Aproveito ainda mais esta oportunidade para manifestar-lhe a minha sincera gratidão por êsse, e por tantos outros obséquios que, do meu caro Rodrigues, recebi durante a nossa viagem e minha estada em Londres.

Nunca o esquecerei, creia-me,

Com veras d'alma, sou
Colega e am.o af.o

A. J. Pinto Ferraz

Nota: Entreguei R.s 944 260, conforme a redução que, por pedido meu, fêz o London Bank, ao câmbio corrente, à vista.

I — 3, 2, 62

PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO

463.

Florença, 1.º de junho de 1900

46 via Pier Capponi.

Meu prezad.mo Amigo Dr. C. Rodrigues.

A falta de saúde e de dinheiro não me permite ir abraçá-lo em Paris, pelo menos antes do outono, como eu quisera. Portanto permita-me que daqui, e por êste meio, lhe fale de assunto que poderia interessar o *Jornal do Comércio,* interessando-me também.

Consta-me que o Amigo não está muito satisfeito com o correspondente italiano da magnífica fôlha; e como conheço passàvelmente êste país, pensei em consagrar algumas horas do dia colhendo material para *duas correspondências mensais* como creio que fazia o último ou atual correspondente.

O ilustre Amigo arbitraria uma gratificação mensal, assim como o modo de ma remeter, e ao mesmo tempo o número de tiras de papel, calculando o caráter ou letras como na presente carta, que terá a bondade de me desculpar.

Expus no *Salon* e na Seção de pintura da *Exposição Universal.* Se o Amigo vir alguns dos meus trabalhos, peço-lhe que me mande dizer a sua opinião franca. Vou repetir com variantes o *Pax et Concordia* para o Brasil, onde espero achar-me apenas puder enrolar a nova tela.

Aí irá pelo correio (logo que eu tenha o seu enderêço) o meu *Foragido,* sôbre o qual também ouso pedir-lhe o seu valioso parecer.

Peço-lhe me responda, crendo-me como sempre,

Seu muito saudoso colega e amigo

Pedro Americo

I — 3, 2, 64

ANTÔNIO COELHO RODRIGUES

464.

Particular

Rio, 17 de outubro de 1900.

Meu caro Sr. Dr. José Carlos Rodrigues

Antes de tudo, receba meus cumprimentos pelo decênio, que hoje completa a sua direção na Emprêsa do *Jornal do Comércio,* tão acidentada e difícil e, por isso mesmo, duplamente gloriosa; porque é nas tempestades que se conhece o marinheiro. Infelizmente elas ainda se não foram e, ou eu me engano muito, ou elas estão muito próximas e devem ser temerosas.

Não lhe falo da minha Prefeitura, que durou mais do que eu previa, desde março; porque as dificuldades a que aludi na minha de julho, em que tratei do empréstimo, de que me falou o João Lopes, foram crescendo pelo tempo como o pêso pela distância do seu centro de gravidade, de modo que mal pude abrir o Conselho no 1.º do mês p.p.

O Campos Sales abdicou em seus ministros o poder presidencial, particularmente nos da Fazenda e da Justiça, que o público supõe determinados sempre pela fome de dinheiro ou pela concupiscência sexual, e, com razão ou sem ela, a calúnia ou a denúncia, que começou de um cochicho, já assumiu as proporções do boato geral.

Ainda não posso, em consciência, acusá-los ou defendê-los com provas e não sou muito confiante em aparências, mas está me parecendo que, com aquêles secretários, o chefe não completará três anos de govêrno, porque a maioria do Congresso já se move a vara e a remo. Ainda não se atreve a romper, mas já lhe pesa o apoio; principalmente por causa do Murtinho, que é, na melhor hipótese, um idealista incapaz de governar e de ser governado, e capaz de sacrificar o país para tirar a prova de um cálculo algébrico, ou de contentar-se como o Capitão Tibério do Fantasma Branco de cair em regra, ou de acôrdo com a sua economia matemática e com as suas finanças de químico experimentado.

O Campos Sales parte depois damanhã para Buenos Aires, onde creio que a sua ausência lhe fará muita falta, e donde receio que volte arrependido do passeio intempestivo, impolítico e... não sei o que mais.

Basta de cousas tristes. Estive domingo em sua casa com o Comendador. Não esqueça meu catecismo de rito grego e mande suas ordens ao Col.ª Amigo e Adm.or

A. Coelho Rodrigues

I — 3, 4, 72

DOMÍCIO DA GAMA

465.

Paris, 24 de novembro de 1900.

Meu caro Dr. Rodrigues.

O nosso amigo Barão do Rio Branco mandou-me a sua última fotografia e eu lembrei-me de recorrer à sua intervenção para o fim de fazê-la reproduzir no *Graphic,* quando fôr publicado o laudo arbitral em Berna. O retrato seria acompanhado de algumas linhas comemorando os serviços do grande brasileiro para a decisão dos dois graves pleitos internacionais debatidos em Washington e em Berna (*).

Parto na 4.ª feira para Berna e lá, como em tôda a parte, peço-lhe que disponha do seu

M.to at.o admirador e criado dedicado.

Domicio

(*) E referindo-se a êste último pleito dizer que o representante do Brasil defendeu não sòmente um imenso território brasileiro que a França reclamava sem razão, como também a fronteira meridional da Güiana Britânica, onde a França queria tomar posição.

Já em 1874 ou 75, o *Graphic* deu o retrato do Visconde do Rio Branco. Poderia falar da tradição conservada do patriotismo acendrado do pai. Poderá fazer-se a coisa? Seria a melhor ocasião agora...

I — 3, 2, 73

SAINT AULAIRE

466.*

Petrópolis, [1900]

Dr. Carlos Rodrigues — Passagem a bordo du "Danube" Agence de la Royal Mail 2 Rua General Câmara — Rio —

Je vous prie d'agréer mes meilleurs voeux de voyage de séjour en Europe et de bon retour au Brésil.

Saint Aulaire

I — 3, 14, 21

LUÍS CRULS

467.

Manaus, 19 de abril de 1901

Ex.mo Amigo Sr. Dr. J. C. Rodrigues,

Cumprimento V. Ex.a e remeto-lhe inclusa uma nota sôbre as coordenadas geográficas de Belem (Pará) que talvez seja de algum interêsse para os leitores do *Jornal do Comércio* pedindo-lhe tão-sòmente que a publique *sem* indicação da autoria.

Aproveito a oportunidade para reiterar a V. Ex.a as seguranças de particular estima e consideração, com que tenho a honra de assinar-me,

de V. Ex.a
af.o am.o e cr.o m.to obr.o
L. Cruls

I — 3, 5, 60

JOSÉ PEREIRA DA GRAÇA ARANHA

468.

12 Lyndhurat Villas

Ealnig. W

23 de maio de 1902

Exmo Amo Dr. J. C. Rodrigues,

Escrevo nesta data ao jovem e brilhante crítico que foi o autor do primeiro artigo publicado sôbre *Canaã* no Brasil, mas não quero deixar de dizer ao

---

* Telegrama.

Diretor do *Jornal do Comércio* quanto me sensibilizou a maneira generosa com que foi recebido o meu primeiro livro. Conto essa prova de simpatia como das mais valiosas e significativas entre as muitas, que tenho recebido. Acolhido dessa forma pelo *Jornal* sinto como se o Brasil viesse ao meu encontro para recompensar-me do muito amor que lhe tenho, da muita angústia que por êle sofro. O *Jornal* não é sòmente uma voz do passado, é uma voz permanente que nos acompanha para o Futuro, e eu o compreendo como um dos raros e persistentes nervos da unidade nacional, porque êle encerra a tradição da língua, da história, e de tudo que é forte e quer viver em nosso país.

Peço-lhe que com franqueza disponha dos serviços do

seu col.ª e am.º obr.º

Graça Aranha

I — 3, 1, 33

DÍDIMO VEIGA

469.

Ex.mo Amigo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Tenho compromisso para amanhã a 1 hora da tarde em ponto; se puder livrar-me dêle, como me parece conseguir aí estarei com muito prazer para a mesa da Santa Casa.

Com a mais afetuosa distinção sou

De V. Ex.ª
am.º e obr.º cr.º
Didimo Veiga

5.7.1902

I — 3, 5, 49

JOHN THOMAS COCHRANE, *MARQUÊS DO MARANHÃO*

470.

Rio de Janeiro, 2 setembro 1902

Ao Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues cumprimenta *Thomas Cochrane* e comunica-lhe que o Ex.mo Sr. Presidente da República deseja falar-lhe amanhã às 8 ½ da manhã no Palácio do Catete.

I — 3, 5, 58

JOÃO MOURA DUNSHEE DE ABRANCHES

471.

Ex.mo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues,

Em vossa ausência desta Capital, tive ensejo de entender-me com o meu bom amigo e distinto colega, o Sr. Antônio Leitão, oferecendo-lhe para editar no *Jornal do Comércio* o interessante e documentado trabalho, que mais tarde publiquei no *País*, sôbre a "Revolta da Armada e a Revolução Rio-grandense",

trabalho que subia tanto mais de valor quanto tinha por base a correspondência trocada entre Saldanha da Gama e Silveira Martins.

Infelizmente, aquêle prezado colega, como mesmo me escreveu, nada podia resolver sôbre o assunto sem a vossa audiência.

O *País,* porém, não é um jornal que possa comportar publicação de certo fôlego e extensão, de modo que, apesar do interêsse despertado por aquela compilação histórica, teve ela de ficar algumas vêzes prejudicada por falta de espaço e interrompida um ou dois dias na sucessão dos capítulos.

Tendo, pois, completado a minha obra, intitulada "Atos e atas do Govêrno Provisório", lembrei-me que ela talvez conviesse ao *Jornal do Comércio,* já pela magnitude do assunto tratado, já pelo interêsse que provocará no espírito público.

E de fato, quando dirigi *O Dia,* a publicação, que fiz, de algumas dessas atas, trouxeram àquela fôlha inesperada circulação e tornaram-na logo conhecida. E, embora o número dêsses documentos[,] que então divulguei, fôsse muito limitado (oito ou nove atas) desde então tenho sido solicitado por muitos distintos cultores da literatura política e membros do Instituto Histórico, como o Desembargador Pitanga e outros, a levar ao cabo uma tão útil, quão importante publicação.

Acresce ponderar que, ao contrário do que se pensa, nenhuma das atas do Govêrno Provisório contém segredos de Estado de tal monta que não possam ser conhecidos do grande público. É, pelo inverso, um registro muito bem feito e minucioso das grandes questões então debatidas, especialmente as constitucionais do nôvo regime, fonte preciosa que não deve ficar por mais tempo oculta aos nossos homens de Estado e jurisconsultos, que nela têm muito a beber.

Demais, eu me limitei[,] na organização dêsse trabalho, mais a missão do historiógrafo, em vez de entrar na crítica dos fatos e das individualidades da época. É uma obra apenas de documentação histórica, base que será de largos e profundos estudos dos investigadores pósteros.

Além de que, se aceitardes entrar em acôrdo para a publicação dêste meu livro, cuja composição poderá ser aproveitada no enfeixamento dêle em volume, é possível que queirais adquirir longo e singelo trabalho, que ora intento, de documentação sôbre a proclamação da República, assim como o perfil biográfico completo e minucioso do futuro presidente, Dr. Rodrigues Alves.

Espero assim que enviareis as vossas ordens para a redação do *O País,* onde diàriamente me acho das 2 às 4 horas da tarde. Sou com tôda a consideração vosso

am.º obr.º e colega adm.^{or}

Dunshee de Abranches

Icaraí, 14 de outubro de 1902.

I — 3, 1, 1

MOURA BRASIL

472.

Rio 15 de outubro 1902

Ilustrado Amigo Sr. Dr. J. Carlos Rodrigues

A sua carta de 11 veio tirar do meu espírito dúvida que muito me incomodou.

Logo após a publicação do tal malévolo artigo no *Jornal do Comércio*[,] soube que o Ministro da Indústria era o autor auxiliado por dois despeitados e pouco criteriosos ex-sócios da Sociedade Nacional de Agricultura, e que ao meu Amigo nada fôra estranho, tanto que alterou períodos com grave injustiça aos membros do "Centro da Lavoura do Café", patriotas que atendiam apenas o interêsse do País com sacrifício do próprio.

Agradeço-lhe portanto, e peço-lhe que disponha do

Amigo e obr.º
Moura Brazil

I — 3, 1, 82

FRANCISCO GLICÉRIO

473.

Rio, 27 abril 1903.

Caro e Ex.mo Dr. Rodrigues

Peço permissão para lhe apresentar o notável Engenheiro Dr. Emilio Schnor, que vai ocupar a sua atenção com um assunto relevantíssimo para a grandeza futura do Brasil. Agradeço desde já a atenção que se dignar prestar ao meu ilustre apresentado.

Com muita estima e consideração

Am.º af.º obr.º
Fr. Glycerio

I — 3, 2, 76

JOSÉ MANUEL CARDOSO DE OLIVEIRA

474.

23 de dezembro de 1904.

Ex.mo Amigo Sr. Conselheiro Dr. J. C. Rodrigues.

Cumprimento afetuosamente V. Ex.ª a quem desejo um ótimo Natal e felizes entradas no nôvo ano. Recebi, há tempos, seu elegante volume, cujo conteúdo reli com o mesmo interêsse e prazer. Esperando agradecer-lhe, ao tempo em que lhe fizesse a remessa da prova do meu nôvo atentado literário, estive até agora em falta, porque só há poucos dias, recebi os primeiros exem-

plares. Por êste correio, remeto-lhe um da edição especial que reservo para os amigos. Vai um também para o Tobias, a quem peço de entregar.

Os meus muito se lhe recomendam.

Disponha do
De V. Ex.ª
Atento Venerador e am.º obr.º
Cardoso de Oliveira

I — 3. 3. 77

JOÃO FERNANDES RIBEIRO

475.

Rio, 28 de setembro de 1905.

Il.mo Sr. Dr. Carlos Rodrigues.

Deixo aqui os livros seguintes:

1.º — *Escritos de Gusmão.*
2.º — *Relação... atribuída a Pombal.* 1759.
3.º — *Avulso sôbre os índios Orizes,* 1716.
4.º — *Duas Miscelâneas do tempo da Regência.*

De nada me aproveitam êsses opúsculos, porque a minha livraria é de clássicos. Ofereço-os a V. S.ª em troca de qualquer volume de autor clássico português ou latino.

Com muita consideração
João Ribeiro

I — 3, 4, 44

HERMES RODRIGUES DA FONSECA, *PRESIDENTE DO BRASIL*

476.*

Amigo Dr. José Carlos Rodrigues.

Em resposta a sua carta de ontem, tenho o prazer de comunicar-lhe que vou providenciar, hoje mesmo, sôbre o motivo muito justo de que trata.

Receba os meus cordiais cumprimentos.
Hermes

Rio, 5 de julho 1911.

I — 3, 14, 11

---

* Cartão.

ADOLFO ROTHSCHILD

477.

Londres — 10th July

My dear friend

I have received your letter of 17, June with the articles for "Rothschild" — S. American Journal & London & Brazilian Bank — I have delivered them and the S. American of the 11th .... will publish the article — *Nobody* here gave the least importance to the extravagant scheme.

I send you a letter signed Anglo Brazilian — published by the Financial News — one answer to warship Report — which I have prepared with your *Editorial* on the subject.

Yours always sincerely

Ad.

I — 3, 4, 74

C. E. AKERS

478.

Hotel Inglaterra, Habana, Sept. — 21.

My dear Dr. Rodriguez,

Your note of May 26 only reached me two days ago, after following me round half the world.

I left England on May 1st for Central America, then stayed a month in Mexico, finally came to Habana, and was told to stay here till further orders. As matters now are I see small prospect of getting away before March of April of next year. Spain has here now an army of 80,000 men and 30,000 more are coming in November next. The insurgents have some 20,000 men under arms, but are short of ammunition. The war is of the guerilla description and I do not anticipate any great battles. But it may last for years — or rather as long as the insurgents can find money to buy arms and ammunition, and can run it into Cuba as they are now doing.

The end will be the ruin of Cuba, and a heavy increase in the Spanish debt will also accrue.

I am so sorry that I missed seeing you in London I wanted to try and be of service to you in return for your many kindness to me. After I finish with Cuba I am to make a tour of South America, going hence to Venezuela, then to Colombia, Ecuador, Perú, Chile, Argentina & Brazil, so then I hope to see you once more, but when I do not know.

If Spain would only be wise and grant complete autonomy to Cuba the trouble here would be of short duration. But I see small chance of any such policy being adopted by the Madrid Gov.t

What a sad ending was poor Saldanha's — I often think of him and wish he could have had a better fate — a brave man who was worthy of a more happy ending!

My very kindest regards to yourself & your nephew I hope he is happy in his new state of matrimony.

If you can spare the time I should be delighted to have a line from you to say how matters Brazilian are progressing now.

Ever yours very truly

C. E. Akers

I — 3, 1, 6

LADISLAU NETO

479.

Ilustre e Prezado Dr. José Carlos Rodrigues.

Está se desenvolvendo na Mantiqueira a idéia da Quinicultura por emprêsas. Eu escrevi no último número que publiquei da *Revista Agricola* um artigo sôbre esta cultura no Brasil com idéias inteiramente novas e dando assim as razões pelas quais foram baldados os esforços do Instituto Fluminense de Agricultura nos seus ensaios na Fazenda da Barreira. Êste meu trabalho aqui o terá no fascículo que junto lhe remeto. Se lhe parecer de utilidade publique-o no *Jornal,* senão rasgue-o.

O am.º af.º

Ladislau Netto

13 novembro.

I — 3, 3, 73

LOUIS J. JENNINGS

480.

Friday

My dear Sir:

If you could conveniently call here tomorrow (saturday) at 12 o'clock I should be happy to see you. I shall probably be here from 12 till 2, and anytime between those hours would .... me.

Yours very truly

L. J. Jennings

I — 3, 3, 25

DOMINGOS FREIRE

481.

Rio, agôsto 14 de 1899

Ex.^{mo} Amigo Dr. José Carlos Rodrigues.

É muito pesaroso que vos comunico não poder aceder ao vosso gentil convite, pois há 8 dias que me acho de cama, acometido de uma infecção palustre adquirida nos trabalhos de laboratório sôbre as águas e terras da vila do Saneamento e da Fábrica Carioca, assunto sôbre que enviei uma nota ao vosso *Jornal* e que prontamente saiu publicada há alguns dias.

Perco uma excelente ocasião de travar mais estreitas relações com o nosso distinto colega Argentino, um dos ornamentos da sua pátria; mas conto que a vossa bondade de velho amigo e colega, com quem privei tão intimamente durante o tempo dos bancos colegiais, suprirá a minha falta involuntária, fazendo ciente ao sábio Dr. De Wilde que me associo às justas homenagens prestadas ao seu reconhecido mérito.

E vós, bom amigo, ficai certo de que podeis contar com a mesma amizade de outrora e me confesso um dos maiores admiradores do vosso talento e dotes de coração.

Aceitai as minhas mais sinceras saudações, como se presente estivesse.

Vosso at.º am.º velho colega e admirador.

Domingos Freire

I — 3, 2, 66

JOÃO DO RÊGO BARROS

482.

Il.^{mo} Ex.^{mo} A.º e Sr. Dr. José Carlos Rodrigues.

Acabo de ler no *Jornal do Comércio* a notícia sôbre a revisão do contrato do gás e venho penhoradíssimo agradecer a V. Ex.ª, a gentileza ou antes a generosidade com que me trata. Nada podia eu aspirar de superior, nem mais honroso, para mim, que os conceitos a meu respeito, externados hoje em órgão da opinião pública do alto valor do *Jornal*, que paira na culminância da imprensa moderna, e em tratando-se de assunto de tanta importância.

A benevolência, com que sempre me tem tratado V. Ex.ª[,] me permitia esperar, que de sua parte, não me veria obstáculos para a justa pretensão da Companhia que represento, ter porém a esperança, que a minha humilde individualidade merecesse diretamente louvores da criteriosa e independente fôlha, que V. Ex.ª tão sàbiamente dirige, creia-me, não ousei alimentar.

Agradeço muito a V. Ex.ª e pode estar certo, que não terei nome mais agradável na minha vida, do que aquêle em que me der a honra de escolher-me para

prestar a V. Ex.ª qualquer serviço, e isto porque além do mais, sei, que é distinção que só parcimoniosamente e aos seus eleitos dispensa V. Ex.ª.

Com a mais elevada estima e alta consideração, tenho a honra de subscrever-me

De V. Ex.ª
At.º A.º e c.º m.to grato
João do Rego Barros

I — 3, 1, 51

PEDRO TAVARES JÚNIOR

483.

Sr. Dr. José Carlos,

Peço-lhe que me diga, como jornalista sempre bem informado, se é verdadeira, ou tem algum fundamento, a notícia ontem dada pel'*A Imprensa* de ter o Sr. Dr. Campos Sales escrito ao presidente do Estado do Rio uma carta, louvando a escolha do nome do Sr. Dr. Rangel Pestana para candidato pelo 5.º distrito.

A referida notícia tem causado má impressão entre os meus amigos, que vêem no ato do Presidente da República procedimento incorreto.

Am.º Cr.º Obr.º
Pedro Tavares J.or

I — 3, 5, 36

EDMUND QUINCY

484.

Dedham, Massachusetts.

M. J. C. Rodrigues

Monsieur,

J'ai l'honneur de vous envoyer, ci-inclus, un mandat de trois dollars ($3) sur le bureau de postes, moyennant lequel je vous prie de faire inscrire mon nom sur la liste des abonnés *do Novo Mundo,* dont je viens d'apprendre la publication par *The Nation,* — à commencer par le commencement. *The Nation* n'ayant pas fait mention du nom de l'éditeur du *Nouveau Monde Portugais,* il m'a fallu de faire tirer le mandat en le vôtre; mais vous pouvez vous épargner la peine d'aller chercher une si petite somme en le lui endossant.

Agréez, monsieur, mes hommages respectueux,
Edmund Quincy

Dedham,
Massachusetts.

I — 3, 4, 37

ÍNDICE SINÓTICO – REMISSIVO

GORRINGE, HENRY H.

209. Envia dois livros que êle sabia que J. C. R. desejava obter. Pergunta se Rodrigues conhece um dicionário completo de Inglês-Português e Português-Inglês.

210. Sente não poder aceitar o convite para aquela tarde, pois está muito ocupado.

211. Pede que J. C. R. emita sua opinião sôbre vários assuntos apresentados.

212. Envia uma nota explicando os motivos por que não pôde aceitar o convite para aquela manhã. Pede que êle vá vê-lo, pois tem coisas importantes a dizer.

213. Convida Rodrigues para jantar com êle.

GOSLING, ANDLEY.

448. Agradece às inúmeras gentilezas de J. C. R.

GUANABARA, ALCINDO.

261. Solicita exoneração do cargo de redator do *Jornal do comércio.*

262. Remete, para publicação no *Jornal do Comércio,* um retrospecto do ano de 1902.

263. Solicita a readmissão do Dr. Oscar Bandeira de Melo no *Jornal do comércio.*

264. Oferece um exemplar de *A Presidência de Campos Sales,* de sua autoria.

GUYOT, ARNOLD.

185. Acusa recebimento de carta de J. C. R., promete-lhe uma visita e agradece, em nome da espôsa e no seu próprio, ajuda para encontrar lugar de repouso.

186. Convida J. C. R. a passar em sua casa o primeiro dia do ano.

187. Convida a passar o 1.º de janeiro em sua casa.

188. Remete material fotográfico. Pensa em aceitar convite de J. C. R. para uma viagem ao Brasil.

189. Convida J. C. R. a passar o 1.º de janeiro em sua casa, como de outras vêzes.

190. Manifesta desgôsto e surprêsa pela notícia de fechamento do *Nôvo mundo.* Sugere que escreva livros didáticos.

HARTT, CHARLES FREDERICK.

191. Diz que tem pensado em escrever, mas o excesso de trabalho não o permitiu. Queixa-se da falta de uma escola de Lei, no local. Fala também sôbre a proposta de um professor de Língua e Literatura Portuguêsa. Participa o nascimento de um filho.

192. Fala sôbre a viagem que está preparando. Fala sôbre a classe de língua que êle dá e sôbre o interêsse que esta matéria desperta na América. Queixa-se de que não é compreendido na Universidade, e de que não dão o devido valor ao seu trabalho.

193. Continua falando sôbre sua situação na Universidade.

194. Diz que está assoberbado de trabalho. Fala sôbre a situação dos americanos no Brasil. Envia cópias do seu último artigo publicado no *Naturalist.* Trata de outros assuntos.

195. Fala sôbre os artigos de J. C. R. no *Nôvo mundo.* Diz que espera sua visita em "Cornell". Faz comentários sôbre o seu nôvo estudante Miranda, de Santarém. Fala sôbre sua coleção de trabalhos fotográficos. Diz que está fazendo progressos nos estudos geológicos, lingüísticos, etc. Trata de outros assuntos.

196. Fala sôbre sua viagem ao Rio, e as expedições que fará em Minas Gerais e São Paulo. Trata de outros assuntos referentes à viagem e dos seus trabalhos sôbre o Brasil.

HOMEM DE MELO, FRANCISCO INÁCIO MARCONDES HOMEM DE MELO, *barão de* (*ver* MELO, FRANCISCO INÁCIO MARCONDES HOMEM DE)

HOONHOLTZ, ANTÔNIO LUÍS VON.

406. Felicita J. C. R. por um artigo publicado.

JARDIM, LEOPOLDO DE BULHÕES.

305. Envia cumprimentos.

306. Lastima não atender ao pedido de nomeação de Alfredo Clemente Pinto.

307. Comunica o despacho de papéis da Santa Casa.

JENNINGS, LOUIS, J.

480. Pede que J. C. R. vá vê-lo no sábado, às 12 horas.

KIDDER, D. P.

334. Informa que encontrou em sua Biblioteca, em perfeito estado de conservação, o trabalho intitulado: *demonstrasão da necessidade da abolisão do celibato clerical pela Assemblea geral do Brazil: e da sua verdadeira e legitima competencia nesta materia pelo deputado Diogo Antonio Feijó* e ainda: *Resposta ás parvoices, absurdos, impiedades e contradisões do S.º Pe. Luis Gonsalves dos*

3. Remete artigo para ser publicado sôbre a questão da fronteira do Brasil com a Güiana Francesa.
4. Comenta o andamento da questão entre a França e o Brasil sôbre a fronteira com a Güiana Francesa.
5. Dá conta das providências tomadas para a ereção de um monumento no Rio em homenagem a seu pai, o visconde do Rio Branco.
6. Esclarece que recebeu o dinheiro para ser empregado na ereção de um monumento no Rio em homenagem a seu pai, o visconde do Rio Branco.
7. Remete notícias sôbre o andamento das negociações na questão de fronteiras do Brasil com a Güiana Francesa.

De 7 a 22 trata da questão de fronteiras do Brasil com a Güiana Francesa.

23. Remete as duas *Memórias*, de sua autoria.
24. Convida para almoçar.
25. Remete dois exemplares do mapa de parte do território contestado pelo Brasil à França.
26. Remete um mapa da região contestada na questão de fronteiras com a Güiana Francesa.
27. Remete, para publicação, dois desenhos da região em litígio com a França.
28. Fala de suas esperanças acêrca da decisão dos juízes na questão de arbitramento das fronteiras do Brasil com a Güiana Francesa.
29. Informa como as partes (França e Brasil) receberão a notícia da decisão do litígio entre os dois países.
30. Informa detalhes de como se processará a entrega do laudo acêrca da questão de fronteiras do Brasil com a Güiana Francesa.
31. Remete notícia para ser publicada no *Jornal do comércio* e no *South American Journal* sôbre os têrmos da sentença na questão da fronteira do Brasil com a Güiana Francesa.
32. Presta informações sôbre a decisão da questão de limites entre o Brasil e a Güiana Francesa.
33. Comenta a situação da The Carsevene and Developments Anglo-French, Gold Mining Company Limited.
34. Convida para jantar.
35. Explica as razões de recusa ao convite para ser Ministro das Relações Exteriores.
36. Pede informações sôbre se pagarão direitos os seus móveis e livros, voltando ao Brasil, no caso de aceitar o lugar de Ministro das Relações Exteriores.
37. Comenta a situação de seu filho e de seus móveis e livros quando voltar ao Brasil para assumir o cargo de Ministro.
38. Tece comentários acêrca da ajuda de custo que terá ao retornar ao Brasil.
39. Comenta a ajuda de custo que receberá quando retornar ao Brasil.
40. Fala ainda da ajuda de custo que receberá quando retornar ao Brasil.
41. Solicita providências para quando desembarcar no Rio.
42. Comenta o que pretende fazer ao chegar ao Rio.
43. Convida para jantar.
44. Convida para almoçar.

PARSONS, A. C.

443. Comenta que, a pedido de vários amigos de Buenos Aires, teve seu artigo sôbre trabalhos sanitários de Buenos Aires traduzido para o espanhol. Tece comentários sôbre o artigo.

PATROCÍNIO, JOSÉ DO.

414. Solicita o empréstimo de oitocentos mil-réis.

PENA, AFONSO AUGUSTO MOREIRA, *presidente do Brasil*.

342. Relata tôda sua vida pública em Minas.
343. Agradece a publicação de relato de sua carreira pública.

PENEDO, FRANCISCO INÁCIO CARVALHO MOREIRA, *barão de* (*ver* MOREIRA, INÁCIO CARVALHO)

PEREIRA, MANUEL VITORINO.

219. Desculpa-se por não ter podido comparecer a uma reunião.
220. Apresenta votos de boa viagem.
221. Recomenda o Dr. Theodoro Harbee.
222. Agradece convite recebido.
223. Envia agradecimento.

PICOT, FRANCISCO ANTÔNIO.

249. Trata de um assunto particular, entre outras notícias.
250. Fala, com admiração, da nova máquina de compor o linotipo.
251. Agradece e retribui cumprimentos de Ano Nôvo e trata, entre

WALKER, J.

431. Agradece um convite e lamenta sua senhora não poder acompanhá-lo, por motivo de saúde.

WALTER, A. F.

403. Dá o teor de um telegrama passado: "Letter published — wire events of great importance only". Continua falando sôbre esta "Carta publicada" e pede que, apesar de ser assunto de grande interêsse, escreva cartas mais curtas, pela falta de espaço.

WELLS, DAVID A.

383. Acusa recebimento de uma nota (lembrete).

ZALUAR, AUGUSTO EMÍLIO.

388. Solicita providências de J. C. R. para a publicação de sua revista *Lavoura e Indústria*.